

Alexandra Folle

**PROCESSO DE FORMAÇÃO ESPORTIVA: ESTUDO EM
AMBIENTE DE SUCESSO NO DESENVOLVIMENTO DE
TALENTOS DO BASQUETEBOL FEMININO**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Doutora em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Juarez Vieira do Nascimento.

Florianópolis
2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Folle, Alexandra

Processo de formação esportiva: estudo em ambiente de sucesso no desenvolvimento de talentos do basquetebol feminino / Alexandra Folle; orientador, Juarez Vieira do Nascimento - Florianópolis, SC, 2014.

258 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos. Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

Inclui referências

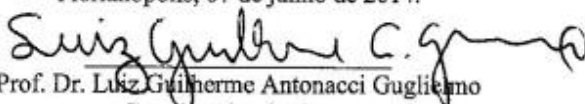
1. Educação Física. 2. Desenvolvimento humano. 3. Talento esportivo. 4. Basquetebol. I. Nascimento, Juarez Vieira do. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. III. Título.

Alexandra Folle

**PROCESSO DE FORMAÇÃO ESPORTIVA: ESTUDO EM
AMBIENTE DE SUCESSO NO DESENVOLVIMENTO DE
TALENTOS DO BASQUETEBOL FEMININO**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de "Doutora", e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

Florianópolis, 07 de junho de 2014.



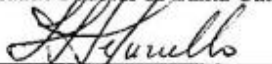
Prof. Dr. Luiz Guilherme Antonacci Guglielmo
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

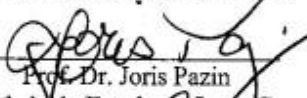


Prof. Dr. Juarez Vieira do Nascimento
Orientador

Universidade Federal de Santa Catarina



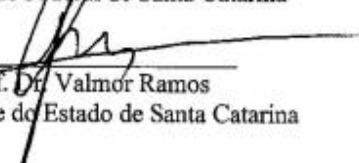
Prof.^a Dr.^a Joice Mara Facco Stefanello
Universidade Federal do Paraná



Prof. Dr. Joris Pazin
Universidade do Estado de Santa Catarina



Prof. Dr. Edison Roberto de Souza
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Dr. Valmor Ramos
Universidade do Estado de Santa Catarina

Dedico esse estudo

Aos meus pais Sílio e Zelinda e aos meus irmãos Marcos e Júnior por todo carinho, apoio, compreensão e dedicação incondicionais em todos os momentos da minha vida.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro por meio das bolsas de Demanda Social e do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior.

Ao Clube de Basquete participante do estudo, seus dirigentes, treinadores, atletas e ex-atletas, muitos deles amigos de longa data, outros amigos que se constituíram a partir dessa experiência, os quais contribuíram de forma inestimada e despreendida para a realização desta pesquisa, deixando muitas vezes em segundo plano seus horários de trabalho ou de tempo livre para me auxiliar no levantamento das informações imprescindíveis para a investigação.

À Federação Catarinense de Basketball (FCB) e à Liga Oeste Catarinense de Basketball (LOCAB) pelo auxílio durante a coleta de dados.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, pela valiosa contribuição à minha formação acadêmica e profissional e aos componentes da banca examinadora (Joice Stefanello, Joris Pazin, Edison Souza, Valmor Ramos, Vitor Shigunov) pela estimada contribuição neste importante processo de minha formação.

Ao professor Juarez Vieira do Nascimento, por mais essa oportunidade de crescimento pessoal e acadêmico. Obrigada pela atenção, pelos ensinamentos e pelas contribuições ao longo dos últimos sete anos. Seus conhecimentos, ensinamentos e exemplo profissional auxiliaram a ultrapassar meu crescimento no aspecto formativo, me fazendo evoluir, principalmente nos aspectos pessoais e profissionais.

Aos professores Amândio Graça e Fernando Tavares pelo acolhimento e pelos conhecimentos passados na minha estadia na Faculdade de Desportos da Universidade do Porto.

À professora Maria Elizete Pozzobon, pela amizade e carinho, bem como pelo auxílio em todas as etapas de minha formação, quando, mesmo distante, sempre esteve presente e torcendo pela minha realização.

Aos meus colegas do Laboratório de Pedagogia do Esporte, Jorge, Veruska, Carine, Michel, Andréia, Hudson, William, Liudmila, Nathália, Otávio, Miráira, Marcelo, Priscila, Marília, Ricardo, Vitor, Cassiel, Daiane, Rosileide, Ana, Patrícia, Mário. Obrigada pelo carinho, convívio, conselhos, paciência e amizade.

À minha amiga Gelcemar, por todo carinho, paciência, conselhos e ensinamentos, principalmente nos momentos de angústias e de desilusões

desta trajetória. Não canso de repetir que você é um exemplo de pessoa e profissional que levarei para minha vida e você não cansa de reforçar que ‘meu sonho é ser você’. Sendo assim, só me resta confirmar que almejo alcançar o sucesso merecido de sua trajetória.

Aos meus amigos Carine e William, pelo carinho, pelo incentivo constante e pela disponibilidade de colaborar sempre com o que eu precisava, trocar ideias sobre a temática investigativa e, principalmente, realizar a prévia leitura desta tese com valiosas contribuições. Muito obrigada por suas amizades.

Aos professores e amigos Larissa, Júlio e Veruska pelas conversas, contribuições, apoio e, principalmente, pelo incentivo fornecido nesse processo.

Aos colegas e amigos da pós-graduação pelo convívio e conhecimentos compartilhados, bem como aos colegas e amigos que conheci no Porto pela companhia imprescindível, pelos lugares que conhecemos e pela troca de cultura realizada durante nossas viagens.

À minha família, meus pais, Sílio e Zelinda, meus irmãos, Marcos Luiz e Sílio Júnior e minhas cunhadas, Maria Luiza e Natália Regina. Obrigada pelo apoio, carinho, incentivo e amor dedicados em todos os momentos da minha vida. Obrigada por estarem sempre ao meu lado, compartilhando sonhos, auxiliando no que fosse possível e, principalmente, comemorando cada conquista. Vocês são minha razão de viver e buscar crescer cada vez mais, principalmente, como ser humano. Vocês são meus exemplos de amor e dedicação incondicionais.

E a Deus, muito obrigada!!!

Obrigada a todos(as)!!!

RESUMO

PROCESSO DE FORMAÇÃO ESPORTIVA: ESTUDO EM AMBIENTE DE SUCESSO NO DESENVOLVIMENTO DE TALENTOS DO BASQUETEBOL FEMININO

Doutoranda: Alexandra Folle

Orientador: Prof. Dr. Juarez Vieira do Nascimento

O objetivo deste estudo foi analisar o processo de formação esportiva em ambiente de sucesso no desenvolvimento de talentos do basquetebol feminino. Esta investigação, pautada na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, caracteriza-se como um estudo de caso do tipo descritivo, com abordagem qualitativa das informações. O contexto esportivo estudado compreendeu um Clube de Basquete do Estado de Santa Catarina, tendo como principais participantes as atletas pertencentes às categorias de formação deste Clube e seus respectivos treinadores. Contribuíram com o estudo dirigentes esportivos, treinador da equipe adulta, atletas da categoria adulta e ex-atletas da instituição. As informações coletadas por meio de entrevista semiestruturada e fontes documentais foram analisadas, através da técnica de análise de conteúdo do tipo categorial, no software NVivo versão 9.2. O processo de formação esportiva revelou três estágios de desenvolvimento da carreira esportiva das atletas de basquetebol feminino, vinculadas ao ambiente de sucesso no desenvolvimento de talentos esportivos. O estágio de iniciação esportiva demonstrou a predominância de demandas positivas, disposições geradoras (atributos pessoais), jogo deliberado, díades de observação e papel social de atletas em formação (contexto). As transições normativas (tempo) predominantes estiveram ligadas ao domínio esportivo (iniciação para a especialização) e ao domínio psicológico (infância para a adolescência). O estágio de especialização esportiva evidenciou o enfoque nos recursos ativos e na mesclagem de disposições geradoras e disruptivas, na diminuição do jogo deliberado e na ampliação da vivência de situações de prática deliberada, além de díades de reciprocidade e afetividade, bem como papéis sociais relacionados a atletas esforçadas e dedicadas. Além disso, estabeleceu a presença de transições esportivas (treinamento especializado - normativas, lesões - não normativas) e psicossociais (contatos sociais e lazer). O estágio de investimento esportivo enfatizou a necessidade de ampliação dos recursos ativos, exclusividade de prática deliberada, predominância de

díades de atividade de conjunta de afetividade e papéis sociais marcados pelo sentimento de corresponder ao desempenho de atletas profissionais. As transições esportivas (das categorias de base para a adulta - normativas) e psicossociais (relacionamentos estáveis-instáveis) evidenciaram que os objetivos esportivos passaram a ser as principais metas de vida destas atletas. Nesta perspectiva, as informações coletadas permitem concluir que os atributos pessoais, as experiências em termos de atividades molares, relações interpessoais e papéis sociais proporcionados pelo microssistema esportivo, bem como a superação de transições nos domínios tanto esportivo quanto não esportivo, revelaram o estabelecimento de processos proximais com predominância de resultados de competência no processo de formação esportiva das atletas de basquetebol feminino.

Palavras-chave: Desenvolvimento humano. Talento esportivo. Basquetebol.

ABSTRACT

PROCESS OF SPORTS TRAINING: STUDY IN A SUCCESSFUL ENVIRONMENT IN THE DEVELOPMENT OF FEMALE BASKETBALL TALENTS

PhD Student: Alexandra Folle

Tutor: Prof. Dr. Juarez Vieira do Nascimento

This study aims to analyze the process of sports training in a successful environment in the development of female basketball talents. This investigation, based on the Bio-ecological Theory of Human Development, is a descriptive case study with a qualitative approach of information. The sport context studied included a Basketball Team in Santa Catarina State, and its main subjects were athletes belonging to the team's basic categories and their respective coaches. In addition to that, sports directors, the senior team coach, senior team athletes and some of the team's ex-athletes also contributed to the study. The data collected through semi-structured interviews and documental sources were analyzed based on the content analysis technique of categorial kind in the software NVivo, 9.2 version. The process of sports training revealed three stages of development for the sports career of female basketball athletes, connected to a successful environment in the development of sports talents. The sport initiation stage showed a predominance of positive demands, generative dispositions (personal attributes), deliberated play, observational dyads and social role of the developing athletes (context). In turn, the predominant normative transitions (time) were linked to the sport domain (initiation to specialization) and the psychological domain (childhood to adolescence). The sports specialization stage focused on the active resources and the mixing of generating and disruptive dispositions, the reduction of the deliberated game and the amplification of the experience of deliberated practice situations, the dyads of reciprocity and affectivity as well as social roles related to hardworking and devoted athletes. Furthermore, it established the presence of sports transitions (specialized training – normative, lesions – non-normative) and psycho-social (social contacts and leisure). The sports investment stage highlighted the need to amplify the active resources, exclusivity of deliberated practice, predominance of joint activity dyad of affective, and social roles affected by the feeling of corresponding to the performance of professional athletes. Finally, the sports transitions (from the base to the

senior categories – normative) and psycho-social (stable – unstable relationships) showed that the sport objectives became the main life goals for these athletes. From this perspective, the data collected allow us to come to the conclusion that the personal attributes, the experiences concerning molar activities, the interpersonal relationships and the social roles provided by the sports micro system, as well as the overcoming of transitions in both sport and non-sport domains revealed the establishment of proximal processes with predominance of competence results in the process of female basketball athletes' sport development.

Keywords: Human Development. Sport Talent. Basketball.

LISTA DE ANEXOS

Anexo A - Certificado de aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa Com Seres Humanos.....	249
Anexo B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Treinador ..	251
Anexo C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Dirigente...	252
Anexo D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Responsável pela atleta.....	255
Anexo E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Atleta e ex-atleta.....	256

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A - Resumo histórico do Clube de Basquete.....	223
Apêndice B - Temas geradores da entrevista com as atletas e ex-atletas	231
Apêndice C - Temas geradores da entrevista com dirigentes e treinadores	233
Apêndice D - Temas geradores da entrevista com as atletas.....	237
Apêndice E - Temas geradores da entrevista com os treinadores	243

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Processo de formação esportiva nas categorias de base do basquetebol orientado pela Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano.....	80
Figura 2 - Instrumentos de coleta de dados orientados pela Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano.....	83
Figura 3 - Níveis ecológicos e tempo histórico do Clube de Basquete.	108
Figura 4 - Resumo das pré-condições apresentadas pelo Clube de Basquete.....	122
Figura 5 - Resumo do processo ocorrido no Clube de Basquete.	124
Figura 6 - Resumo dos resultados alcançados pelo Clube de Basquete.	133
Figura 7 - Propriedades da pessoa apresentadas pelas atletas de basquetebol.	156
Figura 8 - Processo de formação esportiva no estágio de iniciação das atletas de basquetebol.	176
Figura 9 - Processo de formação esportiva no estágio de especialização das atletas de basquetebol.	180
Figura 10 - Processo de formação esportiva no estágio de investimento das atletas de basquetebol.	185
Figura 11 - Delineamento bioecológico do processo de formação esportiva das atletas de basquetebol.....	187

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Os atributos da pessoa no processo de formação esportiva. .	43
Quadro 2 - Os elementos do microsistema esportivo.....	45
Quadro 3 - As forças existentes no mesossistema.	46
Quadro 4 - O tempo no processo de formação esportiva.....	48
Quadro 5 - Número de documentos encontrados nas bases de dados selecionadas.	51
Quadro 6 - Resumo dos artigos selecionados para a revisão sistemática.	53
Quadro 7 - Temática dos estudos selecionados para a revisão sistemática.	56
Quadro 8 - Categorias e subcategorias de análise dos estudos selecionados.....	56
Quadro 9 - Categorias e subcategorias de análise das entrevistas e fontes documentais.	90
Quadro 10 - Critérios elencados para a determinação dos estágios da carreira esportiva.....	91

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Participação e conquistas em competições estaduais promovidas pela FCB.	128
Tabela 2 - Percentual de vitórias em competições estaduais promovidas pela FCB.	128
Tabela 3 - Informações sobre a prática esportiva no estágio de iniciação esportiva.	174

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	25
INTRODUÇÃO	25
O PROBLEMA E SUA IMPORTÂNCIA.....	25
OBJETIVOS DO ESTUDO.....	27
Objetivo geral	27
Objetivos específicos	27
JUSTIFICATIVA DO ESTUDO.....	28
DEFINIÇÃO DE TERMOS	29
CAPÍTULO 2	31
REVISÃO DE LITERATURA	31
A BIOECOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO E O PROCESSO DE FORMAÇÃO ESPORTIVA	31
A evolução dos paradigmas de pesquisa do desenvolvimento humano: estudos aplicados no contexto esportivo.....	31
Os processos proximais na formação esportiva	38
As propriedades da pessoa no processo de formação esportiva.....	40
Os elementos do contexto no processo de formação esportiva.....	43
O tempo no processo de formação esportiva	47
PROCESSO DE FORMAÇÃO ESPORTIVA: ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO DE TALENTOS ESPORTIVOS	50
Processo de formação esportiva: fatores de sucesso do ambiente	56
Processo de formação esportiva: da identificação ao desenvolvimento de talentos esportivos.....	62
Processo de formação esportiva: estágios e transições no desenvolvimento de talentos esportivos.....	68
CAPÍTULO 3	79
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	79
CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO.....	79
CONTEXTO INVESTIGADO	80
PARTICIPANTES DO ESTUDO	81
INSTRUMENTOS DE COLETA DAS INFORMAÇÕES	82
Fonte documental.....	83
Entrevistas semiestruturadas	84
PROCEDIMENTOS DE COLETA DAS INFORMAÇÕES.....	86
CUIDADOS ÉTICOS	87
ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES	87
CAPÍTULO 4	93
RESULTADOS E DISCUSSÃO	93

CLUBE DE BASQUETE: AMBIENTE DE SUCESSO NO DESENVOLVIMENTO DE TALENTOS ESPORTIVOS	93
Percurso histórico do Clube de Basquete.....	93
Estrutura e finalidades do Clube de Basquete.....	99
Níveis ecológicos e percurso histórico do Clube de Basquete.....	107
Diretrizes estabelecidas para o recrutamento, a retenção e o avanço de talentos do basquetebol feminino.....	109
Fatores de sucesso do ambiente no desenvolvimento de talentos do basquetebol feminino	117
Processo de formação esportiva no basquetebol feminino: a influência das diretrizes e dos fatores de sucesso.....	133
OS ELEMENTOS DO CONTEXTO: AS ATIVIDADES, AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS E OS PAPÉIS SOCIAIS.....	136
Atividades molares vivenciadas em ambiente de desenvolvimento de talentos do basquetebol feminino.....	136
Relações interpessoais presentes em ambiente de desenvolvimento de talentos do basquetebol feminino.....	142
Papéis sociais experienciados em ambiente de desenvolvimento de talentos do basquetebol feminino.....	152
OS ATRIBUTOS PESSOAIS: AS DEMANDAS, AS DISPOSIÇÕES E OS RECURSOS DAS ATLETAS DE BASQUETEBO	155
Fatores de identificação das atletas de basquetebol	156
Motivação para a prática esportiva de atletas de basquetebol.....	159
Momentos marcantes da carreira esportiva.....	169
O PROCESSO DE FORMAÇÃO ESPORTIVA: OS ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO DE TALENTOS NO BASQUETEBO L FEMININO	172
Estágio de iniciação esportiva das atletas de basquetebol.....	173
Estágio de especialização esportiva das atletas de basquetebol.....	178
Estágio de investimento esportivo das atletas de basquetebol	182
Delineamento bioecológico do processo de formação esportiva das atletas de basquetebol.....	186
CAPÍTULO 5	195
CONSIDERAÇÕES FINAIS	195
RECOMENDAÇÕES	199
REFERÊNCIAS	201
APÊNDICES	221
ANEXOS	247

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

O PROBLEMA E SUA IMPORTÂNCIA

A prática esportiva exerce importante papel na formação dos indivíduos como pessoas e atletas, fazendo parte de um processo educativo e formativo que promove a vivência de situações que conduzem à aquisição de valores e permitem o desenvolvimento de capacidades e habilidades motoras (GRECO; BENDA, 1998; MESQUITA, 2000; ANDRADE, 2001; BENTO, 2006). Neste sentido, quando ensinado e orientado de forma coerente, o esporte contribui para o desenvolvimento de várias competências, dentre elas a tático-cognitiva, a técnica e a socioafetiva (LOVATTO; GALATTI, 2007).

Ao se observar que o processo de formação esportiva ocupa um tempo considerável da vida de um atleta, influenciando os demais aspectos de seu desenvolvimento, verifica-se que o desenvolvimento esportivo depende de um processo de longo prazo, o qual visa ao aperfeiçoamento e à realização esportiva. Além disso, o nível de realização atlética pode ser concebido tanto em função do resultado da atividade esportiva em si - classificações, títulos, recompensas – quanto em função do resultado dessa atividade no desenvolvimento pessoal do atleta - experiências de vida, características de personalidade, amplitude de laços sociais (STAMBULOVA, 1994). De modo similar, ao se admitir a existência de distintas etapas presentes no processo de formação esportiva, concorda-se com a possibilidade de adaptação das variáveis de treinamento e de competição aos ritmos de maturação e de desenvolvimento dos atletas sob os pontos de vista antropométrico, condicional, coordenativo, cognitivo e social, característicos de cada estágio de desenvolvimento (FERREIRA, 2001).

Na literatura consultada das áreas de Educação Física e de Psicologia do Esporte, é crescente o interesse em investigar os estágios e as transições presentes no desenvolvimento de talentos esportivos, apresentando-se modelos e classificações que, apesar das características particulares de cada público investigado e das nomenclaturas elencadas por cada autor, revelam muitas similaridades entre os processos formativos analisados.

Nos modelos de estágios ou etapas de desenvolvimento dos talentos esportivos, observam-se um estágio inicial, caracterizado por uma

aprendizagem prazerosa, agradável e lúdica, um estágio intermediário, pautado no aumento do comprometimento em detrimento do divertimento, e um estágio final, marcado pela dedicação exclusiva ao esporte, em que outras esferas da vida são sacrificadas em prol do compromisso esportivo (BLOOM, 1985; SALMELA, 1994; CÔTÉ, 1999; DURAND-BUSH; SALMELA, 2002). Todavia, alguns modelos apresentam, ainda, uma etapa posterior, balizada pela manutenção e pelo aprimoramento de competências, visando à busca pela excelência e à sustentação do auge esportivo (CÔTÉ, 1999; DURAND-BUSH; SALMELA, 2002). As classificações relativas às transições esportivas denotam preocupação com as barreiras ou obstáculos (crises) vivenciados pelos atletas durante suas carreiras, bem como com os recursos e as estratégias utilizados para superá-los (PEARSON; PETITPAS, 1990; SALMELA, 1994; STAMBULOVA, 1994; WYLLEMAN; LAVALLEE; ALFERMANN, 1999).

Nesta perspectiva, compreende-se que os estágios de desenvolvimento de talentos esportivos se modificam em decorrência dos diferentes estágios de desenvolvimento humano (SILVA; FLEITH, 2010), motivo pelo qual a pesquisa científica relativa ao desenvolvimento humano deve estar comprometida com a dinâmica das relações entre o indivíduo em desenvolvimento e os diversos e integrados níveis ecológicos em que ele está inserido (LERNER, 2011). Ao avançar na compreensão deste cenário, Henriksen, Stambulova e Roessler (2010) indicam que alguns ambientes esportivos se apresentam mais bem sucedidos do que outros em ajudar nesse processo de formação. Para os autores, o quadro teórico dessa área destaca claramente a importância do contexto sobre o desenvolvimento dos talentos e suas transições esportivas e não esportivas, o que torna sua investigação um meio propício para melhor compreensão desse fenômeno.

Tal perspectiva representa um novo olhar para os contextos e seus impactos sobre os processos de desenvolvimento, haja vista o contexto corresponder aos ambientes de vida reais, com suas particularidades físicas, sociais e simbólicas, que permitem, em maior ou menor grau, o envolvimento do indivíduo em padrões de interação e atividades progressivamente mais complexas (BRONFENBRENNER, 1996). Portanto, no caso específico do contexto esportivo, uma visão ecológica do ambiente onde o esporte é praticado pode permitir a análise do desenvolvimento dos atletas em seu mundo real, dando a necessária atenção à relação e à inter-relação existente entre o ambiente esportivo e os indivíduos que dele participam (STEFANELLO, 1999). O contexto de formação esportiva passa a ser vislumbrado como uma unidade social ou

microsistema, dentro do qual existe um emaranhado de relações entre indivíduos que apresentam características psicológicas e papéis sociais diversificados e têm diferenciadas atividades a serem desempenhadas (BRANDÃO, 1996).

Henriksen, Stambulova e Roessler (2010) ressaltam assim a necessidade de estudos sobre o ambiente em que o processo de formação do talento esportivo ocorre, o qual, apesar de possuir o clube esportivo como seu núcleo, não deve deixar de fora a investigação do contexto maior em que este está inserido. No entanto, Martindale, Collins e Abraham (2007) expõem que a investigação do processo de formação esportiva tem fornecido poucas elucidações sobre os ambientes de sucesso que conduzem ao processo de identificação e desenvolvimento de talentos nesse campo. Além disso, Bastos et al. (2006) complementam que, apesar de os clubes terem se tornado a base da atividade esportiva brasileira, eles ainda carecem de investigações sobre sua estrutura, atividades e experiências administrativas. Deste modo, considerando a importância da problemática apresentada e das lacunas existentes em torno do fenômeno investigativo (estudo da organização administrativa e esportiva dos microsistemas esportivos), o presente estudo buscou responder ao seguinte questionamento: **Como ocorre o processo de formação esportiva em ambiente de sucesso no desenvolvimento de talentos do basquetebol feminino?**

OBJETIVOS DO ESTUDO

Objetivo geral

Analisar o processo de formação esportiva em ambiente de sucesso no desenvolvimento de talentos do basquetebol feminino no estado de Santa Catarina.

Objetivos específicos

- Investigar o percurso histórico, a estrutura e as finalidades de um clube esportivo com tradição no desenvolvimento de atletas de basquetebol feminino no estado de Santa Catarina.
- Averiguar as diretrizes e os fatores de sucesso do clube esportivo investigado que contribuem para a identificação e o desenvolvimento de talentos do basquetebol feminino.

- Identificar os elementos do microsistema que contribuem para o processo de desenvolvimento de talentos em um Clube de Basquete do estado de Santa Catarina.
- Examinar os atributos pessoais de atletas pertencentes a clube de destaque na formação de talentos do basquetebol feminino.
- Averiguar os estágios da carreira esportiva de atletas de categorias de formação vinculadas a ambiente de sucesso no desenvolvimento de talentos do basquetebol feminino.

JUSTIFICATIVA DO ESTUDO

A motivação pessoal para a realização deste estudo advém da participação, como atleta de basquetebol, em diversas competições estaduais e nacionais, desde as categorias de base até a adulta, representando instituições catarinenses, paulistas e gaúchas. Esta participação competitiva, principalmente em âmbito nacional, proporcionou a percepção do sucesso do estado catarinense na formação de atletas do sexo feminino, no cenário esportivo brasileiro. A experiência como pesquisadora no Laboratório de Pedagogia do Esporte (LAPE/CDS/UFSC) e como estagiária e professora de disciplina ligada à área instigou a curiosidade em estudar o processo de formação de atletas do basquetebol, campo de estudo fértil para investigações, mas ainda pouco explorado de forma mais abrangente, principalmente na realidade catarinense.

A presente investigação busca contribuir tanto com a comunidade científica da área quanto com os profissionais responsáveis pelo processo de formação de crianças e jovens desta modalidade em Santa Catarina, com informações pertinentes relacionadas à organização esportiva e administrativa para o recrutamento e a formação de atletas nos escalões de base, neste estado. Para tanto, o presente estudo almeja analisar o processo de formação no basquetebol feminino, ampliando o olhar sobre as características do ambiente que possibilitam às atletas alcançarem resultados positivos, individual e coletivamente; sobre as relações deste contexto com os demais nichos ecológicos; sobre as implicações históricas (tempo histórico e social) que influenciam a realidade atual da formação das atletas, dentro deste ambiente esportivo. Intenta compreender as características individuais das atletas (pessoa) que influenciam e são influenciadas por esse ambiente de formação (contexto), bem como o tempo histórico e vital, as transições (tempo) e os estágios de desenvolvimento (processo) que ocorrem nesse cenário.

Ao avançar no delineamento da investigação, esta pesquisa, pautada na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, visa analisar o processo de formação esportiva na modalidade de basquetebol, a partir da interação dos elementos constituintes do Modelo Processo-Pessoa-Contexto-Tempo. A escolha deste modelo para o delineamento metodológico da presente investigação se deve por ser ele considerado um paradigma promissor para a compreensão do processo de formação esportiva, permitindo a análise de atividades, papéis e relações interpessoais dos atletas com pessoas, símbolos e objetos do seu cotidiano. Sendo assim, reflete-se que o estudo deste fenômeno, pautado nas orientações de tal paradigma, visa apresentar novas contribuições para a compreensão do desenvolvimento humano em um contexto que, cada vez mais, tem sido considerado como um microsistema de grande impacto no desenvolvimento infanto-juvenil (STEFANELLO, 1999).

Espera-se que as informações apresentadas nesta investigação possam fornecer indicativos relevantes para auxiliar na compreensão do processo de formação esportiva na realidade catarinense e brasileira, em especial na modalidade de basquetebol. Além disso, almeja-se que este estudo contribua com o avanço das pesquisas empíricas sobre o processo de formação esportiva, pautadas na Teoria (Bio)Ecológica do Desenvolvimento Humano, tanto no cenário nacional (BRANDÃO, 1996; VIEIRA, 1999a; VIEIRA; VIEIRA; KREBS, 1999; VIEIRA; VIEIRA, 2000, 2001; VIEIRA; VIEIRA; KREBS, 2003; KREBS et al., 2008; SOUZA, 2010; BOTTI; NASCIMENTO, 2011; KREBS et al., 2011) quanto internacional (STEFANELLO, 1999; HENRIKSEN, 2010; HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2010, 2011). Nesse cenário investigativo, ao analisar mais profundamente as considerações apresentadas e refletir mais intensamente sobre o processo de formação esportiva, pondera-se que o estudo de talentos esportivos sob o delineamento do paradigma bioecológico poderá trazer significativos elementos para a compreensão desse fenômeno, ampliando a literatura teórica e empírica da área.

DEFINIÇÃO DE TERMOS

- Ambiente de sucesso: compreende um ambiente de desenvolvimento de talentos esportivos bem sucedido, o qual possui um histórico de sucesso na produção de atletas (HENRIKSEN, 2010).
- Processo de formação esportiva: compreende o processo proximal de interação recíproca entre as características das atletas de um

Clube de Basquete do Estado de Santa Catarina e os níveis ecológicos deste ambiente esportivo em determinado período de tempo e concretizado em estágios de desenvolvimento esportivo.

- Desenvolvimento esportivo: compreende diferentes estágios de desenvolvimento do atleta, nomeadamente os estágios de iniciação, especialização e investimento esportivo.
- Talento esportivo: compreende crianças e adolescentes que apresentam potencial futuro no esporte e que necessitam, para completar este potencial, de oportunidades que favoreçam o uso de suas habilidades em seu curso de vida (VIEIRA, 1999a).

CAPÍTULO 2

REVISÃO DE LITERATURA

Este capítulo tem como propósito fornecer o embasamento teórico necessário para melhor compreensão do problema abordado. A presente revisão de literatura foi estruturada em dois tópicos.

O primeiro tópico contempla informações relacionadas à Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano e sua aproximação com o processo de formação esportiva, refletida em concepções teóricas e investigações empíricas, presentes na literatura das áreas de Educação Física e Psicologia do Esporte. Tal tópico almeja, inicialmente, ampliar a compreensão sobre os principais delineamentos de pesquisa formulados e revisados ao longo dos anos, bem como sobre os principais elementos do paradigma bioecológico. Posteriormente, procura fornecer informações sobre as contribuições deste paradigma para a investigação do processo de formação esportiva (operacionalização dos elementos do modelo no contexto esportivo).

O segundo tópico apresenta informações sobre o processo de formação esportiva, a partir da utilização de procedimentos indicados para o desenvolvimento de estudos de revisão sistemática, tendo-se selecionado os artigos originais que versavam sobre os fatores de sucesso do ambiente no desenvolvimento de talentos esportivos; sobre os fatores de identificação e desenvolvimento de talentos esportivos; sobre os estágios e as transições no desenvolvimento de talentos esportivos.

A BIOECOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO E O PROCESSO DE FORMAÇÃO ESPORTIVA

A evolução dos paradigmas de pesquisa do desenvolvimento humano: estudos aplicados no contexto esportivo

Ao delinear algumas limitações científicas, presentes nos paradigmas do desenvolvimento humano vigentes até a década de 1970, Bronfenbrenner (1977, 1979/1996) sugeriu perspectivas mais amplas em termos de teoria, método e substância. Em suas críticas, o autor destacou a existência, na prática, de uma acentuada assimetria entre sujeito e contexto, percebendo, por um lado, a hipertrofia da teoria e da pesquisa, focando as propriedades da pessoa, e, por outro, a escassez da concepção

e da caracterização do ambiente, que não iam muito além da localização das pessoas em termos de endereço social.

Posteriormente, Bronfenbrenner (1989, 1992) passou a criticar, juntamente com a própria crítica a seus escritos, os estudos do desenvolvimento humano que passaram a fornecer mais conhecimentos sobre a natureza dos ambientes imediatos e distantes do que sobre as características do indivíduo em desenvolvimento. Nesta perspectiva, no lugar de muita pesquisa sobre o desenvolvimento ‘fora do contexto’, passou-se ao excesso de pesquisas sobre ‘contexto sem desenvolvimento’. Neste sentido, observa-se que Bronfenbrenner e seus colaboradores buscaram, constante e simultaneamente, serem críticos e criadores de seu trabalho, reavaliando, revendo, ampliando e, até mesmo, renunciando a alguns conceitos estabelecidos *a priori* (NARVAZ; KOLLER, 2004; POLONIA et al., 2005; PRATI et al., 2008).

A Ecologia do Desenvolvimento Humano surgiu, no final da década de 1970, como um dos principais paradigmas da área da Psicologia do Desenvolvimento (KREBS, 1995b), propondo ao campo científico premissas relevantes para o planejamento e o desenvolvimento de estudos em ambientes naturais (MARTINS; SZYMANSKI, 2004). As contribuições iniciais desta abordagem mostraram a importância da inter-relação dos níveis ecológicos, nos quais o indivíduo está em atividade em determinado momento de sua vida, definindo o desenvolvimento humano como uma mudança duradoura na maneira pela qual a pessoa percebe e lida com seu ambiente (BRONFENBRENNER, 1977, 1979/1996).

Neste contexto, o ponto central na orientação ecológica foi a preocupação “[...] com a acomodação progressiva entre um organismo humano em crescimento e seu ambiente imediato [...]” e a maneira pela qual tal relação é mediada por forças oriundas de regiões mais remotas do meio físico e social (BRONFENBRENNER, 1996, p. 12). Contudo, apesar de o primeiro modelo teórico enfatizar a relação indissociável entre os atributos de uma pessoa em desenvolvimento e os parâmetros dos contextos nos quais ela está inserida (KREBS, 2003), ele tinha no ambiente seu foco principal, ou seja, apresentava maiores contribuições teóricas sobre o ambiente em que o indivíduo está inserido e a forma como ele o percebe (PRATI et al., 2008). Nota-se assim, nas asserções iniciais da teoria, demasiada ênfase aos aspectos do contexto, em detrimento dos aspectos da pessoa, sendo esta a principal crítica de Bronfenbrenner às suas ideias originais. Deste modo, estes aspectos foram revisados, originando a segunda fase da obra, com a ampliação de seus principais componentes (BRONFENBRENNER, 1992; NARVAZ; KOLLER, 2004).

As novas proposições apresentadas em 1992 delinearão a Teoria dos Sistemas Ecológicos que contemplou, de forma mais detalhada, os aspectos do desenvolvimento vinculados à pessoa (KREBS, 2003; PRATI et al., 2008). As reformulações recebidas nas últimas décadas buscaram reforçar este olhar sobre as propriedades da pessoa e dar maior importância aos processos proximais, em oposição à ênfase demasiada aos contextos de desenvolvimento (NARVAZ; KOLLER, 2004; MARTINS; SZYMANSKI, 2004; TUDGE, 2008).

Nesta perspectiva, conceitos e hipóteses de uma prévia do que viria a ser o paradigma bioecológico completo foram apresentados, pela primeira vez, por Bronfenbrenner e Ceci, em 1993. Neste caso, além da extensão e da redefinição dos principais pressupostos, subjacentes ao paradigma (BRONFENBRENNER; CECI, 1994), a inclusão de novos elementos e a articulação de interações mais dinâmicas entre eles resgataram, em especial, os aspectos da pessoa, dos processos e também do tempo, dando origem à denominada Teoria Bioecológica de Desenvolvimento Humano (KREBS, 2003; NARVAZ; KOLLER, 2004; PRATI et al., 2008).

A teoria bioecológica e seus respectivos delineamentos de pesquisa apresentam-se, pois, como uma evolução para o estudo científico do desenvolvimento humano, compreendendo-o como um fenômeno de continuidade e de mudança das características biopsicológicas dos seres humanos, durante o ciclo de vida humana no decorrer do tempo histórico (BRONFENBRENNER, 2001; BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, 2006).

Tal paradigma revela-se, portanto, como um modelo propício para o estudo do desenvolvimento humano, o qual pode contribuir, especialmente, com investigações sobre o desenvolvimento de talentos esportivos, inseridos em um microsistema de grande impacto na formação de crianças e adolescentes - o ambiente esportivo. Ao considerar o espaço esportivo como um ambiente desenvolvimentista, admite-se que ele possui um papel crucial nas experiências esportivas de jovens atletas, influenciando, conseqüentemente, seu desenvolvimento como pessoa e como atleta. Sendo assim, sua investigação passa a necessitar de delineamentos de pesquisa que realmente contribuam para a melhor compreensão do processo de formação que ocorre no meio esportivo.

Nesta perspectiva, a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano tem estabelecido bases não apenas para o estudo teórico, mas igualmente para as investigações empíricas sobre os processos associados ao desenvolvimento humano (KREBS, 1995b), ocorrendo a evolução do

paradigma e seus delineamentos de pesquisa por meio de um processo de desenvolvimento contínuo durante seu ‘ciclo de vida’ (BRONFENBRENNER, 2001).

Ao realizar a análise sistemática dos paradigmas do desenvolvimento humano existentes e pesquisados, Bronfenbrenner (1988) os dividiu em modelos de classe e de campo teóricos. A diferença entre os *designs* de pesquisa classe e campo teórico, de acordo com Stefanello (1999, p. 23), está na inclusão ou não de alguma consideração sobre os processos por meio dos quais as características da pessoa e do ambiente podem influenciar o desenvolvimento humano. Neste caso, “[...] nos modelos de classe teórica, os fenômenos são explicados pelas categorias nas quais eles são incluídos, não revelando os mecanismos que explicam as relações observadas, enquanto que os modelos de campo teórico especificam os processos que ocasionam tal fenômeno”.

Dentre os modelos de classe teóricos mais utilizados, Bronfenbrenner (1988) destacou os modelos de Endereço Social, Atributos Pessoais, Nicho Ecológico e Contexto-Pessoa. Os dois primeiros podem ser compreendidos, segundo o autor, como incompletos e simplistas, apesar de muito utilizados nos estudos de desenvolvimento humano. O Modelo de Endereço Social se limita ao estudo dos efeitos dos vários tipos de endereço social (tomado um por vez), enquanto o Modelo de Atributos Pessoais se restringe às características biológicas e físicas dos indivíduos influentes no desenvolvimento humano (BRONFENBRENNER, 1988; STEFANELLO, 1999).

O Modelo de Nicho Ecológico permitiu um avanço não na teoria, mas no delineamento estatístico dos estudos do desenvolvimento humano, além de tratar das regiões específicas do ambiente, particularmente favoráveis ou desfavoráveis para o desenvolvimento humano (BRONFENBRENNER, 1992; STEFANELLO, 1999). O Modelo Pessoa-Contexto possibilitou que as características da pessoa e do ambiente fossem consideradas conjuntamente, definindo-se que suas combinações produziriam efeitos que não podem ser previstos a partir do conhecimento sobre cada uma dessas áreas independentemente da influência das outras (BRONFENBRENNER, 1988, 1992).

O *design* Pessoa-Contexto, apesar de não levar em consideração os processos pelos quais os resultados desenvolvimentistas são produzidos, é bastante favorável em estudos exploratórios, oferecendo importantes informações para posteriores investigações (BRONFENBRENNER, 1988). Foi com propósito exploratório que Stefanello (1999), no contexto da formação esportiva, buscou, preliminarmente em sua investigação, determinar os comportamentos da criança (pessoa), suscetíveis de serem

influenciados por sua participação no esporte competitivo (contexto). Para o desenvolvimento desta investigação, a autora utilizou entrevistas não diretivas com os treinadores e os pais de atletas de equipes competitivas portuguesas (individuais e coletivas), verificando que disciplina, organização, cooperação, competitividade, autoconfiança, autonomia e motivação são comportamentos dos jovens influenciados pelo contexto esportivo competitivo na visão de pessoas influentes em seu desenvolvimento.

Bronfenbrenner (1988, 1992) e Stefanello (1999) evidenciam, no entanto, que os modelos de classe teóricos não incluem qualquer definição explícita dos processos nos quais as propriedades da pessoa ou do ambiente, isoladamente ou combinados, funcionam na produção de resultados no desenvolvimento humano, tornando-se necessário avançar com a postulação de algum processo associado com as características ambientais e pessoais.

O Modelo Processo-Contexto, além de especificar alguns processos pelos quais a mudança no desenvolvimento humano é provocada, possibilita investigar como esses processos variam em função do contexto mais amplo no qual o processo ocorre (BRONFENBRENNER, 1988). Do mesmo modo, não observam somente a influência do ambiente sobre os resultados desenvolvimentistas, mas também sobre a natureza e a efetividade dos processos que produzem este desenvolvimento (STEFANELLO, 1999).

Embora este paradigma reflita um avanço significativo na estratégia científica, a soma de mais um elemento produziria um sistema analítico ainda mais revelador. Destaca-se assim o Modelo Processo-Pessoa-Contexto, o qual reflete que a força e a direção dos processos variam como uma função conjunta dos elementos do contexto e das características da pessoa, os quais não devem ser meramente somados, mas devem ser considerados interagindo entre si (BRONFENBRENNER, 1988; STEFANELLO, 1999).

Bronfenbrenner (1988) definiu duas propriedades para o Modelo Processo-Pessoa-Contexto. Na primeira, o delineamento prevê informações sistemáticas em, no mínimo, três áreas separadas: o contexto no qual o desenvolvimento está ocorrendo; as características da pessoa presente neste contexto; o processo pelo qual seu desenvolvimento é realizado. Na segunda, enfatiza-se a análise da possibilidade de que a força e a direção do processo podem variar em função conjunta entre as propriedades do contexto e as características da pessoa em desenvolvimento, estando o processo sujeito a seus efeitos moderadores interativos (BRONFENBRENNER, 1988, 1992).

No estudo do processo de formação esportiva, Botti (2008) investigou o processo ensino-aprendizagem-treinamento do microsistema esportivo, pautando-se no Modelo Processo-Pessoa-Contexto, com o seguinte delineamento:

- Processo: impacto do processo ensino-aprendizagem-treinamento no desenvolvimento das capacidades físico-motoras das atletas de ginástica rítmica;
- Pessoa: características pessoais e capacidades físico-motoras das atletas de ginástica rítmica (Santa Catarina e Paraná);
- Contexto: atividades molares, estruturas interpessoais e papéis sociais presentes no microsistema esportivo da ginástica rítmica.

Na operacionalização da pesquisa foram investigadas 17 atletas, do sexo feminino, na faixa etária de 10 a 12 anos e as duas treinadoras das equipes envolvidas no estudo. Na coleta de dados, foram utilizados testes físicos de coordenação e flexibilidade (pré e pós-teste) e observação sistemática e direta das sessões de treinamento (três meses). Com relação aos efeitos do processo de treinamento no desenvolvimento das capacidades físico-motoras, concluiu-se que uma das equipes, ao utilizar o método parcial, obteve ganhos significativos tanto nas habilidades motoras quanto na coordenação motora, enquanto a outra equipe, ao utilizar o método global, apresentou perdas na capacidade de flexibilidade (BOTTI, 2008).

Todavia, apesar dos elogios ao Modelo Processo-Pessoa-Contexto, Bronfenbrenner (1988, 1992) destacou, como lacuna deste, a ausência da dimensão tempo. Para o autor, o processo do desenvolvimento humano não pode ser definido sem a preocupação com a natureza da continuidade e da mudança na estrutura biológica e psicológica de cada ser humano, durante seu curso de vida.

Neste contexto, apresentou-se mais um paradigma para o estudo do desenvolvimento humano, o Modelo de Cronossistema que, de acordo com Bronfenbrenner (1988) e Stefanello (1999), permite identificar o impacto de eventos e experiências anteriores, isolada ou sequencialmente, no desenvolvimento subsequente. Essas experiências podem ter suas origens no ambiente externo ou dentro do organismo, estando relacionadas a experiências normativas ou a eventos não normativos.

O Modelo de Cronossistema foi apresentado em 1983 e somente em 1995, Bronfenbrenner realizou a junção entre os modelos Processo-Pessoa-Contexto e Cronossistema, apresentando um dos mais promissores modelos de pesquisa para o estudo de desenvolvimento humano, o Modelo Processo-Pessoa-Contexto-Tempo, denominado de paradigma Bioecológico do Desenvolvimento Humano (COPETTI; KREBS, 2004;

KREBS, 2009a). Suas contribuições centram-se nos componentes que formam o modelo, os quais devem estar interligados entre si e com a natureza dos resultados desenvolvimentistas. Compreende-se que, para demonstrar que um desenvolvimento realmente ocorreu, o delineamento de pesquisa deve apresentar, ou pelo menos tornar plausível, o fato de que os elementos e suas relações exercem influência nas características biopsicológicas da pessoa em desenvolvimento, em período estendido de tempo (BRONFENBRENNER, 2001).

Uma tentativa de operacionalização deste modelo, que sobressai no contexto esportivo, é o estudo do processo de desenvolvimento dos talentos esportivos realizado por Vieira (1999a). O Modelo Processo-Pessoa-Contexto-Tempo foi utilizado para investigar os fatores que foram determinantes para que talentos do atletismo abandonassem o contexto esportivo competitivo. O autor utilizou o seguinte delineamento:

- Processo: análise do processo de especialização motora de talentos do atletismo que abandonaram o contexto esportivo competitivo;
- Pessoa: identificação dos atributos pessoais dos talentos que abandonaram o contexto esportivo competitivo;
- Contexto: caracterização dos contextos em que ocorreram os fatores determinantes para que talentos abandonassem o contexto esportivo competitivo;
- Tempo: identificação dos períodos em que ocorreram os fatores determinantes para que talentos abandonassem o contexto esportivo competitivo.

Para operar o estudo, foram investigados, por meio de entrevistas semiestruturadas e de análise documental, 10 ex-atletas, do sexo masculino, da modalidade de atletismo, no estado do Paraná. Ao considerar o processo de aprendizagem motora dos atletas, concluiu-se que as características antropométricas e as capacidades físico-motoras foram as mais evidenciadas nas fases de estimulação, aprendizagem e prática motora. O gosto por atividades variadas se sobressaiu na fase de estimulação, enquanto a motivação para aprender esportes e viajar foram os atributos socioemocionais mais evidenciados nas fases de aprendizagem e prática motora. Por fim, na fase de especialização motora, os atributos socioemocionais (força de vontade, determinação e dedicação ao esporte) prevaleceram em relação às características antropométricas e físicas.

Portanto, observa-se que o paradigma de pesquisa em destaque apresenta importantes contribuições na tentativa de desenvolver um quadro teórico, a fim de criar novos caminhos para a investigação do processo de desenvolvimento esportivo, enfocando diversos elementos e

as possíveis inter-relações entre eles que auxiliem a melhor compreender esse fenômeno. Além disso, os estudos realizados no contexto esportivo demonstram que essa teoria pode contribuir com diferentes modelos a serem selecionados para a investigação e a compreensão do processo de formação esportiva, dependendo dos objetivos traçados para cada investigação.

Os processos proximais na formação esportiva

O desenvolvimento humano ocorre pelos processos de interação (processos proximais) recíproca, progressivamente mais complexos, entre um ser humano em desenvolvimento (pessoa) e as pessoas, objetos e símbolos presentes em seu ambiente imediato (contexto). Para ser efetiva, esta interação deve ocorrer em uma base regular de tempo, durante longos períodos (tempo). Neste contexto, os processos proximais se apresentam como os principais motores do desenvolvimento, porém, assim como todos os motores, não podem produzir seu próprio combustível, nem se autoconduzir (BRONFENBRENNER; CECI, 1993, 1994; BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, 2006; BRONFENBRENNER, 2001).

Os processos proximais como motores do desenvolvimento são diferenciados em dois tipos, conforme os resultados de desenvolvimento que produzem (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, 2006): competência (aquisição e desenvolvimento de conhecimento, habilidade ou capacidade de conduzir e dirigir seu próprio comportamento, através das situações e domínios do desenvolvimento) e disfunção (manifestação recorrente de dificuldades em manter o controle e a integração do comportamento, através de situações e diferentes domínios de desenvolvimento). A competência e a disfunção estão relacionadas à presença de comportamentos mais (ou menos) adaptados, podendo ser entendidas como partes de um contínuo e não como características estáticas e antagônicas (MORAIS; KOLLER, 2004).

Nesta perspectiva, a forma, o poder, o conteúdo e a direção dos processos proximais influenciam o desenvolvimento humano, variando, em uma função articulada, entre os atributos pessoais e os elementos do contexto (imediatos aos remotos), nos quais os processos ocorrem, e a natureza dos resultados de desenvolvimento que produzem (BRONFENBRENNER; CECI, 1993, 1994; BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, 2006; BRONFENBRENNER, 2001), bem como das continuidades e mudanças que ocorrem, ao longo do tempo, durante o ciclo de vida e o tempo histórico em que a pessoa está vivendo

(BRONFENBRENNER, 2001; BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, 2006).

Um exemplo hipotético deste processo, no cenário esportivo, é fornecido por Krebs (2009b), quando este se refere a um jovem jogador que acaba de iniciar a prática em um programa de futebol, tendo o objetivo de ganhar uma competição organizada pela Liga Nacional de Futebol. Ao se usar o paradigma bioecológico para estudar como os processos proximais podem operar, deve-se controlar, primeiro, as interações entre a forma (comportamento do jovem jogador), o poder (importância do programa de futebol para o jovem atleta, companheiros, treinador, pais), o conteúdo (variabilidade da prática que os jogadores podem vivenciar no programa) e a direção (ganhar o torneio de futebol) dos processos proximais. Tais interações variam em uma função articulada entre:

- Características do jovem atleta (cognitivas, sociais, emocionais, habilidades psicomotoras);
- Características do ambiente, tanto o imediato (atividades oferecidas no campo de futebol, interações entre o jogador, o treinador e seus colegas, papéis que o atleta pode assumir) quanto o mais remoto (Liga Nacional de Futebol);
- Natureza dos resultados do desenvolvimento (reconhecimento dos companheiros e valorização do jovem atleta pelo treinador);
- Continuidade e mudanças que ocorrem no ambiente, ao longo do tempo (após cinco meses de prática).

Neste sentido, Bronfenbrenner (1999) e Bronfenbrenner e Morris (2006) salientam, em sua definição de processo proximal, a importância da presença simultânea de cinco aspectos:

- Para que o desenvolvimento ocorra, é necessário que a pessoa esteja engajada em uma atividade;
- Para ser efetiva, a interação deve acontecer em uma base relativamente regular, através de períodos estendidos de tempo, não sendo possível ocorrer efetivamente durante atividades meramente ocasionais;
- As atividades devem ser progressivamente mais complexas, por isso a necessidade de um período estável de tempo;
- Para que os processos proximais sejam efetivos, deve haver reciprocidade nas relações interpessoais;
- Para que a interação recíproca ocorra, os objetos e os símbolos presentes no ambiente imediato devem estimular atenção, exploração, manipulação e imaginação na pessoa em desenvolvimento.

Para melhor compreensão do processo proximal no ambiente esportivo, Krebs (2009a) delinea um exemplo de estágios, na formação de talentos esportivos:

- Estágio de estimulação esportiva: possui estrutura de baixa organização e complexidade, com pouca relação entre os elementos das atividades e a realização de tarefas muito simples. A característica principal, nesta fase, é criar uma forte rede com todos os contextos nos quais a pessoa em desenvolvimento participa ativamente, criando condições favoráveis para garantir a inclusão em atividades lúdicas de todos os participantes do microsistema;
- Estágio de aprendizagem de habilidades esportivas: estrutura mais organizada e tarefas mais complexas do que a anterior. Supõe-se que, neste estágio, a aprendizagem de habilidades esportivas diferentes deve começar a ocorrer;
- Estágio de prática esportiva: ambiente muito organizado e tarefas muito complexas. A condição para começar esta fase é a pessoa em desenvolvimento ter chegado à fase de autonomia no processo de aprendizagem;
- Estágio de especialização esportiva: nesta fase, a pessoa é orientada para lidar com a perfeição no desempenho esportivo.

O fenômeno de formação do talento esportivo possui, portanto, variáveis representadas pelos quatro componentes da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, ressaltando-se esse como um paradigma a ser implementado em investigações que visem à compreensão do processo de formação de futuros atletas em ambientes de desenvolvimento esportivo. Observa-se também que o estudo das diferentes fases ou estágios de desenvolvimento dos talentos esportivos pode contribuir para o melhor conhecimento das possíveis respostas dos atletas, em forma de competência ou disfunção, aos processos de desenvolvimento aos quais são submetidos em seu processo de formação esportiva diária e em longo prazo.

As propriedades da pessoa no processo de formação esportiva

A pessoa, segundo componente do paradigma bioecológico, envolve tanto as características determinadas biopsicologicamente quanto as características que foram construídas na interação da pessoa em desenvolvimento com o ambiente em que ela está inserida (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998). Essas características aparecem duas vezes no modelo: primeiro como um dos quatro elementos (Processo-Pessoa-Contexto-Tempo), que influenciam a forma, o poder, o

conteúdo e a direção dos processos proximais; segundo como consequência do desenvolvimento humano (resultado da influência mútua dos efeitos dos quatro elementos), funcionando como produto indireto e produtor do desenvolvimento (BRONFENBRENNER, 2001; BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, 2006).

As características da pessoa são distinguidas em três tipos de atributos que influenciam o sentido do desenvolvimento futuro, em razão de sua capacidade de influenciar a forma, o poder, o conteúdo e a direção do processo proximal, durante o ciclo de vida (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, 2006). O primeiro tipo de atributo pessoal é denominado disposições, as quais são caracterizadas como as forças da pessoa em desenvolvimento. As disposições comportamentais ativas (características desenvolvimentistas generativas e inibidoras) colocam os processos proximais em movimento e mantêm suas operações ou interferem ativamente, retardando ou até mesmo impedindo sua ocorrência. O segundo tipo de atributo são os recursos biopsicológicos (deficiências ou dotes biopsicológicos) que influenciam a capacidade de um organismo ocupar-se efetivamente nos processos proximais, em determinado estágio do desenvolvimento humano. O terceiro atributo se destaca como as características de demanda, que se caracterizam como qualidades de uma pessoa que afetam o desenvolvimento por terem o potencial de convidar ou desencorajar reações no ambiente em que ela se encontra (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, 2006).

As disposições envolvem elementos que colocam os processos proximais em movimento e os sustentam, enquanto os recursos não possuem, por si próprios, disposição seletiva para a ação, mas envolvem deficiências e competências psicológicas que influenciam a capacidade da pessoa para engajar-se efetivamente nos processos proximais, constituindo-se em ativos e passivos biopsicológicos. Por sua vez, as demandas estimulam ou desencorajam as reações do ambiente social, favorecendo ou não o estabelecimento dos processos proximais (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998). Nesta perspectiva, observa-se que as demandas combinam algumas propriedades de recursos e disposições, sendo avaliadas de acordo com seu potencial para fazer uma pessoa ser aceita ou ser rejeitada pelos outros, no ambiente imediato (KREBS, 2009a).

As características pessoais fornecem, pois, uma ideia clara de como os indivíduos, a partir de seus atributos pessoais, mudam seu contexto quer de forma relativamente passiva - simplesmente por nele estar (outros reagem diferentemente, em função de sua idade, gênero, raça); quer de forma ativa (a partir de seus recursos físicos, mentais e emocionais

disponíveis); ou ainda mais ativa (relacionada com seu desejo e esforço para isso) (TUDGE, 2008). No entanto, observa-se que as delimitações entre demandas, disposições e recursos apresentam-se bastante tênues, dificultando a diferenciação entre tais conceitos (SANTANA; KOLLER, 2004).

“A justificativa para delimitações tão tênues encontra-se na própria definição de desenvolvimento [...], que se refere ao processo dinâmico e recíproco de interação do meio com a pessoa. As características pessoais não poderiam deixar de apresentar, então, esta interação constante que se observa durante o desenvolvimento” (SANTANA; KOLLER, 2004, p. 120).

Neste caso, estes autores indicam que, quando se fala em habilidades ou recursos, remete-se imediatamente à herança genética ou demandas, bem como às tendências individuais para prontidão à aprendizagem ou disposições.

No contexto esportivo, toma-se como exemplo, de acordo com Copetti e Krebs (2004), a referência de ser habilidoso (competente), visto como uma forma de recurso (físico-cinestésico, percepto-cognitivo e socioemocional, conhecimento, experiência adquirida) que permite à pessoa atuar com eficiência e ser vista pelos outros como habilidosa (recurso). Em outra perspectiva, tal referência pode ser compreendida como uma característica que desperta a atenção das outras pessoas, evocando críticas e avaliações por parte dos outros (demanda), com poder de gerar a aproximação ou mesmo o afastamento deles.

No Quadro 1, visualiza-se um resumo destas características e seus exemplos, no contexto esportivo.

Atributos	Definição (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, 2006)	Exemplo (VIEIRA; VIEIRA; KREBS, 2003; KREBS, 2009a,b; SOUZA, 2010)
Disposições geradoras	Ativam e sustentam os processos proximais em um domínio particular do desenvolvimento (curiosidade, disposição para engajar-se em atividades individuais ou compartilhadas com outros, respostas a iniciativas de outros, senso de eficácia).	Disposição do atleta para repetir uma rotina de exercícios para melhorar seu condicionamento físico. Companheirismo, força de vontade, determinação, persistência.
Disposições disruptivas	Apresentam obstáculos e impedimentos perante os processos proximais.	Desacordo do atleta em repetir a rotina de exercícios para melhorar sua aptidão física.
Recursos ativos	Habilidade, experiência, conhecimento, destreza.	Aquisição de habilidades motoras específicas das modalidades.
Recursos	Defeitos genéticos, baixo peso,	Obesidade, no caso da ginástica e

passivos	dificuldades físicas, doenças severas, danos cerebrais causados por acidentes ou processos degenerativos.	da patinação artística. Deficiência técnica dos fundamentos pertinentes a determinadas modalidades.
Demandas positivas	Potencial para receber atenção e afeto.	Biótipo (estatura alta para jogador de basquetebol).
Demandas negativas	Potencial para despertar sentimentos negativos.	Biótipo (estatura alta para atleta de ginástica).

Quadro 1 - Os atributos da pessoa no processo de formação esportiva.

No processo de formação de talentos esportivos, observa-se que as características pessoais podem ser tanto geradoras quanto perturbadoras do desenvolvimento dos atletas. Neste caso, exemplifica-se o atributo da estatura corporal, em que um rapaz muito alto pode ter atributos físicos positivos (geradores) para ser selecionado para um time de basquetebol e negativos (perturbadores) para ser selecionado para uma equipe de ginástica (KREBS, 2009b). Portanto, dentro do contexto esportivo, um atleta pode sentir, ao mesmo tempo, os dois tipos de disposições (geradoras e disruptivas), gerando uma área de tensão em relação a seus sentimentos e a suas emoções (competência ou disfunção) devido a estas forças opostas (KREBS, 2009a).

Ao considerar que as características pessoais influenciam o modo como os sujeitos vivem e percebem as experiências e os contextos em que estão envolvidos, reforça-se a importância da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano para o cenário do desenvolvimento de talentos esportivos. Tal paradigma oferece desenhos de pesquisa promissores para a condução de investigações mais consistentes para a avaliação dos atributos pessoais dos atletas (motivações, desinteresses, preocupações, experiências, habilidades, conhecimentos, constituições físicas etc.).

OS ELEMENTOS DO CONTEXTO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO ESPORTIVA

Na evolução dos pressupostos teóricos do paradigma bioecológico, os elementos do contexto, que inicialmente receberam maior atenção em suas formulações, foram os que tiveram modificações menos acentuadas em suas reformulações.

No paradigma Bioecológico do Desenvolvimento Humano, “[...] o ambiente ecológico é concebido topologicamente como uma organização de encaixe de estruturas concêntricas cada uma contida na seguinte. Essas estruturas são chamadas micro-, meso-, exo-, e macrossistema” (BRONFENBRENNER, 1996, p. 18). Um microssistema, nível mais

interno do sistema ecológico, caracteriza-se como o ambiente em que a pessoa em desenvolvimento participa ativamente. O complexo das relações entre ela e os aspectos sociais, físicos e simbólicos do contexto convida, permite ou inibe o engajamento sustentado em uma interação progressivamente mais complexa (BRONFENBRENNER, 1989; BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

No contexto esportivo, é possível enumerar muitos microssistemas em que o atleta participa ativamente, mas talvez os mais influentes sejam o lar (a família) e o ambiente onde a prática do esporte acontece (KREBS, 2009a). Esses ambientes de desenvolvimento de talentos esportivos sempre estão aninhados em uma ampla esfera social e cultural que não pode ser negligenciada (HENRIKSEN, 2010), sendo necessário investigá-los como contextos primordiais para o processo de formação esportiva de sujeitos inseridos no contexto esportivo competitivo (BRANDÃO, 1996; STEFANELLO, 1999; VIEIRA, 1999a,b; BOTTI, 2008, SOUZA, 2010).

Para melhor compreensão do processo de desenvolvimento que ocorre em um microssistema esportivo, Henriksen (2010) propôs o Modelo de Fatores de Sucesso do Ambiente, o qual foi desenvolvido em busca da visualização da estrutura que contribui para o sucesso de um ambiente, como: as pré-condições (recursos humanos, materiais, financeiros); o processo (treinamento, competições, reuniões, eventos sociais); e os resultados (desenvolvimento e conquistas individuais, conquistas coletivas, cultura organizacional).

A cultura organizacional é vista como o elemento central para este modelo, constituindo-se em três níveis: artefatos culturais (histórias e mitos, costumes e tradições, manifestações físicas e culturais – roupas, organogramas, edifícios); valores defendidos (princípios sociais, normas, metas e padrões que a instituição mostra ao mundo); e pressupostos básicos (razões para as ações) (HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2010).

O ambiente típico do clube esportivo, como microssistema de formação esportiva, também envolve as relações entre gestores, técnicos e especialistas (psicólogos, fisiologistas do esporte, nutricionistas do esporte e fisioterapeutas), além de atletas em formação e atletas de elite, os quais podem servir como modelos para os menos experientes (HENRIKSEN, 2010). O microssistema em que o sujeito em desenvolvimento está inserido pode ser definido ainda como um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais (BRONFENBRENNER, 1979/1996). Uma análise destes padrões no processo de formação esportiva é apresentada no **Erro! Fonte de referência não encontrada.**

Elementos	Definição (BRONFENBRENNER, 1996)	Exemplos (BRANDÃO, 1996; STEFANELLO, 1999; BOTTI, 2008; KREBS, 2009a; SOUZA, 2010)
Atividades molares	Variam no grau e na complexidade dos propósitos que as animam (persistência temporal e significado).	Exercícios de preparação física, técnica e tática. Preparação psicológica.
Interações interpessoais	Díade formada sempre que duas pessoas prestam atenção nas atividades uma da outra ou delas participam.	Atleta-atleta. Treinador-atleta.
Díade observacional	Prestar cuidadosa e continuamente atenção à atividade desenvolvida por outro, que reconhece o interesse sendo demonstrado.	Atletas mais jovens prestam atenção nos mais experientes e com melhor desempenho técnico (espelhos).
Díade de atividade conjunta	Reciprocidade: coordenação das ações entre os companheiros. Equilíbrio de poder: um dos participantes pode ser mais influente que o outro, com o poder gradativamente em favor da pessoa em desenvolvimento. Afetividade: conforme os participantes se envolvem é provável que desenvolvam sentimentos mais profundos um em relação ao outro.	Atletas se auxiliam na realização dos exercícios durante os treinamentos. Treinador e atletas planejam juntos as estratégias a serem utilizadas no próximo jogo. Manutenção do relacionamento dos companheiros de equipe fora dos treinamentos.
Díade primária	Continua a existir para ambos os participantes, mesmo quando eles não estão juntos, influenciando o comportamento um do outro, mesmo quando separados. Quando não mais presente no contexto imediato da pessoa em desenvolvimento.	Treinador assumindo papel importante no processo de desenvolvimento dos atletas.
Papéis sociais	Atividades pertinentes a cada determinada posição, que indica não apenas as expectativas da sociedade, mas também as expectativas que a pessoa percebe que os demais membros da sociedade esperam dela.	Atletas se colocam no papel de 'atletas' que precisam estar congruentes com as expectativas de imprensa, treinadores, familiares e amigos.

Quadro 2 - Os elementos do microsistema esportivo.

O segundo nível do sistema ecológico compreende as inter-relações entre os principais ambientes que contém a pessoa em desenvolvimento em determinado momento de sua vida. Um mesossistema é, portanto, um sistema de microsistemas, formado e ampliado sempre que a pessoa entra em um novo ambiente e participa dele ativamente (BRONFENBRENNER, 1977, 1979/1996). As forças existentes no mesossistema se caracterizam pela participação multiambiental, pelos

laços primários, secundários e indiretos, pela comunicação e pelo conhecimento interambiental (Quadro 3).

	Definição (BRONFENBRENNER, 1999)	Exemplo (VIEIRA, 1999a)
Participação multiambiental	Existência de uma rede social direta ou de primeira ordem entre os ambientes que o atleta participa.	Lar do atleta. Equipe esportiva.
Laços primários	Pessoas que participam ativamente nos dois ambientes.	Atleta.
Laços secundários	Pessoas que participam desses ambientes sem serem os sujeitos principais.	Pais.
Laços indiretos	Pessoas que não participaram diretamente em nenhum dos ambientes, mas têm influência sobre as pessoas daquele ambiente.	Diretor esportivo.
Comunicação interambiental	Mensagens transmitidas de um ambiente para outro.	Comunicação entre pais e treinadores para permitir a participação dos atletas nas equipes esportivas.
Conhecimento interambiental	Informações ou experiências que existem de um ambiente em relação ao outro.	Pais tomam conhecimento das atividades desenvolvidas nas equipes esportivas.

Quadro 3 - As forças existentes no mesossistema.

O nível meso pode incluir a escola, a família, as demais equipes de um clube, bem como outros clubes, os quais podem ser considerados como oponentes ou oportunidades para enriquecer as interações. De modo similar, o sistema educacional pode ser visto pelos atletas tanto como uma estrutura favorável para atividades esportivas quanto como um recurso ou um obstáculo para estas (HENRIKSEN, 2010).

O terceiro nível ecológico, o exossistema, se constitui de um ou mais ambientes que não envolvem a pessoa em desenvolvimento como um participante ativo, mas nos quais também ocorrem eventos que afetam ou são afetados por aquilo que acontece naquele ambiente (BRONFENBRENNER, 1996). No processo de formação esportiva, a casa do treinador ou do gerente esportivo constitui um exemplo de exossistema, uma vez que alguns eventos, dentro destes espaços, podem afetar os processos desenvolvidos, no contexto esportivo, entre estes e os atletas (KREBS, 2009a). Outros exemplos, de exossistemas para atletas são as prefeituras municipais, as federações esportivas, os patrocinadores e a mídia esportiva, os quais influenciam os processos dentro das equipes, determinando, indiretamente, o processo de desenvolvimento de talentos esportivos (VIEIRA, 1999a; VIEIRA; VIEIRA; KREBS, 2003).

O macrossistema, nível mais remoto do sistema, se constitui na união das características de micro, meso e exossistemas existentes em uma cultura, subcultura ou outra extensão da estrutura social. Isto com referência aos sistemas desenvolvimentalmente instigadores como crenças, recursos, riscos, estilos de vida, oportunidades estruturais, opções de vida e padrões de intercâmbio social que estão encaixados nesses sistemas globais (BRONFENBRENNER, 1989; 1992).

A política nacional de esportes (KREBS, 2009a), além de oferecer e criar para os atletas recursos, estruturas de oportunidade, opções de vida, divulgação do esporte, padrões de intercâmbio social (VIEIRA, 1999a), caracteriza-se como exemplo de ideologias e valores do macrossistema. O macrossistema envolve ainda diversos contextos culturais, como a cultura nacional, a cultura geral esportiva, a cultura do esporte específico e a cultura jovem (HENRIKSEN, 2010; HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2010). Nesta perspectiva, o macrossistema pode ser caracterizado como o nível ecológico que envolve tanto a cultura e as macroinstituições quanto o governo federal e as políticas públicas (LERNER, 2011).

O tempo no processo de formação esportiva

O paradigma bioecológico condiciona a efetividade dos processos à ocorrência de uma interação recíproca progressivamente mais complexa em uma base de tempo relativamente regular (STEFANELLO, 1999). Deste modo, a quarta propriedade proposta para a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano é a dimensão tempo que, apesar de não ter sido enfatizada nas proposições iniciais da teoria teve sua importância resgatada, ocupando espaço privilegiado nas novas formulações (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, 2006; POLONIA et al., 2005).

As primeiras formulações realizadas, sobre a dimensão tempo (Cronossistema), estavam relacionadas com os processos de transição pelos quais o ser humano passa durante a sua vida, sendo dois os tipos de transição: normativas - de ocorrência relativamente previsível (entrada na escola, puberdade, começo da vida profissional, casamento, aposentadoria) e não normativas - de ocorrência menos previsível (morte ou doença grave de um membro da família, divórcio, mudança de residência, acertar na loteria) (KREBS, 1995a,b).

A dimensão tempo foi incorporada ao paradigma “[...] para avaliar as forças que produzem estabilidade e mudanças nas características dos seres humanos ao longo do seu curso de vida e através de gerações” (STEFANELLO, 1999, p. 29), pois “[...] quanto maior for a duração e o

intervalo de ocorrência de um evento com potencial instigativo (positivo ou negativo) e este permanecer atuando sobre a pessoa, maiores poderão ser as chances de que esse processo de interação seja efetivamente estabelecido” (COPETTI; KREBS, 2004, p. 84).

Nesta perspectiva, a dimensão tempo no paradigma bioecológico tem sido analisada tanto em três níveis sucessivos (micro, meso e macrotempo), como em função do tempo histórico e vital e das transições normativas e não normativas, conforme evidenciado no Quadro 4.

	Definição (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, 2006; STAMBULOVA et al., 2009)	Exemplo (KREBS, 2009a; VIEIRA, 1999b; VIEIRA; VIEIRA, 2000; STAMBULOVA et al., 2009)
Microtempo	Continuidade e descontinuidade dos episódios do curso dos processos proximais.	Um dia de rotina de prática esportiva.
Mesotempo	Periodicidade dos episódios em intervalos de tempo mais amplo, como dias e semanas.	Sequência de dias de atividades esportivas.
Macrotempo	Expectativas e eventos em mudança na sociedade em geral, dentro e através das gerações, que afetam e são afetados por processos e resultados do desenvolvimento humano durante a vida.	Temporada esportiva, desde o início do treinamento até o campeonato final. Acontecimentos durante uma carreira esportiva de longo prazo.
Tempo vital	Impacto do desenvolvimento de uma sucessão de transições da vida.	Idade de início no esporte. Idade de ápice no esporte.
Tempo histórico	Curso de vida dos indivíduos embutido e moldado pelos tempos e acontecimentos históricos, experienciados durante a vida.	Projetos de incentivo do governo para o esporte.
Transições normativas	Relativamente previsíveis.	Início da especialização esportiva. Transição das categorias de base para a categoria adulta. Transição de amador para profissional. Transição da carreira esportiva para a aposentadoria
Transições não normativas	Menos previsíveis.	Transições causadas por lesão, overtraining. Mudanças de equipe, clubes, treinadores.

Quadro 4 - O tempo no processo de formação esportiva.

A dimensão tempo permite identificar o impacto de eventos e experiências anteriores, isolada ou sequencialmente, no desenvolvimento subsequente. Essas experiências podem ter suas origens no ambiente

externo ou dentro do organismo e acontecer durante toda a vida, servindo como estímulo para mudanças no desenvolvimento (BRONFENBRENNER, 1988).

O tempo histórico representa o curso de vida dos indivíduos embutido e moldado pelos tempos e acontecimentos históricos que estes experimentam durante a vida, enquanto o tempo vital representa o impacto do desenvolvimento de uma sucessão de transições da vida ou eventos que dependem de quando eles ocorrem para uma pessoa (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, 2006). Além disso, no caso esportivo, a previsibilidade das transições normativas cria oportunidade para preparar os atletas para lidarem com elas com antecedência, porém a baixa previsibilidade das transições não normativas torna difícil lidar com elas (STAMBULOVA et al., 2009).

Como influência do tempo histórico no processo de formação esportiva e no tempo vital dos atletas, Krebs (2009a) exemplifica o boicote dos Estados Unidos aos Jogos Olímpicos de Moscou, no qual todos os atletas americanos selecionados para participarem daqueles jogos foram afetados pela decisão política do governo americano (macrossistema). Para o autor, poderiam ser investigados os efeitos deste boicote no ambiente dos campeonatos esportivos realizados no país e/ou feita a comparação entre atletas que participariam dos jogos pela primeira vez e atletas que fizeram planos para terminarem suas carreiras esportivas depois desta competição.

Na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, o tempo revela-se, pois, como um elemento fundamental para compreensão de transições, mudanças e adaptações que ocorrem na carreira esportiva de muitos atletas. Nesta perspectiva, as transições, sejam elas normativas ou não normativas, podem estar ligadas tanto aos eventos esportivos (iniciação esportiva, especialização esportiva, aposentadoria) quanto aos eventos não esportivos (transição da infância para a adolescência e desta para a vida adulta, transições no nível acadêmico, transições nos relacionamentos interpessoais), ambos influenciando significativamente o desenvolvimento dos talentos esportivos (positiva ou negativamente).

PROCESSO DE FORMAÇÃO ESPORTIVA: ESTUDOS SOBRE DESENVOLVIMENTO DE TALENTOS ESPORTIVOS

O presente tópico da revisão de literatura intenta apresentar, inicialmente, uma breve contextualização teórica sobre cada tema em destaque. Posteriormente, visa apresentar os principais resultados encontrados em estudos empíricos que abordam o processo de formação esportiva, nomeadamente em termos de análise dos fatores de sucesso do ambiente no desenvolvimento de talentos esportivos, do processo de identificação de talentos esportivos e dos estágios e das transições presentes no desenvolvimento de talentos esportivos. Para facilitar o levantamento dos artigos originais e a apresentação dos resultados encontrados nas investigações selecionadas, optou-se pela utilização dos procedimentos indicados por Saur-Amaral (2011) para a realização de revisões sistemáticas.

As equações de pesquisa utilizadas foram: *Career AND Sport**, *Talent AND Sport**, “Formação esportiva”, *Carreira AND esporte**, *Talento AND esporte**. Os operadores booleanos (*and*) e os facilitadores de pesquisa (“”*) foram usados para combinar os descritores e facilitar o resultado quanto às fontes de informação obtidas. Nas bases de dados Ebsco (Academic Search Complete, Medline, Sportdiscus), Scopus e Web of Knowledge, foram aplicadas as duas equações em inglês, com o intuito de se evidenciar o panorama internacional relacionado à temática da pesquisa. Nas bases Scielo e Lilacs, além das equações em língua inglesa, foram aplicadas as equações em português, a fim de ampliar a abrangência dos periódicos brasileiros relevantes na área.

O âmbito da pesquisa envolveu ainda os campos de busca - “*abstract*” e “*title*”, esse último em caso de ausência do primeiro; e as áreas temáticas/assunto - “*Sport Sciences*”, “*Sport Psychology*”, “*Career Development*”, “*Talent Development*” e “*Athletic Development*”. Para a seleção automática e manual dos estudos, definiram-se os seguintes critérios de inclusão:

- Artigos publicados de 1990 a 2012: foi durante a década de 1990 que a atenção sobre o processo de formação esportiva direcionou-se para uma perspectiva sobre o tempo de vida de envolvimento esportivo - desenvolvimento de talentos e desenvolvimento de carreira (WYLLEMAN; ALFERMANN; LAVALLE, 2004);
- Artigos originais publicados em periódicos: fontes de informação reconhecidas pela comunidade acadêmica (avaliação duplo-cego, por pares etc.);

- Estudos relacionados às temáticas: fatores de sucesso do ambiente, identificação de talentos, fatores de desenvolvimento, estágios e transições de desenvolvimento do talento esportivo;
- Estudos realizados com atletas das categorias de formação;
- Estudos realizados com atletas da categoria adulta, mas que analisaram seu percurso formativo nas categorias de formação (estudos retrospectivos).

A eliminação automática e manual dos estudos encontrados pautou-se nos seguintes critérios de exclusão: artigos sem *abstract* e/ou sem texto integral; escritos em outras línguas que não português, inglês ou espanhol; publicados em livros, conferências, anais de evento; artigos de revisão e de opinião, resenhas críticas, ensaios teóricos; artigos que avaliavam somente o estágio atual da carreira esportiva de atletas adultos; artigos que abordavam as transições da carreira esportiva enquanto aposentadoria do esporte.

O Quadro 5 apresenta um resumo do número de documentos encontrados, nas bases de dados, por meio da utilização das equações de pesquisa e selecionados a partir dos critérios de inclusão e exclusão definidos para o estudo.

Base de dados	Procura inicial	Refinamento			
		Seleção automática	Seleção manual		
			Duplicados	Resumo	Texto completo
ISI Web of Knowledge	1170	44	39	19	17
Ebsco	52	30	23	11	10
Scopus	19	14	10	3	3
Scielo	990	35	28	8	8
Lilacs	118	28	23	5	4
Total	2349	151	123	46	42

Quadro 5 - Número de documentos encontrados nas bases de dados selecionadas.

A eliminação automática realizada nas bases de dados registrou um número de 151 documentos, sendo que desses 28 estavam duplicados nas bases de dados. No entanto, após a leitura de resumos e textos completos, a eliminação manual excluiu outros estudos que não atendiam aos critérios selecionados para o estudo: fora da temática (estresse, identidade atlética, prestação de serviços, potência aeróbia, lesões); não atendiam aos critérios de inclusão (aposentadoria, fase adulta, construção e

validação de instrumentos); estudos não empíricos (ensaios teóricos, artigos de revisão ou opinião, ensaios críticos).

Para garantir a qualidade e a validade metodológica da presente revisão, foram adotados os seguintes critérios: a pesquisa foi validada de forma independente por dois investigadores, utilizando-se as equações e os critérios destacados anteriormente; os critérios de inclusão e exclusão foram aplicados com rigor pelos dois investigadores; todos os passos da pesquisa foram registrados e a aplicação dos critérios foi justificada.

A apreciação preliminar das 42 produções científicas selecionadas para o estudo revelou a atualidade da temática abordada, uma vez que 24 artigos foram divulgados entre os anos de 2010 e 2012. Apenas seis foram publicados na década de 1990 e 14 entre os anos 2000 e 2009. Evidenciou-se também a incipiência de obras nacionais com enfoque nessa abordagem investigativa (10 textos) em comparação com as internacionais (32 textos) (Quadro 6).

Autor (ano)	Local	Modalidade	Tipo	Instrumento
Stambulova (1994)	Rússia	Coletivas, individuais	Quanti-quali	Entrevista
Hodges; Starkes (1996)	6 países	Luta livre	Quantitativo	Questionário
Helsen; Starkes; Hodges (1998)	Bélgica	Futebol, hóquei	Quantitativo	Questionário
Côté (1999)	Canadá	Remo, tênis	Qualitativo	Entrevista
Hoare; Warr (2000)	Austrália	Futebol	Quantitativo	Combinação
Falk et al. (2004)	Israel	Pólo aquático	Quantitativo	Combinação
Holt; Morley (2004)	Inglaterra	Coletivas, individuais	Quantitativo	Entrevista
Moraes; Rabelo; Salmela (2004)	Brasil	Futebol	Quanti-quali	Combinação
Wuerth; Lee; Alfermann (2004)	Alemanhã	Coletivas, individuais	Quantitativo	Questionário
Sáenz-López et al. (2005)	Espanha	Basquete	Qualitativo	Entrevista
Peres e Lovisolo (2006)	Brasil	Coletivas, individuais	Qualitativo	Entrevista
Martindale; Collins; Abraham (2007)	Reino Unido	Coletivas, individuais	Qualitativo	Entrevista
Silva et al. (2007)	Portugal	Natação	Quantitativo	Documentos
Hoyo; Corrales; Páez (2008)	Espanha	Voleibol	Quantitativo	Medidas
Pummell; Harwood; Lavalley (2008)	Inglaterra	Hipismo	Qualitativo	Entrevista
Keegan et al. (2009)	Inglaterra	Coletivas, individuais	Qualitativo	Combinação
Lorenzo et al. (2009)	Espanha	Basquete	Qualitativo	Entrevista
Schorer et al. (2009)	Alemanhã	Handebol	Quantitativo	Combinação
Gulbin et al. (2010)	Austrália	Coletivas,	Quantitativo	Questionário

		individuais		
Henriksen; Stambulova; Roessler (2010)	Dinamarca	Vela	Qualitativo	Combinação
Jonker; Gemser; Visscher (2010)	Holanda	Coletivas, individuais	Quantitativo	Questionário
Massa; Uezu; Böhme (2010)	Brasil	Judô	Qualitativo	Entrevista
Massuça; Fragoso (2010)	Portugal	Handebol	Quantitativo	Questionário
Nunomura; Carrara; Tsukamoto (2010)	Brasil	Ginástica artística	Qualitativo	Entrevista
Penna; Moraes (2010)	Brasil	Futsal	Quantitativo	Documento
Cortela et al. (2010)	26 países	Tênis	Quantitativo	Documento
Sagar; Lavallee (2010)	Inglaterra	Ginástica, patinação, tênis	Qualitativo	Entrevista
Silva; Fleith (2010)	Brasil	Coletivas, individuais	Quantitativo	Questionário
Young; Salmela (2010)	Canadá	Atletismo	Quantitativo	Questionário
Cavichioli et al. (2011)	Brasil - PR	Futsal, futebol	Qualitativo	Combinação
Gonçalves et al. (2011)	Portugal	Basquete	Quantitativo	Questionário
Hayman et al. (2011)	Inglaterra	Golf	Quantitativo	Entrevista
Henriksen; Stambulova; Roessler (2011)	Noruega	Caique	Qualitativo	Combinação
Jonker; Gemser; Visscher (2011)	Holanda	Coletivas, individuais	Quantitativo	Questionário
Samuel; Tenenbaum (2011)	Estados Unidos	Coletivas, individuais	Quantitativo	Combinação
Schiavon et al. (2011)	Brasil	Ginástica artística	Qualitativo	Entrevista
Viana; Andrade; Brandt (2011)	Brasil	Vela	Qualitativo	Entrevista
Baker et al. (2012)	Alemanhã	Handebol	Quantitativo	Combinação
Debois et al. (2012)	França	Esgrima	Qualitativo	Entrevista
Ferreira et al. (2012)	Brasil	Natação	Qualitativo	Entrevista
Leite; Sampaio (2012)	Portugal	Basquete	Quantitativo	Questionário
Stambulova; Franck; Weibull (2012)	Suécia	Individuais	Quantitativo	Questionário

Quadro 6 - Resumo dos artigos selecionados para a revisão sistemática.

Os estudos foram desenvolvidos, predominantemente, com atletas de modalidades individuais (14), seguidos de atletas de modalidades coletivas (17) e, por último, com atletas de ambos os grupos esportivos (11). A grande maioria das investigações tem sido desenvolvida apenas com atletas (28). Poucas têm buscado, para melhor compreender esse fenômeno, a colaboração de outros sujeitos influentes no processo de formação esportiva: atletas e familiares (04); treinadores (03); atletas, treinadores e dirigentes; atletas, familiares, treinadores e dirigentes (02

cada); atletas e treinadores; atletas e colegas de escola; atletas e ex-atletas (01 cada). Essas informações demonstram a carência de investigações que visem à ampliação do olhar sobre o desenvolvimento de talentos, que tenham contado com a colaboração de diferentes sujeitos influentes nesse processo.

No que se refere aos tipos de estudo analisados, observa-se leve predominância de investigações quantitativas (23), em comparação às qualitativas (17), sendo poucas pesquisas desenvolvidas com o intuito de privilegiar ambas as abordagens (02). Observa-se que os autores têm preconizado desenhos de pesquisas retrospectivas para melhor compreensão do desenvolvimento de talentos esportivos, principalmente quando se trata de analisar os estágios e as transições da carreira esportiva. Nesta perspectiva, Alfermann e Stambulova (2007) indicam que, metodologicamente, os desenhos longitudinais são importantes para a compreensão do fenômeno do desenvolvimento, no entanto as análises retrospectivas e transversais realmente têm dominado a literatura nessa área.

A entrevista (14) foi o instrumento de coleta de dados mais utilizado pelos pesquisadores para investigar o processo de formação de talentos esportivos, seguida do questionário (12) e de uma combinação de técnicas de coleta de dados (entrevista, diário de campo, ensaio escrito, observação, documentos, bateria de testes, formulário, questionário - 11). Além disso, alguns autores utilizaram-se somente da análise documental (03), do grupo focal, das baterias de testes físicos ou das medidas antropométricas (01 estudo cada). Côté, Ericsson e Law (2005) concordam que a entrevista vem sendo utilizada com o objetivo de avaliar, retrospectivamente, como o desenvolvimento de atletas ocorre. Este procedimento está concebido sob o pressuposto de que quando os indivíduos respondem perguntas, com base na recordação de suas experiências passadas, acabam sendo mais precisos e confiáveis do que quando são convidados a deduzir e reconstruir respostas a perguntas gerais.

Por fim, a análise dos dados dos estudos tem abrangido tanto testes estatísticos (24) quanto técnicas de análise pautadas em categorias - análise de conteúdo, análise temática, discurso do sujeito coletivo, técnica de espelho (19).

A análise das informações contidas nos resultados dos artigos originais selecionados para o presente estudo buscaram observar as seguintes temáticas: fatores de sucesso do ambiente, identificação de talentos, fatores de desenvolvimento de talentos, estágios de desenvolvimento de talentos, transições no desenvolvimento de talentos.

Autor (ano)	Temática
Stambulova (1994)	Estágios de desenvolvimento de talentos Transições no desenvolvimento de talentos
Hodges; Starkes (1996)	Fatores de sucesso do ambiente
Helsen; Starkes; Hodges (1998)	Fatores de sucesso do ambiente
Côté (1999)	Estágios de desenvolvimento de talentos Fatores de desenvolvimento de talentos
Hoare; Warr (2000)	Identificação de talentos
Falk et al. (2004)	Identificação de talentos
Holt; Morley (2004)	Fatores de desenvolvimento de talentos
Moraes; Rabelo; Salmela (2004)	Estágios de desenvolvimento de talentos Fatores de desenvolvimento de talentos
Wuerth; Lee; Alfermann (2004)	Transições no desenvolvimento de talentos Fatores de desenvolvimento de talentos
Sáenz-López et al. (2005)	Identificação de talentos
Peres e Lovisolo (2006)	Estágios de desenvolvimento de talentos Fatores de desenvolvimento de talentos
Martindale; Collins; Abraham (2007)	Fatores de sucesso do ambiente
Silva et al. (2007)	Identificação de talentos
Hoyo; Corrales; Páez (2008)	Identificação de talentos
Pummell; Harwood; Lavallee (2008)	Transições no desenvolvimento de talentos
Keegan et al. (2009)	Fatores de desenvolvimento de talentos
Lorenzo et al. (2009)	Transições no desenvolvimento de talentos
Schorer et al. (2009)	Identificação de talentos
Gulbin et al. (2010)	Fatores de desenvolvimento de talentos
Henriksen; Stambulova; Roessler (2010)	Fatores de sucesso do ambiente
Jonker; Gemser; Visscher (2010)	Fatores de desenvolvimento de talentos
Massa; Uezu; Böhme (2010)	Fatores de desenvolvimento de talentos
Massuça; Fragoso (2010)	Identificação de talentos
Nunomura; Carrara; Tsukamoto (2010)	Estágios de desenvolvimento de talentos
Penna; Moraes (2010)	Identificação de talentos
Cortela et al. (2010)	Estágios de desenvolvimento de talentos
Sagar; Lavallee (2010)	Fatores de desenvolvimento de talentos
Silva; Fleith (2010)	Fatores de desenvolvimento de talentos
Young; Salmela (2010)	Fatores de desenvolvimento de talentos
Cavichioli et al. (2011)	Fatores de desenvolvimento de talentos Fatores de sucesso do ambiente
Gonçalves et al. (2011)	Fatores de desenvolvimento de talentos
Hayman et al. (2011)	Fatores de desenvolvimento de talentos
Henriksen; Stambulova; Roessler (2011)	Fatores de sucesso do ambiente
Jonker; Gemser; Visscher (2011)	Fatores de desenvolvimento de talentos
Samuel; Tenenbaum (2011)	Transições no desenvolvimento de talentos
Schiavon et al. (2011)	Estágios de desenvolvimento de talentos Fatores de desenvolvimento de talentos
Viana; Andrade; Brandt (2011)	Estágios de desenvolvimento de talentos Fatores de desenvolvimento de talentos
Baker et al. (2012)	Fatores de desenvolvimento de talentos
Debois et al. (2012)	Transições no desenvolvimento de talentos
Ferreira et al. (2012)	Estágios de desenvolvimento de talentos Fatores de desenvolvimento de talentos

	Fatores de sucesso do ambiente
Leite; Sampaio (2012)	Estágios de desenvolvimento de talentos
Stambulova; Franck; Weibull (2012)	Transições no desenvolvimento de talentos

Quadro 7 - Temática dos estudos selecionados para a revisão sistemática.

O mapeamento e armazenamento dos textos selecionados foram realizados no *software* Endnote (X5), enquanto a análise dos artigos ocorreu com o auxílio do *software* QSR NVivo (versão 9,0). Nesse sentido, destaca-se que a análise dos resultados dos estudos analisados ocorreu por meio da técnica de análise de conteúdo, proposta por Bardin (2002). As categorias e subcategorias elencadas para a análise dos estudos empíricos foram definidas *a priori* a partir dos marcos teóricos apresentados no Quadro 8:

Identificação de talentos esportivos (SÁENZ-LÓPEZ, 2005)	
Identificação de talentos	Fatores antropométricos, físicos, psicológicos, psicossociais, técnicos, táticos.
Fatores de desenvolvimento do talento esportivo (CÔTÊ, BAKER; ABERNETHY, 2007)	
Fatores de treinamento	Atividades, jogo deliberado, prática deliberada.
Influências sociais	Apoio emocional, apoio informativo, apoio tangível.
Estágios de desenvolvimento de talentos esportivos (CÔTÊ, 1999; DURAND-BUSH; SALMELA, 2002; CÔTÊ, BAKER; ABERNETHY, 2007)	
Iniciação	Fatores de treinamento, influências sociais.
Especialização	Fatores de treinamento, influências sociais.
Investimento	Fatores de treinamento, influências sociais.
Transições no desenvolvimento de talentos esportivos (WYLLEMAN; ALFERMANN; LAVALLEE, 2004)	
Transições esportivas	Normativas, não normativas.
Transições não esportivas	Nível psicológico, psicossocial, acadêmico-profissional.

Quadro 8 - Categorias e subcategorias de análise dos estudos selecionados.

Processo de formação esportiva: fatores de sucesso do ambiente

A formação de pessoas em desenvolvimento acontece sempre em determinados ambientes, revelando-se, no caso esportivo, o clube como um local de grande influência no processo de educação e desenvolvimento de crianças e adolescentes (BENTO; GARCÍA; GRAÇA, 1999; BENTO, 2006). Tal relevância está atrelada à diversidade de atividades que o clube esportivo pode proporcionar, primeiro, em termos de iniciação esportiva e, posteriormente, em termos de promoção esportiva em longo prazo, visando à especialização e ao aperfeiçoamento de atletas em diferentes níveis competitivos (PERES; LOVISOLO, 2006).

Nesta perspectiva, o interesse no papel do contexto no desenvolvimento de talentos esportivos tem sido crescente, haja vista que a qualidade e a adequação desses ambientes de formação influenciam sobremaneira o desenvolvimento das carreiras esportivas (MARTINDALE; COLLINS; DAUBNEY, 2005; HENRIKSEN, 2010). Portanto, torna-se notável que cada clube ou equipe é diferente tanto no modo como interage com o amplo contexto sociocultural em que está inserido quanto no grau de sucesso que proporciona a seus atletas (HENRIKSEN, 2010; HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2010).

Ao considerar que clubes bem organizados oferecem melhores oportunidades de sucesso, no que diz respeito à efetividade da formação esportiva, do que outros com estruturas anárquicas (SÁENZ-LÓPEZ et al., 2005; HENRIKSEN, 2010), acredita-se que a realização de investigações sobre estes ambientes eficazes auxiliem a expandir a compreensão de como o processo de desenvolvimento de talentos esportivos pode ser otimizado. Deste modo, Henriksen, Stambulova e Roessler (2010) sugerem a utilização de uma abordagem ecológica para o estudo desses contextos, a qual, apesar de possuir o clube esportivo como núcleo, não exclua a compreensão do contexto maior em que a instituição está inserida. Brandão (1996) corrobora que essa visão ecológica do contexto esportivo pode permitir uma análise mais profunda do desenvolvimento atlético.

Um ambiente influente no desenvolvimento de talentos esportivos considera o sistema de interações do atleta, dentro e fora do esporte, em nível micro, e como essas interações são influenciadas pelo nível macro, estando ambos os níveis sempre aninhados em uma ampla esfera social e cultural que não pode ser negligenciada (HENRIKSEN, 2010). Para o estudo dos contextos esportivos, o autor apresenta o modelo de Fatores de Sucesso do Ambiente, o qual toma, como ponto de partida, as condições fornecidas pelo ambiente (pré-condições), e ilustra as rotinas diárias (processo) que visam ao fortalecimento (resultados) do desenvolvimento e das realizações individuais dos atletas, às conquistas coletivas e ao enriquecimento da cultura organizacional. Além disso, o autor destaca que estes elementos estão intrinsecamente relacionados e influenciam sobremaneira o sucesso do ambiente na produção de atletas.

As pré-condições do contexto envolvem os recursos do meio ambiente, incluindo os recursos humanos (número e proficiência dos técnicos, especialistas e gestores), a infraestrutura física e material (instalações para alojamento, para treinamento e para testes, disponibilidade destas instalações, materiais esportivos) e os recursos

financeiros. Todavia, apesar de estes fatores serem necessários para o processo de desenvolvimento de talentos, eles não garantem, por si só, seu sucesso (HENRIKSEN, 2010).

O processo se refere às atividades diárias realizadas neste ambiente, destacando-se especialmente o treinamento, as competições e os eventos sociais. Os resultados envolvem as conquistas individuais e coletivas, bem como a cultura organizacional (HENRIKSEN, 2010).

As conquistas individuais se referem à aquisição de competências psicossociais e de habilidades esportivas e a forma como estas se combinam para levar os atletas ao sucesso esportivo. As conquistas coletivas se referem ao sucesso atlético da equipe, extremamente relevante para esportes coletivos. As realizações individuais e coletivas sobressaem naturalmente como produto do processo de horas incontáveis de treinamento e como produto do desenvolvimento organizacional e da cultura de determinado ambiente esportivo (HENRIKSEN, 2010).

A cultura organizacional é central para o Modelo de Fatores de Sucesso do Ambiente, uma vez que ela se caracteriza pela integração dos principais pressupostos básicos de um paradigma cultural que orienta a socialização de novos membros, proporciona estabilidade e adapta a organização de um ambiente em constante mudança. Tal cultura possui três níveis básicos: os artefatos culturais (histórias, mitos, costumes, tradições, manifestações físicas e culturais); os valores (princípios sociais, normas, metas e padrões que a organização mostra para o mundo); e as premissas ou pressupostos básicos (subjacentes às razões para as ações do grupo) (HENRIKSEN, 2010).

No contexto das investigações empíricas selecionadas para a presente investigação, verifica-se que os autores têm buscado visualizar, em termos de pré-condições do ambiente, os recursos financeiros, materiais e humanos que interferem no processo de formação esportiva (KEEGAN et al., 2009; GULBIN et al., 2010; HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2010 e 2011; CAVICHIOLLI et al., 2011; FERREIRA et al., 2012).

Inicialmente, sublinha-se que, conforme investigado por Henriksen; Stambulova; Roessler (2011), os recursos financeiros da equipe norueguesa de caiaque revelaram-se limitados, sendo o bom ambiente de aprendizagem fomentado, em alguns casos, por treinadores voluntários e/ou por atletas mais experientes, que buscam repassar seus conhecimentos aos atletas iniciantes, concluindo-se assim que a equipe tem preferido investir no pagamento aos atletas do que aos treinadores.

O baixo orçamento também tem influenciado na qualidade dos locais onde os atletas dinamarqueses de vela (HENRIKSEN;

STAMBULOVA; ROESSLER, 2010) e noruegueses de caique (HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2011) permanecem no período de competições fora de casa, sendo esses alojamentos muitas vezes improvisados. As condições materiais destas equipes têm sido definidas pelos atletas como limitadas, básicas e com más condições de conservação, principalmente por serem esportes que exigem materiais de custo mais elevado.

No que se refere aos fatores humanos, evidencia-se que a maioria dos estudos (KEEGAN et al., 2009; GULBIN et al., 2010; HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2010, 2011; CAVICHIOLLI et al., 2011; SCHIAVON et al., 2011; FERREIRA et al., 2012) que visaram analisar os sujeitos envolvidos no processo de formação esportiva, apresentam apenas algumas informações sobre os treinadores, não informando se as equipes possuem apoio multidisciplinar (fisioterapeuta, médico, preparador físico, nutricionista, psicólogo) ou simplesmente não apresentando as características destes.

Em relação às características técnicas e pedagógicas dos treinadores, Gulbin et al. (2010) constataram que os técnicos australianos de modalidades individuais e coletivas são extremamente exigentes, sendo essa exigência vista por muitos como positiva para o sucesso esportivo. A igualdade de tratamento dada por eles aos atletas é percebida, na maioria das ocasiões, como positiva. Além disso, poucos atletas têm a percepção de que alguns são favorecidos em relação aos demais, atitude esta vista como capaz de minar a motivação do grupo. O tempo destinado pelos treinadores para dar instruções e *feedback* individualmente é interpretado como influência positiva na motivação cotidiana.

A investigação revelou ainda que, para atletas iniciantes, a capacidade de motivar e incentivar é vista como a qualidade mais importante do treinador, inclusive acima da capacidade de ensino. O conhecimento detalhado da modalidade e a insistência técnica são definidos como cruciais para atletas mais experientes. Observa-se, portanto, que, dependendo do nível de desenvolvimento dos atletas, a percepção de um bom treinador passa de qualidades pedagógicas - capacidade de motivar, incentivar para qualidades técnicas - conhecimento e forte insistência na perfeição (GULBIN et al., 2010). No entanto, pais de atletas brasileiros de futsal e de futebol acreditam que um nível de exigência exacerbado pode provocar repercussão negativa no processo formativo de seus filhos (CAVICHIOLLI et al., 2011).

As características pessoais apresentadas pelos treinadores australianos de diferentes modalidades (GULBIN et al., 2010) e pelos treinadores brasileiros de natação (FERREIRA et al., 2012) variaram

entre carismático, motivador, incentivador, brincalhão e *expert* na área. Em termos de experiência profissional, os estudos constataram que os treinadores brasileiros de futsal, de futebol (CAVICHIOLO et al., 2011) e de natação (FERREIRA et al., 2012) possuem experiências de atuação em grandes clubes, experiências essas consideradas de sucesso com formação de atletas de destaque para cenários nacionais e internacionais.

Nas sessões de treinamento, os investigadores visualizaram que a maioria dos atletas é selecionada para treinar nas equipes principais de sua categoria. Apenas a alguns deles é possibilitada a participação em treinamentos com os atletas de elite, situação que ocasiona trocas de experiências entre atletas de diferentes faixas etárias (GULBIN et al., 2010; CAVICHIOLO et al., 2011). Além disso, o treinamento se apresenta estruturado, com práticas extenuantes e de grande volume (HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2010; CAVICHIOLO et al., 2011).

Os programas de treinamento tanto dos atletas de diferentes modalidades, no Reino Unido (MARTINDALE; COLLINS; ABRAHAM, 2007; KEEGAN et al., 2009), quanto de futsal e futebol, no Brasil (CAVICHIOLO et al., 2011), possuem ênfase na aprendizagem dos fundamentos e na repetição (exercícios repetitivos e sistematizados), com foco na correção dos movimentos, através monitoramento dos treinadores.

Os treinadores europeus demonstram, entretanto, focar também o desenvolvimento da tomada de decisão, dos fundamentos básicos da modalidade e das competências psicossociais de seus jogadores (MARTINDALE; COLLINS; ABRAHAM, 2007; HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2010, 2011). Em apenas um estudo os testes apareceram como parte integrante do processo de formação esportiva, sendo realizados para monitorar o progresso dos atletas e motivá-los para os treinos (HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2010).

A competição, como parte do processo de desenvolvimento de atletas de futsal e futebol, é proporcionada a atletas de escolinhas por meio de jogos amistosos, principalmente contra equipes escolares ou da região e de jogos internos entre equipes formadas por atletas do próprio clube (festivals). Esses tipos de jogos são vistos tanto como um processo de aprendizagem quanto como um processo de reavaliação dos planos do atleta no esporte (CAVICHIOLO et al., 2011).

Dentro do processo desenvolvido nos ambientes esportivos, Martindale, Collins e Abraham (2007) e Henriksen, Stambulova e Roessler (2010) verificaram a presença de reuniões formais e informais. Os autores constataram que as reuniões formais ocorrem sistematicamente

com os atletas para análise de fotografias, vídeos e leitura de biografia de atletas de alto nível. Além disso, são realizados alguns encontros com os pais e as pessoas próximas aos atletas para prepará-los para melhor compreenderem o processo de formação pelo qual os atletas devem passar. Por sua vez, as reuniões informais correspondem a momentos de encontros casuais entre treinadores e atletas após jogos ou treinos.

Os eventos sociais proporcionados aos membros das instituições europeias investigadas são vistos como um incentivo para a realização de atividades externas ao esporte e para a socialização entre os atletas, com o objetivo de aliviar o estresse e desenvolver planos eficazes de recuperação mental e física (MARTINDALE; COLLINS; ABRAHAM, 2007; HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2010).

No que tange aos resultados do processo de desenvolvimento de talentos esportivos, possibilitado pelos Fatores de Sucesso do Ambiente, encontrados em diferentes investigações, destacam-se as conquistas coletivas, o desenvolvimento e as conquistas individuais, bem como a cultural organizacional (GULBIN et al., 2010; HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2010 e 2011; CAVICHIOLLI et al., 2011).

As conquistas coletivas encontradas se referem aos títulos de diversas categorias, ao reconhecimento do clube e aos resultados competitivos de uma forma geral (CAVICHIOLLI et al., 2011; HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2011). Henriksen, Stambulova e Roessler (2011) concluíram que a combinação entre escola e clube esportivo é essencial na formação dos atletas, reconhecendo que as boas notas escolares são uma conquista importante para gerenciar, com sucesso, o processo de desenvolvimento, que passa a ser visto como um sucesso coletivo.

Quanto ao desenvolvimento e às conquistas individuais, sobressaíram o reconhecimento pelo público e pelas instituições do talento do atleta (nomes divulgados em sites, recebimento de medalhas, troféus e homenagens) e a evolução dos atletas para níveis mais elevados de competições a serem disputadas (GULBIN et al., 2010; HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2010, 2011). Os mesmos autores revelaram que os treinadores veem como positiva a formação de atletas que são transferidos para clubes de outros países e convocados para seleções nacionais. Por outro lado, atletas e pais consideram importante o recebimento de bolsa integral, em escola particular, devido ao destaque alcançado no cenário esportivo.

A abordagem da cultura organizacional envolveu o levantamento dos artefatos culturais, sendo visualizado o predomínio da cultura

específica da modalidade sobre a cultura esportiva em geral. A cultura da modalidade é, muitas vezes, hierárquica (preferências para os mais experientes) e os clubes expõem as reportagens dos últimos resultados dos atletas e os resultados de testes recentes por eles realizados (HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2010, 2011).

Os artefatos culturais verbais são histórias contadas no ambiente que servem para manter a cultura (HENRIKSEN, 2010). Henriksen, Stambulova e Roessler (2010, 2011) revelaram como histórias contadas pelos atletas de elite as experiências internacionais (viagens), os incidentes humorísticos, as dificuldades encontradas e as lições aprendidas. Outro artefato muito utilizado nos ambientes investigados por estes autores são as roupas vinculadas à modalidade, principalmente as que caracterizam seleções nacionais.

As equipes europeias de vela e caiaque evidenciaram o pressuposto básico de que o atleta deve assumir a responsabilidade por sua própria excelência, sendo disciplina, motivação e autonomia consideradas atributos-chave de um vencedor. Uma equipe forte é condição prévia para o desempenho de elite individual de seus membros, sendo o trabalho coordenado de forma a permitir que atletas de diferentes níveis de habilidade treinem juntos. No entanto, a organização do grupo entende que os atletas de elite têm prioridade em relação aos iniciantes, mas também têm o dever de ajudá-los. Neste sentido, pressupõe-se que os melhores resultados são alcançados quando o foco está no processo de desempenho e desenvolvimento, em vez de nos resultados esportivos imediatos (HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2010, 2011).

Os valores adotados nas equipes europeias investigadas corresponderam ao trabalho conjunto, à tradição de os atletas trocarem conhecimento para auxiliar as próximas gerações e à importância de se divertirem enquanto visam ao alto nível de desempenho. Todavia, o valor mais saliente é o de ser considerada uma comunidade inclusiva que está aberta a todos os jovens atletas motivados, apesar de as equipes claramente defenderem uma filosofia de esporte de elite, exibindo, em seu *site*, os resultados dos atletas com pior desempenho no esporte (HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2010, 2011).

Processo de formação esportiva: da identificação ao desenvolvimento de talentos esportivos

A pesquisa no âmbito da formação de talentos esportivos evoluiu consideravelmente nos últimos anos, passando do foco na identificação para a ênfase no desenvolvimento atlético. A abordagem de identificação

está baseada na noção de que há um reservatório de talento inato e utiliza-se da avaliação de pré-requisitos para identificar uma provável obtenção de excelência esportiva, enquanto a abordagem de desenvolvimento enfatiza a aquisição de habilidades motoras e psicológicas, centrando-se na quantidade e na qualidade do processo de formação, necessárias para se alcançar o alto nível de desempenho (HENRIKSEN, 2010).

A identificação de talentos esportivos está atrelada às fases de detecção e seleção esportiva, sendo a primeira delas baseada em campanhas de recrutamento e no acompanhamento de competições (OLIVEIRA, 2001; FERREIRA; MARKUNAS; NASCIMENTO, 2005). A segunda se utiliza de meios para a determinação dos indivíduos que possuem condições de serem admitidos/aceitos em níveis mais elevados de treinamento em longo prazo (BÖHME, 2004, 2007).

No entanto, esse processo de identificação de atletas só consegue obter êxito quando realizado no devido tempo e a partir de uma base alargada de recrutamento (MARQUES, 1991). Ao avançar nesse contexto, compreende-se que, somente a partir do ingresso nos programas de formação, crianças e adolescentes passam a ser considerados atletas em desenvolvimento e a experienciar uma série de procedimentos de treinamentos que os conduzem a um processo de formação esportiva em longo prazo (FERREIRA; MARKUNAS; NASCIMENTO, 2005).

A abordagem de desenvolvimento de talentos esportivos enfatiza a aquisição de habilidades motoras e psicológicas, centrando-se na quantidade e na qualidade do treinamento necessário (medidas técnicas, pedagógicas, científicas, tecnológicas, sociais) para alcançar um desempenho desejável (SILVA; MARQUES; COSTA, 2009; HENRIKSEN, 2010). Além disso, reconhece-se a necessidade de treinadores capacitados, de participação em competições em níveis cada vez mais elevados e de condições sociais adequadas que forneçam, de forma gradativa, os sucessos competitivos almejados (BÖHME, 2004, 2007; SILVA; FLEITH, 2010).

A qualidade e a adequação do contexto esportivo tornam-se, pois, um dos principais fatores de influência sobre o desenvolvimento de futuros atletas (MARTINDALE; COLLINS; DAUBNEY, 2005), uma vez que este desenvolvimento deve ocorrer de forma contínua em ambientes propícios, com condições favoráveis e em um período de tempo considerável, fundamentais para o sucesso desse processo.

Neste sentido, o processo de desenvolvimento de talentos esportivos deve estar fortemente atrelado a um processo de treinamento em longo prazo, o qual, se bem planejado e executado, desempenhará

papel fundamental na formação das futuras gerações de atletas (BÖHME, 2007).

Os estudos empíricos, selecionados na revisão sistemática e focados na identificação de talentos esportivos, revelam a abrangente preocupação dos pesquisadores com os fatores positivos para a prática de esportes tanto individuais quanto coletivos, apresentados pelos atletas no momento de sua detecção e seleção (HOARE; WARR, 2000; FALK et al., 2004; SÁENZ-LÓPEZ et al., 2005; HOYO; CORRALES; PÁEZ, 2008; GULBIN ET al., 2010; HENRIKSEN, STAMBULOVA, ROESSLER, 2011; MASSUÇA; FRAGOSO, 2010; CAVICHIOLLI et al., 2011), em detrimento da reflexão sobre os fatores negativos que dificultam a seleção de jovens atletas (CAVICHIOLLI et al., 2011).

Os aspectos positivos apresentados pelos atletas, que chamam a atenção de treinadores e dirigentes, no momento de sua identificação, são os fatores físicos (velocidade, agilidade, coordenação, força, impulsão, potência aeróbia, flexibilidade e equilíbrio); psicológicos (motivação, disciplina, concentração, humildade, honestidade, controle emocional e da ansiedade, capacidade de trabalho e sacrifício, capacidade de aprendizagem, autoeficácia e autoconfiança); antropométricos (massa corporal e percentual de gordura, estatura e envergadura); técnicos (recepção, passe, drible, finalização, finta, domínio de marcação, estilos); e táticos (inteligência e leitura de jogo, tomada de decisão, habilidade perceptiva) (HOARE; WARR, 2000; FALK et al., 2004; SÁENZ-LOPES et al., 2005; HOYO; CORRALES; PÁZ, 2008; GULBIN et al., 2010; HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2011; MASSUÇA; FRAGOSO, 2010; CAVICHIOLLI et al., 2011). Os menos encontrados na literatura são os fatores psicossociais, tais como coletividade, comunicação, respeito, liderança e relacionamentos interpessoais (SÁENZ-LOPES et al., 2005).

Os aspectos negativos que acabam atrapalhando a seleção de atletas para o cenário esportivo estão relacionados a alguns fatores antropométricos (acima do peso); físicos (lentidão); psicológicos (falta de empenho, ansiedade em competição); e táticos (ausência de noção de jogo coletivo) (CAVICHIOLLI et al., 2011).

Os fatores de desenvolvimento de talentos esportivos, divulgados na literatura, se referem aos fatores de treinamento (atividades, jogo deliberado e prática deliberada) e às influências sociais (papel do treinador, dos pais e dos pares) que colaboram para o desenvolvimento de um talento. Neste caso, o jogo deliberado corresponde às experiências intrinsecamente motivantes, imediatamente gratificantes e concebidas para proporcionar divertimento aos atletas, enquanto a prática deliberada é

concebida como a execução de atividades específicas de treino, nem sempre agradáveis, porém especialmente planejadas para melhorar a performance de um indivíduo (CÔTÉ; BAKER; ALBERNETHY, 2003).

As atividades experienciadas nas sessões de treinamentos são retratadas, nas investigações empíricas realizadas no contexto esportivo, como vivências tanto agradáveis quanto desagradáveis. A própria natureza das tarefas propostas, principalmente as competitivas, é identificada como promotora de motivação e prazer. As atividades de condicionamento físico, desenvolvimento das habilidades técnicas e táticas são definidas como de alta relevância e de apreciação, exigindo muito esforço e concentração. No entanto, quando o aprimoramento dos fundamentos técnicos é desenvolvido, de forma isolada e repetitiva, por meio de exercícios, estes são percebidos como entediantes, desagradáveis e causadores de pressão (HODGES; STARKES, 1996; HELSEN; STARKES; HODGES, 1998; KEEGAN et al., 2009; HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2010 e 2011).

A vivência de jogo deliberado no desenvolvimento da carreira esportiva é vislumbrada, principalmente nos estágios iniciais da prática esportiva, a partir de uma experiência variada, sem compromisso e sem treinamento intenso. Deste modo, no ambiente esportivo, as experiências têm sido consideradas agradáveis, divertidas, lúdicas, recreativas e prazerosas. Fora do ambiente de treino, a família tem proporcionado experiências motoras e recreativas influentes no processo de formação esportiva, sendo percebidas como fundamentais, por isso, incentivadas também pelos treinadores (STAMBULOVA, 1994; COTÊ, 1999; PERES; LOVISOLO, 2006; GULBIN et al., 2006; HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2010 e 2011; SILVA; FLEITH, 2010; HAYMAN et al., 2011; VIANA; ANDRADE; BRANDT, 2011; BAKER et al., 2012; DEBOIS et al., 2012; FERREIRA et al., 2012).

Contrariamente, as oportunidades de prática deliberada têm aumentado com o avanço dos atletas nos estágios de desenvolvimento, sendo visualizadas, nas investigações analisadas, como uma prática com carga de treinamento intensa e especializada, em que os atletas aprendem a adiar a gratificação por seus esforços e romper com brincadeiras e jogos característicos do jogo deliberado. Neste caso, os programas de treinamento investigados têm dado ênfase à aprendizagem dos fundamentos de forma estruturada, sistematizada, rígida, disciplinada, monótona e com foco na repetição e na correção dos movimentos (monitoramento), com a realização de exercícios até a exaustão (HODGES; STARKES, 1996; HELSEN; STARKES; HODGES, 1998; PERES; LOVISOLO, 2006; GULBIN et al., 2010; HENRIKSEN;

STAMBULOVA; ROESSLER, 2010 e 2011; YOUNG; SALMELA, 2010; CAVICHIOLLI et al., 2011; GONÇALVES et al., 2011; HAYMAN et al., 2011; SCHIAVON et al., 2011; BAKER et al., 2012; DEBOIS et al., 2012).

Os estudos identificaram que atletas de alto nível, escolhidos para seleções nacionais de diferentes países, apresentam, após os primeiros anos de experiência, maior número de horas acumuladas de prática deliberada na modalidade do que os atletas que não chegam à elite esportiva, apesar de, no início da carreira esportiva, eles terem quantidades similares dessa prática (GULBIN et al., 2010; GONÇALVES et al., 2011; JONKER; GEMSER; VISSCHER, 2011; BAKER et al., 2012; LEITE; SAMPAIO, 2012). Além disso, verificou-se que praticantes de modalidades individuais apresentam maior quantidade de prática do que jogadores de esportes coletivos (GULBIN et al., 2010).

As investigações sobre as influências sociais no processo de formação esportiva evidenciaram, no desenvolvimento de talentos esportivos, maior participação da família do que dos colegas de equipe e dos treinadores. O papel da família efetiva-se pelo apoio oferecido e por seu nível de envolvimento na vida esportiva dos atletas. Neste sentido, destaca-se que os apoios emocional e concreto sobressaíram em relação ao apoio informativo (CÔTÉ, 1999; MORAES; RABELO; SALMELA, 2004; WUERTH; LEE; ALFERMANN, 2004; PUMMELL; HARWOOD; LAVALLEE, 2008; KEEGAN et al., 2009; LORENZO et al., 2009; GULBIN et al., 2010; HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2010; MASSA; UEZU; BÖHME, 2010; SAGAR; LAVALLEE, 2010; SILVA; FLEITH, 2010; CAVICHIOLLI et al., 2011; HAYMAN et al., 2011; HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2011; FERREIRA et al., 2012).

O apoio emocional provém dos estímulos positivos (incentivo, motivação, valorização), dos elogios e da demonstração de expectativas positivas, além do interesse em torno da prática esportiva dos jogadores (WUERTH; LEE; ALFERMANN, 2004; PUMMELL; HARWOOD; LAVALLEE, 2008; LORENZO et al., 2009; GULBIN et al., 2010; HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2010; SILVA; FLEITH, 2010; CAVICHIOLLI et al., 2011; HAYMAN et al., 2011; FERREIRA et al., 2012). O apoio concreto advém principalmente do auxílio financeiro para compra de material esportivo e para pagamento de mensalidades, registro esportivo, transporte e despesas com viagens (PUMMELL; HARWOOD; LAVALLEE, 2008; HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2010; SILVA; FLEITH, 2010; CAVICHIOLLI et al., 2011; HAYMAN et al., 2011; HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER,

2011; FERREIRA et al., 2012). O apoio informativo é proporcionado através de conversas, conselhos e *feedbacks* positivos sobre a participação e o futuro esportivo do atleta (CÔTÉ, 1999; WUERTH; LEE; ALFERMANN, 2004; PUMMELL; HARWOOD; LAVALLEE, 2008).

O apoio informativo dos colegas realiza-se por meio de *feedbacks* (comunicação avaliativa) positivos e negativos. A questão avaliativa é vista como negativa quando existem reações imediatas para erros cometidos, com comentários demasiados, repetitivos e intolerantes (KEEGAN et al., 2009), enquanto o apoio informativo positivo é proporcionado pelas trocas de conhecimento, principalmente quando atletas mais experientes compartilham suas vivências com os iniciantes (KEEGAN et al., 2009; HAYMAN et al., 2011; HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2010 e 2011).

O apoio motivacional é fomentado pela demonstração de confiança, pela motivação e pelo incentivo de um para com o outro (KEEGAN et al., 2009). Além disso, o grupo de amizade construído no ambiente esportivo tem se revelado fortemente influente no processo de desenvolvimento dos talentos (MASSA; UEZU; BÖHME, 2010; CAVICHIOLLI et al., 2011; HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2011; VIANA; ANDRADE; BRANDT, 2011).

O apoio emocional dos treinadores é, muitas vezes, oportunizado por meio de reforço comportamental (punição pelos erros e recompensa pelo sucesso), enquanto o apoio informativo se consolida através de *feedbacks* verbais, tanto positivos (motivador) quanto negativos (desmotivador). Esses *feedbacks* envolvem comentários sobre o potencial dos talentos como atletas e sobre detalhes específicos dos fundamentos técnico-táticos (HOLT; MORLEY, 2004; KEEGAN et al., 2009; GULBIN et al., 2010; HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2010).

Embora a maioria dos estudos selecionados seja sugestiva e não conclusiva, as evidências encontradas denotam a dificuldade de se encontrarem fatores isolados que induzam a identificação de talentos esportivos, sendo eles uma combinação de vários fatores pessoais (físicos, antropométricos, psicológicos, técnico-táticos), positivos e negativos, que acabam por possibilitar a detecção e a seleção de jovens atletas para o processo de formação esportiva. Além disso, a investigação em torno dos fatores de treinamento e das influências sociais se revelam como essencial para a compreensão do desenvolvimento de talentos esportivos.

Processo de formação esportiva: estágios e transições no desenvolvimento de talentos esportivos

Em diferentes áreas, como música, artes plásticas, esportes e ciências exatas, os indivíduos que se sobressaem são considerados talentos. Esses expoentes, quando investigados em estudos retrospectivos de suas carreiras, servem como base para a criação de modelos de desenvolvimento de talentos humanos (MORAES; RABELO; SALMELA, 2004). No cenário esportivo, os modelos de estágios são geralmente inspirados em uma descrição da carreira atlética como uma miniatura do curso de vida, dividindo-a em várias etapas que buscam apresentar as alterações ocorridas nos atletas e em seu ambiente social, durante este processo (STAMBULOVA, 1994; ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007).

A carreira esportiva, segundo Bloom (1985), pode ser definida como uma sucessão de etapas e transições, que vão desde a iniciação do atleta em uma participação contínua no esporte organizado até a finalização deste envolvimento por meio de interrupção voluntária ou involuntária do percurso esportivo.

Na literatura especializada das áreas de Educação Física, de Psicologia e de Psicologia do Esporte são encontrados alguns modelos de fases ou estágios de desenvolvimento de talentos esportivos, os quais se diferenciam de acordo com os critérios adotados por cada autor para a elaboração de seus delineamentos (BLOOM, 1985; SALMELA, 1994; CÔTÉ, 1999; DURAND-BUSH; SALMELA, 2002; BALYI, 2004; GREEN, 2005; KREBS, 2009). Embora essas classificações apresentem diferenças quanto a nomenclaturas e o número de estágios pelos quais os atletas passam, suas principais características apresentam muitas similaridades.

O modelo construído por Bloom (1985), a partir da observação do papel de atletas, pais e treinadores, em cada estágio de desenvolvimento de talentos do tênis e da natação (no caso esportivo), define três fases (anos iniciais, anos intermediários, anos finais) que influenciam um longo e contínuo processo de aprendizagem. Ao utilizar o estudo de Bloom como estrutura conceitual e adicionar a ela uma nova fase (final), Salmela (1994) identificou quatro estágios da carreira esportiva de atletas de elite (iniciação, desenvolvimento, perfeição, aposentadoria).

Ao estudar o papel da família no desenvolvimento de jovens atletas, Côté (1999) apresentou seu modelo de participação no esporte, o qual foi definido em quatro fases (anos de experimentação, anos de especialização, anos de investimento, anos de manutenção e

aprimoramento de competências). De modo similar, Durand-Bush e Salmela (2002), ao investigar os fatores importantes, presentes no desenvolvimento e na manutenção do desempenho esportivo de elite, apresentou uma classificação de fases de desenvolvimento da carreira esportiva (anos de experimentação, anos de especialização, anos de investimento, anos de manutenção) muito próxima ao modelo de participação esportiva divulgada por Côté.

Os modelos de Balyi (2004), Green (2005) e Krebs (2009) são os que mais se diferenciam das propostas dos demais. Balyi (2004) apresenta o modelo de especialização esportiva tardia, pautado em cinco estágios de desenvolvimento (habilidades motoras fundamentais, habilidades esportivas fundamentais, habilidades específicas, habilidades de performance, aposentadoria). Green (2005) delinea as fases de desenvolvimento do talento esportivo a partir das estratégias de recrutamento, manutenção e avanço dos atletas, referendadas em políticas de desenvolvimento do esporte. Por sua vez, Krebs (2009a), influenciado pelos elementos do paradigma Bioecológico do Desenvolvimento Humano (Modelo Processo-Pessoa-Contexto-Tempo), propõe o modelo de especialização motora, dividido em quatro processos proximais (estimulação no esporte, aprendizagem de habilidades esportivas, prática esportiva, especialização esportiva) de formação de talentos esportivos.

Os estudos sobre as transições da carreira esportiva começaram a aparecer na década de 1960, revelando-se um aumento substancial tanto em sua quantidade quanto em sua qualidade, especialmente a partir do fim da década de 1980, período em que começaram a se manifestar determinadas mudanças nos focos de pesquisa, nos quadros teóricos e na atenção aos fatores contextuais que caracterizam a evolução do tema (STAMBULOVA et al., 2009). Além disso, destaca-se que no campo da Psicologia do Esporte, o conceito de transição na carreira esportiva foi introduzido com interesse especial no estudo de como ex-atletas enfrentavam a aposentadoria do esporte competitivo (WYLLEMAN; ALFERMANN; LAVALLE, 2004).

A primeira mudança observável na compreensão do termo transição como um fenômeno refletiu-se no aumento da quantidade de referenciais teóricos relacionados a seu estudo, tendo ela deixado de ser associada exclusivamente a um evento de vida negativo ou traumático. A segunda mudança importante ocorreu, a partir da década de 1990, com o deslocamento do foco quase exclusivo na aposentadoria esportiva para o estudo das transições ocorridas durante o desenvolvimento atlético. A terceira mudança buscou aprofundar o estudo das transições manifestas em outras esferas da vida, em detrimento da abordagem que se

preocupava em compreender as transições ocorridas exclusivamente no âmbito esportivo. A quarta mudança relevante implicou em considerar também o papel de fatores macrossociais (sistemas de esporte e cultura) nesse processo (WYLLEMAN; ALFERMANN; LAVALLE, 2004; STAMBULOVA et al., 2009).

Sob essa perspectiva, compreende-se que a carreira esportiva, composta por uma sequência de sucessivas fases com transições marcantes entre elas, é acompanhada por concomitantes mudanças nas características psicológicas e sociais do atleta, bem como da necessidade de ele usufruir de recursos e estratégias para lidar, de forma mais eficaz, com cada uma delas (AGRESTA; BRANDÃO, BARROS NETO, 2008). Todavia, ressalta-se que o domínio esportivo abrange a parte do ambiente diretamente relacionada ao esporte, enquanto o domínio não esportivo contempla todas as outras esferas da vida dos atletas (HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2010).

Neste sentido, as transições podem ser caracterizadas como normativas ou não normativas. As transições normativas são relativamente previsíveis e possibilitam a ocorrência de oportunidades que preparam os atletas para lidarem com elas com antecedência e maior facilidade, pois são geralmente de natureza mais estrutural e organizacional. As transições não normativas são menos previsíveis, pois ocorrem de forma inesperada e, conseqüentemente, caracterizam-se como as mais difíceis de se lidar (WYLLEMAN; LAVALLEE; ALFERMANN, 1999; ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007; STAMBULOVA et al., 2009).

No domínio esportivo, as transições não normativas correspondem às transições causadas por fatores como lesão, *overtraining*, mudança de equipes, clubes, treinadores ou companheiros de equipe (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007; STAMBULOVA et al., 2009). As normativas incluem as transições para o início da especialização esportiva, para o treinamento intensivo, das categorias de base para a categoria adulta ou, ainda, do esporte amador para o profissional e da carreira ativa para a aposentadoria esportiva, apresentando, todas elas, características próprias que exigem algum tipo de ajustamento dos esportistas (STAMBULOVA, 1994; BRANDÃO et al., 2000; ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007; AGRESTA; BRANDÃO, BARROS NETO, 2008; STAMBULOVA et al., 2009). As transições não esportivas exigem que os atletas aprendam a lidar com mudanças nos âmbitos: psicológico - passagem da infância para adolescência, da adolescência para idade adulta; psicossocial - mudanças significativas nos agentes sociais à medida que eles amadurecem; acadêmico ou profissional - mudanças educacionais e vocacionais

(STAMBULOVA, 1994; WYLLEMAN; ALFERMANN; LAVALLEE, 2004; PUMMELL; HARWOOD; LAVALLEE, 2008).

O atleta, ao participar, no domínio esportivo, de uma transição para níveis mais elevados, pode, ao mesmo tempo, experienciar uma transição psicológica da adolescência para a idade adulta, bem como do Ensino Médio para o Ensino Superior. Tais transições múltiplas podem criar situações difíceis para a vida desse atleta, o que requer maior apoio e suporte por parte de sua rede social (PUMMELL; HARWOOD; LAVALLEE, 2008). Acredita-se que uma transição será melhor sucedida se o atleta for capaz de desenvolver e utilizar eficazmente, no decorrer do processo de enfrentamento, todos os recursos necessários para superar as barreiras, o que resulta em sentimento geral de ajuste e em aumento de satisfação com o esporte e com a vida. O período de transição, entretanto, pode se transformar em crise, caso o atleta não seja capaz de gerenciar as solicitações de sua transição, fato que pode suscitar auxílio ou intervenção psicológica (STAMBULOVA et al., 2009).

O campo de investigação do desenvolvimento de talentos esportivos tem buscado identificar os avanços ocorridos nos estágios e nas transições vivenciadas pelos atletas, durante suas carreiras esportivas (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007). Para Pearson e Petitpas (1990), essa construção da perspectiva de estágios e transições proporciona uma postura particularmente útil em descrever e compreender como as mudanças físicas, psicológicas e sociais, que caracterizam o desenvolvimento esportivo, impactam a vida dos atletas.

No que se refere à investigação empírica para a operacionalização destes modelos de estágios, os estudos relacionados aos estágios de desenvolvimento dos talentos esportivos visam identificar, principalmente, os fatores de treinamento e as influências sociais no processo de formação esportiva, nas fases de iniciação, especialização e aperfeiçoamento esportivo.

As pesquisas empíricas que investigaram o estágio de iniciação esportiva constataram que, nessa fase, crianças e adolescentes buscam se envolver em uma diversidade de modalidades e provas (STAMBULOVA, 1994; CÔTÉ, 1999; PERES; LOVISOLO, 2006; GULBIN et al., 2010; HAYMAN et al., 2011; VIANA; ANDRADE; BRANDT, 2011; FERREIRA et al., 2012; LEITE; SAMPAIO, 2012). No que se refere aos fatores de treinamento, observou-se que as atividades vivenciadas com familiares e, algumas vezes, nas escolinhas de esportes, estão voltadas para o desenvolvimento da coordenação e das habilidades motoras básicas, por meio de experiências agradáveis e divertidas (NUNOMURA; CARRARA; TSUKAMOTO, 2010; HAYMAN et al., 2011; VIANA;

ANDRADE; BRANDT, 2011). Além disso, elas têm ofertado maior envolvimento em situações de jogo deliberado (STAMBULOVA, 1994; CÔTÉ, 1999; PERES; LOVISOLO, 2006; GULBIN et al., 2010; NUNOMURA; CARRARA; TSUKAMOTO, 2010; SILVA; FLEITH, 2010; HAYMAN et al., 2011; VIANA; ANDRADE; BRANDT, 2011; FERREIRA et al., 2012; LEITE; SAMPAIO, 2012), em comparação às de prática deliberada (HODGES; STARKES, 1996; NUNOMURA; CARRARA; TSUKAMOTO, 2010; HAYMAN et al., 2011; VIANA; ANDRADE; BRANDT, 2011; LEITE; SAMPAIO, 2012).

Os pais têm se destacado como a influência social de maior repercussão nesse período de formação de jovens atletas, uma vez que se apresentam como os grandes responsáveis por inserirem as crianças no esporte. No entanto, alguns pais incentivam a participação em várias modalidades e outros incentivam, desde cedo, a especialização em determinado esporte, em sua maioria, modalidades já praticadas por membros da família (PERES; LOVISOLO, 2006).

Nessa etapa, os familiares costumam fornecer apoio emocional (incentivo e motivação), apoio informativo (conversas sobre a prática esportiva) e apoio concreto (financeiro) para que os atletas se dediquem à prática esportiva (CÔTÉ, 1999; MORAES RABELO; SALMELA, 2004; FERREIRA et al., 2012). Moraes, Rabelo e Salmela (2004) visualizaram, contudo, que nem todos os familiares possuem semelhante postura, indicando que alguns pais não motivam nem orientam o envolvimento dos filhos com o esporte.

A análise do estágio de especialização esportiva revelou tanto a busca pela manutenção da prática variada de modalidades esportivas (HAYMAN et al., 2011; LEITE; SAMPAIO, 2012) quanto a preferência pelo compromisso em apenas um ou, no máximo, dois esportes (CÔTÉ, 1999; LEITE; SAMPAIO, 2012). A análise dos fatores de treinamento evidenciou que as atividades propostas, nesta etapa de preparação esportiva, voltam-se, principalmente, para o desenvolvimento das habilidades específicas da modalidade selecionada, aumentando gradativamente a quantidade de prática deliberada (carga horária de treino diária e semanal, direcionamento para competições, rotina intensa e forte de treinamentos) e diminuindo, conseqüentemente, os momentos de jogo deliberado (ludicidade, emoção e diversão) (PERES; LOVISOLO, 2006; NUNOMURA; CARRARA; TSUKAMOTO, 2010; HAYMAN et al., 2011; SCHIAVON et al., 2011).

As evidências encontradas nestes estudos mostraram que os pais permanecem sendo vistos como os principais agentes de influência social no processo de formação dos filhos, tornando-se mais interessados e

envolvidos com sua prática esportiva (CÔTÉ, 1999; MORAES; RABELO; SALMELA, 2004; FERREIRA et al., 2012). O apoio social deixa de ter tanto caráter informativo e emocional para ser mais concreto (financeiro), a fim de facilitar a participação esportiva dos filhos e permitir-lhes que se dediquem cada vez mais ao esporte, assim diminuindo as cobranças em outras áreas (CÔTÉ, 1999; FERREIRA et al., 2012).

O estágio de investimento esportivo é identificado como um período de profissionalização e de dedicação exclusiva a uma modalidade, quando os atletas passam a ter maior comprometimento e dedicação; a participarem de competições de maior expressão; e a serem convocados para seleções nacionais (CÔTÉ, 1999; PERES; LOVISOLO, 2006; SILVA; FLEITH, 2010). Os fatores de treinamento demonstram que as atividades desenvolvidas, nesse momento de formação, visam à excelência esportiva, alcançada exclusivamente por meio de experiências de prática deliberada, com carga de treinamento cada vez mais intensa e especializada, além de enorme quantidade de horas de treinamento acumuladas - diária, semanal, anual (CÔTÉ, 1999; PERES; LOVISOLO, 2006; LEITE; SAMPAIO, 2012).

Nesse estágio, os atletas possuem a família, principalmente os irmãos, como influência positiva e grande incentivadora para o investimento no esporte (CÔTÉ, 1999). Os pais intensificam o apoio informativo, por meio de conselhos e conversas sobre o futuro do filho no esporte (CÔTÉ, 1999; MORAES; RABELO; SALMELA, 2004), fornecem apoio emocional em forma de motivação para o investimento no esporte (MORAES; RABELO; SALMELA, 2004) e apoio concreto através do auxílio financeiro (FERREIRA et al., 2012).

As investigações empíricas, selecionadas na revisão sistemática e realizadas sobre as transições esportivas, revelaram que os atletas vivenciam diferentes transições durante o desenvolvimento de sua carreira, destacando-se principalmente as normativas (STAMBULOVA, 1994; WUERTH; LEE; ALFERMANN, 2004; LORENZO et al., 2009; PUMMELL; HARWOOD; LAVALLE, 2008; SAMUEL; TENENBAUM, 2011; STAMBULOVA; FRANCK; WEIBULL, 2012; DEBOIS et al., 2012) em comparação às não normativas (STAMBULOVA, 1994; SAMUEL; TENENBAUM, 2011; DEBOIS et al., 2012).

A primeira transição esportiva normativa encontrada nas investigações analisadas é a transição para o início da especialização esportiva, a qual ocorre quando os atletas saem das escolinhas e da prática variada de esportes para se especializarem em uma única modalidade.

Para os atletas pesquisados, as principais características dessa transição são a falha na correspondência entre as expectativas que tinham sobre o esporte e a especificidade da modalidade escolhida e entre a prática da modalidade e o processo de treinamento (interesse em jogar *versus* treino exaustivo dos fundamentos técnicos). Para superarem essa transição, os atletas percebem a necessidade de adquirirem bom nível de condicionamento físico e dominarem os fundamentos técnicos, específicos da modalidade, apresentando-se bem nas competições disputadas. A consequência para quem consegue lidar positivamente com essa transição é a intensificação da formação na modalidade escolhida, enquanto a consequência para quem lidar negativamente com ela é a orientação para outra modalidade ou para outras atividades (STAMBULOVA, 1994; WUERTH; LEE; ALFERMANN, 2004).

As necessidades e as consequências identificadas, na literatura empírica sobre a transição do início para a especialização esportiva, se assemelham ao que Wylleman, Lavallee e Alfermann (1999) descrevem, em seu modelo de transições, como característico dessa primeira transição esportiva. Para tais autores, os efeitos dessa transição são geralmente neutralizados pelo interesse e pelo entusiasmo dos atletas, bem como pelo apoio prestado por pais, treinadores e companheiros de equipe. No entanto, aqueles que não têm habilidades de enfrentamento ou apoio de pessoas significativas acabam por desistir do esporte.

A segunda transição da carreira esportiva, encontrada nas obras revisadas, é a transição para o treinamento especializado intensivo, a qual apresenta como característica primordial a vivência de metas esportivas mais elevadas e a concorrência mais intensa entre os próprios atletas para sobreviverem na modalidade praticada. As necessidades sentidas pelos atletas correspondem à adaptação às novas cargas de treinamento físico e psicológico e ao aprimoramento dos fundamentos técnico-táticos da modalidade. As consequências advindas são os primeiros grandes resultados em competições, para quem consegue lidar com sucesso com essas exigências, ou o abandono do esporte de forma geral, para os atletas que não conseguem lidar com essas situações (STAMBULOVA, 1994; WUERTH; LEE; ALFERMANN, 2004).

Wylleman, Lavallee e Alfermann (1999) corroboram que, para superar a transição para o treinamento especializado intenso, os atletas necessitam de esforço pessoal e treinamento intensivo. Novamente a rede de apoio social, principalmente como auxiliar no enfrentamento de barreiras e crises, oferece ótimas possibilidades para que os atletas progridam para níveis mais elevados de competição.

As características encontradas para a terceira transição normativa, denominada transição nos níveis competitivos, envolvem tanto o lado positivo (maior dedicação, esforço) quanto o lado negativo (estresse por causa da carreira e preocupações com questões financeiras) da evolução nos níveis da carreira esportiva. As necessidades percebidas para esses momentos envolvem dedicação de tempo, sacrifícios e determinação, o que gera consequências positivas como capacidade de abordar a concorrência de forma mais profissional, aumento da capacidade técnica e da autoconfiança, além de diminuição do nervosismo e da ansiedade. Para os atletas que reagem com sucesso a essas transições, o esporte se torna o elemento mais significativo de suas vidas (STAMBULOVA, 1994; WUERTH; LEE; ALFERMANN, 2004; STAMBULOVA; FRANCK; WEIBULL, 2012).

A transição para o mais alto nível do esporte competitivo, de acordo com Wylleman, Lavallee e Alferman (1999), é a mais difícil, uma vez que está ligada não apenas à maturidade esportiva de um atleta, mas também à sua maturidade psicológica.

A última transição encontrada nos estudos analisados é uma das mais importantes para a confirmação do atleta como talento esportivo (STAMBULOVA, 1994; WUERTH; LEE; ALFERMANN, 2004; LORENZO et al., 2009; STAMBULOVA; FRANCK; WEIBULL, 2012). As características da transição para a categoria adulta envolvem o alcance da autorrealização atlética, o início do ápice da carreira e a satisfação com a vida esportiva, o que exige um estilo de vida subordinado ao esporte (STAMBULOVA, 1994; STAMBULOVA; FRANCK; WEIBULL, 2012). Para alcançar esses marcos, os atletas passam a ter maiores exigências de treinamento e maior número de situações estressantes (LORENZO et al., 2009; STAMBULOVA; FRANCK; WEIBULL, 2012).

Essa transição impõe assistência técnica e mental, na maioria das vezes realizada por especialistas, concentração elevada e responsabilidade. Para prosseguir na profissão, os atletas precisam aprender a criar um estilo pessoal para melhorar seus resultados esportivos, demonstrar alto nível de competência, esforço físico e mental, aprendendo a superar crises interpessoais e a conciliar as metas esportivas com outros objetivos de vida (PUMMEEL; HARWOOD; LAVALLEE, 2008; LORENZO et al., 2009; SAMUEL; TENENBAUM, 2011; DEBOIS e al. 2012).

Nesta perspectiva, revela-se que a motivação para superar as diferentes transições normativas está vinculada tanto a fatores intrínsecos, como o desejo pessoal - gostar de praticar esportes, interesse em crescer

na carreira esportiva, ser uma opção pessoal - quanto a extrínsecos, vinculados a razões sociais - estar com membros da família no esporte, estar com os amigos, seguir os passos de membros da família (PUMMELL; HARWOOD; LAVALLEE, 2008).

Nessas diferentes transições, além do apoio social advindo da família, torna-se fundamental o apoio oferecido por treinadores e colegas. Esses últimos aparecem como fornecedores tanto de apoio emocional (incentivos e motivação) quanto informativo (conselhos). A família oferece também o apoio concreto (financeiro) necessário para que os atletas se dediquem ao máximo à sua carreira e superem as dificuldades e as limitações enfrentadas (WUERTH; LEE; ALFERMANN, 2004; PUMMELL; HARWOOD; LAVALLEE, 2008; LORENZO et al., 2009; STAMBULOVA; FRANCK; WEIBULL, 2012).

No que se refere às transições esportivas não normativas, os investigadores levantaram informações sobre situações que acabaram gerando crises na carreira dos atletas, como os conflitos com companheiros e treinadores, a mudança de contrato ou situação financeira, a mudança de equipe ou clube, a não seleção para algumas competições, os períodos de estresse, a saturação do esporte e, principalmente, as lesões. Estas últimas foram visualizadas como transições que, muitas vezes, acabaram gerando a retirada prematura do esporte (STAMBULOVA, 1994; SAMUEL; TENENBAUM, 2011; DEBOIS e al. 2012).

As transições não normativas são percebidas por Pearson e Petitpas (1990) como barreiras na carreira esportiva, uma vez que elas envolvem a imprevisibilidade, levando muitos atletas a terem dificuldade de lidar com tais situações, principalmente com as lesões, pois, apesar de uma lesão física ser um fato na maioria dos esportes, sua ocorrência não pode ser precisamente prevista. A incerteza gerada é agravada pelo fato de a lesão poder durar por curto prazo, por longo prazo ou até se tornar permanente.

As informações obtidas nos estudos relacionados às transições normativas e não normativas da carreira esportiva corroboram a indicação de Stambulova et al. (2009), os quais descrevem que uma transição bem sucedida ocorre quando um atleta é capaz de desenvolver e utilizar, eficazmente, os recursos e as estratégias de enfrentamento necessários para superar as barreiras encontradas. No entanto, as crises ocorrem quando o atleta não é capaz de lidar com as exigências de uma transição e acaba necessitando de maior auxílio de sua rede de apoio social ou até mesmo de intervenção psicológica.

Apesar do destaque fornecido para as transições esportivas, as novas abordagens presentes na literatura examinam a carreira esportiva

como uma interação recíproca entre o desenvolvimento tanto do domínio atlético quanto do domínio em outras áreas (HENRIKSEN, 2010). Nesta perspectiva, Wylleman, Alfermann e Lavallee (2004) apresentam um modelo de transições que foca não apenas os diferentes domínios da vida esportiva dos atletas, mas também as transições não esportivas, que podem afetar o desenvolvimento de uma carreira esportiva. O modelo demonstra que, juntamente com as mudanças ocorridas entre os estágios de desenvolvimento e os níveis competitivos, os atletas precisam lidar com transições nos níveis acadêmico-profissional (entrada no Ensino Superior, escolha profissional), psicológico (início da adolescência e da vida adulta) e psicossocial (relacionamentos íntimos, vida social).

As transições não esportivas mais relatadas nos estudos sobre o desenvolvimento de talentos esportivos foram as transições acadêmicas e profissionais, as quais exigem que os atletas aprendam a conciliar a prática esportiva com o estudo e/ou com o trabalho, bem como com as mudanças de escola ou universidade em função da prática esportiva (STAMBULOVA, 1994; PUMMELL; HARWOOD; LAVALLEE, 2008; LORENZO et al., 2009; DEBOIS et al., 2012). As transições psicossociais evidenciaram a dificuldade de conciliar esporte e momentos de lazer, relacionamentos temporários ou estáveis, bem como contatos sociais com amigos ou familiares (PUMMELL; HARWOOD; LAVALLEE, 2008; LORENZO et al., 2009; DEBOIS et al., 2012; STAMBULOVA; FRANCK; WEIBULL, 2012), não sendo enfatizadas as transições psicológicas.

Portanto, a apreciação geral das transições vivenciadas pelos atletas evidencia que, enquanto eles passam por transformações no domínio esportivo, experienciam também situações em outras esferas da vida (psicossocial, acadêmico-profissional), as quais acabam por afetar o desenvolvimento de sua carreira esportiva. Em ambos os casos, os atletas necessitam contar com recursos e estratégias pessoais e interpessoais para superarem as barreiras encontradas.

CAPÍTULO 3

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Esta investigação se caracteriza como um estudo de caso do tipo descritivo, com abordagem qualitativa das informações. O estudo de caso, segundo Gil (2002), é uma modalidade de pesquisa que consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, permitindo seu amplo e detalhado conhecimento. Esse tipo de estudo é compreendido como uma “[...] categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa aprofundadamente” (TRIVIÑOS, 1987, p. 133). O uso do método qualitativo tem como intuito a investigação “[...] das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem [...] sentem e pensam” (MINAYO, 2008, p. 56-57).

A presente pesquisa se caracteriza ainda como um estudo de campo teórico, sendo conduzido por meio do Modelo Processo-Pessoa-Contexto-Tempo (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, 2006). Analisar o processo de formação esportiva, pautada na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, implicou identificar o processo (estágios de desenvolvimento de talentos do basquetebol feminino) de interação da pessoa (atleta) com outras pessoas (outras atletas, treinadores, dirigentes, ...), objetos e símbolos (treinamento e competição esportiva), em um contexto imediato (clube esportivo), no decorrer do tempo histórico do Clube e vital das atletas de basquetebol.

O delineamento da presente investigação foi elaborado considerando algumas propriedades dos quatro componentes principais do Modelo Processo-Pessoa-Contexto-Tempo e suas relações dinâmicas e interativas:

- Processo: formação esportiva de atletas de um Clube de Basquete do estado de Santa Catarina;
- Pessoa: atletas do sexo feminino, com idade entre 11 e 18 anos, pertencentes às categorias mirim (sub13), infantil (sub14), infanto-juvenil (sub16) e juvenil (sub18), participantes dos campeonatos estaduais, promovidos pela Federação Catarinense de Basketball (FCB);
- Contexto: Clube de Basquete com tradição na formação de atletas do sexo feminino no estado de Santa Catarina (microsistema),

família-clube, escola-clube (mesossistemas), prefeitura municipal, patrocinadores, federações (exossistemas), cultura esportiva, políticas públicas para promoção do esporte (macrossistema);

- Tempo: tempo histórico e vital, transições normativas e não normativas.

Na Figura 1, apresenta-se um esquema que tem, como elemento central, o processo de formação esportiva, nas categorias de formação do basquetebol, no qual as atletas interagem com treinadores, companheiras de equipe, dirigentes, bem como as atividades e os papéis presentes no contexto de seu desenvolvimento.

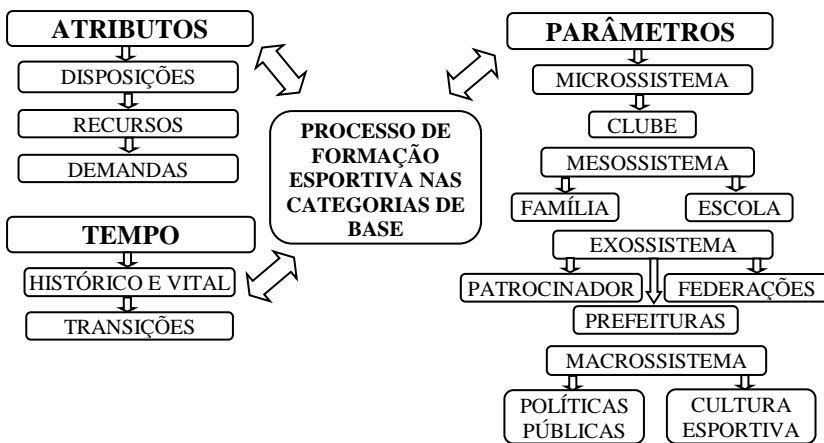


Figura 1 - Processo de formação esportiva nas categorias de base do basquetebol orientado pela Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano.

CONTEXTO INVESTIGADO

O contexto esportivo estudado foi constituído por um clube de formação esportiva em basquetebol do estado de Santa Catarina, aqui denominado ‘Clube de Basquete’. A equipe foi escolhida criteriosamente, levando-se em consideração sua forte tradição no basquetebol feminino catarinense (Apêndice A), com conquistas em âmbito estadual, nacional e internacional, nas categorias de base, contribuição histórica na formação de atletas integrantes de seleções estaduais e pré-convocadas para a seleção nacional de categorias de base. O Clube possui também treinadores convocados para dirigir seleções estaduais e diretoria ativa que assume as decisões burocráticas e administrativas do mesmo. Nesta

perspectiva, enfatiza-se que apesar de o Clube possuir equipes masculinas e femininas, a investigação foi desenvolvida apenas no âmbito do basquetebol feminino.

As conquistas, no ano de 2010, também auxiliaram na seleção deste Clube, tendo em vista que suas equipes de base femininas chegaram às rodadas finais dos campeonatos estaduais promovidos pela FCB por elas disputados, sendo campeãs nas categorias infantil e infanto-juvenil e ficando em 3º lugar na categoria mirim. Equipes do Clube também conquistaram a Olimpíada Estudantil de Santa Catarina (OLESC) e os Jogos Escolares (JESC) 15 a 17 anos (em nível estadual), promovidos pela Fundação Catarinense de Esportes (FESPORTE). Nacionalmente, o Clube sagrou-se campeão da Seletiva Nacional Escolar e obteve o 3º lugar nas Olimpíadas Escolares. Internacionalmente, sagrou-se campeão dos Jogos Escolares Pan-Americanos, sendo a equipe catarinense com mais conquistas naquele ano.

Na temporada acompanhada pelo estudo (2011), foi o único Clube a ter suas equipes classificadas para as finais, nas quatro categorias de base promovidas pela FCB. Sagrou-se campeão nos estaduais infanto-juvenil e juvenil e alcançou o 3º e o 4º lugar nos estaduais infantil e mirim, respectivamente. Tornou-se também campeão dos Juguinhos Abertos de Santa Catarina, ficou em 3ª lugar na OLESC, e em 2º lugar nos JESC 15 a 17 anos (FESPORTE).

PARTICIPANTES DO ESTUDO

Os participantes do estudo foram as atletas e os treinadores pertencentes às categorias de base do Clube de Basquete do estado de Santa Catarina selecionado para a pesquisa. Participaram do estudo as 31 atletas do sexo feminino, com idade entre 11 e 18 anos, que participaram das competições estaduais das categorias de base, promovidas pela FCB, e os dois treinadores que dirigiram as equipes nestas competições.

Para facilitar a apresentação do conteúdo das narrativas e manter o anonimato das jogadoras, sua identificação foi organizada da seguinte maneira:

- Atleta juvenil (17 e 18 anos): A, B, C, D, E, F, G, H (oito atletas);
- Atleta infanto-juvenil (15 e 16 anos): A, B, C, D, E, F, G, H, I (nove atletas);
- Atleta infantil (14 anos): A, B (duas atletas);
- Atleta mirim (11 a 13 anos): A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L (12 atletas).

O treinador das equipes sub16 (mirim, infantil e infanto-juvenil) tinha 50 anos de idade e 21 anos de experiência no basquetebol. Ele se formou, no ano de 1986, na Universidade Federal de Santa Catarina e cursou especialização em Esporte Escolar, na Universidade Federal de Santa Maria (Treinador A).

A treinadora da equipe sub18 (juvenil) tinha 32 anos de idade e nove anos de experiência no basquetebol. Ela se formou, em 2001, na Universidade Federal de Santa Maria e cursou especialização em Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, com ênfase em Educação Física pelo Portal Faculdades (Treinadora B).

Na compreensão de Triviños (1987), para uma apresentação mais fiel das informações obtidas nas investigações, é importante a realização de entrevistas com pessoas vinculadas aos sujeitos principais do estudo e o uso de informações adicionais como a análise de documentos. Neste sentido, visando proporcionar maior confiabilidade às informações e dar maior aprofundamento ao estudo do problema abordado, foram realizadas entrevistas complementares com dirigentes esportivos, com o treinador da equipe adulta e das escolinhas de iniciação esportiva, bem como atletas da categoria adulta e com ex-atletas do Clube. Tais colaboradores disponibilizaram informações sobre o histórico, as finalidades, a estrutura e a organização do Clube que contribuem para o processo de identificação e desenvolvimento de atletas na instituição.

INSTRUMENTOS DE COLETA DAS INFORMAÇÕES

Ao considerar a complexidade do fenômeno investigado e na tentativa de se estabelecerem ligações mais consistentes entre as descobertas obtidas (NEVES, 1996), optou-se pelo processo de triangulação das informações obtidas por meio de diferentes fontes: entrevistas com treinadores e dirigentes, entrevistas com atletas e ex-atletas, levantamento de fontes documentais (Figura 2).

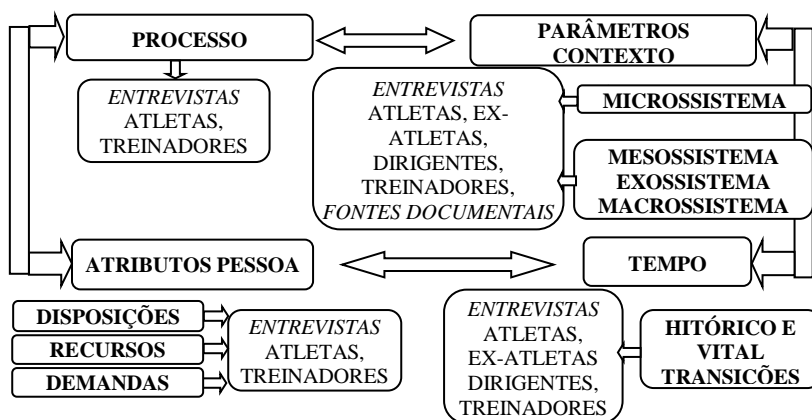


Figura 2 - Instrumentos de coleta de dados orientados pela Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano.

Fonte documental

A fonte documental constitui um procedimento valioso de abordagem de dados, tanto para complementar as informações já obtidas por outras técnicas quanto para revelar novos aspectos de uma temática ou de um problema (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Na presente investigação, os documentos utilizados foram disponibilizados pela Secretaria do Clube de Basquete participante do estudo, pelos treinadores e pela FCB. Os documentos analisados são, a seguir, apresentados

- Estatuto do Clube;
- Atas de assembleias;
- Site oficial do clube (www.cbcchapeco.com.br);
- Correspondências expedidas e recebidas;
- Projetos para solicitação de patrocínio;
- Notas oficiais de transferência e cartas liberatórias de atletas;
- Relatório das atividades da diretoria;
- Relatórios e planejamentos anuais dos treinadores;
- Relatórios anuais da FCB;
- Notas oficiais da FCB;
- Site oficial da FCB (www.basket-fcb.com.br);
- Reportagens de jornal.

Tais documentos possibilitaram o levantamento de informações históricas (processo de fundação, títulos conquistados, transferência e

retorno de atletas, treinadores convocados para seleções estaduais, atletas convocadas para seleções estaduais e pré-convocadas para seleções nacionais, atletas premiadas como destaque e ‘cestinhas’ em competições) e sobre a estrutura administrativa e esportiva da instituição (diretoria, conselho fiscal, associados, ações, diretrizes, patrocínios, escolinhas, equipes de base e adulta).

Entrevistas semiestruturadas

Inicialmente, foram realizadas entrevistas semiestruturadas para esclarecimento e ampliação das informações obtidas nas fontes documentais com relação ao contexto histórico, à estrutura e à organização do Clube participante do estudo. Na análise dos documentos, observou-se que o Clube teve historicamente três gerações de atletas que conquistaram títulos estaduais:

- 1ª geração: 1994 a 1996;
- 2ª geração: 1999 a 2003;
- 3ª geração: 2006 a 2011.

A fim de levantar informações sobre as ações e as diretrizes da diretoria e dos treinadores para o recrutamento, a manutenção e o avanço das atletas no Clube, nas diferentes gerações de campeãs estaduais, selecionaram-se atletas e ex-atletas para serem entrevistadas. Os critérios de inclusão foram:

- Atletas que saíram do Clube para atuar em outras equipes e permaneciam atuando profissionalmente em equipe adulta: atleta transferência - 2ª ou 3ª geração;
- Atletas que saíram para atuar em outras equipes e acabaram retornando ao Clube: atletas retorno - 1ª, 2ª ou 3ª geração;
- Atletas que abandonaram a modalidade nas categorias de base: atleta abandono - 1ª, 2ª ou 3ª geração;
- Atletas que permaneceram no Clube, desde as categorias de base até a equipe adulta: atleta permanência - 1ª, 2ª ou 3ª geração.

Contribuíram, neste momento do estudo, 11 atletas e ex-atletas do Clube de Basquete. A opção por apenas uma atleta em cada critério de inclusão se deve ao fato de, nas primeiras gerações, ter sido encontrada, em alguns critérios, apenas uma atleta ou nenhuma (como no caso de atleta transferida que permanece em atividade em outro clube) com as características desejadas para colaborar com o estudo. Optou-se, portanto, por ter o mesmo número de atletas em cada critério. Quando encontrada mais de uma atleta com as características de inclusão, solicitou-se aos treinadores que indicassem uma jogadora, que segundo eles, tivesse tido

grande destaque em sua geração. A entrevista com estas colaboradoras abordou os seguintes temas geradores (Apêndice B): transferência para outros clubes ou abandono da modalidade; permanência ou retorno ao Clube; incentivo de familiares, dirigentes e treinadores para a permanência, transferência ou abandono da modalidade; contato/convite de outros clubes; experiência esportiva.

Para ampliar as informações obtidas na análise documental e nas entrevistas com as atletas e ex-atletas, foram também selecionados os seguintes membros da diretoria e treinadores do Clube:

- Presidente atual: indicado pela diretoria e pelos treinadores por poder fornecer informações atualizadas das ações, diretrizes e finalidades (administrativas e formativas estabelecidas);
- Ex-diretor de esportes: indicado pela diretoria e pelos treinadores por sua contribuição para o início do basquete na cidade (1º professor da modalidade no município) e para o processo de fundação do Clube;
- Treinador da equipe adulta e das escolinhas de iniciação esportiva (Treinador C): treinador mais antigo das equipes femininas na cidade;
- Treinadores das equipes de base do Clube (Treinador A e Treinadora B): treinadores que atuam diretamente com o processo de formação das atletas participantes da investigação.

As entrevistas com os membros da diretoria e os treinadores abordaram as seguintes temáticas (Apêndice C): fundação do Clube; estrutura do Clube; diretoria e conselho fiscal; escolinhas e equipes competitivas; objetivos do Clube; patrocínio e apoio; ações desenvolvidas para formar/manter/contratar atletas; transferência de atletas para outros clubes; abandono da modalidade.

Posteriormente, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com todas as atletas das categorias de base, para analisar sua percepção sobre o processo de formação esportiva no basquetebol feminino (Apêndice D). Tais entrevistas tiveram os seguintes temas geradores:

- Caracterização das atletas: idade, posição e categorias em que atua, nível das competições disputadas, convocação para seleções estaduais e nacionais, bolsa de estudo, salário e/ou ajuda financeira;
- Processo de formação esportiva: iniciação, especialização e investimento esportivo;
- Atributos da pessoa: disposições, recursos e demandas para a prática esportiva;
- Elementos do contexto: atividades molares, papéis sociais, relações interpessoais;

- Mesossistemas: contexto familiar e esportivo, contexto escolar e esportivo, contato social.

Foram também realizadas entrevistas com os dois treinadores das categorias de base, para obtenção das seguintes informações (Apêndice E): categorização (idade, nível de formação, tempo de atuação no basquetebol e no Clube, locais de intervenção profissional, categorias em que atua); atributos pessoais (escolha profissional, entrada na carreira de treinador de basquete, motivação na carreira de treinador, momentos marcantes na carreira de treinador); processo de treinamento e desempenho na temporada esportiva investigada (treinamento semanal e ao longo da temporada esportiva, planejamento da temporada esportiva, desempenho das atletas e da equipe ao longo da temporada); processo de identificação e desenvolvimento de talentos esportivos (processo de detecção e seleção de talentos esportivos, processo de promoção de talentos esportivos); mesossistemas (clube e família, clube e escola).

PROCEDIMENTOS DE COLETA DAS INFORMAÇÕES

A coleta de dados da presente investigação foi realizada na temporada esportiva de 2011 do basquete feminino catarinense. Primeiro, foi realizado um contato preliminar com os dirigentes e os treinadores do Clube de Basquete para convidá-los a participarem do estudo, explicando-lhes os objetivos da investigação e os procedimentos de coleta de dados. Após a autorização para o envolvimento da instituição nesta pesquisa, o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina.

No processo de coleta, procedeu-se, inicialmente, o levantamento dos documentos necessários ao processo da análise documental junto à secretaria do clube, aos treinadores e à FCB. Posteriormente, para complementação das informações obtidas nos documentos oficiais, realizaram-se as entrevistas com dirigentes, treinadores (30 minutos a 1 hora e 30 minutos), atletas e ex-atletas (15 a 45 minutos), em local (casa dos colaboradores, escritório de trabalho, departamento de esportes, ginásio) e horário previamente agendados.

As entrevistas sobre o processo de formação esportiva foram realizadas com as atletas nos locais de treinamentos (ginásios, academia), antes ou após as atividades ou, quando necessário, por incompatibilidade de horário, na casa de algumas atletas (caso daquelas que residiam fora do município). As entrevistas com os treinadores foram realizadas no departamento de esportes do município ou no ginásio de treinamento, de acordo com o agendamento prévio realizado com cada um. As entrevistas

com as atletas foram realizadas em um único encontro, tendo cada uma a duração de 45 minutos a 1 hora e 30 minutos. A entrevista com os treinadores foi realizada em dois encontros (um no início e outro ao final da temporada), com duração aproximada de 1 hora cada.

Todas as entrevistas foram realizadas, individualmente com cada participante, pela pesquisadora principal do estudo, tendo sido gravadas e transcritas na íntegra, para facilitar o processo de análise dos dados. Como processo de validação de seu conteúdo, as transcrições foram encaminhadas aos entrevistados para que eles alterassem, retirassem, acrescentassem ou confirmassem as informações contidas nos depoimentos.

CUIDADOS ÉTICOS

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina, sob o parecer 1170/2010 (Anexo A). A participação dos sujeitos na investigação foi viabilizada através da assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido por treinadores, dirigentes, atletas e ex-atletas maiores de 18 anos, pais ou responsáveis pelas atletas menores de idade (Anexos B, C, D, E), conforme indicação da Resolução nº. 196 de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde. A identidade dos participantes foi mantida em sigilo, evitando-se assim qualquer tipo de constrangimento.

ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

A análise das informações obtidas nas fontes documentais e nas entrevistas foi realizada por meio da técnica de análise de conteúdo do tipo categorial no software QSR NVivo, versão 9.2. A análise de conteúdo, segundo Bardin (2011), é organizada em torno de três polos cronológicos:

- Pré-análise: fase de organização que possui o intuito de tornar operacional e sistematizar as ideias iniciais (escolha dos documentos a serem submetidos à análise, formulação das hipóteses e dos objetivos, elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final);
- Exploração do material: aplicação das decisões tomadas (manualmente ou por computadores), consistindo essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração, de acordo com as regras formuladas previamente;

- Tratamento dos resultados obtidos e interpretação: tratamento dos resultados para que se tornem significativos e válidos, sendo submetidos a provas estatísticas e testes de validação.

O processo de categorização se destaca como uma operação de classificação dos elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente agendados, ou seja, funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias e segundo reagrupamentos analógicos (BARDIN, 2011). As categorias de análise do presente estudo foram formuladas *a priori* a partir de referenciais teóricos (literatura) e *a posteriori* a partir dos dados empíricos (dados que emergiram das entrevistas e das fontes documentais), permitindo assim a construção dos quadros de análise da investigação.

As principais categorias e subcategorias elencadas para o estudo podem ser visualizadas no Quadro 9.

PERCURSO HISTÓRICO	
Início do basquete na cidade	Data, atividades desenvolvidas, treinadores, apoio.
Fundação da escolinha	Data, principais incentivadores, fatores motivacionais, patrocínios/convênios.
Fundação do Clube	Data, principais incentivadores, fatores motivacionais, dificuldades encontradas, filiação, benefícios obtidos pela sociedade.
ESTRUTURA ORGANIZATIVA	
Assembleia geral	Extraordinária e ordinária.
Diretoria	Eleições, prazo de mandato, membros, competência.
Conselho fiscal	Eleições, prazo de mandato, membros, competência.
Associados	Membros, deveres, direitos.
ESTRUTURA ESPORTIVA	
Escolinha	Faixa etária, Projeto Atleta do Futuro.
Equipes de base e adulta	Categorias, nível, representatividade.
FINALIDADES	
Administrativas	Representação do município, incentivo à prática do basquete, filiação em entidades esportivas, participação e promoção de eventos, obtenção de subsídios, profissionalização da gestão, formação de equipes de alto rendimento.
Formativas	Educativos ou formativos, esportivos ou de rendimento, recreativos ou lúdicos.
DIRETRIZES ESTABELECIDAS	
Recrutamento de atletas	Convite, divulgação, contratação, retorno.
Retenção de atletas	Motivos de permanência, abandono e transferência, propostas e ações desenvolvidas.

FATORES DE SUCESSO DO AMBIENTE	
Pré-condições	Financeiras, materiais, humanas.
Processo	Reuniões, eventos sociais, treinamento, competições.
Resultados	Desenvolvimento e conquistas individuais, conquistas coletivas, cultura organizacional.
ATIVIDADES MOLARES E MOLECULARES	
Períodos de treinamento	Básico, específico, competitivo.
Preparação técnico-tática	Conversas, aquecimento, fundamentação técnica, fundamentação técnico-tática, fundamentação tática, competição.
Preparação física	Aeróbia e anaeróbia.
Atividades enfatizadas	Fundamentação técnica, fundamentação técnico-tática, fundamentação tática, preparação física.
Atividades preferidas	Fundamentação técnica, fundamentação técnico-tática, fundamentação tática, preparação física, competição.
Atividades mais importantes	Fundamentação técnica, fundamentação técnico-tática, fundamentação tática, preparação física.
RELAÇÕES INTERPESSOAIS	
Acompanhamento dos jogos	Processo de aprendizagem e experiência, demandas de atividades escolares, residência em outra cidade, incentivo, colaboração, dicas de atuação.
Admiração por colegas	Bom desempenho técnico, conquistas individuais, esforço, dedicação.
Nível de relacionamento	Bom, ruim, pouca afinidade.
Apoio emocional	Colaboração, incentivo, elogio, motivação, assuntos pessoais.
Apoio informativo	Dicas de atuação, explicações.
Convívio social	Colegas de equipe, outras esferas da vida social.
Tempo livre	Passeios, festas, jantares, confraternizações.
PAPÉIS SOCIAIS	
Atletas	Em formação, de rendimento, profissional.
Treinadores	Técnicos exigentes, professores, pais.
FATORES DE IDENTIFICAÇÃO DE TALENTOS ESPORTIVOS	
Antropométricos e físicos	Estatura. Coordenação, velocidade, potência aeróbia.
Psicológicos e psicossociais	Determinação, dedicação, vontade, (des)motivação, esforço. Relações interpessoais.
Táticos e técnicos	Disciplina tática. Fundamentos, tempo de bola.
MOTIVAÇÃO PARA A PRÁTICA ESPORTIVA	
Aderência	Pessoais, influências sociais.
Permanência	Pessoais, influências sociais, aprendizagens, oportunidades.
Interrupção temporária	Esportivos, outras esferas da vida.
Desejo de abandono	Esportivos, outras esferas da vida, influências sociais.
Abandono definitivo	Esportivos, outras esferas da vida, pessoal.

MOMENTOS MARCANES DA CARREIRA ESPORTIVA	
Melhores	Experiências, competições, conquistas.
Piores	Experiências, competições.

Quadro 9 - Categorias e subcategorias de análise das entrevistas e fontes documentais.

A definição dos estágios de desenvolvimento das atletas de basquetebol feminino ocorreu por meio de uma adaptação dos modelos de desenvolvimento de talentos esportivos, existentes na literatura (BLOOM, 1985; SALMELA, 1994; CÔTÉ, 1999; DURAND-BLUSH; SALMELA, 2002) e da observação da similaridade de informações apresentadas, nas narrativas das atletas, em relação a seus estágios atuais e nas falas referentes às experiências vivenciadas em estágios anteriores por parte daquelas que se encontravam em fases mais avançadas de suas carreiras esportivas. A passagem de um estágio para outro foi determinada pelas diferenças verificadas no conteúdo dos seus depoimentos.

Os critérios observados (Quadro 10) para a determinação dos estágios de desenvolvimento das atletas de basquetebol foram pautados nos elementos do Modelo Processo-Pessoa-Contexto-Tempo - Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano - proposto por Bronfenbrenner e Morris (1998, 2006).

CATEGORIA	BRONFENBRENNER (1996); BRONFENBRENNER; MORRIS (1998, 2006)
Processos proximais	Formas de interação recíproca, progressivamente mais complexas, entre as características das atletas e os níveis ecológicos do ambiente esportivo em determinado período de tempo.
Competência	Aquisição e desenvolvimento de conhecimentos e competências intelectuais, físicas, socioemocionais ou uma combinação destas.
Disfunção	Manifestação recorrente de dificuldades por parte da pessoa em desenvolvimento, em manter o controle e a integração do comportamento.
Disposições geradoras	Colocam e sustentam os processos proximais em desenvolvimento.
Disposições disruptivas	Colocam obstáculos ou impedem o desenvolvimento dos processos proximais.
Recursos ativos	Experiências, habilidades e conhecimentos necessários ao efetivo funcionamento dos processos proximais.
Recursos passivos	Condições que limitam ou perturbam a integridade funcional do organismo.
Demandas positivas	Convidam reações do ambiente social.
Demandas negativas	Desencorajam reações do ambiente social.
Atividades molares	Possuem persistência ao longo do tempo e importância para as pessoas presentes no ambiente.

Díade observacional	Ocorre quando um membro está prestando atenção à atividade do outro, que, por sua vez, reconhece tal interesse.
Díade de atividade conjunta	Acontece quando dois participantes se percebem fazendo alguma coisa juntos (reciprocidade, afetividade, equilíbrio de poder).
Díade primária	Existe para ambos os participantes, mesmo quando eles não estão juntos.
Papéis sociais	Série de atividades e relações esperadas de uma pessoa que ocupa determinada posição na sociedade.
Transições normativas	Relativamente previsíveis.
Transições não normativas	Menos previsíveis.

Quadro 10 - Critérios elencados para a determinação dos estágios da carreira esportiva.

CAPÍTULO 4

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados a seguir apresentados buscam conduzir à melhor compreensão do processo de formação esportiva, no contexto esportivo investigado. Inicialmente, optou-se por um olhar mais abrangente sobre o Clube de Basquete participante do estudo, contemplando-se informações sobre sua constituição histórica, sua estrutura, suas finalidades e diretrizes estabelecidas para a identificação e o desenvolvimento de talentos do basquetebol feminino, bem como sobre os fatores de sucesso do Clube de Basquete investigado. As evidências apresentadas resultam das contribuições dos treinadores, dirigentes, atletas e ex-atletas que forneceram informações complementares à análise documental.

Posteriormente, procurou-se aprofundar o estudo dos componentes do paradigma bioecológico, destacando-se os elementos do microsistema e os atributos pessoais das atletas influenciados por esse contexto e influenciadores do processo formativo. Intentou-se analisar o processo de formação esportiva das atletas de basquetebol, elucidando, a partir das diferentes dimensões do Modelo Processo-Pessoa-Contexto-Tempo, seus diversos estágios de desenvolvimento, vivenciados no ambiente de sucesso investigado. Os dados apresentados foram coletados com os sujeitos principais do estudo: as atletas e os treinadores das categorias de formação do Clube de Basquete investigado.

CLUBE DE BASQUETE: AMBIENTE DE SUCESSO NO DESENVOLVIMENTO DE TALENTOS ESPORTIVOS

Percurso histórico do Clube de Basquete

No paradigma Bioecológico do Desenvolvimento Humano, o macrotempo está relacionado com eventos maiores que definem a história que atua no desenvolvimento de um indivíduo, possuindo esta história duas dimensões. A primeira dimensão consiste no momento do ciclo vital da pessoa em desenvolvimento, enquanto a segunda se refere ao tempo histórico e social em que ela se encontra (SANTANA; KOLLER, 2004). Nesse sentido, “[...] um interessante aspecto relacionado à dimensão temporal trata da diferença entre o tempo de desenvolvimento da criança e os diversos tempos institucionais e das políticas públicas” que influenciam seu processo formativo (SANTANA; KOLLER, 2004, p.

119). Ao considerar a importância do tempo histórico dos espaços esportivos que determinam o desenvolvimento de talentos esportivos, apresenta-se inicialmente um resgate histórico do Clube de Basquete investigado, ressaltando-se as principais alterações em sua constituição ao longo de seu macrotempo.

A organização do basquetebol, na cidade em que o clube esportivo estudado pertence, teve início na década de 1980, com a chegada dos primeiros treinadores oriundos de outros estados brasileiros, os quais iniciaram o ensino do basquetebol por meio de trabalho voluntário. As atividades desenvolvidas com a modalidade naquele período estavam vinculadas às escolinhas, com participação restrita a competições de nível municipal e, principalmente, escolar. Sendo assim, Peres e Lovisolo (2006) reforçam que a participação em jogos escolares e em competições internas de escolinhas de esportes faz parte do processo competitivo inicial de muitos atletas e instituições esportivas.

Os documentos oficiais e as falas de treinadores e dirigentes revelaram ainda que desde os primeiros anos de atividades da modalidade na cidade, os pais dos atletas começavam a se mobilizar em prol de uma prática esportiva mais organizada (organização de uma instituição, busca de patrocinadores, auxílio aos treinadores), revelando-se assim que desde o início de seu percurso histórico, essa modalidade obteve o apoio dos familiares das crianças e jovens para seu crescimento e fortalecimento.

Nesta perspectiva, observa-se, desde os primeiros registros históricos, a importância da participação multiambiental (pais) para o crescimento e o fortalecimento da modalidade de basquetebol no contexto em destaque nesta investigação, revelando-se a existência de uma rede social direta e de primeira ordem entre os ambientes em que estas atletas participam (BRONFENBRENNER, 1996). Para tanto, Bronfenbrenner (1996) explica que o mesossistema exige um olhar para além do ambiente simples e para as relações entre eles, pois as interconexões lá estabelecidas podem ser tão decisivas para o desenvolvimento quanto os eventos que ocorrem em um ambiente específico. Além disso, Vieira (1999a) reforça a relevância que os pais possuem como laços secundários nesse mesossistema, uma vez que eles, apesar de não participarem diretamente do ambiente esportivo, influenciam, de maneira expressiva, os acontecimentos ocorridos naquele espaço.

Os registros históricos revelaram que, a partir 1988, a administração pública passou a apoiar a prática da modalidade, inicialmente com a contratação de treinadores e a disponibilização de locais de treinamento. Desde então, os treinadores, em parceria com os pais e atletas “[...] começaram a articulação para a criação de uma

associação para difundir e organizar a prática da modalidade”, surgindo naquela época o primeiro Clube do Basquete que, por problemas burocráticos, não chegou a se consolidar (COLUNA DO BASQUETE, 2004, p. 26). O trecho do documento a seguir ilustra esse apanhado histórico da modalidade:

Entre os anos de 1982 a 1992 sua evolução foi liderada pelos precursores do basquete em nossa cidade [...]. Como voluntários praticavam e treinavam as equipes [...]. A evolução deste esporte foi de maneira voluntária até o ano de 1988. Neste ano, o professor [...] foi contratado, sendo um dos primeiros professores a ser contratado pela administração municipal [...] (CBC, 2010, p. 2).

A contratação de professor via prefeitura municipal evidencia a iniciativa, apesar de modesta, da Fundação Municipal de Esportes da Prefeitura Municipal (FME-PM) em se constituir como um dos principais exossistemas de influência no processo de desenvolvimento de atletas de basquetebol, no contexto investigado. Salienta-se assim a importância do exossistema, pois, de acordo com Bronfenbrenner (1996), o desenvolvimento de uma pessoa é profundamente influenciado pelos eventos que ocorrem em ambientes nos quais ela não está presente, quer sendo afetada por aquilo que acontece nele, quer o afetando. Vieira (1999a) complementa que, no contexto esportivo, o exossistema corresponde às instâncias em que o atleta em desenvolvimento não participa ativamente, mas nas quais acontecem cotidianamente episódios que, indiretamente, influenciam sua formação.

Na evolução histórica do Clube, registra-se que somente em 1992 foi fundada a Escolinha de Basquete, tendo novamente pais e treinadores como principais incentivadores para sua constituição como associação representativa da modalidade na cidade. Eles passaram a contar com maior apoio da FME-PM (convênio) e da Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), sendo esta última a instituição à qual a Escolinha de Basquete ficou vinculada para poder participar de competições oficiais, até a implementação definitiva do Clube de Basquete.

O convênio estabelecido com a FME-PM naquela época, o qual se mantém e se fortalece a cada ano, evidencia a importância das políticas públicas (macrossistema) para o esporte, principalmente no cenário catarinense. Essa parceira constituiu-se na principal fonte de recursos humanos, materiais e financeiros, adquiridos no percurso histórico do Clube de Basquete. Lerner (2011) corrobora estes achados, definindo o macrossistema como o nível ecológico que envolve tanto a cultura e as

macroinstituições, quanto o governo federal e as políticas estabelecidas em diversos setores públicos.

Naquele período, a Escolinha também conseguiu fechar contrato com seu primeiro patrocinador (empresa privada), bem como estabeleceu seu primeiro convênio com uma escola particular, a qual disponibilizou bolsas de estudo para as atletas da Educação Básica e local de treinamento para as equipes. Para melhor gerir os recursos financeiros oriundos do convênio público e do patrocínio privado, houve a necessidade de eleição de uma diretoria para coordenar as diretrizes e ações da Escolinha. Tais informações correspondem à afirmativa de Bastos et al. (2006), de que as entidades clubísticas assumiram o papel de entidade máxima da prática esportiva no Brasil, o que, conseqüentemente, acarretou a necessidade de organizar e gerenciar, da melhor forma possível, suas estruturas organizacionais.

Observa-se, portanto, a ampliação dos exossistemas influentes no desenvolvimento das atletas de basquetebol no ambiente esportivo estudado. Patrocinadores e federações esportivas tornaram-se responsáveis por novas oportunidades para a formação das atletas, tanto no âmbito esportivo (níveis das competições disputadas, melhores condições financeiras) quanto no não esportivo (escolas - bolsas de estudo). Deste modo, Vieira (1999a) confirma que a modalidade esportiva na qual um atleta está inserido está constantemente subordinada às decisões que ocorrem em ambientes mais remotos como as secretarias de esportes, as federações e confederações, bem como os patrocinadores, pois apesar de nestes ambientes o atleta não participar ativamente, neles ocorrem eventos que influenciam significativamente o seu desenvolvimento. Além disso, Bronfenbrenner (1996) descreve que os ambientes de poder, presente nos exossistemas, podem ser formais ou informais; locais ou nacionais; do setor público (como no governo) ou do privado (como nos grandes negócios).

Os principais fatores motivacionais da fundação da Escolinha de Basquete estavam, portanto, vinculados, principalmente, à necessidade de haver uma instituição para recebimento das verbas públicas e para poder participar das competições promovidas pela FCB, como se observa nos seguintes relatos:

“Quando veio a proposta de participar de competições de maior expressão, teve-se a necessidade de ser uma instituição filiada a federação [...]” (Presidente).

“[...] a vida toda era em função de a gente ir para o estadual, para dar bagagem para as meninas, dar experiência. Foi aí que

nós começamos a trocar ideias de formar um clube, porque para participar de um campeonato estadual tem que ser clube, não pode ser prefeitura” (Treinador C).

Carvalho (2009) corrobora que o sistema esportivo, no cenário competitivo brasileiro, está ancorado nos clubes, sendo necessária a vinculação dos atletas a alguma instituição para poderem participar em competições oficiais, em sua maioria, regulamentadas por federações e confederações, entidades gerenciadoras das diferentes modalidades. De modo similar, Bastos et al. (2006) reforçam que os clubes que visam ao rendimento esportivo necessitam estar filiados a ligas, federações e confederações.

Com a fundação da Escolinha de Basquete, vinculada à AABB, a modalidade conseguiu seu registro junto à FCB e, em 1994, participou pela primeira vez de competições de categorias de base promovidas por essa entidade. Nesse mesmo ano, a equipe feminina já conquistava seu primeiro título estadual na categoria mirim. Com a consolidação da Escolinha, o crescimento do número de praticantes e os diversos títulos estaduais alcançados, principalmente pela equipe feminina, cresceu o interesse por parte de dirigentes, treinadores e pais em criar e consolidar uma associação independente para a representatividade do basquetebol na cidade. Sendo assim, a fundação do Clube de Basquete ocorreu no ano de 2003, tendo como principal fator motivacional a preocupação de desvincular a Escolinha de outra instituição, nesse caso da AABB. Essa desvinculação era vista como possibilitadora da ampliação do convênio com a FME-PM e da profissionalização do gerenciamento da modalidade. Tais informações podem ser vislumbradas em trecho de documento oficial do Clube e no depoimento do Treinador A:

A modalidade do basquete vem sendo desenvolvida de forma organizada desde 1992, quando foi fundada a Escolinha de Basquete. Com o objetivo de tornar o gerenciamento mais profissional, em agosto de 2003 foi constituído o Clube de Basquete [...] como sucessor da Escolinha da AABB (CBC, 2006, p. 1).

“Então a gente montou o Clube que precisava ter CGC, ser um clube de basquete, porque antes era uma escolinha. Nós éramos vinculados ao CGC da AABB. Neste caso, o dinheiro tinha que ir lá, para a AABB, demorando para chegar até nós. [...] a gente foi melhorando isso, acertamos tudo direitinho, fizemos CGC próprio. Foi quando começamos a andar com nossas próprias pernas” (Treinador A).

Observa-se, tanto nos documentos oficiais quanto nos relatos de treinadores e dirigentes, que os laços secundários e a participação multiambiental dos pais aparecem como os principais incentivadores e apoiadores da fundação do Clube, juntamente com os treinadores e os próprios atletas, reforçando a importância do mesossistema família-clube nesse processo.

Para os treinadores e os membros da diretoria, a formalização de um clube esportivo tem oferecido benefícios à sociedade local, oportunizando inclusão social, prática esportiva e integração entre os adeptos do basquetebol. Tem igualmente permitido a evolução e a melhor organização da modalidade na região, além da oferta de bolsas de estudo para os atletas e da promoção do nome da cidade por meio do basquetebol, como evidenciam as seguintes narrativas:

“Eu acredito que um dos grandes benefícios é poder fazer do basquete um instrumento para a inclusão social. Como o próprio estatuto do Clube apresenta, para fornecer oportunidade às pessoas” (Presidente).

“O basquete de [...] evoluiu muito após a fundação do Clube, porque a gente estava atrelada a AABB, engessado. [...] Com isso tivemos um crescimento muito grande, foi uma organização do basquete no município. Começamos a ter as escolinhas bem organizadas” (Treinador A).

“A gente trabalha com a prefeitura para desenvolver, para proporcionar às crianças a participação em uma modalidade, no caso o basquete. Somos mais um ajudando na questão da formação dos cidadãos de nossa cidade” (Treinador C).

Ao considerar a análise histórica do Clube de Basquete investigado e a afirmativa de Bronfenbrenner e Morris (1998, 2006) de que o macrotempo focaliza as expectativas e os eventos em mudança na sociedade e afetam e são afetados por processos e resultados do desenvolvimento humano, evidencia-se que o macrotempo desta instituição tem elucidado impreterivelmente para a importância crescente do mesossistema família-clube e dos exossistemas FME-PME, FCB e patrocinadores, para a consolidação de uma história de sucesso deste microsistema no cenário esportivo catarinense.

Estrutura e finalidades do Clube de Basquete

O clube esportivo, assim como outras entidades similares, apresenta uma estrutura organizativa, estabelecendo “[...] aos seus membros um código de conduta traduzido em regras e leis escritas em estatuto” e que assim o consolida como uma instituição formalizada (GALATTI, 2010, p. 101). Carvalho (2009, p. 59-60) corrobora essa definição, ao descrever que, em sua maioria, os clubes são “[...] instituições regidas por um estatuto” e situam-se como uma “[...] sociedade civil com personalidade jurídica sem fins lucrativos”.

Nesta perspectiva, destaca-se que a partir da constituição do Clube de Basquete, foi registrado seu Estatuto Social, no qual estão definidas sua estrutura e suas finalidades. Como estrutura organizativa, conforme consta no referido estatuto, o Clube possui os seguintes órgãos: assembleia geral, diretoria e conselho fiscal.

A assembleia geral (reunião dos associados) é o “[...] órgão soberano do Clube [...]”, sendo que as assembleias ordinárias visam à discussão e à votação de relatórios, prestação de contas e balanços, bem como à eleição e à posse da diretoria e do conselho fiscal. As assembleias extraordinárias, entre outras ações, preveem a exclusão de associados, a destituição e a substituição de membros da diretoria e/ou do conselho fiscal. Elas também visam à discussão da reforma do estatuto e à definição de valores de mensalidades e taxas (CBC, 2003, p. 4). Por sua vez, a assembleia geral é citada por Carvalho (2009) e por Galatti (2010) como o órgão máximo de um clube, sendo responsável pela eleição dos titulares do conselho deliberativo, do conselho fiscal e seus suplentes, por meio de eleições que ocorrem em períodos determinados (dois ou três anos). Segundo os autores, ela pode ser composta pelos sócios maiores de 18 anos e em dia com suas obrigações sociais e financeiras.

No contexto investigado, observou-se que os membros da diretoria e do conselho fiscal podem ser os associados fundadores, remidos e/ou contribuintes, quites com suas obrigações. A eleição tanto para a diretoria como para o conselho fiscal é realizada por meio de votação secreta, com convocação através de edital, sendo o mandato de três anos. A diretoria possui como membros o presidente e o vice-presidente, o 1º e o 2º tesoureiros, o 1º e o 2º secretários, o diretor e o vice-diretor social e cultural, o diretor e vice-diretor de esportes, os diretores de *marketing* e de assuntos jurídicos. Compete a eles administrar o Clube; zelar por seus interesses; formular diretrizes de ação; firmar convênios, compromissos, parcerias, contratos; autorizar contratações e aquisições de bens móveis e

imóveis; apresentar relatório anual de atividades e balancete; entre outras demandas.

Os documentos oficiais do Clube revelam que, desde as primeiras diretorias, das quais se tem registro, até 2008, o Clube/Escolinha foi dirigido basicamente pelas mesmas pessoas. O mesmo presidente foi eleito até 2005, tendo assumido o cargo de vice-presidente entre os anos de 2006 a 2008. Situação similar verifica-se em relação ao diretor de esportes e ao 1º tesoureiro. Somente na última eleição realizada antes do presente estudo (2009-2011), a diretoria foi renovada, iniciando novo marco no processo administrativo da instituição e estabelecendo novas finalidades e diretrizes.

Essa renovação ocorrida na diretoria e as mudanças subsequentes, nas diretrizes propostas e nas ações efetivamente desenvolvidas no Clube, demonstram a influência dos laços indiretos (BRONFENBRENNER, 1996), ou seja, a influência de pessoas que não participam diretamente do ambiente, mas influenciam, sobremaneira, o processo nele ocorrido e, conseqüentemente, o desenvolvimento dos talentos esportivos. Em investigação conduzida em clube de basquete espanhol, Galatti (2010) também observou um processo de ruptura com a saída da diretoria que o idealizara, fazendo com que seus funcionários se articularassem com os pais de atletas das categorias menores para manterem seu funcionamento e empossarem uma nova diretoria, iniciando-se assim um novo ciclo administrativo.

O presidente atual do Clube indica que a diretoria sempre contou com membros voluntários que, em sua maioria, não possuem vínculo direto com o esporte (familiares dos atletas), mas que, pelo envolvimento dos filhos na modalidade, acabaram se interessando e buscando com ele contribuir (participação multiambiental). Conforme o presidente, a diretoria recebe apoio de pessoas envolvidas com o esporte no município, o que facilita as ações desenvolvidas e serve como suporte administrativo para os treinadores, permitindo que eles se preocupem apenas com as questões esportivas (treinamento e competições), abstendo-se das burocráticas.

“Eu entrei no basquete quando a minha filha entrou, isso depois de uns três anos, quando surgiu a oportunidade de participar da diretoria e de se envolver. [...] Nós entramos no basquete por acidente de percurso praticamente, foi necessária a mudança na época e nós entendíamos apenas dos nossos filhos, mas nos surpreendemos realmente. Nós tivemos cumplicidade e com o pouco que a gente faz, estamos conseguindo marcar presença. [...] a gente tem um suporte bacana que nos dá condições de

administrar. Nós temos o apoio do pessoal envolvido com o esporte e isso credibiliza a gente, faz com que muitas decisões que a gente tome aconteçam e sejam aprovadas, enfim tenham êxito” (Presidente).

Enquanto a diretoria é responsável pelas decisões e ações mais administrativas, o conselho fiscal é responsável por examinar ou fiscalizar as contas mensais, os balanços e balancetes apresentados pela diretoria, bem como por emitir seu parecer sobre eles (CARVALHO, 2009; GALATTI, 2010). O conselho fiscal do Clube de Basquete passou a existir somente em 2003, sendo constituído por três membros efetivos e três suplentes. Suas principais competências são: elaborar parecer sobre as prestações de contas; fiscalizar a execução financeira e orçamentária do Clube; julgar as penalidades.

O estatuto social do Clube de Basquete indica que seus associados são classificados como beneméritos, contribuintes, dependentes, fundadores, honorários e remidos. Seus principais direitos são: frequentar, participar e usufruir das dependências e das atividades do Clube; participar e convocar assembleias; votar e ser votado. De modo similar, possuem como deveres: colaborar com os trabalhos do Clube; comparecer às assembleias e acatar suas deliberações; indenizar o Clube em caso de prejuízos; não competir por outros clubes; pagar pontualmente as mensalidades; respeitar o estatuto; zelar pelos valores e princípios éticos do Clube. Contudo, o presidente informou que o Clube possui um número aproximado de apenas 30 associados, sendo eles atletas, pais de atletas e de ex-atletas que se mantêm envolvidos com a modalidade. Para ele o baixo número de associados é fruto da falta de iniciativa da própria diretoria em buscar novos sócios para a instituição.

“A maioria é pais de atletas, sejam eles das escolinhas ou das competições - mini, mirim, sub15, sub17, adulto. Pais de ex-atletas, pais de atletas. [...] Nós temos o mínimo para manter o Estatuto, o Clube pelo número de associados, porque nós temos algumas inadimplências também. Então se a gente for contar, praticamente o que nós temos efetivado hoje é o mínimo ou alguns números a mais, três ou quatro associados a mais. Em torno de umas 30 pessoas. Até porque a gente não fez nada para cativar novas pessoas. Isso até é um erro nosso, não fizemos nada para cativar novos sócios para o Clube de Basquete” (Presidente).

O número de associados do Clube de Basquete investigado se diferencia expressivamente do *Club Básquet Coruña Atlántico*, pesquisado por Galatti (2010), o qual possui uma massa social (jogadores,

familiares, dirigentes, funcionários) diretamente envolvida com a instituição de, aproximadamente, 2.500 pessoas. Essa diferença significativa no número de envolvidos nos dois clubes pode estar fortemente atrelada ao macrossistema (cultura esportiva) em que ambos se estabelecem. O Brasil, há muitos anos, não apresenta ídolos e títulos na modalidade, enquanto a Espanha, principalmente com a seleção masculina, tem figurado entre os primeiros colocados em Jogos Olímpicos e Mundiais. Nestes casos, o macrossistema, definido como um padrão global de ideologia e de organização das instituições sociais em determinada cultura ou subcultura, acaba por englobar as características de determinada sociedade ou segmento, podendo assim ser concebido como uma marca de identificação social dessa cultura ou subcultura (BRONFENBRENNER, 1988, 1992).

A estrutura esportiva do Clube de Basquete está organizada em escolinhas, equipes de base e equipe adulta. A participação em escolinhas é oferecida, por intermédio do Projeto Atleta do Futuro da FME-FM, para crianças com até 12 anos de idade. Através deste projeto, a FME-PM fornece o espaço físico, os materiais e os treinadores que atuam junto a este público, no intuito de promover a prática esportiva. Aqui sobressai novamente a influência das políticas públicas (macrossistema) na participação esportiva de muitas crianças e muitos jovens, os quais, ao participarem do citado projeto, ampliam suas possibilidades de iniciação e especialização esportiva.

“Nas escolinhas, que não é um projeto do Clube de Basquete [...], mas é um projeto da Prefeitura Municipal, da secretaria esportes, a iniciação é a partir dos sete anos. Já para o Clube de Basquete especificamente, ela se dá praticamente aos 12 anos, quando entram no mini. [...]. Pelo projeto ‘Atleta do Futuro’, há esta parceria de condições físicas, técnicas e humanas” (Presidente).

“Também tem este Projeto Atleta do Futuro, que é um projeto da prefeitura, o qual é o carro chefe da parte de iniciação em todas as modalidades na cidade, divulgando onde existem locais e colocando a disposição da comunidade professores para atuarem [...]” (Treinador A).

A treinadora B critica, no entanto, a proposta política do projeto, a qual, segundo ela, está mais interessada na quantidade de crianças atendidas nas escolinhas do que preocupada com a qualidade do serviço prestado. A fala da treinadora B mostra isto claramente:

“A ideia deles é de fundo político, no qual o número importa mais que a qualidade. Então vale mais você ter quarenta atletas dentro de um ginásio, onde você não consegue ter nenhuma qualidade, nem para a escolinha nem para começar a ter uma equipezinha de base mesmo, de iniciação. É exatamente esse o objetivo, mais social e numérico. É bonito você dizer que têm quinhentas crianças praticando basquetebol, só que na realidade não funciona assim e todo mundo sabe que não funciona [...]. Então o objetivo deles, eu volto a dizer é quanto mais crianças melhor” (Treinadora B).

Ao discordar da política proposta pelo ‘Projeto Atleta do Futuro’, a treinadora enfatiza que busca dar seu direcionamento pessoal para a escolinha, preocupando-se com a formação de futuros atletas de basquetebol, desde a iniciação esportiva e preparando as atletas para futuras competições.

“Eu talvez fuja um pouco do objetivo deles no início. Eu prefiro ter bem menos crianças dentro do ginásio, mas onde eu consiga inserir os primeiros ensinamentos da modalidade, não é equipe de treinamento, é onde a gente apresenta a modalidade, faz elas pegarem gosto, explica as regrinhas mais básicas que existem, faz brincadeiras [...] faz o lúdico voltado a modalidade, para não fugir muito da regra. [...] Então é ele um ‘Projeto Atleta do Futuro’, só que a forma com que eu trabalho é um pouquinho, visando talentos, não só social, vou ser bem clara, eu já trabalho procurando atletas para que eu possa competir” (Treinadora B).

As crescentes exigências, tanto no plano quantitativo quanto qualitativo, trazidas pelo processo evolutivo do esporte em geral e dos jogos esportivos coletivos em particular, impõem, segundo Mesquita (2000), a necessidade de se iniciar o processo de preparação esportiva cada vez mais cedo. Todavia, isso não significa, necessariamente, que tal atitude seja precoce, desde que sejam respeitadas as leis do treino e o processo de desenvolvimento do atleta. Neste caso, trata-se de saber adequar a dinâmica da carga de treino à capacidade de resposta do jovem atleta, por intermédio de um trabalho multilateral que não vise à obtenção de rendimentos elevados em curto prazo, mas objetivo, fundamentalmente, a criação dos pressupostos inerentes a uma preparação esportiva consistente e duradoura.

As equipes de base do Clube disputam competições nas categorias mini, mirim, infantil, infanto-juvenil e juvenil, em âmbito regional e estadual. Além dessas competições, o Clube representa a cidade em competições promovidas pela FESPORTE, de acordo com convênio

firmado com a FME-PM, bem como as escolas patrocinadoras em competições estaduais, nacionais e internacionais. O seguinte texto ilustra a estreita relação entre o Clube e o exossistema FME-PM:

As atividades do Clube de Basquete [...] têm sua origem na firmação de convênio com a Prefeitura Municipal [...] para o desenvolvimento da modalidade do basquetebol, com a contrapartida de fazer a representação do município nas competições oficiais realizadas no Estado de Santa Catarina (OLESC – Olimpíadas Escolares de Santa Catarina, Joguinhos Abertos de Santa Catarina e JASC – Jogos Abertos de Santa Catarina) (CBC, 2006, p. 1).

De modo similar, a equipe adulta representa o município em competições da FESPORTE e, atualmente, representa a Universidade patrocinadora em competições da Fundação Catarinense do Desporto Universitário (FCDU), ampliando-se assim o número de campeonatos disputados por essa categoria e possibilitando-se novos horizontes para as atletas contempladas com bolsas de estudo no Ensino Superior.

Em seus depoimentos, os treinadores lamentaram o encerramento de atividades que o Clube organizava no passado, como torneios de cesta de 3 pontos, torneios 3x3 e festivais de escolinhas. Eles consideravam tais eventos como momentos importantes para a confraternização das atletas, tanto das diversas escolinhas espalhadas pela cidade quanto das distintas categorias competitivas. Galatti (2010), em viés contrário, ressaltou a iniciativa da nova diretoria do clube de basquete espanhol acerca da realização de torneios 3x3, festivais de categorias de base, atividades de mini basquetebol e acampamentos da modalidade, os quais passaram a envolver grande número de crianças e adolescentes.

Apresentada a estrutura organizativa e esportiva do Clube de Basquete, mostram-se, a seguir, suas finalidades administrativas e formativas. Conforme informações obtidas no estatuto do Clube de Basquete, nas reportagens de jornais e junto ao presidente, a instituição, sendo associação sem fins lucrativos, possui como finalidades (administrativas): dar continuidade ao trabalho desenvolvido na Escolinha de Basquete; representar o município em competições; dirigir, difundir e incentivar a prática do basquete; filiar-se a entidades esportivas; participar de competições e atividades esportivas, culturais, artísticas, sociais e recreativas. bem como promovê-las; obter subsídios públicos e privados. Além disso, destacam-se os objetivos de profissionalizar a gestão da modalidade, formar equipes de alto rendimento e tornar-se Centro de Excelência da modalidade.

Por sua vez, as finalidades relativas ao processo de formação dos talentos esportivos no Clube, envolvem objetivos educativos e formativos, esportivos ou de rendimento e recreativos ou lúdicos. Galatti (2010) também identificou que os objetivos, nas categorias de base do clube por ela investigado, vão além do rendimento atlético, denotando também preocupação com a formação das pessoas. Todavia, apesar de primar pela formação de cidadãos, não nega o objetivo tradicional do esporte federativo e sua razão de existir. Sendo assim, Ferreira, Markunas e Nascimento (2005) explicitam que o princípio básico e essencial de um programa de formação de atletas deve ser o desenvolvimento global e integral de crianças e adolescentes. Além disso, deve haver o cuidado de não privilegiar os aspectos esportivos em prejuízo do desenvolvimento pessoal, respeitando-se e valorizando-se a formação moral, ética, escolar, intra e interpessoal. Portanto, “[...] além de ensinar o basquetebol, que se ensine através do basquetebol, transmitindo e discutindo princípios e valores” (FERREIRA; GALATTI; PAES, 2012, p. 125).

Os objetivos educativos ou formativos, na definição de Oliveira (2001), existem como forma de ajudar os jogadores a se realizarem física e socialmente, aprendendo os segredos do basquetebol, aprendendo a controlar as emoções e a cooperar em contexto educativo competitivo e fomentando a autoestima. Os objetivos recreativos ou lúdicos correspondem à necessidade de os atletas usufruírem de sua atividade esportiva como fonte de lazer, satisfazendo a necessidade de estímulo, de exercitação e de ocupação saudável do tempo livre. Os objetivos educativos elencados por dirigentes e treinadores do Clube do Basquete visam à inclusão social, à formação de cidadãos, à adoção de valores humanos e de posturas éticas, à integração e à socialização. Os objetivos recreativos ou lúdicos visam fomentar a prática do basquetebol como uma opção de atividade física para crianças, jovens e adultos, em seu tempo livre. Observa-se a determinação desses objetivos, tanto no trecho transcrito quanto nos relatos a seguir:

O Clube de Basquete [...] atua para incluir crianças no esporte e prepará-las como cidadãs, nosso objetivo é aproveitar o talento esportivo, incentivar as crianças e jovens para a prática esportiva, contribuindo para a formação do caráter esportivo, profissional e formar vencedores. A partir de 2010 passa a investir em atletas de rendimento para as mais diversas modalidades em diputa (CBC, 2010, p. 2).

“O importante é que o basquete está trabalhando bastante isso, formando cidadãos, valores humanos. Isso tem que ser trabalhado por todos os treinadores. Valores humanos, cidadania, isso são

coisas que tem que ser trabalhadas, porque são muito importantes. [...] não é só bater em cima da tecla, você será atleta” (Ex-diretor de esportes).

“O objetivo da competição e da formação do cidadão. Além de técnico, a gente é professor e tem que ver todo este lado, da questão da educação, da questão da postura [...] formação de pessoas” (Treinador A).

“Nós temos ex-atletas das escolinhas que alugam ginásio para jogar basquete, então elas criaram este hábito saudável e continuam jogando basquete. Isso é o mais importante, porque para a qualidade de vida delas, elas têm essa opção de atividade física” (Treinador C).

A definição de objetivos educativos e formativos revela que pais, professores e treinadores não podem esquecer que, antes de os jovens serem potenciais atletas, eles são futuros cidadãos. Sua saúde e sua higiene mentais e físicas dependem de o esporte ser abordado, durante seu desenvolvimento, em um mundo saudável e pedagogicamente correto (OLIVEIRA, 2001). Os objetivos educativos, presentes nos documentos oficiais do Clube e nas narrativas de treinadores e dirigentes, corroboram o que Bento (2006) indica como objetivos imprescindíveis para um clube esportivo. Para o autor, faz-se necessário entender e reabilitar este espaço como entidade cultural insubstituível no papel de agregador do cultivo de valores humanos, sociais, educacionais e pedagógicos.

Os objetivos esportivos ou de rendimento estimulam a atividade competitiva saudável, cuja ênfase recai sobre o esforço para superar metas e a exigência de grande compromisso pessoal, de modo que os atletas possam comparar aptidões e esforços, bem como obter o reconhecimento social pela superação dos objetivos propostos (OLIVEIRA, 2001). Os objetivos esportivos ou de rendimento a curto e médio prazo (micro e mesotempo), citados pelos entrevistados, são a formação de atletas para representar o Clube, as conquistas estaduais (FCB, FESPORTE) e nacionais, a manutenção de atletas formados no Clube e a boa representação da cidade nas competições disputadas.

“O processo é de manutenção de atletas. Procurar reter os profissionais que nós temos aqui na cidade, que são atletas de [...] através do incentivo das universidades, dos patrocinadores. Que a gente consiga com esta retenção formar equipes competitivas para estar sempre ‘nas cabeças’ das competições” (Presidente).

“O objetivo sempre é vencer, como em qualquer esporte este é o objetivo final, é ganhar, é vencer, mas às vezes a gente tropeça no

caminho. O objetivo de todo o treinamento, da iniciação é formar atletas para competir” (Treinador A).

“[...] eu acho que qualquer técnico em sã consciência, trabalha para que sua atleta chegue ao auge. Então a gente teve alguns casos, alguns não, vários casos em que nossas atletas foram parte integrante de seleções catarinense 15, 17, 19 anos” (Treinadora B).

Novamente, as informações obtidas revelam a estreita relação entre o Clube e o exossistema FME-PM, estando os objetivos do primeiro fortemente ligados à boa representatividade do segundo, pois a conquista de títulos para a cidade e o prestígio pela presença no quadro de medalhas, em competições da FESPORTE, aumentam as possibilidades de renovação e ampliação do convênio estabelecido entre eles para os próximos anos. De modo similar, esses convênios também reforçam a importância das políticas públicas (macrossistema) para o processo de desenvolvimento das atletas de basquetebol no contexto investigado.

Em longo prazo (macrotempo), os objetivos esportivos e de rendimento constituem em: formar atletas para seleção brasileira; formar atletas de elite; e disputar a Liga Nacional Feminina. A narrativa da treinadora B enfatiza o objetivo de, no futuro, o Clube disputar a competição adulta mais importante no Brasil:

“Futuramente, acredito que se a gente conseguir levar a nossa ideia de jogar uma Liga Nacional [...]. Você estar jogando um campeonato de altíssimo nível, no qual você têm as atletas de seleção brasileira, os técnicos mais reconhecidos do país. Eu acho que esse é um sonho que eu tenho e que eu já consegui implantar na mente das minhas atletas. Em termos de equipe o objetivo é chegar a uma Liga Nacional de Basquete [...]” (Treinadora B).

Neste contexto, Carvalho (2009) reflete que, apesar de o conceito de esporte ter sido ampliado, passando a ser entendido através de aspectos educacionais, recreativos e de formação, o esporte de rendimento continua tendo seu *lócus* dentro do clube e, portanto, as exigências de melhorias consideráveis de performance e de rendimento dos atletas permanecem em destaque.

Níveis ecológicos e percurso histórico do Clube de Basquete

A pesquisa relacionada à ecologia do desenvolvimento humano requer investigações que vão além do ambiente imediato (microsistema)

que contém a pessoa, ou seja, requer que elas se preocupem em examinar os contextos mais amplos (meso-exo-macro), os quais afetam os eventos dentro do ambiente imediato (BRONFENBRENNER, 1977). Além disso, enfatiza-se que o tempo histórico indica que o curso de vida é embutido e moldado pelos tempos e acontecimentos experienciados (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, 2006).

Nesta perspectiva, destaca-se que a análise do percurso histórico do ambiente de sucesso, no desenvolvimento de talentos do basquetebol feminino investigado, evidenciou a estreita relação entre os quatro níveis do contexto ecológico. Revelou também seis marcos (dois por década), no tempo histórico do Clube de Basquete, os quais se refletiram em sua constituição, estrutura e finalidades, ou seja, repercutiram diretamente no processo de desenvolvimento das atletas de basquetebol, em seu macrotempo esportivo (Figura 3).

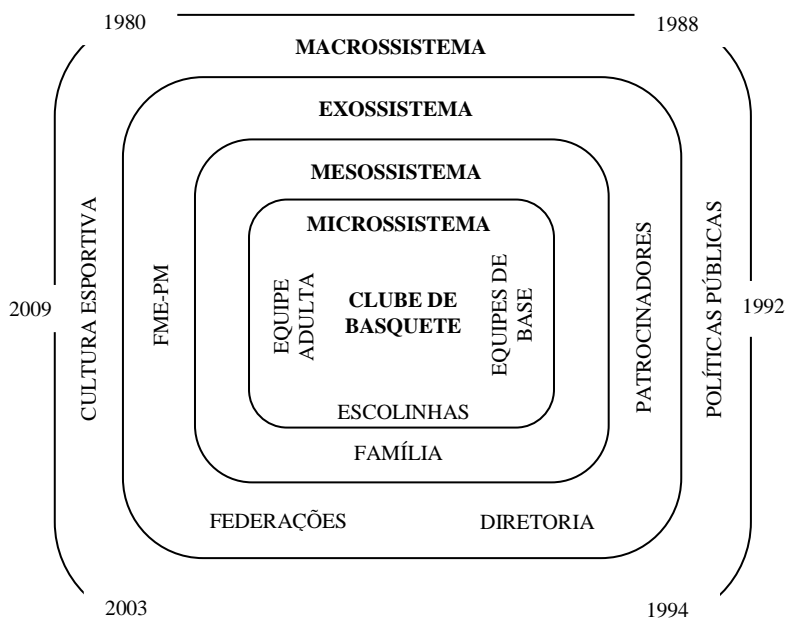


Figura 3 - Níveis ecológicos e tempo histórico do Clube de Basquete.

O primeiro marco histórico do Clube de Basquete estudado corresponde ao início dos anos de 1980. Ele foi marcado pela promoção de atividades em escolinhas, com treinadores voluntários e participação

restrita a competições municipais em âmbito escolar, demonstrando assim que, desde aquele período, a participação multiambiental - mesossistema clube-família, marcada pelos laços secundários (pais) - foi imprescindível para o crescimento e o sucesso posterior alcançado pela instituição. O segundo marco histórico ocorreu no ano de 1988, quando a modalidade recebeu, pela primeira vez, o apoio da administração municipal, ou seja, o respaldo do exossistema FME-PM, que contratou seu primeiro treinador e disponibilizou ginásios esportivos para a prática da modalidade.

O terceiro marco histórico ocorreu em 1992, com a fundação da Escolinha de Basquete e a eleição da primeira diretoria, a qual contou com o apoio e o incentivo do mesossistema clube-família e do exossistema FME-PM, fortalecendo o vínculo entre estes. Nesse período, a Escolinha firmou seu primeiro contrato com empresa privada e seu primeiro convênio com escola particular, proporcionando bolsas de estudo no Ensino Fundamental e Médio para as atletas e ampliando a rede de exossistemas importantes e influentes na formação das atletas daquela época. O quarto marco, em 1994, possibilitou o registro do Clube junto à FCB e a primeira participação em um campeonato estadual, tendo conquistado seu primeiro título nesse nível. Este fato foi crucial para a ampliação da participação esportiva das atletas e lhes possibilitou conquistas individuais e coletivas, tanto em âmbito estadual quanto em âmbito nacional e internacional.

O quinto marco no tempo histórico da instituição, determinante para o processo de desenvolvimento dos talentos esportivos de basquetebol, no microssistema investigado, aconteceu no ano de 2003, com a fundação do Clube de Basquete e a primeira eleição do conselho fiscal, estreitando ainda mais seus laços com a administração pública municipal. Em 2009, situa-se o sexto marco, no qual ocorreu uma renovação em toda a diretoria do Clube, propiciando novos rumos às finalidades administrativas e formativas para identificação e desenvolvimento de talentos esportivos, bem como oferecendo ao Clube novas perspectivas em relação à formação de suas atletas.

Diretrizes estabelecidas para o recrutamento, a retenção e o avanço de talentos do basquetebol feminino

No mundo esportivo é evidente a sistematização esportiva, a partir de políticas públicas ou privadas que focalizam a captação e a formação de talentos esportivos (PERES; LOVISOLO, 2006). Neste contexto, as políticas de desenvolvimento do esporte com base em um modelo de

pirâmide procuram abordar pelo menos três questões fundamentais: a entrada, a retenção e o avanço do atleta (GREEN, 2005).

No que se refere às diretrizes estabelecidas para o processo de formação esportiva, observa-se uma mudança nas propostas e nas ações desenvolvidas pelo Clube de Basquete estudado, durante seu tempo histórico, referente ao recrutamento e, principalmente, à retenção das atletas. A estratégia utilizada por treinadores e dirigentes, ao longo dos anos, se assemelha ao que Green (2005) indica como as preocupações dominantes contempladas nas políticas para a formação de talentos esportivos. Uma delas é aumentar a taxa de participação no esporte e a outra, melhorar os padrões competitivos que os atletas atingem. No primeiro caso, o objetivo inicial é recrutar crianças e adolescentes para a prática esportiva, no segundo, desenvolver uma parcela dos recrutados como atletas de alto nível.

Observa-se que a diretriz inicial do Clube é cativar expressivo número de praticantes, sem a detecção ou a seleção *a priori*, para, posteriormente, selecionar os que demonstrarem, durante seu processo formativo, as aptidões almeçadas para continuidade no processo esportivo. Para alcançar esse objetivo, o recrutamento de crianças e adolescentes para ingressarem nas escolinhas é realizado por meio de convite; da divulgação nas escolas feita por treinadores e dirigentes; da divulgação das escolinhas em panfletos e na mídia, via FME-PM. A fala, a seguir, ilustra estas formas de recrutamento:

“Nós vamos às escolas para divulgar os horários e locais próximos que têm escolinhas de basquete. [...] e o órgão público, o Departamento de Esportes faz panfleto, informando que têm escolinhas para tais modalidades, coloca na mídia, coloca no jornal” (Treinador A).

A investigação de programas de iniciação esportiva na Grande São Paulo, realizada por Arena e Böhme (2000), também revelou que os clubes e as secretarias municipais de esporte não adotam o processo seletivo prévio para iniciação nas diferentes escolas de esportes. Neste caso, a captação dos atletas, que entram nas primeiras categorias competitivas, é geralmente realizada através da observação dos treinadores responsáveis por estas equipes.

As diretrizes de recrutamento estabelecidas revelam que o Clube, reconhecido pelos envolvidos como ‘formador de atletas’, esteve, por muitos anos, voltado exclusivamente para a ‘formação’ das jogadoras em suas escolinhas e participação competitiva nas categorias de base, sem preocupação com sua manutenção na transição das categorias de base para

a adulta e sem iniciativas para contratação de atletas de outros clubes. No entanto, em 2009, após a mudança de gestão advinda da renovação dos membros da diretoria, essas diretrizes sofreram algumas alterações. Foi mantido o interesse em recrutar grande número de praticantes para as escolinhas, estabelecendo-se, porém, a iniciativa de contratação de jogadoras e a busca pelo retorno de atletas que haviam se transferido para outras entidades.

Neste contexto, somente em 2011 o Clube realizou suas primeiras contratações: uma atleta vinda de outro estado brasileiro e duas de uma cidade vizinha. A atleta de cidade mais distante recebia bolsa de estudo no Ensino Superior, ajuda financeira, moradia e alimentação. Porém, quanto às atletas residentes na cidade vizinha, que ainda estavam no Ensino Médio, uma recebia transporte e auxílio financeiro, enquanto a outra recebia apenas transporte para o local de treinamento.

“Esse ano é a primeira vez que nós temos atletas que estão sendo contratadas efetivamente. Nós estamos oferecendo casa, faculdade, ajuda de custo. Em outros anos a gente convidava, mas só para participar de alguma competição. Elas não vinham para cá, para ficar morando e treinando, como é o correto” (Treinador C).

Para dirigentes e treinadores, o recrutamento através de contratações não indica interesse do Clube em abandonar seu foco no processo formativo das atletas. Apenas mostra a intenção de que as contratadas venham a contribuir com as equipes que já estejam bem estabelecidas, pois elas devem vir para somar com o trabalho desenvolvido. Essa diretriz, esbarra, todavia, na questão financeira. Como o próprio Clube tem condições de formar seus talentos, as atletas contratadas devem apresentar um diferencial em relação às que já estão nele atuando, fazendo com que novas contratações requeiram verbas bastantes elevadas.

“A contratação de uma atleta não tem aquela ideia de trazer uma equipe de fora, mas tem a ideia de completar, reforçar a equipe. Então seria no caso de uma equipe de 10 ou 12 atletas, trazer duas atletas como reforço” (Treinador C).

Outra forma de recrutamento bastante presente nos últimos registros e nas falas dos participantes é o retorno de antigas jogadoras do Clube. Os registros históricos informam que os primeiros retornos datam de 2001, ano em que quatro atletas regressaram para atuar na equipe adulta. De 2001 a 2008, verificaram-se nove retornos, todos eles para a

categoria adulta. Somente no ano de 2009 ocorreu o retorno de duas atletas para atuarem ainda nos times de base.

Para os treinadores e as atletas das primeiras gerações, anteriormente o retorno da maioria delas se dava, principalmente, por motivos alheios às ações e às diretrizes propostas pelo Clube, como o amor pelo basquetebol, o bom relacionamento com os membros da instituição, o vínculo com a família, o encerramento das equipes ou das bolsas de estudo em outros clubes. Observa-se que o fato de a própria transferência não ter sido bem sucedida ou não corresponder ao que as atletas esperavam fez com que muitas retornassem ao Clube, em virtude do vínculo afetivo e do interesse em continuar a prática do basquetebol, independentemente da contrapartida do Clube. Os seguintes relatos exemplificam tais situações:

“Elas têm aquela coisa de que saíram daqui por amor ao basquete e voltam por amor ao basquete. Eu acredito que porque elas gostam dos técnicos, porque quando saíram não ficou nenhuma mágoa. A gente sempre foi aberta [...]” (Treinador A).

“Na verdade eu voltei a jogar em [...] porque eu gostava do basquete. Primeiro eu voltei para a cidade por questões familiares. [...] mas não ganhei nada em troca, foi por amor mesmo ao basquete. Não houve nenhuma proposta para meu retorno, foi meio que em função das circunstâncias, eu voltei para a cidade e acabei voltando para o basquete por amor. Tanto que eu não joguei no primeiro ano que eu retornei, porque financeiramente eles não tinham como pagar a minha transferência de São Paulo” (Atleta retorno 1ª geração).

As atletas das 2ª e 3ª gerações de equipes campeãs, que retornaram ao Clube nos últimos anos, indicam que, além dos motivos já citados, foram também algumas propostas, relacionadas ao auxílio financeiro e ao recebimento de bolsa de estudo universitária, advindas do Clube, que as fizeram retornar.

“Agora como tem este novo acordo, que envolve a bolsa [...], além do incentivo do Clube, tem um compromisso que eu, quando recebo uma bolsa, passo a assumir com a equipe” (Atleta retorno 2ª geração).

“Eles fizeram a proposta de que iriam melhorar [...]. Eles iriam ajudar a gente financeiramente com um salário por mês. O ano que vem eu já vou poder começar a faculdade, poder jogar os jogos da faculdade, com faculdade 100%, no curso que eu escolher, que eu quiser” (Atleta retorno 3ª geração).

Percebe-se que as diretrizes de recrutamento do Clube visam recrutar um grande número de atletas e assim priorizar o processo de desenvolvimento de talentos esportivos dentro de suas equipes, porém nota-se que não há diretrizes similares direcionadas à retenção de possíveis talentos. As informações obtidas revelam que sempre foi grande o número de adolescentes que abandonaram a prática da modalidade ou que se transferiram para outros clubes, quando ainda estavam nas categorias formativas. Algumas atletas nem chegaram a alcançar a maturidade no esporte e o próprio Clube não chegou a usufruir, em competições da categoria adulta, dos talentos por ele formados, ou seja, não havia preocupação com o avanço das atletas para níveis competitivos mais elevados.

Esse delineamento observado nas diretrizes estabelecidas se assemelha ao que Green (2005) descreve como analogia da pirâmide esportiva, a qual prevê que o pico da pirâmide, correspondente ao alto desempenho, seja suportado por uma ampla base de participação inicial. Neste caso, a base condiz com a participação de massa no esporte, o meio se refere ao esporte competitivo e o topo evidencia a alta performance esportiva. Ferreira, Markunas e Nascimento (2005) concordam que a maioria das atividades esportivas enfatiza a aplicação de três princípios de constituição de um programa de esportes: a formação (projeto socioeducativo); a manutenção (categorias de base); e a difusão esportiva (esporte como veículo principal de equipe adulta). O Clube, contudo, não conseguia estabelecer, como topo da pirâmide, uma equipe adulta de alto nível.

As cartas de transferências disponibilizadas pela secretaria do Clube indicam que logo após o primeiro ano de participação e conquistas em competições estaduais (ano de 1994), o Clube começou a perder suas atletas para outras equipes. Verificaram-se 27 transferências de 1995 a 2008: cinco da 1ª geração de campeãs (até 1997); 15 da 2ª geração (até 2004); e sete da 3ª geração (até 2011), em sua maioria após temporada vitoriosa do Clube. Além disso, verificou-se que apenas cinco atletas pertenciam à categoria adulta, enquanto 22 ainda estavam nas categorias de base. Entre as atletas de categorias de base, 18 se transferiram para equipes do próprio estado e somente quatro para outros estados. Contudo, destaca-se que entre os anos de 2009 e 2011 (gestão da nova diretoria), apenas duas atletas se transferiram e uma delas retornou já no ano seguinte.

Para treinadores e dirigentes, essas transferências são negativas, quando as atletas saem para atuar em equipes do estado, pois, para eles, ao

mesmo tempo em que enfraquecem suas equipes, fortalecem as equipes adversárias. No entanto, eles percebem como positiva a saída de uma atleta para atuar em equipes fora do estado, principalmente no estado de São Paulo, pois isto lhe possibilita, de forma mais segura, a continuidade da carreira esportiva.

“Agora quando é em uma categoria, como já aconteceu bastante, que nós éramos os atuais campeões e o outro time veio para ‘quebrar a gente no meio’, veio e tirou as melhores atletas. Além de reforçar sua equipe ainda quebra a gente, por causa de R\$ 300,00, meio salário mínimo e uma bolsa de estudo em um colégio [...]. Isso eu nunca vi com bons olhos” (Treinador A).

“Ficávamos tristes, no sentido de perder a atleta, mas por outro lado, nós teríamos uma atleta que estava saindo para fazer uma faculdade, para dar continuidade a sua carreira. Então nós na qualidade de equipe ficávamos tristes, mas por elas ficávamos felizes” (Treinador C).

“Assim como meus pais, os dirigentes do Clube também me apoiaram, já que eu não teria competição aqui, além dos Jogos Abertos, eles sabiam que lá eu teria mais oportunidades” (Atleta transferência 2ª geração).

Percebe-se assim tanto nos documentos quanto nos depoimentos dos entrevistados que as diretrizes foram sendo modificadas e o Clube que sempre foi visto apenas como referência na ‘formação de atletas’ e que não conseguia, por questões financeiras, manter suas jogadoras, passou a ter como meta conservá-las em suas equipes, para assim investir em equipes de alto rendimento e constituir um time adulto representativo. No entanto, colocar em prática essas novas propostas só foi possível com o incremento no auxílio público e privado recebido, especialmente o convênio com universidade privada.

“Na verdade esta situação foi invertida nos últimos anos, isso tem se modificado, até 17 anos nós tínhamos categorias de base boas, depois não se tinha expectativa nenhuma, então sair era manter o sonho de continuar jogando. [...] O processo agora é de manutenção de atletas. Procurar reter os profissionais que nós temos aqui na cidade, que são atletas de [...] através do incentivo da universidade, dos patrocinadores” (Presidente).

“Hoje nós já temos estrutura para segurar as atletas aqui. [...] se é para sair e ficar aqui em Santa Catarina, nós até orientamos pai e mãe que não compensa mais fazer este tipo de aposta” (Treinador C).

Apesar de o Clube ter alterado suas condutas no que se refere às transferências de atletas para outras instituições, as diretrizes de retenção estabelecidas pela nova diretoria e bem explícitas na fala dos treinadores não conseguiram estabelecer políticas para estimular a permanência, no esporte, de atletas que o abandonam de forma precoce. Este fato é preocupante, haja vista o número de jogadoras em atuação revelar que a instituição não consegue manter nem ao menos 10 atletas, nas categorias correspondentes à sua idade, tendo de buscar o reforço nas categorias inferiores para completar a equipe.

“Você começa com uma base, extremamente ampla e ela vai afinilando, é um triângulo [...] isso é um processo normal em função da nossa modalidade não ser a mais popular. Digamos que pela nossa cidade não ser um grande pólo, você não consegue achar centenas de atletas. Então você vai começar, exemplo, uma categoria mini com 30 crianças da idade [...] você vai chegar no juvenil com pouquíssimas meninas do juvenil, as outras serão infante” (Treinadora B).

O abandono da modalidade ocorre, principalmente, no momento de transição entre as categorias de base e a adulta, em decorrência da entrada da atleta no Ensino Superior e no mercado de trabalho. Para os entrevistados, principalmente as atletas das primeiras gerações, os motivos para o abandono se relacionavam ao desânimo das jogadoras com a prática esportiva, à insistência de pais e namorados, por não perceberem um futuro no basquete e, principalmente, à ausência de ajuda financeira e/ou de bolsa de estudo.

“Minha relação com dirigentes e treinadores no momento do abandono foi de total decepção deles para comigo. Eu acabei abandonando [...] em virtude de ser muito cobrada pelos meus pais para trabalhar e guardar dinheiro para iniciar minha faculdade e com isso acabei dispersando meu foco do basquetebol” (Atleta abandono 1ª geração).

“Iniciei a faculdade em turno vespertino e noturno, sem incentivo do basquete e sem horários disponíveis para treinar tive que abandonar o esporte” (Atleta abandono 2ª geração).

Neste cenário, verifica-se que as situações consideradas negativas pelos atletas em desenvolvimento podem contribuir para uma mudança de comportamento, com extensões psicológicas disruptivas capazes de gerar índices elevados de desistência de uma modalidade, comprometendo

assim o êxito do processo de formação esportiva (MASSA; UEZU; BÖHME, 2010).

Similarmente, os motivos de transferência para outros clubes estavam relacionados a: recebimento de salário (ajuda financeira) e de bolsa de estudo em escolas e universidades; participação em maior número de competições e de campeonatos da categoria adulta; experiência de sair de casa; expectativa de que atuar em outro clube seria melhor; perspectiva de continuidade da carreira esportiva.

“Eu acho que pelo fato de lá ter mais verba na época, era mais fácil nós entrarmos em uma competição. A treinadora sabia que tinha uma competição em São Paulo, por causa da verba a gente ia competir. [...] então eu participava dos joguinhos, do juvenil, do adulto” (Atleta retorno 1ª geração).

“A princípio, em termos de basquete, existia a possibilidade de uma vitrine maior, porque a equipe para a qual eu fui transferida, ela participava de competições em nível nacional” (Atleta retorno 2ª geração).

“[...] oportunidades de jogar com a equipe adulta e desenvolver minhas habilidades. Eles me ofereceram faculdade [...]. Também me ofereceram uma ajuda de custo para jogar” (Atleta transferência 3ª geração).

Os motivos de permanência das atletas, que nunca abandonaram a modalidade ou se transferiram para outro clube, estavam ligados às aprendizagens como pessoa e como profissional (processo proximal); ao prazer, amor e gosto pelo esporte (atributos da pessoa); ao incentivo familiar; à amizade estabelecida com a diretoria, os treinadores e as colegas (contexto). Para algumas dessas atletas, as propostas de outros clubes não se apresentaram interessantes ou elas não tinham como objetivo atuar em outros locais (contexto). Observa-se, portanto, que não foram as diretrizes do Clube as responsáveis pela manutenção destas atletas em suas equipes.

“O motivo de eu ter ficado, ter continuado é porque eu gosto muito e como eu nunca tive, nunca recebi nada pelo basquete, sempre, desde o início eu joguei por prazer. Então até o final da minha carreira, mesmo não recebendo nada, para mim é uma questão de prazer mesmo, de jogar basquete porque eu gosto muito” (Atleta permanência 2ª geração).

Os relatos apresentados revelam que, nas primeiras gerações, a falta de propostas do Clube (ajuda financeira e bolsa de estudo) foi

decisiva para a maioria de abandonos e transferências. Os envolvidos justificam que essa falta de propostas ocorria devido à falta de recursos financeiros do próprio Clube para auxiliar financeiramente as atletas e a dificuldade que possuíam para conseguir convênio com alguma universidade para o fornecimento de bolsas de estudo. Para tentar superar os problemas de abandono e transferência, a diretoria estabeleceu novas propostas e ações de permanência das jogadoras, por meio de convênio com uma universidade para concessão de bolsas de estudo e de propostas financeiras (ajudas de custo). Além disso, houve a busca de consolidação de uma equipe adulta competitiva e de maior participação em competições para motivar as jogadoras.

É o desejo desta diretoria, além de promover o basquetebol, plantar a semente para a formação de uma boa infraestrutura para manter os atletas na cidade, haja vista que hoje temos uma geração de atletas que orgulha a cidade pelas conquistas alcançadas (CBC, 2010, p. 3).

'Agora parece que, com esta nova diretoria, realmente estamos com o foco de chegar e manter uma categoria adulta. [...] Outra é a questão da bolsa de estudo na faculdade. Isso aí é que está mantendo. [...] a gente não tinha isso, não tínhamos uma [...], uma estrutura, que nos apoiasse. 'Espera aí! Você vai embora por quê?'. 'Vou embora porque lá eu vou ganhar faculdade'. 'Aqui também você vai ganhar'. 'Eu vou embora porque lá eles vão me oferecer R\$ 400,00 por mês'. 'Espera aí, R\$ 400,00 por mês, mas aqui a gente também oferece isso para ti. Então porque que você vai sair?'. Não tem porque sair. A gente consegue hoje em dia fazer uma negociação de igual para igual com as equipes do Estado que nos levavam as atletas" (Treinador C).

Considerando-se a importância de estratégias em longo prazo, em ambientes eficazes no desenvolvimento de talentos, os achados da presente investigação mostraram a existência de um grande número de fatores que influenciam os jovens a se manterem engajados em seus processos de desenvolvimento, tais como financiamentos, recursos, avaliações, recompensas, competições e estrutura do clube (MARTINDALE; COLLINS; DAUBNEY, 2005).

Fatores de sucesso do ambiente no desenvolvimento de talentos do basquetebol feminino

O Modelo dos Fatores de Sucesso do Ambiente, proposto por Henriksen (2010), prevê que o sucesso de um contexto no

desenvolvimento de talentos esportivos (eficácia na produção de atletas) é resultado da interação entre as condições oferecidas e o processo de desenvolvimento. O modelo toma como ponto de partida as condições fornecidas pelo contexto, ilustrando que as rotinas diárias (processo) podem desencadear três resultados: desenvolvimento e conquistas individuais dos atletas; conquistas coletivas; cultura organizacional.

Neste modelo, as pré-condições incluem recursos humanos, materiais e financeiros, os quais são necessários para o processo de desenvolvimento dos talentos, mas que, isoladamente, não garantem seu sucesso (HENRIKSEN, 2010; HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2010, 2011). Neste sentido, destaca-se que o Clube de Basquete possui, como fonte de subsídios: o apoio privado, o convênio público e a mensalidade de seus associados. Os treinadores informaram que o Clube costumava realizar promoções (rifas e jantares) para captação de recursos. No entanto, eles lamentam que essas atividades não sejam mais desenvolvidas, pois os recursos financeiros atuais do Clube de Basquete ainda são insuficientes e inadequados, apesar de terem melhorado consideravelmente nos últimos anos.

Henriksen (2010) ressalta que o mundo esportivo apresenta crescentes desafios aos atletas, trazendo cada vez mais solicitações financeiras para as organizações esportivas. Nesta perspectiva, Galatti (2010) sublinha que os patrocínios apresentam importância marcante na promoção esportiva, sendo imprescindíveis para a manutenção de equipes competitivas e representativas.

No que se refere aos parceiros e apoiadores do setor privado, os registros históricos revelam que, em 1994 (ano da 1ª participação em competições estaduais), o Clube recebia o patrocínio de uma empresa privada e tinha convênio com uma escola particular, a qual disponibilizava bolsas de estudo para as atletas e locais de treinamento para as equipes. No ano de 2011, o Clube já contava com cinco empresas colaboradoras, além de convênios com uma clínica de fisioterapia, uma academia de musculação e uma universidade.

“No setor privado nós não temos um grande patrocinador que nos banque, são pequenas verbas, pequenos auxílios, ajudas de empresários que colaboram por simpatizarem com a modalidade [...]” (Presidente).

“Em termos de privado, temos a [...], mas este não é recurso financeiro que entra diretamente na conta do Clube, a [...] não entra com dinheiro, entra só com as bolsas. [...] Nós temos este ano oito bolsas integrais, se nós formos contar isso em valores, é um valor significativo” (Treinador C).

Apesar da importância atribuída ao convênio firmado para o fornecimento de bolsas para as atletas do Ensino Superior, não se observa, nas falas de treinadores e dirigentes, preocupação com a perda dos convênios com escolas particulares, existentes até o ano 2010. Tampouco são referidas por eles propostas para o reestabelecimento de tais convênios, os quais, durante anos, foram fundamentais como incentivo às atletas (base da pirâmide esportiva) que se encontravam na Educação Básica.

O apoio público advém de convênio firmado com a FME-PM e é considerado o mais significativo pela diretoria. O presidente enfatiza a importância da política adotada pela administração municipal nos últimos anos, a qual atribui aos Clubes um ‘adicional por merecimento’, de acordo com os resultados apresentados pela modalidade, quando representa a cidade em competições oficiais, promovidos pela FESPORTE.

A Prefeitura Municipal [...] é a principal fonte dos recursos para a manutenção das atividades do CBC e, além disso, contrata e cede os professores/técnicos para o Clube (CBC, 2006, p. 1).

“[...] conforme os resultados alcançados, a verba melhora ou piora. Então a gente graças a Deus teve esse incremento de verba por merecimento. Esse ano nós tivemos um incremento de 35% devido ao título da OLESC. [...] OLESC, Joguinhos e Jogos Abertos, 1º, 2º e 3º lugar possuem um incremento nos benefícios e dependendo dos resultados uma queda” (Presidente).

A diretoria informa que para conseguir colaboradores, tem estabelecido como estratégias o encaminhamento de projetos para programas governamentais (como no caso do Fundo de Incentivo ao Esporte - FUNDESPORTE) e conversas com empresários locais. Galatti (2010) identificou, no que se refere à captação de patrocínios por um clube de basquetebol espanhol, que esse processo ainda se apresenta pouco profissional. Nesse caso, a diretoria prepara um material de apresentação de clube, equipes e atividades, procurando empresas que possam se interessar em investir.

Os treinadores do Clube percebem como fundamentais a consolidação de uma equipe adulta e o *marketing*, através de um órgão público, para esclarecimento sobre o patrocínio esportivo junto ao empresariado da cidade. Como uma das dificuldades para conseguir patrocínio é referida a ausência do basquete na mídia e de ídolos nacionais na modalidade. Na opinião dos treinadores, o orçamento apertado das empresas, o elevado número de modalidades em busca de patrocínio, a

não conquista de título adulto e a não exploração dos resultados da equipe também contribuem para esse cenário.

“A prefeitura agora tem se focado no marketing, porque para nós termos patrocínio tem que haver um esclarecimento, uma consciência maior por parte dos empresários. Parece que eles não vêem o patrocínio de uma equipe como um investimento, uma propaganda, mesmo assim, depois que uma equipe consegue este patrocínio eles não exploram, não possuem o interesse em explorar” (Treinador C).

“[...] tem um intervalo muito longo, de mais ou menos 15 anos, que não temos ídolos nacionais, os ídolos são os mesmos de antigamente - Oscar, Hortência. Então falta vitrine nacional para o basquete” (Ex-diretor de esportes).

Neste sentido, observa-se a importância que a sociedade atribui a um determinado esporte influencia o sucesso alcançado por seus praticantes. Nos países em que existe uma modalidade “[...] tradicionalmente dominante, as oportunidades de aprendizagem, a qualidade dos recursos materiais e técnicos e de apoio social [...]” induzem à maior participação e, conseqüentemente, possibilitam o aumento do número de atletas a atingir o alto rendimento (SANTOS, 2011, p. 38).

As despesas do Clube são compostas por alimentação, moradia, transporte, inscrições, taxas de arbitragem e ajuda de custo às atletas destaques e àquelas que a diretoria percebe que possuem necessidades. Além destas ajudas, cujo valor sai do orçamento do Clube, e das bolsas da universidade, três atletas recebem auxílio do ‘Programa Bolsa Atleta’ do governo federal, como mostram os seguintes relatos:

“Bolsa Atleta do Ministério do Esporte, por causa da seleção. No brasileiro tem que ficar entre os três primeiros colocados. Tem que encaminhar, no próximo ano, a solicitação. Santa Catarina ficou em 2º no sub17 e três meninas de [...] fizeram a solicitação e receberam a bolsa. O brasileiro foi em 2009, nós solicitamos em 2010 e recebemos agora em 2011” (Atleta permanência 3ª geração).

“[...] R\$ 925,00, nacional, por causa da seleção sub17. Você vai bem em uma competição nacional, fica entre os três, nos ganhamos em 2009, me inscrevi em 2010 para receber em 2011” (Atleta retorno 3ª geração).

Em investigação realizada com talentos do atletismo paranaense, Vieira e Vieira (2000) também constataram a importância de auxílio financeiro e educacional para o desenvolvimento destes atletas, bem como do auxílio dos governos estadual e municipal para a promoção e a manutenção esportiva. Neste contexto, constata-se que o esporte federado tem efetivamente se tornado um dos principais viabilizadores de fomento financeiro governamental em âmbito nacional, sendo os principais programas com investimentos públicos federais, no cenário brasileiro o 'Time Mania', o 'Bolsa Atleta' e a 'Lei de Incentivo ao Esporte' (CARVALHO, 2009; GALATTI, 2010). Galatti (2010) informa que, no caso específico do 'Programa Bolsa Atleta', está previsto a destinação de valores mensais, em dinheiro, para os atletas selecionados por federações e confederações, beneficiando, de forma indireta, algumas instituições, pois elas deixam de ser as únicas a custear os salários de seus jogadores.

Em termos de recursos materiais, o Clube possui como infraestrutura secretaria e locais de treinamento e competição, cedidos pela FME-PM, além da academia de musculação apoiadora, na qual as atletas realizam as atividades supervisionadas por seus treinadores. Observa-se assim que o Clube não possui instalações próprias, mas apenas as cedidas por seus apoiadores, tanto públicos quanto privados. Galatti (2010) corrobora a indicação de que os clubes esportivos podem possuir sede própria ou utilizarem-se, para a promoção do esporte, de espaços públicos ou privados, tanto cedidos quanto alugados.

Os recursos humanos de um clube esportivo incluem atletas, comissão técnica e outros profissionais disponibilizados, dispostos ou disponíveis para auxiliar (BIZZOCCHI, 2006). Os recursos humanos do Clube de Basquete se relacionam às atletas contratadas e formadas nas escolinhas do Clube, as quais são registradas na FCB e na Liga Oeste Catarinense de Basketball (LOCAB) e aos membros da diretoria que trabalham, de forma voluntária, (familiares dos atletas) no fornecimento de suporte extra-quadra para os treinadores, quer na elaboração de projetos para captação de recursos, quer nas atividades de administração e gestão. Os treinadores são contratados pela FME-PM, sendo dois deles efetivos na Secretaria Municipal de Educação e cedidos para o esporte e uma contratada em caráter temporário, porém atua, na instituição, há sete anos. Além disso, a FME-PM disponibiliza, em caso de necessidade, fisioterapeuta, massagista e psicólogo.

Ao investigar um clube esportivo espanhol, Galatti (2010) destacou que tal clube possuía diversidade de ações, mas um número até certo ponto limitado de pessoas no setor administrativo, resultando em

fragilidade da diretoria. Identificou também a prevalência de pessoas ligadas ao clube, em função da prática esportiva dos filhos, as quais, de forma voluntária, contribuíam com administração da entidade.

Os resultados obtidos em relação às pré-condições financeiras, materiais e humanas do Clube de Basquete (Figura 4) demonstram a relevância do exossistema de patrocinadores para a organização, a sobrevivência e o crescimento da instituição. Ressaltam-se, principalmente, as bolsas de estudo no Ensino Superior, as quais mudaram a realidade de manutenção e avanço das atletas em suas carreiras esportivas. A pertinência da FME-PM, tanto no auxílio financeiro e material quanto na disponibilização de recursos humanos, revela a dependência do Clube deste exossistema. As informações sobre o ‘Programa Bolsa Atleta’ enfatizam a importância do macrossistema governo federal e das políticas públicas para o setor esportivo e realçam a constatação de que a ausência de ídolos nacionais na modalidade (cultura esportiva) atrapalha a captação de novos apoiadores. Vieira, Vieira e Krebs (2012, p. 59) corroboram que “[...] o talento (pessoa), nos diferentes períodos vitais (tempo), sofre efeito de decisões tomadas ao nível de governos estadual e federal (contexto)”, demonstrando que as modalidades se encontram fortemente dependentes do macrossistema.

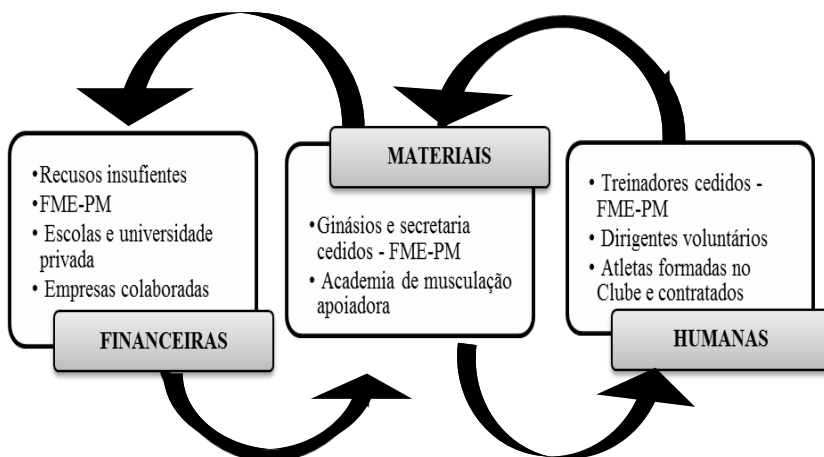


Figura 4 - Resumo das pré-condições apresentadas pelo Clube de Basquete.

No Modelo de Fatores de Sucesso do Ambiente, o processo se refere a atividades desenvolvidas em determinado contexto (HENRIKSEN, 2010; HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER,

2010, 2011). No Clube de Basquete estudado, visualizaram-se as seguintes atividades: reuniões, eventos sociais, treinamento, competições. As reuniões têm caráter mais formal e são realizadas com os pais dos atletas para informar sobre as atividades e a administração do Clube. As assembleias com os associados efetivam-se para deliberações, eleições, prestação de contas, entre outros procedimentos.

Dentre os eventos sociais, predominam encontros informais entre atletas, dirigentes, treinadores e alguns familiares, para comemoração de conquistas ou para socialização entre eles. Jantares formais, no início e/ou no final do ano, são promovidos pela instituição, para os quais também são convidados representantes dos setores público e privado e da mídia local.

As atletas das escolinhas e da equipe mini frequentam as sessões de treinamentos três vezes por semana, nos períodos matutino ou vespertino (contra-turno escolar). As categorias mirim, infantil e infante possuem treinos técnico-táticos diariamente (segunda a sexta-feira), no período vespertino, com frequência diária de 2 horas e preparação física, envolvendo preparação aeróbia (corridas) duas vezes por semana, em torno de 1 hora e preparação anaeróbia (musculação) duas vezes por semana, com duração média de 1 hora e 30 minutos. As equipes juvenil e adulta realizam as sessões de treinamento técnico-tático, diariamente (segunda a sexta-feira), no período noturno, com frequência diária de 2 horas e preparação física, envolvendo a preparação anaeróbia (musculação) três vezes por semana, com duração diária de 1 hora e 30 minutos. A preparação aeróbia é realizada, predominantemente, duas vezes por semana, nas próprias sessões de treinamento técnico-tático. Apesar de o planejamento e a execução da preparação física estarem sob a responsabilidade dos treinadores, eles disseram receber auxílio do instrutor da academia conveniada para a elaboração dos programas de musculação.

O aumento da carga horária e da quantidade de dias de treinamento na semana, quando a criança começa um treinamento mais específico, visando à participação em competições federadas, também foi observado nos programas de iniciação e especialização esportiva da Grande São Paulo (ARENA; BÖHME, 2000).

No que se refere às competições, o Clube de Basquete costuma participar de campeonatos regionais e estaduais. Nos últimos anos, também tem participado de eventos nacionais e internacionais. No âmbito regional, as equipes disputam as categorias mini, mirim, infantil e infante pelo Clube (LOCAB), bem como a OLESC, os Juguinhos Abertos e os Jogos Abertos (FESPORTE), representando a cidade. Em âmbito

estadual, disputam as categorias mirim, infantil, infanto-juvenil e juvenil (FCB), além das competições já citadas promovidas pela FESPORTE, participando também dos JESC (12 a 14 anos e 15 a 17 anos), para representação das escolas apoiadoras. Até 2010, as atletas competiram pelas escolas particulares que forneciam bolsas de estudo. Em 2011, com o fim dos convênios, passaram a competir por uma escola pública para a qual a maioria das atletas foi transferida para poderem participar juntas da competição. Houve também a disputa dos Jogos Universitários Catarinenses (JUCs), pela universidade patrocinadora. Em âmbito nacional e internacional a equipe já disputou competições de nível escolar e algumas atletas participaram de campeonatos brasileiros de seleções, representando o estado de Santa Catarina.

As atividades desenvolvidas (processo), no ambiente de desenvolvimento de talentos do basquetebol feminino investigado, revelam que as atividades molares (treinamentos e competições) se intensificam expressivamente em termos de persistência temporal com o avanço das atletas em seus processos de formação esportiva (Figura 5).

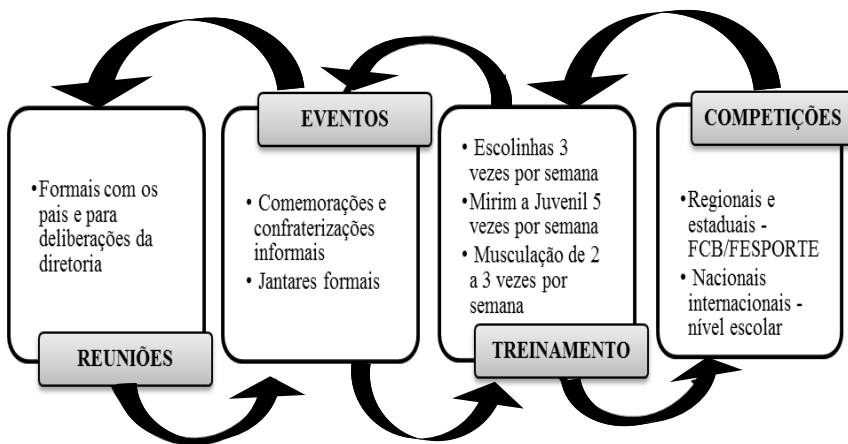


Figura 5 - Resumo do processo ocorrido no Clube de Basquete.

Os resultados do processo ocorrido no ambiente analisado correspondem ao desenvolvimento e às conquistas individuais, às conquistas coletivas e à cultura organizacional. O desenvolvimento e as conquistas individuais se referem à aquisição de competências psicossociais e de habilidades esportivas, bem como à forma como estas

se combinam para o sucesso esportivo (HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2010, 2011).

Nos relatos de treinadores e dirigentes, percebe-se que eles se orgulham de conseguirem desenvolver determinadas competências psicológicas e psicossociais junto a suas atletas, como responsabilidade pessoal (dedicação) e comprometimento com o esporte e os estudos; boas relações interpessoais (união e amizade) entre elas e entre elas e os demais agentes do Clube. Estas competências também são reconhecidas e enfatizadas pelas atletas.

“Eu acho que não é o ganhar acima de tudo. São inseridos vários valores [...]. O objetivo sempre tem sido o mesmo, através do esporte, formar pessoas corretas. [...] esse grupo que a gente trabalha, 99% são meninas corretas, estudiosas, que sabem o que querem do futuro e que têm muitos valores bons inseridos. Graças ao basquete esses valores também foram inseridos, digamos também pelo esporte, não só pelo meio familiar. [...] Você ver uma menina, agora não acontece, porque elas são novas, mas daqui a alguns anos, você ver ela formada, no caminho certo, eu acredito que dará uma gratidão bastante grande” (Treinadora B).

“Maravilhoso, foram os melhores anos da minha vida no basquete, porque apesar de você não ganhar nada financeiramente, você jogava por amor [...] nas outras cidades é diferente [...] querendo uma bater, ganhar o espaço da outra, você começava a pensar assim: ‘ah, vou treinar porque eu sou obrigada a treinar, porque eu estou recebendo’. O sentimento era diferente, se eu pudesse voltar atrás, eu voltava, ficava sempre em [...]” (Atleta retorno 1ª geração).

“Em [...] todas as atletas jogavam por amor ao basquete, já que nunca recebemos para jogar e isso mantinha o time unido e essa era um das grandes diferenças do nosso time, a união” (Atleta abandono 2ª geração).

“Dedico-me bastante no que faço, pois são coisas que eu realmente gosto, admiro e que escolhi para minha vida e sei que futuramente colherei bons resultados” (Atleta permanência 3ª geração).

O sucesso esportivo individual das atletas formadas no Clube de Basquete está refletido na conquista de títulos de ‘cestinha’ (maior pontuadora da competição) e destaque em competições regionais, estaduais e nacionais, além da convocação para seleções estaduais e pré-convocações para seleções nacionais de categorias de base. Os registros históricos e os depoimentos dos participantes revelam que 13 atletas já

foram ‘cestinhas’ de competições estaduais, promovidas pela FCB, sendo que quatro delas conquistaram esse título mais de uma vez, duas foram ‘cestinhas’ de campeonato regional e uma de competição nacional. Além disso, duas atletas foram consideradas destaque em campeonatos regionais e duas em eventos nacionais.

As atletas relatam que essas conquistas individuais são fonte de emoção, prazer e gratificação por verem seus esforços recompensados. Observa-se, em seus depoimentos, que as relações interpessoais mantidas entre as atletas são lembradas nesses momentos de conquista, uma vez que as jogadoras constantemente referem suas conquistas individuais como coletivas, as quais não poderiam ocorrer sem o empenho e o auxílio de suas colegas.

“Foi bastante importante, eu gostei. Eu fiquei muito emocionada, fiquei chorando. Tirei foto chorando, foi bom. Meu coração parecia que ia sair pela boca. Porque eu não esperava. [...] eu agradei ao time pela ajuda, por tudo, por eu ter recebido o título de ‘cestinha’ que não foi só meu, foi delas também” (Atleta retorno 3ª geração).

“Quando eu ganhei o troféu de cestinha do estadual, teve um sentimento muito bom, porque foi fruto do nosso trabalho. Não vou dizer que foi meu porque não foi, foi um trabalho do time todo” (Atleta transferência 3ª geração).

O Clube também tem se destacado na formação de atletas convocadas para seleções estaduais. Os registros oficiais revelam 31 atletas selecionadas, sendo 17 mais de uma vez. Em relação à seleção nacional, o Clube já teve sete atletas pré-convocadas, no entanto, nenhuma ficou entre as 12 que foram para as competições representar o país. Para treinadores e atletas, a convocação para disputar um brasileiro de seleções é almejada pela maioria das jogadoras, sendo um momento esperado com muita ansiedade por elas.

“Neste mesmo ano foi o ápice da minha carreira no basquete, eu tinha conseguido garantir minha vaga na seleção catarinense, na qual ficamos em 3º lugar no brasileiro e eu havia recebido dois convites para jogar em outros municípios” (Atleta abandono 1ª geração).

“[...] cada atleta que pega a primeira seleção fica emocionada, fica feliz, tem mais motivação, mais vontade de treinar, treina para pegar outras” (Atleta retorno 3ª geração).

Apesar de uma pré-convocação para seleção brasileira ser vista como um momento muito especial para as atletas, a treinadora B lamenta a dificuldade de uma atleta catarinense ser incluída entre as 12 selecionadas, como pode ser observado nos relatos a seguir:

“Foi bem emocionante, principalmente na seleção brasileira, que nunca esperei ser chamada, porque nunca tive contato com ninguém de lá [...]. Foi muito, foi bem importante para mim, bem emocionante” (Atleta retorno 3ª geração).

“A gente trabalha para isso, nós sabemos que a nossa realidade geográfica e política nos impede às vezes de estar em uma seleção brasileira. Às vezes não depende só da atleta, da qualidade da atleta, hoje em dia tem muita questão política envolvida e outros fatores que não valem a pena citar agora. Então a gente fica muito contente quando uma menina está em uma seleção catarinense ou quando é o auge ela ser lembrada pela seleção brasileira. A gente sabe que uma catarinense ficar entre as 12 de uma seleção brasileira, é difícil, em função desses outros fatores, mas eu acho que ser lembrada, já é um grande fator” (Treinadora B).

Os três treinadores das equipes femininas do Clube já foram convocados para dirigir seleções estaduais em campeonatos brasileiros de base, sendo que entre treinador e assistente técnico houve 12 convocações.

As conquistas coletivas são definidas, por Henriksen, Stambulova e Roessler (2010, 2011), como o sucesso esportivo da equipe, sendo, portanto, relevante, principalmente para esportes coletivos. O Clube de Basquete alcançou, de 1994 a 2011, 23 títulos estaduais em competições de base promovidas pela FCB (mini, mirim, infantil, infante, juvenil) e dez títulos estaduais em eventos promovidos pela FESPORTE (OLESC, Joguinhos Abertos, JESC). Conquistou igualmente dois títulos nacionais e dois títulos internacionais em competições escolares (Olimpíadas Escolares, Seletiva Nacional, Jogos Escolares Sul-Americanos e Pan-Americanos), representando as escolas patrocinadoras do Clube. A Tabela 1 e a Tabela 2 ilustram a trajetória de sucesso das equipes das categorias de base do Clube, nas competições da FCB.

Tabela 1 - Participação e conquistas em competições estaduais promovidas pela FCB.

	Mini	Mirim	Pré-infantil	Infantil	Infanto	Juvenil	Sub19	Total
Campeão	02	08	00	06	05	01	01	23
Vice-campeão	00	01	01	03	02	00	00	07
3º lugar	00	02	00	01	02	01	00	06
Total de medalhas	02	11	01	10	09	02	01	36
Participação	02	13	01	12	16	04	01	49

A Tabela 2 também evidencia a forte tradição das equipes de base do Clube em competições realizadas no estado de Santa Catarina, com uma média de 73% de vitórias nos jogos disputados, principalmente nas categorias mini, mirim e infantil. Observa-se um decréscimo na categoria infanto, na qual o Clube costumava perder suas atletas para outras instituições do estado. A descontinuidade desse sucesso reflete-se na categoria adulta, que tem apenas 19% de vitórias.

Tabela 2 - Percentual de vitórias em competições estaduais promovidas pela FCB.

Categoria	Participação	Nº jogos	Vitórias	Derrotas	% Vitórias
Mini	02	15	13	02	87%
Mirim	13	150	126	24	84%
Pré-infantil	01	03	02	01	67%
Infantil	12	152	109	43	72%
Infanto-juvenil	16	207	142	65	69%
Juvenil	04	40	23	17	58%
Taça FCB Sub19	01	03	03	00	100%
Total	48	567	415	152	73%
Adulto	02	14	02	12	14%
Taça FCB Adulto	03	07	02	05	29%
Total	05	21	04	17	19%

Para os treinadores, as conquistas são fruto do trabalho desenvolvido nas escolinhas e reforçado nos treinamentos das categorias de base, bem como do trabalho psicológico e motivacional realizado junto às atletas, além da sempre citada união entre estas. As atletas reforçam a importância e a emoção que vivenciaram com a conquista de títulos, tanto em âmbito estadual quanto nacional e internacional.

*“O bom trabalho feito na base, desde o início, desde a iniciação”
(Treinador A).*

“É engraçado falar isso, vindo de técnico que trabalha bastante parte de quadra, físico, mas o fator motivacional todo tem sido a nossa conversa, a nossa união, a vontade de sempre buscar algo melhor. [...] A confiança que eu passo para elas. Elas sabem que podem confiar em mim. [...] Às vezes as conversas não são tão calmas como a gente imagina, mas todas têm fluído resultados e melhor do que eu para falar dos resultados, são os números e os títulos” (Treinadora B).

“O ano passado foi a minha primeira OLESC e a última, nós fomos campeãs invictas. Foi um campeonato muito bom, tanto para mim quanto para as minhas colegas. A seletiva para o Pan-Americano foi muito boa, a gente joga aqui no estadual sempre com os mesmos times, lá nós jogamos contra São Paulo, Ceará e outros times. [...] O estadual de 2006 que foi o primeiro que nós fomos campeãs, o JESC de 2007 que nós estávamos perdendo de sete pontos, faltava 21 segundos e a posse de bola era delas. Elas já estavam até comemorando e nós ganhamos de um ponto” (Atleta permanência 1ª geração).

A cultura organizacional é central no Modelo dos Fatores de Sucesso do Ambiente, consistindo em três níveis: artefatos culturais, valores adotados, premissas básicas. Os artefatos culturais incluem histórias e mitos contados no ambiente; costumes e tradições; manifestações físicas e culturais, tais como roupas, utensílios e organogramas (HENRIKSEN, 2010). Nos clubes esportivos, realmente existe uma tradição e uma história que determinam normas específicas, rituais e padrões comportamentais (GALATTI, 2010).

Os documentos históricos do Clube de Basquete, as reportagens de jornal e, principalmente, os relatos de dirigentes, treinadores e atletas evidenciaram como artefatos culturais o orgulho por este clube ser reconhecido como ‘formador de atletas’, responsável pela formação de seus talentos, denominados ‘prata da casa’. Essa percepção reflete-se inclusive em relatos de atletas que se transferiram para outros locais, mas que não deixaram de reconhecer a importância do contexto onde foram formadas.

As equipes de basquete de [...], diferentemente das demais equipes, são formadas exclusivamente com atletas ‘pratas da casa’, com base de formação realizada aqui nas escolinhas de basquete [...] (COLUNA DO BASQUETE, 2003, p. 75).

“[...] querendo ou não é o top, é uma cidade pequena, que se esforça e forma muitas atletas, muitas atletas boas, daí o quê que acontece, [...] quem tem dinheiro, é muito mais fácil, vai lá, pega e pronto, leva de graça. Então pelo menos eles têm que ver, pagar,

já que eles não sabem formar atletas, que tirem do bolso. Assim, talvez times maiores vão começar a pensar em parar de tirar atletas de outras cidades e começarão a formar as suas” (Atleta retorno 1ª geração).

“[...] foi a sede que me ensinou a jogar basquete, que ensina as crianças o gosto pela atividade física, a desenvolver habilidades desde pequeno e se apaixonar pelo esporte. As pessoas que estão por trás disso, treinadores, dirigentes, pais e mães, estão porque gostam e fazem de coração, com muita dedicação. Por isso [...] é hoje uma das cidades que tem a melhor equipe de base do estado” (Atleta transferência 2ª geração).

Muitas histórias sobre a emoção sentida, no momento das convocações para seleções estaduais, e a experiência vivenciada, na disputa de campeonatos brasileiros, são contadas e passadas de geração em geração. Essas histórias acabam por se refletirem em um grande objetivo para atletas mais jovens, que buscam chegar aonde suas colegas já chegaram. As atletas mais experientes passam, portanto, a serem vistas como ‘espelhos’ para as iniciantes.

Em termos de manifestações físicas e culturais (roupas, utensílios e organogramas) observa-se que o Clube busca, por meio das estampas em uniformes de jogo e de treino, pela colocação de *banners* em locais de treinamento e de competição e, principalmente, através de reportagens de jornal divulgar as marcas de seus apoiadores e do próprio Clube.

Em investigação realizada com atletas de alto nível da vela dinamarquesa, Henriksen, Stamblova e Roessler (2010) constataram a contagem de muitas histórias entre os atletas, principalmente pelos atletas de elite, com destaque para as experiências do mundo, incidentes humorísticos, lições aprendidas, dificuldades enfrentadas e apoio mútuo. Além disso, os autores verificaram que a roupa das entidades patrocinadoras era sempre usada pelos atletas de elite.

Os valores defendidos são os princípios sociais, as normas, as metas e os padrões que a organização mostra para o mundo, servindo como motivação para as ações visíveis, embora estes valores adotados (o que os membros dizem fazer) nem sempre correspondam aos valores decretados (o que eles realmente fazem) (HENRIKSEN, 2010). Os documentos e os relatos dos entrevistados demonstram que os principais valores assumidos pelos membros do Clube são a formação de cidadãos, a valorização de posturas éticas dos atletas formados em suas escolinhas e equipes, a coletividade, a união, o companheirismo e, especialmente, a formação de uma família. Tais fatores estão evidenciados nos seguintes depoimentos:

“Fatores que sempre trabalhamos: valores humanos, cidadania, conselhos. Nosso método sempre foi trabalhar estas questões com as crianças: ‘você é atleta, mas tem que pensar no futuro, ter maturidade’” (Ex-diretor de esportes).

“[...] além de uma equipe, a gente é um grupo bastante unido, como a gente chama a família CBC. Eu acho que elas, assim como eu as tenho como família, elas me tem quase que como uma segunda mãe e é essa questão forte que a gente tem de união que eu acredito que fez a equipe dar certo [...]” (Treinadora B).

“O basquete para mim se tornou o centro de tudo. As amigadas, os colegas de escola, os amigos das baladas, tudo girava em torno do basquete. Quando precisei abandonar perdi o contato com o meu mundo” (Atleta abandono 1ª geração).

“O acolhimento do pessoal daqui é mais aberto, se você tem algum problema eles vêm conversar. Cada jogo, cada vitória [...] era uma emoção. Está jogando na minha casa, com o time, que é a minha família” (Atleta retorno 3ª geração).

De modo similar, os valores adotados pelos atletas da vela dinamarquesa, investigados por Henriksen, Stambulova e Rossler (2010), estão ligados ao trabalho conjunto, haja vista que eles se ajudam mutuamente e se divertem, enquanto visam ao alto desempenho esportivo. Por sua vez, os valores identificados por Henriksen, Stambulova e Rossler (2011), em investigação com atletas de equipe de caiaque norueguesa se referem à importância de uma comunidade inclusiva para todos os jovens, apesar de o contexto destacar, constantemente, os melhores e os piores resultados entre eles.

Os pressupostos básicos estão subjacentes às razões para as ações, ou seja, o que leva os indivíduos de determinada entidade a agir de determinada maneira (HENRIKSEN, 2010). Neste contexto, o Clube demonstra possuir, como pressuposto inicial, o interesse em recrutar grande número de crianças e jovens para formar seus talentos, ao invés de realizar testes e observações para detectar e selecionar atletas a priori. Outros pressupostos presentes na fala dos entrevistados, por considerá-los fundamentais para a continuidade do sucesso alcançado, são a busca pela valorização do trabalho desenvolvido no Clube; a busca constante pela aproximação da modalidade com a FME-PM; a manutenção do convênio com a Universidade.

“A gente trabalha com todos que procuram e ali dentro, algumas se destacam e outras não. A gente nunca manda embora, ‘essa sim, essa não, essa não dá’” (Treinador A).

“Ali fora você percebe que estamos sendo muito bem acolhidos e acima de tudo obtendo apoio de quem comanda, isso é a essência. Um ponto de vista importante. Antigamente o basquete era na AABB, parecia que era algo separado, distante das demais modalidades, hoje nós temos uma salinha na secretaria, nós estamos lá dentro. É importante você estar próximo, senão você acaba se distanciando. Eu percebia isto, parecia que o basquete não tinha nada haver com as demais estruturas do esporte” (Presidente).

“[...] conseguimos colocar na cabeça delas um sonho que antes não era conseguido. A gente fala que elas podem se tornar atletas mesmo estudando, temos essa possibilidade de dizer que as meninas que continuarem jogando, elas poderão ter um Ensino Superior gratuito” (Treinadora B).

Um pressuposto muito forte nas declarações e que demonstrou alteração no tempo histórico da entidade é o fato de o clube ter sido reconhecido apenas como formador de atletas, visando somente ao investimento na formação esportiva (categorias de base). Atualmente, porém, ele tem buscado, a partir da manutenção das jogadoras em suas equipes, investir em atletas de rendimento (categoria adulta).

“Agora nossa estratégia é essa, levar este grupo para o adulto, mantendo o grupo aqui e assim entrar no mercado do adulto que até hoje a gente não conseguiu ser competitivo [...]” (Treinador A).

“Hoje eu vejo que além de um time bom, agora estão participando de um monte de coisa, de Pan-Americano, de Sul-Americano, participa disso, participa daquilo, é lógico que as meninas vão se empolgar. Só estão ganhando, só estão ganhando” (Atleta retorno 1ª geração).

O principal pressuposto analisado por Henriksen, Stambulova e Rossler (2010) com atletas de elite é que eles próprios são os responsáveis por sua excelência, sendo a autonomia considerada atributo-chave de um potencial vencedor. Por sua vez, os atletas estudados por Henriksen, Stambulova e Rossler (2011) acreditam que comunidades de treinamento bem sucedidas são hierárquicas, proporcionando respeito e reconhecimento aos que estão no topo e motivando os mais jovens para alcançarem essa condição.

O resumo dos resultados (individuais, coletivos, culturais) alcançados pelo contexto de desenvolvimento de talentos revela o sucesso na formação de atletas do basquetebol, tanto em termos esportivos quanto pessoais (Figura 6), evidenciando que este contexto tem possibilitado aos envolvidos resultados de competências cada vez mais significativos.

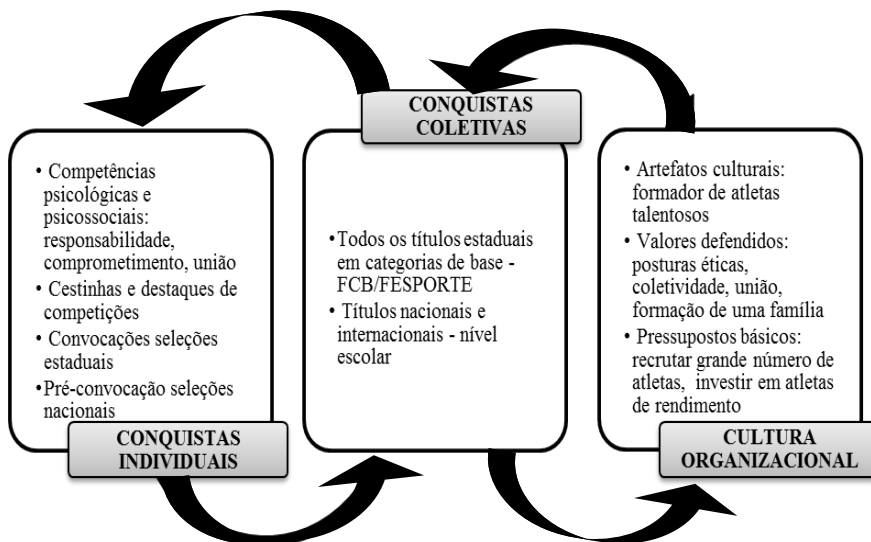


Figura 6 - Resumo dos resultados alcançados pelo Clube de Basquete.

As informações obtidas sobre os fatores de sucesso do ambiente do microsistema esportivo investigado corroboram a declaração de Ferreira, Markunas e Nascimento (2005). Descrevem os autores que se torna cada vez mais perceptível que, em localidades e instituições onde o trabalho de base é desenvolvido de maneira organizada, séria e responsável, a promoção de atletas de destaque configura-se como uma consequência. Todavia, deve-se ter clareza que essa consequência se dá, sobretudo, pela seriedade e profissionalismo de treinadores, preparadores físicos e outras pessoas envolvidas no trabalho como dirigentes e psicológicos.

Processo de formação esportiva no basquetebol feminino: a influência das diretrizes e dos fatores de sucesso

No paradigma Bioecológico do Desenvolvimento Humano, os processos proximais funcionam como os motores do desenvolvimento, sendo diferenciados em termos de dois tipos de resultados de

desenvolvimento que produzem: a competência e a disfunção. A competência (positiva-ativa) é marcada pela aquisição e pelo desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e capacidades, nos domínios intelectual, socioambiental, motivacional ou artístico. A disfunção (negativa-passiva) se refere à manifestação recorrente de dificuldades em manter o controle e a integração do comportamento, em situações ocorridas em diferentes domínios de desenvolvimento (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, 2006).

As informações obtidas sobre as diretrizes e os fatores de sucesso, presentes no tempo histórico do Clube de Basquete, revelaram a ocorrência, nas primeiras gerações estudadas, de um produto de competência na formação das atletas e de um produto de disfunção na manutenção e no avanço destas jogadoras durante suas carreiras esportivas. As mudanças elencadas nessas diretrizes e o incremento do apoio público e privado, nos últimos anos, evidenciaram um avanço do processo de competência também para a perspectiva de continuidade da carreira esportiva, dentro das próprias equipes do Clube.

Observa-se, nas primeiras gerações de atletas, que o processo de disfunção ocorria, principalmente, pela falta de incentivo de alguns laços secundários do mesossistema familiar (pais) e pela ausência de propostas advindas dos laços indiretos, presentes na diretoria do clube (dirigentes esportivos). Estes poucos pais incentivavam o abandono do esporte pelas atletas, para que elas se dedicassem ao estudo e ao trabalho, pois o Clube não possuía condições de fornecer salários nem bolsas de estudo no Ensino Superior. Isto levava as atletas a apresentarem disposições disruptivas em torno da prática esportiva para poderem auxiliar nas despesas de casa. Destaca-se que as disposições disruptivas são os atributos da pessoa (produto e produtoras do desenvolvimento) referentes às características ou disposições comportamentais que colocam obstáculos ou mesmo impedem o desenvolvimento dos processos proximais (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, 2006).

Os membros da diretoria mantinham suas diretrizes focadas apenas na formação de atletas e não em sua manutenção e em seu avanço no cenário esportivo, devido à ausência de patrocinadores privados que ajudassem a bancar o incentivo financeiro para as atletas e ao fato de o convênio público não ser suficiente. Os recursos adquiridos, principalmente via exossistema FME-PM, possibilitavam a participação restrita a alguns níveis competitivos. Esta situação também causava disposições disruptivas das atletas, que acabavam abandonando a modalidade ou se transferindo para outras equipes.

No entanto, no tempo histórico e a partir dos processos de competência demonstrados pelas equipes (conquistas de títulos importantes para a cidade) e da mudança do quadro diretivo, o Clube conseguiu ampliar seus laços com os exossistemas patrocinadores e FME-PM, apresentando novas possibilidades de carreira para as gerações seguintes de atletas. Essa ampliação dos convênios público e privado, principalmente o apoio de universidade particular possibilitou à diretoria colocar em prática a renovação de suas diretrizes para a manutenção e o avanço das atletas nos níveis competitivos. Foi assim promovida significativa mudança no processo de desenvolvimento das atletas de basquetebol, no microsistema investigado.

Neste contexto, enfatiza-se a importância do macrotempo no desenvolvimento das novas gerações de atletas no ambiente de desenvolvimento de talentos esportivos investigado. Bronfenbrenner e Morris (1998, 2006) revelam que o macrotempo (tempo histórico) focaliza as expectativas e os eventos em mudança no âmbito da ampla sociedade, tanto dentro quanto através das gerações, influenciando e sendo influenciado por processos e resultados do desenvolvimento humano. Segundo Neiva-Silva, Borowski e Koller (2004), o macrotempo contempla desde o passado e a história vivenciada por cada pessoa em desenvolvimento, até as expectativas em relação ao futuro por ela elaboradas.

As evidências encontradas demonstram assim que o passado, o presente e o futuro de um ambiente de desenvolvimento esportivo o tornam extremamente dinâmico, fazendo com que tanto os atletas quanto os próprios contextos estejam constantemente mudando e influenciando um ao outro de forma recíproca (HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2010).

O processo ocorrido dentro da estrutura do Clube de Basquete permitiu-lhe, por meio das pré-condições oferecidas, dos processos possibilitados e, principalmente, dos resultados alcançados, tanto formar atletas competentes quanto se organizar para melhor usufruir destes talentos, em uma perspectiva de longo prazo. Desse modo, destaca-se que a possibilidade de receber salários e bolsas de estudo no Ensino Superior, de participar de maior número de competições em distintos níveis, inclusive na categoria adulta, proporcionou à nova geração visualizar a continuidade de uma carreira esportiva dentro do próprio Clube.

Considera-se, pois, que essa mudança de perspectivas motivou disposições geradoras significativas entre as atletas de basquetebol, no microsistema analisado. As disposições geradoras (interesse e motivação das atletas para permanecerem no esporte e nas equipes do Clube,

avançando para míveis competitivos mais elevados) são destacadas, por Bronfenbrenner e Morris (1998, 2006), como orientações ativas, tendências para iniciar e se engajar em atividades, além de respostas positivas a iniciativas dos outros, perseguindo-se melhor suas metas de longo prazo.

OS ELEMENTOS DO CONTEXTO: AS ATIVIDADES, AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS E OS PAPÉIS SOCIAIS

Atividades molares vivenciadas em ambiente de desenvolvimento de talentos do basquetebol feminino

Um dos aspectos mais importantes, imediatos e significativos no processo de desenvolvimento humano, ocorrido dentro de um microsistema são as atividades molares, uma vez que elas englobam requisitos e características do ambiente que provocam, instigam e transformam esse processo. Tais atividades são compreendidas como ações contínuas, que ocorrem durante determinado período, sendo “[...] reconhecidas e identificadas como significativas e intencionais pelas pessoas envolvidas no ambiente” (POLONIA; DESSEN; SILVA, 2005, p. 79). Bronfenbrenner (1996) defende que atividade molar é um comportamento de continuidade que possui tanto persistência ao longo do tempo quanto significado ou importância para a pessoa em desenvolvimento e para as outras pessoas presentes no ambiente imediato.

Em termos de persistência temporal e importância atribuída, observou-se que, nas sessões de treinamento do microsistema esportivo estudado, as atividades molares vivenciadas pelas atletas de categorias de base do basquetebol correspondem ao treinamento físico e ao treinamento técnico-tático. O treinamento técnico-tático proposto para as atletas é realizado, frequentemente, cinco vezes na semana, com exceção de alguns períodos, nos quais os treinamentos acontecem também aos sábados. Os treinadores participantes do estudo informaram que a ênfase do conteúdo abordado, nas atividades proporcionadas às atletas de categorias de base durante aos treinos, depende fundamentalmente do período da temporada esportiva (básico, específico, competitivo). Eles destacaram que esses mesociclos são organizados e planejados em função de um ou dois macrociclos que dependem do número de competições-alvo que as equipes possuem durante o ano. O relato do treinador A exemplifica essas informações:

“Normalmente são macrociclos. [...] Às vezes, como no caso deste ano, eu tive que fazer dois macrociclos, um para a OLESC e outro para o quadrangular final do estadual. [...] período de preparação básica, período de preparação específica, depois período de competição. Toda a organização dentro do treinamento esportivo. No período básico a ênfase maior é na parte física e técnica. No específico começa a entrar a parte tática junto, diminuí um pouco o técnico, não muito, e inclui o tático. O físico como é nos horários extraquadra, então permanece. No período de competição o físico cai bastante, fica mais só em velocidade, agilidade. Os pesos, em parte de preparação física, ficam visando mais potência e explosão. A ênfase maior fica no técnico e no tático” (Treinador A).

Na elaboração das progressões de aprendizagem, os treinadores procuram respeitar os períodos de preparação indicados para o treinamento esportivo (COLLET et al., 2007). No entanto, segundo os técnicos colaboradores desta investigação, tal planejamento pode sofrer alterações durante a temporada, em decorrência da organização tática e/ou da capacidade técnica dos adversários ou do desempenho demonstrado pelas atletas da equipe nas competições ou nos jogos disputados, como observa a treinadora B:

“Quando você vem de uma rodada, de um jogo em que você avalia que algum fundamento não está fluindo como você queria, você automaticamente vai enfatizar esse fundamento. Então se não estava no planejamento, você substitui ou diminui outro e enfatiza esse de maior necessidade [...]. As alterações são muito em função do desempenho das nossas atletas e muitas vezes em função de uma tática diferente que outro time apresenta, uma defesa diferente ou uma atleta que se destaque em algum fundamento, diferente do que você estava acostumada a competir. Então é de acordo com as partidas e os adversários” (Treinadora B).

A elaboração do planejamento é sem dúvida uma das tarefas mais importantes de uma temporada esportiva, estabelecendo-se marcas que acabam servindo de referência quando barreiras acabam obrigando a revisão do caminho traçado. Além disso, é importante salientar que mesmo havendo uma competição mais importante como foco de determinado ano, o treinador deve enxergar a temporada de forma ampla, pois somente com o desenvolvimento criterioso do trabalho físico, técnico, tático e a integração entre eles é que se conseguirá com maior probabilidade alcançar o sucesso almejado (BIZZOCCHI, 2006).

No contexto investigado, os microciclos de treinamento são planejados de acordo com o conteúdo a ser abordado em determinada

semana. As sessões de treinamento possuem como segmento do treino (SAAD, 2012), ou seja, são organizadas seguindo uma estrutura básica: conversas iniciais, aquecimento com bola (ou sem, em algumas exceções), fundamentação técnica (fundamento individual, combinação de fundamentos), fundamentação técnico-tática (estruturas funcionais), fundamentação tática (jogadas preestabelecidas), competição (jogo formal). A preparação física é realizada nas próprias sessões de treinamento ou em horários alternativos. O enfoque maior em um ou outro segmento depende do conteúdo em destaque.

“[...] o normal, dentro da sessão é assim: começa com as explicações, com uma conversa [...] uma parte de aquecimento com bola, dependendo também da época do ano, porque aqui é muito frio e têm dias que é preciso aquecer primeiro fisicamente para depois começar com bola. Depois vai mais para a parte específica, fragmentado: arremesso, rebote, bandeja, drible, exercício de determinado fundamento [...]. Depois eu começo a colocar exercícios em que já tenha a união disso, exercícios em que se trabalha vários elementos [...]. No final vou mais para a parte tática, querendo organizar mais essa parte [...]. Em todos os treinamentos eu procuro trabalhar também contraataque, 3 contra 2, 2 contra 1, transição” (Treinador A).

Essas informações se assemelham à indicação de Collet et al. (2007), de que as progressões parecem ser estruturadas, inicialmente, de forma segmentada, para abordar individualmente as ações técnicas do jogo de forma simplificada. Há o intuito de, posteriormente, combiná-las em exercícios que articulem a execução técnica de dois ou mais fundamentos, até se chegar aos aspectos táticos e sua aplicação em situações de jogo, com aumento progressivo da complexidade. Neste contexto, Lima, Costa e Greco (2011) enfatizam que a sequência das atividades realizadas durante os treinamentos, focadas na padronização, que iniciam com a realização de exercícios de fundamentos individuais ou combinação de fundamentos e terminam com o jogo coletivo, parecem indicar a predominância, não necessariamente a exclusividade, da utilização do método analítico de ensino dos esportes.

Investigações de contextos de treinamento de diversas modalidades esportivas, dentre elas basquetebol, futsal, handebol e voleibol, também têm verificado a presença de segmentos do treino pautados, principalmente, em conversas com o treinador, alongamento, aquecimento com ou sem bola, treinamento físico, treinamento técnico, treinamento tático e jogo (STEFANELLO, 1999; SAAD, 2002; MENDES, 2006; MORALES et al., 2009; LIMA; COSTA; GREGO, 2011; SAAD, 2012).

Contudo, Stefanello (1999), ao investigar treinamentos de ginástica artística e de voleibol, verificou que, no esporte individual, não foram observadas conversas entre atletas e treinadores e que, no esporte coletivo, esta atividade ocorria durante as transições de entrada, descanso e parte final. Apresentava-se, pois, como a única atividade a não requisitar participação ativa dos atletas, embora exigisse que eles prestassem bastante atenção às orientações do treinador.

O treinador A declarou que procura trabalhar, nas sessões de treinamento, todos os elementos do jogo (ataque, contra-ataque, defesa), enquanto a treinadora B manifestou que busca priorizar um ou outro, dependendo do conteúdo abordado na semana. As narrativas dos treinadores revelam suas preocupações:

“Em todos os treinamentos eu procuro trabalhar todos os elementos do jogo, por exemplo: parte de defesa, parte de contraataque, parte de ataque” (Treinador A).

“Semanalmente, por exemplo, esta semana vou trabalhar defesa. Então os treinamentos dessa semana são baseados em defesa. A parte técnica é a que mais me fascina e eu gosto de explicar, eu enfatizo bastante a questão de drible, das fintas. Passe, eu acho que no basquete de hoje você não pode errar passe. Ando enfatizando bastante a defesa, algo que nos fez melhorar bastante. A defesa não é um fundamento só técnico, mas é um fundamento tático, a nossa forma defensiva. Trabalho bastante uma defesa agressiva [...], englobando muita preparação física, muita parte de posicionamento de perna, de braço e a postura agressiva que a gente adotou. Então de um ano para outro você tem que ir enfatizando, quanto mais passiva a tua defesa menos contraataque você tem e a nossa arma é a velocidade, sempre foi. Então quanto mais forte for a nossa defesa, melhor será o nosso contraataque” (Treinadora B).

O enfoque atribuído ao treinamento técnico e tático indistintamente foi visualizado em estudos realizados no voleibol, no basquetebol e no futsal (COSTA et al., 2007; MORALES et al., 2009; ALONSO; GODOY, 2010; SAAD, 2012), enquanto a ênfase unicamente na fundamentação tática (CAÑADAS et al., 2010) ou técnica (SAAD, 2002; MENDES, 2006; LIMA; COSTA; GRECO, 2011) foi vislumbrada em pesquisas no basquetebol, handebol, futsal e voleibol. Em contraposição ao encontrado nesta investigação, algumas pesquisas constataram maior preocupação dos treinadores com o ataque, em detrimento da defesa (ALONSO; GODOY, 2010; CAÑADAS et al., 2010). Neste sentido, Alonso e Godoy (2010) reforçam que o fato de os técnicos priorizarem determinados conteúdos

em detrimento de outros demonstra o que eles consideram mais relevante para o processo ensino-aprendizagem-treinamento, ou seja, para os quais é necessário dedicar mais tempo em suas programações.

As atividades molares, na concepção de Stefanello (1999), para além da persistência temporal, variam quanto ao grau e à complexidade dos objetivos que as motivam. Portanto, torna-se relevante o modo como o indivíduo as percebe. As atividades de fundamentação técnica, além da persistência temporal em que ocorrem nas sessões de treinamento e da ênfase atribuída a elas pelos treinadores, possuem significado próprio atribuído pelas atletas para a sua prática.

Os exercícios de fundamento individual, principalmente arremesso, bandeja e defesa, são citados como os mais apreciados pelas jogadoras. Contudo, as atividades que elas mais gostam de praticar, nas sessões de treinamento, correspondem à prática competitiva - jogo formal (coletivo no final do treino e amistosos com atletas de outras categorias em horário de treino). Contudo, as atividades que envolvem estruturas funcionais de jogo (2x2, 3x3, vantagem e desvantagem numérica) e, principalmente, as jogadas preestabelecidas e a preparação física foram as menos citadas.

“Joguinho no final do treino. Eu acho que é o joguinho no final do treino. Amistosos que tem com o juvenil, nós fizemos às vezes para pegar mais ritmo de jogo. Às vezes a gente faz com as mais novas para dar ritmo de jogo para elas também” (Atleta infante I).

“As atividades que envolvem arremesso ou aquelas que envolvem bandeja. Arremesso e bandeja” (Atleta infante D).

“[...] três contra três, três contra dois, quatro contra três, essas atividades mais contínuas, eu acho legal, são os meus preferidos” (Atleta juvenil E).

As variações de jogos pouco citadas pelas atletas como atividades preferidas, mas enfatizadas pelos treinadores nos treinamentos, correspondem ao que Ferreira, Galatti e Paes (2012) e Oliveira e Paes (2012) classificam como situações de jogo (simulação de situações reais de jogo em momentos isolados - 1x1, 2x2, 3x3, 2x1, 3x2). A ideia desses ‘jogos situacionais’ se apoia em oportunizar que os atletas pratiquem o esporte desde uma situação real, incentivando-os a jogarem com diferentes estruturas funcionais que envolvam igualdade, inferioridade ou superioridade numérica (GRECO; BENDA, 2006).

Apesar de o jogo formal ser destacado pelas atletas como o preferido em termos de prática, ele não aparece entre os considerados por elas como os mais importantes para o processo formativo ou como os

mais influentes em seu desempenho, durante uma temporada esportiva (preferência *versus* importância). Contrariamente, os treinamentos físico e tático, pouco citados como atividades preferidas, possuem importante significado para o engajamento dessas jogadoras, uma vez que elas os veem como as atividades mais relevantes do processo ensino-aprendizagem-treinamento, em parceria com a preparação técnica.

“A pessoa tem que estar bem fisicamente, porque não dá para ganhar um jogo com a pessoa morrendo de cansaço” (Atleta infantil B).

“Eu acho que é a preparação física. Mais do que a técnica e a tática, eu acho que é o físico. Se não tiver o físico, vai chegar lá e vai errar as bandejas” (Atleta infante H).

“Trabalhamos bastante a questão tática, o que nos garante uma maior tranquilidade na hora do jogo” (Atleta juvenil A).

“É justamente o físico. Como a nossa treinadora fala: ‘nosso time é reconhecido pelo físico que a gente tem’. [...] Eu acho que o físico é uma das partes mais importantes do treinamento” (Atleta juvenil D).

O treinamento físico, citado pelas atletas como fundamental para o processo formativo, é desenvolvido, segundo os treinadores, por meio de atividades de preparação aeróbia e anaeróbia, durante o ano todo. As atletas das categorias mirim, infantil e infante participam de atividades de musculação duas vezes por semana, além de atividades de corrida duas vezes por semana, as quais são realizadas no ginásio ou ao ar livre. As atletas da categoria juvenil trabalham a parte física, em forma de corrida, no início do ano, durante a pré-temporada, passando, posteriormente, a realizar exercícios que envolvem pico de velocidade e deslocamentos, trabalho com borracha, entre outros, em intervalos do horário do treinamento técnico-tático, enquanto a musculação é praticada três vezes por semana. De modo similar ao treinamento técnico-tático, os treinadores enfatizam que, durante a temporada, são realizadas algumas interrupções planejadas na preparação física.

“Na pré-temporada [...] é muita intensidade na parte aeróbia para dar aquela desintoxicada vindo das férias. [...] a gente começa a colocar a parte anaeróbia junto, que é a parte de resistência, de adaptação delas na academia. Após esta parte de adaptação, a gente já começa a fazer um trabalho de força e de impulsão. Elas treinam segunda, quarta e sexta na academia, terça e quinta eu procuro fazer piques de velocidade, trabalho

com borracha, deslocamentos. Então digamos que elas trabalham cinco vezes por semana o físico e essas atividades de terça e quinta são trabalhadas durante o próprio treinamento, quando dá uma baixa, ex.: fez um lance livre tem que fazer três suicídios” (Treinadora B).

A preparação física foi citada por 13 das 31 atletas participantes do estudo, como fundamental para o desempenho esportivo da equipe durante a temporada. Isto demonstra significado e persistência temporal e as torna atividades molares presentes nesse processo. Destaca-se ainda que duas jogadoras informaram que essas são suas tarefas preferidas e três declaram serem essas as atividades menos apreciadas, apesar de as considerarem importantes para seu desenvolvimento como atletas.

Relações interpessoais presentes em ambiente de desenvolvimento de talentos do basquetebol feminino

As equipes esportivas são um ambiente de grande impacto para o desenvolvimento infanto-juvenil, formando não apenas atletas com bons desempenhos técnicos, mas também grupos com capacidade de fortalecer suas relações interpessoais (STEFANELLO, 1999). A análise das informações contidas nas entrevistas realizadas com atletas e treinadores do Clube de Basquete estudado revelou que as relações interpessoais são percebidas como fundamentais para o sucesso no desenvolvimento de talentos esportivos.

Evidenciou-se que as díades tanto observacionais quanto de atividade conjunta e primárias se fazem presentes e exercem influência sobre esse processo de formação esportiva. Tal constatação corrobora a afirmativa de Krebs (2003), baseado nos pressupostos de Bronfenbrenner (1998), de que as relações interpessoais se apresentam em uma hierarquia de três níveis. No primeiro nível, as relações interpessoais não envolvem ativamente as pessoas que participam da mesma atividade, mas uma observação entre elas. Para que se evolua para o segundo nível, é necessário haver reciprocidade, equilíbrio de poder e afetividade na participação conjunta entre os sujeitos. No terceiro nível, a relação continua existindo, mesmo quando uma das pessoas não está presente, constituindo-se assim as relações primárias.

Uma díade observacional acontece, de acordo com Bronfenbrenner (1996), quando um indivíduo presta cuidadosa e continuamente atenção à atividade de outra pessoa, a qual reconhece, no mínimo, o interesse demonstrado por aquela. Na díade observacional estabelecida entre as atletas das categorias de formação, observa-se seu grande interesse em

acompanhar os jogos umas das outras, como processo de aprendizagem da modalidade. Entre as entrevistadas, 24 atletas informaram que costumam acompanhar as partidas das colegas, quatro indicaram que somente às vezes conseguem assistir aos jogos, apenas três não conseguem prestigiar as outras equipes do Clube. As 31 jogadoras reconhecem que a maioria das companheiras costuma estar presente nos jogos e nas competições, torcendo por elas.

As atletas que disseram não conseguir acompanhar as partidas do Clube justificaram que não o fazem devido às atividades escolares ou por morarem em outra cidade, o que dificulta o deslocamento somente para assistirem aos jogos, nos finais de semana em que não há treino. Entre as atletas que privilegiam os jogos das outras categorias, observa-se que, principalmente as novatas, procuram assistir aos jogos para observar o desempenho das colegas, ou seja, como forma de experiência e de aprendizagem. Essas díades observacionais, estabelecidas entre as atletas, se caracterizam como processos proximais e são valorizadas pelos treinadores, os quais solicitam que elas busquem prestigiar os jogos umas das outras, tanto como forma de incentivo para as que jogam quanto de aprendizagem para as que assistem.

“Porque a gente vai aprendendo o que elas já sabem. Elas já sabem como passar a bola se alguém está ali marcando. A gente não sabe e vamos aprendendo com elas. A gente olha, elas fazem, a gente vai pensando, raciocinando e fazendo” (Atleta mirim B).

“A gente vê as mais velhas que viram as mais velhas antes. A gente vai vendo elas, a gente vai pegando as coisas já passadas para elas, nós aprendemos uma coisa e vamos passando de geração em geração” (Atleta mirim I).

“Sempre que eu posso sim, porque é importante, você aprende na quadra, você aprende no banco e você aprende na arquibancada também. Então sempre que você pode ver, sempre que você pode assistir, você vai ver alguma coisa nova que você não sabe, uma jogada nova, uma movimentação nova. Então você acaba aprendendo. E é divertido demais assistir aos jogos” (Atleta infante A).

Informações similares foram obtidas nos estudos de Silva (2009) e de Galatti (2010), os quais mostraram que as crianças e os adolescentes das categorias menores costumam assistir aos jogos da equipe profissional de basquetebol, em seus respectivos clubes. Bronfenbrenner (1996) descreve que o fato de prestar atenção à ação de outras pessoas se configura como um processo de desenvolvimento significativo, por se

constituir em uma das condições necessárias para a aprendizagem observacional. Para verificação da ocorrência ou não desta aprendizagem, pode-se observar se a pessoa em desenvolvimento tenta, posteriormente, executar as atividades que viu os outros realizarem. Montagner (1999) corrobora que, por meio da observação e da imitação, as crianças também aprendem esportes, pois a ação de observar e imitar encontra, no meio cultural e nas relações entre os indivíduos, elementos essenciais para a aprendizagem esportiva.

As declarações sobre o acompanhamento dos jogos, como forma de aprendizagem pelas atletas, reforça o estabelecimento de díades de observação. Muitas vezes, as atletas iniciantes veem as mais experientes como ‘espelhos’ e buscam aprender e evoluir no esporte, por meio dessa observação. As atletas de categorias mais elevadas sabem dessa responsabilidade e procuram, por meio de incentivo, colaboração e dicas de atuação (processos proximais), contribuir com o processo formativo das iniciantes.

“Quando a gente está jogando aqui, às vezes elas dão dicas, falam para nós o que a gente tem que fazer. Elas ajudam bastante. Na verdade eu não sei por que elas vêm, nós somos menores e elas não vão aprender com a gente, mas elas vêm mesmo assim, acho que mais para nos apoiar” (Atleta mirim L).

“Gosto de prestigiar o basquete, independentemente da categoria. Acredito, que isso seja uma motivação para as meninas mais novas. [...]. Geralmente combinamos entre nós, meninas da equipe, para irmos assistir aos jogos, pois sabemos da importância que tem [...], sem contar que a colaboração entre as diversas categorias é se suma importância” (Atleta juvenil A).

Investigações realizadas em outros contextos esportivos também revelaram que atletas mais avançadas ou com nível técnico superior tendem a atrair a atenção das demais (SILVA, 2009; BOTTI; NASCIMENTO, 2011). Neste contexto, Silva (2009) reflete que o termo ‘espelho’, tradicionalmente utilizado no cenário esportivo, se refere a uma expressão utilizada coloquialmente para representar uma referência a ser observada ou um modelo a ser seguido.

As díades observacionais, visualizadas nesta investigação, são reforçadas ainda pela admiração que as atletas afirmam possuir por suas companheiras de grupo. Tal admiração advém, especialmente, da observação do bom desempenho técnico e das conquistas individuais alcançadas pelas colegas, bem como de sua demonstração de esforço e dedicação. Essas díades são ampliadas para relacionamentos conjuntos de

reciprocidade e afetividade, em que o companheirismo demonstrado faz com que as colegas passem a admirá-las e querer evoluir com elas.

“Elas jogam bem, eu acho que elas jogam bem. [...]. Então eu tento fazer as coisas que elas fazem. As jogadinhas que elas de vez em quando ensinam para a gente, alguma coisa assim” (Atleta mirim I).

“[...] por ela ser nova e já ser titular na equipe principal, que é o adulto aqui. Então é o que todas querem e ela consegue. Ela joga bem, é bem minha amiga também. Ela se dedica bastante” (Atleta infante E).

“Eu acho que ela é a melhor que tem no Estado [...]. Ela tem um grande potencial, ela já foi convocada para a seleção brasileira e para a seleção catarinense junto comigo. Eu acho que eu aprendo muito com ela” (Atleta infante H).

Em uma de suas hipóteses, Bronfenbrenner (1996) cita que, quando duas pessoas prestam atenção recíproca às atividades uma da outra, torna-se provável que acabem se empenhando juntas nessas atividades. Desta forma, as díades observacionais transformam-se em díades de atividade conjunta. As díades conjuntas de reciprocidade são visualizadas, especialmente, nas falas referentes ao apoio emocional, pautado na colaboração e no incentivo entre as atletas, bem como ao apoio informativo, em forma de dicas de atuação, principalmente das mais velhas para as mais novas, tornando-se estes apoios vetores do desenvolvimento na carreira esportiva destas atletas (processos proximais). As atletas também demonstram valorizar esse tipo de relação interpessoal estabelecida com seus treinadores, os quais costumam disponibilizar tanto apoio emocional (elogios, incentivo, motivação) quanto informativo (dicas, explicações), o que é percebido por elas como fundamental para seu desenvolvimento.

“Elas são legais comigo, me tratam bem, não me tratam mal porque eu sou nova ou porque eu estou vindo. Elas são muito legais comigo, fazem brincadeiras comigo. As mais velhas, elas me explicam, se eu faço alguma coisa de errado elas dizem: ‘faz isso, faz aquilo’, isso me ajuda” (Atleta mirim E).

“[...] quando a gente se machuca, todo mundo vem ali: ‘se machucou, vamos ajudar, pega lá um remédio, uma coisa para passar no joelho, no braço’. [...] Eu acho que é o incentivo das amigas, quando você chega, elas te abraçam: ‘ah, você chegou’. Acho que a gente tem muita colaboração uma da outra” (Atleta mirim I).

“Eu cheguei e falei para o nosso treinador, que não estava mais ..., que eu estava pensando em desistir, daí ele disse que não, que eu era boa, que eu era boa atleta, jogava bem. Ele está sempre me botando para cima [...]. Ele me motiva bastante a continuar” (Atleta infantil B).

A cooperação, principalmente entre as atletas, parece refletir a preocupação de crianças e jovens em ajudar seus companheiros, em apoiá-los diante dos erros cometidos, em encorajá-los a tentar de novo, em colaborar para o alcance do mesmo objetivo, em agir em conformidade com o que é importante para o grupo, não pensando apenas em si mesmo (STEFANELLO, 1999). O apoio emocional percebido na relação entre treinadores e atletas é intensificado quando elas percebem que seus técnicos se preocupam com sua vida fora das quadras, ou seja, buscam conversar e auxiliar, dentro do possível, em seus assuntos pessoais, fornecendo apoio para além dos problemas ou dificuldades esportivas, como retratam as narrativas de algumas atletas e treinadores:

“Quando os meus pais brigavam bastante, ele sempre me apoiava. Me incentivava para eu não ficar triste” (Atleta mirim A).

“Ele é praticamente o nosso pai, a gente convive bastante. Ele ajuda você no basquete como ajuda você na sua vida pessoal, ele está sempre te ajudando. Porque querendo ou não ele nota quando você está triste, quando alguma coisa acontece com você. Ele percebe o teu jeito, porque ele convive com você há muitos anos, como no meu caso, há mais de seis anos. Então ele sabe quem realmente você é” (Atleta infante C).

“[...] onde problemas pessoais são levados a mim constantemente. Eu procuro ajudar, procuro resolver. Eu não trabalho só dentro de quadra com elas, eu trabalho 24 horas por dia, se qualquer uma precisar de madrugada me ligar, eu vou atender, vou procurar falar com ela” (Treinadora C).

Nesse *continuum* existente nas relações interpessoais, Bronfenbrenner (1996) explicita que, conforme os participantes se envolvem em suas interações, é muito provável que demonstrem sentimentos mais profundos em relação um ao outro. Tais sentimentos podem ser mutuamente positivos, negativos, ambivalentes ou assimétricos. Neste sentido, destaca-se que as díades de afetividade visualizadas no presente estudo são reforçadas pelos depoimentos referentes ao nível de relacionamento estabelecidos entre as atletas no cotidiano de treinamentos. Neste caso, 29 jogadoras disseram que se

percebem com bom relacionamento com grande parte das colegas, relação esta pautada na amizade, na união e nas brincadeiras entre elas. Além disso, a relação afetiva com os treinadores é pautada na afinidade, na amizade e na percepção de uma relação familiar estabelecida com eles.

“Boa, com todas. Nenhuma que eu não seja amiga, todas, todas do time. Tanto do juvenil quanto infante, mirim e infantil são todas minhas amigas. Nós somos amigas dentro e fora de quadra (Atleta infante A).

Aqui é muito bom, todo mundo se dá bem com todo mundo, tanto dentro quanto fora de quadra. Nós sempre procuramos ajudar uma à outra. Quando alguém não está bem, todas ficam incentivando. A treinadora tem uma relação, como eu disse antes, de mãe e filha, na quadra quando tem que ser cobrado ela cobra, mas ela também brinca quando pode brincar” (Atleta juvenil A).

“O motivo é justamente o convívio, esse convívio com as atletas que é uma coisa meio diária, meio família, se transforma em família. Então é importante, eu gosto [...] na equipe você acaba conhecendo as particularidades, a intimidade é grande e isso é legal” (Treinador A).

No entanto, apesar de 29 atletas indicarem que possuem bom relacionamento com a maioria das colegas, 14 delas expressaram que possuem pouca afetividade com algumas de suas companheiras, por terem ocorrido brigas, em muitos momentos, e por existir certa desconfiança em alguns relacionamentos estabelecidos. Para as mais novas, essa falta de afetividade ocorre por cobranças relacionadas aos erros cometidos e pela seriedade das mais experientes, as quais reclamam das brincadeiras em momentos inapropriados e da falta de atenção demonstrada pelas novatas.

“A relação é legal. Com algumas a gente fica meio brava, porque se a gente erra alguma coisa elas cobram [...]. Algumas são só amigas de equipe e com algumas têm bastante amizade” (Atleta mirim K).

“Com as da minha idade e com as mais novas me dou super bem, somos bem amigas. Já as mais velhas não sou muito assim, é mais ou menos. Porque elas são mais velhas [...]. Tem mais vontade de jogar, não são como nós de brincar e dar risada. Então minha convivência com as da minha idade e as menores é mais alegre, mais rindo. Com as mais velhas não é um contato ruim, só que é menor” (Atleta infantil B).

“[...] com as pequenas eu não tenho tanta afinidade. Porque eu acho tão frio treina lá em baixo, porque é todo mundo falso, todo

mundo arrogante, então eu prefiro evitar de treinar lá em baixo” (Atleta infante F).

“Inconstantes, bem inconstantes. Às vezes nós estamos de boa, às vezes nós estamos super brincalhonas uma com as outras e às vezes nós estamos brigando, nos batendo, calada uma com a outra. É que são temperamentos diferentes, culturas diferentes, maneiras de se relacionar totalmente diferentes, humores diferentes, que eu me adaptei” (Atleta juvenil G).

As relações sociais entre atletas experientes e novatas revelam que, em alguns casos, não são estabelecidas díades de equilíbrio de poder em favor das jogadoras iniciantes, o que as leva a não visualizarem uma troca de conhecimento com as mais velhas e tornando o relacionamento entre elas potencialmente negativo, no que diz respeito ao crescimento e ao desenvolvimento conjunto na modalidade. Algumas atletas visualizam o interesse dos treinadores em demonstrar às novatas que elas podem sim ser influentes em seu desenvolvimento esportivo, estabelecendo com os pares uma troca de poder que depende do interesse e da motivação de cada uma.

“Com a vinda das meninas de outras equipes [...], eu e outras colegas que somos as menores, achamos que não iríamos mais ter lugar na equipe, que seria mais um obstáculo para a gente enfrentar. Então eles conversaram conosco e falaram que não, que a gente já estava no time antes de elas chegarem e que a gente tinha que continuar batalhando pelo nosso lugar, pela nossa vaga, tanto quanto antes. Isso nos motivou para continuar” (Atleta infante F).

“Nesta idade tem esse negócio de ‘panelinha’ e quando você vê, o teu grupo não consegue vencer e você não entende o porquê. Poderia ganhar facilmente de uma equipe porque técnica e fisicamente é melhor, mas psicologicamente é uma equipe que está em um momento complicado. Então temos que trabalhar o tempo inteiro com tudo isso” (Treinador A).

Estudo realizado com equipe nacional de voleibol masculino também revelou que para atletas de alto nível a amizade e a união do grupo se apresentam como aspectos positivos do relacionamento entre os atletas (BRANDÃO, 1996). Contudo, outras investigações vislumbraram aspectos negativos na relação entre atletas experientes e iniciantes, como cobrança exacerbada e impaciência em momentos de equívocos, os quais parecem se constituir em uma barreira entre os colegas de equipe (BRANDÃO, 1996; SILVA, 2009).

Tais resultados se afastam da propositiva de Bronfenbrenner (1996) de que situação ótima para a aprendizagem e o desenvolvimento de uma pessoa é aquela em que o equilíbrio do poder gradualmente se altera em favor da pessoa em desenvolvimento, ou seja, quando a pessoa em crescimento recebe crescentes oportunidades de exercer controle sobre a situação vivenciada.

Nas díades de atividade conjunta, estabelecidas entre as atletas e os treinadores, observa-se que estes, apesar de, na maioria das ocasiões, buscarem centralizar as decisões em seu favor, exercendo de forma mais firme o controle do processo ensino-aprendizagem-treinamento, procuram, dentro do possível ou em algumas situações, manter díades de equilíbrio de poder, deixando que suas atletas também deem contribuições importantes para sua formação.

“Eu acho que o nosso treinador dá valor para umas e não dá valor para outras, ele tem dois pesos e duas medidas com as atletas e eu acho que isso é muito injusto. Eu já comentei isso com ele várias vezes, porque eu sou uma pessoa de falar as coisas e ele sempre dá desculpa, sempre foge do assunto. Então eu deixo ele lá no canto dele, se ele acha que está certo, tudo bem. Eu tenho a minha opinião” (Atleta infante F).

“Eu e a nossa treinadora, quando estamos só eu e ela, não é uma conversa de atleta para técnica. É mais uma conversa de amigas. Eu a tenho como uma amiga mais velha. Tudo o que tem relação com o time, se acontece alguma coisa, eu comento com ela. É uma relação bem aberta. [...]. É bem legal, eu gosto bastante da amizade dela, do jeito que ela me trata. Não é só como atleta, é como amiga também” (Atleta juvenil D).

O relato da atleta da categoria infante, anteriormente apresentado, se assemelha às informações coletadas por Brandão (1996), o qual identificou que a maioria dos atletas da seleção brasileira adulta masculina de vôleibol considerava que atletas e comissão técnica eram unidos. No entanto, um deles avaliou que existia uma barreira entre os atletas e o treinador, por este não aceitar ponderações e reivindicações feitas pelos jogadores.

Torna-se, pois, importante refletir sobre a ponderação de Bronfenbrenner (1996) de que a aprendizagem e o desenvolvimento são facilitados pela participação da pessoa em desenvolvimento em atividades recíprocas, com as pessoas com quem ela desenvolveu algum apego emocional sólido e duradouro, assim como pela alteração gradual, em seu favor, do poder estabelecido nestas relações.

Apesar de relatos negativos sobre as díades de equilíbrio de poder, observa-se a prevalência de díades positivas de atividade conjunta, de reciprocidade e de afetividade. Devido às ligações emocional e de cumplicidade que são estabelecidas, na maioria dos casos, as relações são extrapoladas para díades primárias as quais também influenciam a rotina de vida social dessas atletas.

A relação das atletas entre si e entre atletas e treinadores, para além das quadras esportivas e percebida como a constituição de uma família, é vista como fundamental para o sucesso do Clube. Nesse sentido, 19 jogadoras indicaram que suas amizades no convívio social são predominantemente estabelecidas com as próprias colegas de equipe, as quais são também, suas colegas de escola. Além disso, enquanto sete delas informaram que suas companhias mesclam-se entre o basquetebol e outras esferas da vida social, apenas cinco declararam possuir amizades, fora das quadras, somente com pessoas externas ao seu convívio esportivo.

As atividades que costumam realizar em companhia das colegas de Clube, no tempo livre, envolvem tanto a prática esportiva (basquete e outras modalidades) quanto passeios e festas (passear, lanchar, jantar em restaurantes, shows, festas noturnas, cinema, shopping, boliche, brincar em piscinas). Além disso, as atletas relataram encontros, antes ou após os treinamentos, para jogar truco em frente ao ginásio.

“Jogar bola, qualquer esporte. Nós jogamos no quintal de casa. A gente sempre joga [...]” (Atleta mirim D).

“Eu convido as meninas e nós vamos jogar basquete, futebol, vôlei” (Atleta mirim H).

“Vamos para as baladas juntas, para o cinema, para o centro e até estudamos juntas, o que favorece positivamente nosso elo de amizade” (Atleta juvenil A).

As díades afetivas são intensificadas pelo costume que as atletas possuem de frequentar a casa umas das outras, em pequenos grupos ou a equipe toda, para dormir, assistir filmes e jantar. Essa união entre as atletas e entre as atletas e seus treinadores, construída ao longo dos anos, parece influenciar, na visão destes sujeitos, o sucesso alcançado como equipe.

“Sempre tem alguém lá em casa, principalmente quando tem competição [...] a gente está sempre juntas, sempre uma na casa da outra” (Atleta infante A).

“Costumamos ir uma na casa da outra, fazemos brigadeiro, pipoca, mate doce, assistimos filme e colocamos a fofoca em dia” (Atleta juvenil A).

“Reunir o time todo para fazer um ‘posão’, todo mundo dormindo junto e conversando até de madrugada. Combinamos de fazer janta, ficamos lá dançando, até os pais vão junto para comer, para ficar brincando, jogar truco” (Atleta juvenil B).

“Engraçado que do mirim até os dias atuais foram muitos anos de muitas mudanças físicas e psicológicas nelas e eu acompanhei todas essas mudanças. Então eu acho que elas assim como eu as tenho como família, elas me tem quase que como uma segunda mãe e é essa questão forte que a gente tem de união que eu acredito que fez a equipe dar certo” (Treinadora B).

A cumplicidade relatada tanto pelas atletas quanto pelos treinadores, em torno das díades de afetividade e reciprocidade, revela que estes sujeitos acreditam que a união do grupo, dentro e fora de quadra, resultou na história de sucesso do Clube em competições de categorias de base, bem como na formação positiva de talentos esportivos. A união e o comprometimento, enfatizados pelos envolvidos, evidenciam a facilidade em conseguirem o estabelecimento de um novo tipo de relacionamento entre eles, as díades primárias. Para Bronfenbrenner (1996), quando duas pessoas participam de uma atividade conjunta, é provável que acabem desenvolvendo sentimentos mais diferenciados e duradouros. As díades de atividade conjunta tendem, portanto, a se transformarem, com mais facilidade, em díades primárias.

Stefanello (1999) defende que uma díade primária se apresenta como o tipo mais duradouro de relação interpessoal, exercendo uma força poderosa sobre a motivação para a aprendizagem e sobre a orientação do desenvolvimento humano, tanto na presença quanto na ausência da outra pessoa. É mais provável que a criança adquira habilidades, conhecimentos e valores transmitidos por alguém com quem ela tenha estabelecido uma díade primária do que por alguém que só exista, para a criança, quando ambos estão presentes no mesmo ambiente. Portanto, Brandão (1996) enfatiza que o estabelecimento de díades primárias entre atletas e treinadores, com interações predominantes de relacionamento emocional positivo, tende a aumentar o grau de poder do treinador frente ao grupo, fazendo com que o exercício ocorra com mais facilidade e que os membros do grupo se engajem em atividades conjuntas mais significativas, duradouras e complexas.

Papéis sociais experienciados em ambiente de desenvolvimento de talentos do basquetebol feminino

Um papel social consiste em uma série de atividades e relações esperadas de uma pessoa que ocupa determinada posição na sociedade e de outros, em relação àquela pessoa. A colocação de uma pessoa em um papel tende a evocar percepções, atividades e padrões de relação interpessoal consistentes com as expectativas associadas àquele papel, na medida em que se referem tanto ao comportamento da pessoa que desempenha o papel quanto ao dos outros em relação a ela (BRONFENBRENNER, 1996). No que se refere ao papel social percebido por atletas e treinadores, observa-se que elas se veem e são vistas por seus treinadores como jogadoras que, apesar de estarem em processo formativo, precisam assumir uma postura profissional e apresentar certo nível de rendimento esportivo. Por sua vez, os treinadores são vistos e se percebem em uma mescla de técnicos exigentes, professores e pais.

As atletas mais experientes são vistas por elas mesmas e por seus treinadores no papel de atletas profissionais, enquanto as novatas se percebem como atletas ainda em formação, situação em que o prazer pela prática esportiva e o convívio com as colegas se mostra superior ao compromisso e à responsabilidade.

“A gente não pega puxado igual às meninas porque a gente é nova” (Atleta mirim E).

“O basquete já passou de um hobby para mim, mas também não é aquela coisa profissional. É uma coisa que eu faço por prazer, por satisfação própria. Eu gosto e me faz bem. Me deixa feliz” (Atleta mirim C).

“Inicialmente o esporte era apenas uma diversão, um lazer, mas hoje em dia é um compromisso, praticamente uma profissão, no qual passamos a ter maiores responsabilidades tanto com a modalidade quanto com o grupo. [...] É claro, na hora de brincar, zuar, nós brincamos e zuamos umas com as outras, mas na hora que temos que levar os treinamentos e conversas a sério, tudo é muito profissional, tudo tem que ter a sua hora” (Atleta juvenil A).

“Significa a minha vida, minha vida, sem ele eu não estaria vivendo dessa forma, eu não estaria vivendo nesse local, nessas circunstâncias. Então é a minha vida, o meu sustento, o meu pão de cada dia, a minha profissão” (Atleta juvenil G).

Contudo, apesar de as atletas iniciantes se perceberem ainda em uma fase mais lúdica e em busca do prazer pela prática esportiva, a treinadora A destaca que, embora valorize as características dessa fase, busca, desde cedo, inculcar em suas atletas algumas posturas que ela valoriza.

“Eu já vou tratando elas como se fossem atletas. São mini atletas, mas elas já possuem o tratamento de atletas. Apesar de serem crianças elas não têm aquela regalia de sair no meio do treino para ir ao banheiro, ‘professora estou cansada, preciso tomar água’, ‘não, você vai tomar água quando eu disser que você vai tomar água’. Elas já vão sendo cobradas realmente como atletas” (Treinadora B).

Algumas atletas enfatizam a preocupação em demonstrar aos pais, especialmente em momento de competição, que elas conseguiram alcançar o rendimento esperado para uma atleta, muitas vezes, profissional, ou seja, além do esperado para sua idade e nível de experiência. No entanto, elas próprias reconhecem que esta é uma visão que elas acreditam que os familiares possuem, mas não necessariamente o que eles revelam esperar delas. Por outro lado, as atletas mais experientes informaram perceber que seus pais exigem delas o melhor rendimento que uma atleta pode ter.

“Tenho medo de decepcionar eles. Eu acho que é mais medo meu de decepcionar eles, eu sinto que eu os decepciono, mas eles não me cobram. Eu não sei. Parece que eles investiram em mim” (Atleta mirim C).

“Meu pai cobra. Minha mãe não. Minha mãe não importa as circunstâncias me apoia, meu pai se eu entro em uma bola e não entro muito firme, ele já me xinga. Sempre me cobra, sempre está em cima, sempre está em cima, dizendo o que eu tenho que melhorar” (Atleta infante A).

“Eu não gosto muito porque se eu faço algo de errado, eles ficam pegando no pé. Meu pai fica assoviando para eu acertar o lance livre ou a minha mãe fica gritando [...]. Eu acho que eles têm direito de me cobrar. Às vezes é chato, eu não gosto, eu perco a paciência com eles de tanto que eles me cobram” (Atleta infante F).

Tais informações revelam que as atletas sentem que devem se sobressair esportivamente para satisfazer tanto seus pais quanto seus treinadores. No entanto, se deve ter cuidado, pois o resultado disto pode

acabar diminuindo a motivação intrínseca, passando a atuação a ser controlada por um fator alheio ao prazer em realizá-la (STEFANELLO, 1999).

Por sua vez, os treinadores se percebem e suas atletas confirmam que estes possuem tanto um papel de técnico, que deve ser exigente para que estas evoluam individual e coletivamente, quanto de professor, que deve ensinar posturas éticas e contribuir com a formação de cidadãos. Além disso, possuem o papel de familiar (pai/mãe) que está presente para auxiliá-las em questões esportivas e/ou pessoais.

“[...] é uma técnica muito qualificada, exigente e que cobra resultado, por este motivo separamos as coisas, treino é treino. Tem hora para ser levado a sério e hora de brincar.[...] Posso dizer, que temos uma relação familiar, como de mãe e filha” (Atleta juvenil A).

“Ela cobra bastante de nós e com razão. Ela está sempre buscando o nosso melhor, porque ela sabe do nosso potencial e ela também sabe que ela não pode se acomodar nas competições que a gente está ganhando. Ela sempre busca mais e mais, está sempre trazendo coisa nova, exercício novo, jogada nova junto com o auxiliar. Eu a acho bem dedicada e sempre bem esforçada” (Atleta juvenil B).

“A gente sempre preza por melhorar e, para melhorar, a exigência tem que aumentar. No entanto, eu acho que deixa bastante a desejar para ser uma equipe de alto nível, mas a gente tem conseguido bons resultados mesmo assim. A exigência, eu acho, que poderia, na minha forma de ver, poderia ser maior [...]. Além de técnico, a gente é professor e tem que ver todo este lado, da questão da educação, da questão da postura” (Treinador A).

As informações obtidas sobre os papéis sociais de atletas e treinadores confirmam que o desenvolvimento humano pode ser facilitado pela interação da pessoa em desenvolvimento com sujeitos que exercem uma variedade de papéis, como também por sua participação em um repertório de papéis sociais cada vez mais amplo (BRONFENBRENNER, 1996). A compreensão do papel social de um treinador, visualizada no presente estudo, se assemelha ao estudo de Almeida (2002), para o qual um técnico esportivo deve ser, acima de tudo, um educador, um formador de pessoas, sendo essa sua missão primária. De modo similar, Bento (2006) explica que a figura do treinador, seu papel e sua função exercem influência muito forte sobre os princípios, os valores, as orientações e os sentidos de vida de seus atletas.

OS ATRIBUTOS PESSOAIS: AS DEMANDAS, AS DISPOSIÇÕES E OS RECURSOS DAS ATLETAS DE BASQUETEBOL

Os atributos pessoais das atletas de basquetebol feminino revelados na presente investigação evidenciaram a presença das três dimensões da pessoa enfatizadas por Bronfenbrenner e Morris (1998, 2006). Para os autores, existem três tipos de características da pessoa que influenciam a direção dos processos proximais em um ciclo de vida:

- Recursos: capacidades, experiências, habilidades e conhecimentos necessários para o funcionamento efetivo dos processos proximais, em determinado estágio de desenvolvimento humano (neste estudo, os fatores de identificação de talentos esportivos, as capacidades, as habilidades e as experiências esportivas);
- Demandas: possuem o poder de convidar ou desencorajar reações do contexto social que fomentam ou interrompem a operação dos processos proximais (neste estudo o biótipo das atletas que envolvem uma seleção, ao olhar dos treinadores, para determinada modalidade esportiva);
- Disposições: colocam os processos proximais em movimento em um domínio específico de desenvolvimento e continuam a sustentar seu funcionamento ou interferem retardando ou impedindo sua ocorrência (neste estudo, o processo proximal se caracteriza como o desenvolvimento esportivo e as disposições se caracterizam como a motivação e/ou desmotivação com a prática esportiva).

A Figura 7 apresenta as principais demandas, disposições e recursos bioecológicos das atletas de basquetebol feminino pertencentes a um Clube de Basquete do estado de Santa Catarina.

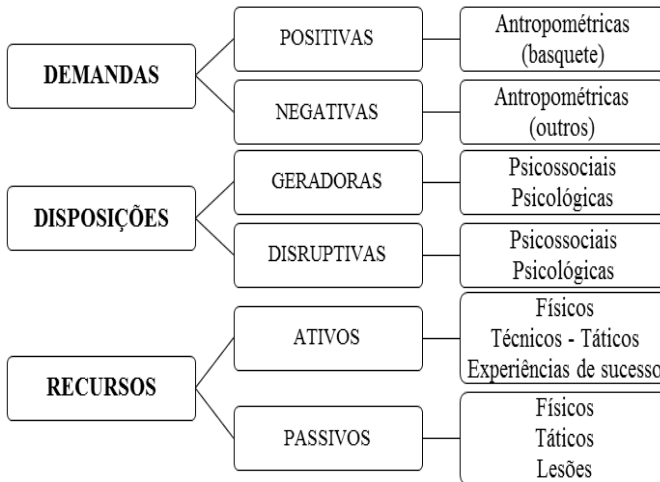


Figura 7 - Propriedades da pessoa apresentadas pelas atletas de basquetebol.

Fatores de identificação das atletas de basquetebol

As informações encontradas, nesta investigação, revelaram que os treinadores do Clube de Basquete investigado não possuem um processo estruturado para detecção de talentos esportivos, nem manifestam preocupação em detectar, precocemente, as atletas. Eles, no entanto, possuem diretrizes voltadas para a promoção de talentos, a partir do processo ensino-aprendizagem-treinamento ocorrido nas escolinhas e equipes competitivas. Sem um processo de detecção inicial, a estratégia utilizada é a formação das futuras jogadoras, as quais passam, posteriormente, por um processo seletivo para comporem as equipes de base da instituição.

“A promoção acaba acontecendo dentro das escolinhas. A nossa preocupação é na formação destas atletas e não em descobri-las antecipadamente” (Treinador A).

“Então realmente é assim, dentro de um processo de aprendizado da modalidade, você vai vendo quem tem potencial, depois separa elas e dentro deste outro subgrupo, você vai observando quem será selecionado para participar das equipes” (Treinadora B).

No entanto, tanto os treinadores quanto as atletas reconhecem que as características antropométricas, em especial a estatura, tornam-se fatores importantes para que crianças e adolescentes sejam convidados a se inserirem na prática do basquetebol, ou seja, se caracterizam como qualidades pessoais (demandas) que solicitam reações favoráveis do ambiente (BRONFENBRENNER; MORRIS, 2006).

“É claro que aí entra uma outra questão, você vê passar na rua uma menina grande, porque para o basquete, hoje em dia, está tão difícil encontrar meninas grandes. Você vai e pergunta a idade, se tem idade que se encaixa na equipe, você vai convidar para treinar, mesmo que a menina não saiba pegar em uma bola. Esse fator altura, estatura é fundamental para nós do basquete” (Treinadora B).

“Ele me convidou por causa do meu tamanho, da minha estatura e porque eu seria boa para o time. Ele pediu a minha idade e me convidou para vir. Como eu falei antes, eu sou alta e ele gostou muito da minha estatura” (Atleta infantil B).

Os sujeitos envolvidos no processo de desenvolvimento de atletas de basquetebol citam unicamente as demandas positivas (biótipo) como propriedades da pessoa determinantes no processo de detecção inicial de talentos.

Bronfenbrenner e Morris (1998, 2006) esclarecem que as demandas positivas se caracterizam por estimularem reações favoráveis do ambiente social (de outras pessoas), beneficiando o estabelecimento de processos proximais, enquanto as demandas negativas impedem essas reações, inibindo o desenvolvimento dos processos proximais. Neste contexto, destaca-se que a aparência física (biótipo) realmente parece se manifestar como a característica da pessoa que encoraja crianças e adolescentes a se engajarem em diferentes tipos de modalidades (VIEIRA; VIEIRA, 2001; VIEIRA; VIEIRA; KREBS, 2003; SOUZA, 2010).

A investigação verificou que a seleção das atletas, após o ingresso no processo de formação esportiva, é realizada pela observação de algumas características por elas apresentadas (demandas). Os treinadores informaram que, neste momento do processo seletivo, são predominantemente valorizados os fatores físicos (coordenação, velocidade, potência aeróbia), táticos (disciplina tática) - recursos, e psicológicos (determinação, dedicação, vontade, motivação) - disposições, em detrimento, em certos momentos, dos fatores técnicos (fundamentos, tempo de bola) - recursos e psicossociais (relações interpessoais).

“[...] o tempo de bola, têm umas que treinam, treinam, treinam e nunca têm tempo de bola, incrível, ou salta antes ou salta depois, que são coisas importantes. [...] O psicológico está o tempo inteiro. Se você tem uma atleta desmotivada dentro da equipe, ela acaba minando o grupo, daqui a pouco as coisas não rendem porque tem alguém trabalhando contra, está desmotivado [...]” (Treinador A).

“[...] com o avanço no processo de treinamento, é um conjunto de características que ela vai ter que ter. Você já começa a fazer uma ênfase maior, se ela é, por exemplo, disciplinada taticamente ou não, isso acaba com um jogo se você tem uma atleta que tem todas as qualidades, mas é indisciplinada taticamente. Você acaba com uma equipe se você tem um atleta que não sabe jogar coletivamente” (Treinadora B).

Os recursos ativos relacionados às capacidades físicas gerais e às habilidades técnico-táticas específicas da modalidade, bem como a demonstração de disposições geradoras (psicológicas) e de relações interpessoais (psicossociais) afetivas positivas, apresentam-se como determinantes para a seleção das atletas durante suas trajetórias esportivas. No ambiente esportivo, Krebs (2009a) destaca como recursos de talentos esportivos a aptidão física, a coordenação, a inteligência e as disposições como posicionamentos favoráveis ao engajamento, à permanência e à reorganização de ações.

Faz-se importante salientar que as qualidades físicas e as habilidades técnico-táticas podem ser reconhecidas tanto como uma forma de recurso, que envolve o conhecimento e a experiência adquirida pela pessoa, quanto como demandas, que podem despertar a atenção de outras pessoas, evocando críticas e avaliações e gerando, conseqüentemente, aproximação ou afastamento (COPETTI; KREBS, 2004).

Ferreira, Markunas e Nascimento (2005) corroboram que os critérios e os sistemas de seleção de atletas estão diretamente ligados às características físicas e antropométricas, buscando-se identificar um biótipo adequado para a prática da modalidade no que tange a capacidades físicas (repertório motor, coordenação motora) e habilidades básicas ou especializadas da modalidade (execução de fundamentos, visão de jogo, noções táticas). Os critérios utilizados na seleção esportiva das equipes investigadas por Machado e Fernandes Filho (2001) apresentaram, contudo, resultados diferenciados dos encontrados no presente estudo. Eles identificaram, nos esportes coletivos, maior utilização de critérios técnicos e psicológicos do que físicos, bem como equilíbrio entre os critérios técnicos, psicológicos e físicos, nos esportes individuais. Para os

autores, os fatores técnicos, menos citados neste estudo em comparação aos outros fatores, são utilizados, em grande parte, pela maioria dos treinadores como reconhecimento da importância do uso dos principais fundamentos de jogo.

Apesar de as características antropométricas e o condicionamento físico serem reconhecidos pelos treinadores como demandas positivas e recursos ativos importantes a serem demonstrados pelas atletas para seu desenvolvimento esportivo, os fatores técnicos e táticos foram considerados como recursos tanto ativos quanto passivos, dependendo do que é demonstrado pelas atletas em seu processo formativo. As questões psicossociais e psicológicas foram citadas, muitas vezes, como disposições geradoras e disruptivas aos olhos dos treinadores, sendo cruciais para o sucesso individual e coletivo das equipes competitivas do Clube de Basquete. Neste sentido, Krebs (2009a) salienta que, quando um atleta apresenta maior nível de disposições disruptivas do que geradoras, o microsistema esportivo deve oportunizar atividades molares e estruturas interpessoais que o auxiliem a mudar esse polo desenvolvimentalmente perturbador para um polo desenvolvimentalmente gerador.

Segundo os treinadores, as disposições disruptivas, relacionadas à ausência de competências psicológicas (desmotivação, falta de atenção e esforço individual), podem contaminar o esforço coletivo. Além disso, as disposições disruptivas (relações interpessoais afetivas negativas) podem influenciar sobremaneira os resultados esportivos, mesmo que a equipe se apresente com qualidade técnica, tática e física superior em relação às adversárias.

Portanto, as evidências encontradas, em relação à identificação de talentos do basquetebol feminino, revelam que a detecção das atletas de basquetebol está pautada em demandas positivas (biótipo), enquanto a seleção prioriza a demonstração tanto de recursos ativos (capacidades físicas, habilidades técnico-táticas) quanto de disposições geradoras (motivação, determinação).

Motivação para a prática esportiva de atletas de basquetebol

As informações repassadas pelas atletas revelam que as influências sociais são determinantes para seu ingresso na prática esportiva do basquetebol, sendo as razões de ordem pessoal fundamentais para sua permanência, desenvolvimento e crescimento na modalidade. As questões esportivas têm sido responsáveis pelo afastamento temporário e pelo desejo de abandono da modalidade, no entanto fatores relacionados a

outras esferas da vida das atletas são também citados como possíveis motivos de abandono definitivo dessa experiência.

No que se refere à importância das influências sociais como motivos de aderência ao basquetebol, as atletas demonstraram que as razões iniciais para que tivessem contato com esse esporte foram os convites realizados por amigas praticantes da modalidade e por treinadores, ao vê-las, no ginásio, esperando colegas, irmãos, pais ou mesmo praticando outros esportes. Tais informações estão contidas nos depoimentos a seguir:

“A [...] começou a me apresentar o basquete, eu comecei a me interessar e parei de fazer futsal. Eu parei o futsal com nove anos e vinha ver os treinos de basquete com ela, quando eu completei dez anos, eu comecei a treinar basquete” (Atleta mirim J).

“Meu pai começou a cuidar do ginásio onde tem treino de basquete. O treinador tinha poucas meninas treinando, então ele me convidou e eu comecei a gostar. Eu moro perto do ginásio, vinha aqui com o meu pai e ele me convidou para começar a treinar” (Atleta mirim F).

Os relatos das atletas ainda indicaram que o incentivo de familiares, professores de Educação Física e treinador de outra modalidade também influenciaram sua aderência a essa modalidade. Dentre os incentivos, a motivação advinda de pais e irmãos praticantes de basquetebol foi, sem dúvida, determinante para que as jovens atletas o escolhessem como a modalidade esportiva a ser praticada.

Os irmãos foram os principais responsáveis por cativar as atletas para o esporte, ao lhes proporcionarem experiências com a modalidade, tanto em casa quanto nos treinamentos, assim as colocando, desde cedo, em contato com o basquetebol. Por sua vez, os pais incentivaram-nas a buscar essa prática em decorrência de suas experiências como atletas ou treinadores da modalidade.

“Meu irmão me incentivou bastante. A gente tinha uma tabela e eu ficava em casa, jogando junto com ele. Foi mais um incentivo para eu começar a jogar” (Atleta mirim I).

“Minha irmã me convidou. Quando ela treinava, ela sempre me levava junto nos treinos. Todo treino ela pedia para eu jogar um pouco, ficar brincando com a bola e eu comecei a gostar” (Atleta infante G).

“Meu pai era técnico de basquete há muito tempo. Minha irmã jogava e eles me incentivaram a treinar [...]. Incentivo da minha família” (Atleta juvenil E).

No que se refere à aderência à prática de uma modalidade esportiva, investigações em diversos ambientes esportivos mostraram resultados similares aos encontrados no presente estudo, confirmando que o incentivo de pessoas significativas (pais, irmãos, responsáveis) e o convite de amigos ou colegas são fundamentais para o ingresso no esporte (VIEIRA; VIEIRA, 2001; DIAS; TEIXEIRA, 2007; LOPES; NUNOMURA, 2007; KREBS et al., 2008; BRAGA, 2010; SOUZA, 2010; VISSOCI et al., 2013).

Ao investigar o percurso esportivo de uma atleta portuguesa de basquetebol de alto rendimento, Santos (2011) verificou que o fato de o pai ter sido ex-atleta e treinador e de o irmão ser praticante da modalidade facilitou a entrada dessa jogadora no contexto esportivo. Deste modo, Peres e Lovisolo (2006) corroboram que a busca pela modalidade esportiva específica para especialização ocorre, muitas vezes, por intermédio dos familiares, a convite de um amigo, por orientação do professor de Educação Física, sendo, pois, oportunizada por agentes de seu convívio próximo.

Krebs et al. (2008) refletem que, quando pelo menos um dos membros da família faz parte do microssistema esportivo, proporciona-se uma transição mais favorável para dentro deste ambiente. Os autores reforçam o papel de amigos e colegas como pessoas significativas no processo de mediação, demonstrando a importância dos laços afetivos positivos na relação diádica para se iniciar no esporte.

No entanto, para além da influência familiar, duas jogadoras citaram que seus professores de Educação Física, ao observarem seus talentos (recursos) para o basquetebol, as estimularam a procurar essa experiência esportiva específica. Uma atleta revelou que ao buscar outra modalidade, o treinador, considerando que ela possuía demandas negativas (estatura) para tal esporte, mas positivas para a vivência do basquetebol, acabou indicando que ela procurasse as escolinhas de basquetebol da cidade para treinar.

“A minha professora de Educação Física disse que eu tinha muito potencial para jogar basquete. Eu me animei com a notícia que ela me deu. Minha mãe me inscreveu para fazer escolinha, eu acabei fazendo e comecei a jogar. Gostei bastante. Foi ela que me incentivou a ir atrás do basquete. Ela sempre falava: ‘você tem que começar a jogar basquete’” (Atleta infante C).

“Eu jogava futebol e o treinador que trabalhava aqui na fundação falou que eu era muito alta para jogar futebol e que eu não ia ter futuro. Então ele me incentivou a ir para o basquete. Esse foi o motivo” (Atleta juvenil C).

As demandas positivas (biótipo) se caracterizam como propriedades da pessoa importantes para a detecção no basquetebol. Observa-se, no caso anteriormente referido, que a demanda positiva para o basquetebol se caracterizou como negativa quando a atleta buscou o futebol. Krebs (2009b) corrobora que as demandas podem ser tanto favorecedoras quanto perturbadoras do desenvolvimento esportivo. Ele exemplifica, confirmando os achados da presente investigação, que uma pessoa muito alta pode ter atributos físicos positivos para ser selecionada para um time de basquetebol, mas negativos para ser selecionada para outros esportes, como a ginástica. Além disso, Krebs (2009a) reforça que as demandas são avaliadas de acordo com seu potencial para fazer uma pessoa ser aceita ou rejeitada pelos outros em seu ambiente imediato.

As razões pessoais para início da prática do basquetebol, citadas pelas jogadoras, envolveram o gosto pela prática esportiva, em geral, e pelo basquetebol, em específico, além do interesse pela modalidade, ao assistirem aos jogos pela televisão ou ao assistirem aos treinos e jogos na cidade. As atletas que passaram a se interessar por esse esporte, ao assistirem a treinos e jogos, disseram que o prestigiavam ao acompanharem os irmãos ou ao praticarem outras modalidades, antes ou após os treinos de basquetebol, quando tinham oportunidade de visualizar como o processo de treinamento deste esporte acontecia.

“Como eu treinava ginástica rítmica antes do horário do basquete feminino, após a finalização do meu treino eu ficava observando as meninas treinarem, desta forma aprendi a gostar do basquete. [...] Eu observava as meninas treinando, maior parte delas motivadas e entusiasmadas [...]. Eu achava legal isso no esporte, uma motivando e apoiando a outra” (Atleta juvenil A).

As informações obtidas acerca do envolvimento com o basquetebol evidenciaram que os motivos de permanência na modalidade correspondem a razões de ordem pessoal, de aprendizagens, de oportunidades e de relações interpessoais. Os fatores intrínsecos (pessoais), seguidos dos extrínsecos (relações interpessoais) são os mais citados pelas jogadoras. Os principais fatores pessoais de comprometimento com a prática da modalidade citados pelas atletas correspondem ao fato de elas gostarem de se ver no papel de atletas e a

seu desejo de se tornarem profissionais no futuro, o qual passa a ser uma meta em suas vidas.

Os motivos de engajamento no esporte pautados em questões intrínsecas como prazer em praticar determinada modalidade, desejo de se tornar atleta profissional, além das competências psicológicas (dedicação, determinação, persistência) também foram visualizados em estudos desenvolvidos com talentos do atletismo, do tênis, do basquetebol e do futsal (VIEIRA; VIEIRA, 2001; VIEIRA; VIEIRA; KREBS, 2003; PERES; LOVISOLO, 2006; KREBS et al., 2008; SAMULSKI et al., 2009; SOUZA, 2010; VISSOCI et al., 2013).

As falas das atletas demonstraram que a permanência na prática esportiva do basquetebol é reforçada pelas influências sociais em termos de incentivo e de convívio com as pessoas ligadas ao esporte. O incentivo é fornecido principalmente pelos familiares, através da motivação para que permaneçam engajadas no esporte e se dediquem, cada vez mais, a essa experiência, enquanto o convívio no meio esportivo envolve a amizade tanto com colegas e treinadores do Clube quanto com jogadoras de outras equipes.

“Acho que foi a melhor coisa. O melhor esporte que eu fiz foi o basquete, porque eu encontrei amigos maravilhosos aqui, conheci professores, outros clubes, outras coisas. Amizades dos times adversários também. Isso foi o que me tocou no basquete, acho que o basquete é tudo por enquanto para mim” (Atleta infantil B).

“É uma paixão, você não consegue viver sem depois que você começa. Tem o time, todo mundo unido, as amizades que você faz, o alojamento, tudo é muito divertido. Ficar sem, nossa, seria muito ruim. Eu acho que é tudo na minha vida. Depois que eu comecei, eu me apaixonei, têm todas as minhas amigas, todo o meu time. A escola que eu estudo, a maioria das pessoas que eu conheço, tudo que eu conheci foi pelo basquete. Então a coisa mais importante que eu já conquistei foi ter entrado para o time, a melhor coisa” (Atleta infante A).

Para além das questões pessoais e das influências sociais citadas, a manutenção do vínculo com o basquete envolve também as aprendizagens proporcionadas por essa vivência e as oportunidades surgidas para quem consegue se destacar na modalidade. As aprendizagens decorrentes da prática esportiva aparecem fortemente nos depoimentos relacionados aos motivos de comprometimento com essa prática, quando as atletas declaram que a prática esportiva lhes proporciona aprendizagens para além da postura esportiva em quadra, bem como o aprimoramento das

qualidades físicas, técnicas e táticas. Para elas, o basquete ensina a conviver, a aprender com o sucesso ou o insucesso esportivo, a ter concentração e paciência, fazendo assim com que almejem continuar praticando e aprendendo com essa vivência.

“No basquete você aprende a conviver com as pessoas, aprende a respeitar, aprende a sofrer nos alojamentos, a dar valor para as coisas. [...] como eu joguei em três cidades, aqui é de um jeito, fui para [...] totalmente outro e em [...] também era totalmente outro. Você tem que ir se adaptando a cada lugar, isso também te ajuda muito na tua vida, porque você aprende a conviver na sociedade” (Atleta juvenil F).

Os motivos de as atletas se comprometerem com a modalidade perpassam ainda as oportunidades recebidas, como concessão de bolsa de estudo e de ‘Bolsa Atleta’; possibilidade de alcançarem certa autonomia financeira; oportunidade de viajarem e conhecerem outros lugares. Os depoimentos de atletas e treinadores enfatizam que as bolsas de estudo se configuram, atualmente, como um forte incentivo para a manutenção e a dedicação das jogadoras na modalidade e nas equipes do Clube do Basquete.

“Agora nós temos bastante coisas que incentivam a jogar basquete. Dá para ganhar faculdade, eu estou ganhando colégio também por causa do basquete” (Atleta mirim A).

“Com o apoio que eu recebo da Universidade, considero um motivo e tanto para me dedicar cada vez mais e permanecer no esporte. Reconhecemos o apoio que nos estão dando, por este motivo e por outros vem à importância de saber valorizar as oportunidades” (Atleta juvenil A).

A oportunidade de receberem uma verba, através do ‘Programa Bolsa Atleta’ do governo federal, e poderem alcançar certa autonomia financeira, por meio de auxílio dado pelo Clube, também se configuram como atrativos para as atletas permanecerem engajadas no esporte. As jovens convocadas para seleção estadual e com bom desempenho coletivo e individual, nos campeonatos brasileiros de base, têm a oportunidade de solicitar o auxílio do ‘Programa Bolsa Atleta’. Além disso, as atletas, que se destacam nas competições das quais as equipes representativas do Clube participam, recebem auxílio financeiro para continuarem no esporte e na instituição. Este se torna, portanto, importante fator motivacional para a dedicação e o empenho nos treinamentos e nos jogos.

“A minha vida está dependendo do basquete, é ele que está me proporcionando uma vida aqui em Santa Catarina. É ele que está me dando a minha moradia, a minha alimentação, a minha faculdade e, além disso tudo, eu estou ganhando, fazendo uma coisa que eu gosto. Então, eu estou jogando basquete porque eu gosto de jogar basquete e ele é que está mantendo a minha vida aqui” (Atleta juvenil G).

As viagens para jogos e competições tanto estaduais quanto nacionais e internacionais têm possibilitado que as atletas conheçam outros lugares e tenham contato com outras culturas, o que, principalmente para as iniciantes, aparece como forte motivo para o engajamento na prática esportiva.

A motivação extrínseca, pautada no incentivo de familiares e amigos, no prazer de estar com colegas de equipe e nas recompensas advindas de sua prática, também apareceu nos relatos de praticantes de diferentes modalidades esportivas e de diferentes níveis competitivos investigados por pesquisadores brasileiros (LOPES; NUNOMURA, 2007; KREBS et al., 2008; SAMULSKI et al., 2009; VISSOCI et al., 2013).

Todavia, além dos fatores encontrados na presente investigação, as pesquisas realizadas no cenário nacional constataram outras influências importantes na manutenção da prática esportiva, como a necessidade fisiológica e psicológica, o preenchimento de tempo livre, a saúde, a estética e/ou o controle do estresse (LOPES; NUNOMURA, 2007; KREBS et al., 2008; BALBINOTTI; SALDANHA; BALBINOTTI, 2009; SAMULSKI et al., 2009).

As informações recolhidas referentes às disposições negativas para o envolvimento no esporte corresponderam aos motivos de interrupção temporária da prática do basquetebol: desejo de abandono e possíveis motivos de abandono definitivo da modalidade. Nesse sentido, destaca-se que 11 das atletas entrevistadas já interromperam, por algum motivo, a prática do basquetebol, sendo oito por um período menor de seis meses e três por no máximo um ano.

Os motivos citados pelas atletas para a interrupção temporária da modalidade corresponderam a questões esportivas e a fatores relacionados a outras esferas de suas vidas. As razões esportivas envolveram, principalmente, problemas físicos (lesões); questões de treinamento (treinos conjunto com equipes masculinas); troca de treinador (treinadora ter saído da equipe); interesse pela prática de outros esportes (busca de outras experiências esportivas); não seleção esportiva (corte de seleção estadual).

As investigações realizadas em contexto nacional (COSTA et al., 2010) e internacional (STAMBULOVA, 1994; SAMUEL; TENENBAUM, 2011) também identificaram as lesões esportivas como fortes barreiras presentes no desenvolvimento atlético, sendo caracterizadas como uma das principais dificuldades vivenciadas pelos atletas para darem continuidade aos treinamentos com maior excelência.

No caso da não seleção esportiva, a convocação para seleções estaduais é destacada pelos treinadores como uma via de mão dupla, pois ao mesmo tempo em que motiva as selecionadas a se esforçarem e prosseguirem, acaba por desmotivar e desestimular as que não são lembradas ou que acabam por não fazer parte das equipes competitivas que vão para os campeonatos representar seu estado.

“Isso é uma faca de dois gumes, porque às vezes uma delas não consegue, não é lembrada por mais que se esforçou. [...] Motiva aquelas que conseguem e as que não conseguem, desmotiva. Começa uma menina mais jovem, um ano, dois anos mais nova que ela a pegar seleção e ela não pega, acaba desistindo. É um dos fatores que faz com que algumas atletas desistam” (Treinador A).

“Eu peguei seleção catarinense, fui cortada e parei de jogar porque me desmotivei. No começo eu fiquei muito feliz, é uma sensação muito boa, vou representar Santa Catarina [...]. Quando teve o corte da seleção, o primeiro nome foi o meu. [...] Isso me desmotivou bastante, eu não tinha mais vontade. [...] Eu não tinha mais o amor que eu sentia antes. O que era ouro não era mais” (Atleta infante C).

Além de problemas no contexto esportivo, motivos relacionados a outras esferas da vida das atletas também as influenciaram para pararem, momentaneamente, de comparecer aos treinamentos e se afastarem do esporte. Os fatores extraquadra citados foram a dedicação aos estudos, a doença de membro familiar e a mudança de cidade pela família. Por sua vez, o retorno das atletas que interromperam a prática do basquetebol ocorreu por meio de motivação íntinseca e extrínseca. Enquanto a motivação pessoal adveio da saudade da rotina de treinamento e da recuperação total das lesões, o incentivo dos familiares e a falta de convívio com treinadores e colegas de equipe foram fundamentais em termos de influências sociais.

O desejo de abandonar o basquetebol já foi sentido por grande parte das atletas. Apenas 11 das 31 jogadoras entrevistadas afirmaram nunca ter experienciado esse desejo. As que já o sentiram alegaram que

essa sensação esteve relacionada a razões vinculadas ao esporte, a outras esferas da vida e a influências sociais.

As questões esportivas citadas envolveram tanto o treinamento quanto o rendimento esportivo. Os fatores ligados ao treinamento corresponderam à falta de treino da equipe quando o treinador assumiu a seleção catarinense, no início de temporada esportiva, bem como os treinos ‘puxados’ ou a sobrecarga de treinamento para as atletas que estavam atuando em mais de uma categoria. Uma atleta relatou que pensou em desistir devido à mudança de treinadores entre uma temporada e outra, devido à saída de um dos treinadores do Clube, durante um ano. Os motivos relacionados ao rendimento esportivo envolveram o corte de equipe competitiva e algumas derrotas importantes da equipe, fatores que as desmotivaram a prosseguirem com suas carreiras esportivas.

“Estava muito forte eu treinando com dois treinadores. Eu até falei para a minha mãe para eu parar, mas ela disse que não, que era para eu continuar. Por isso agora eu estou treinando uma vez lá, uma vez aqui, não dobrando treino” (Atleta infante B).

“Às vezes, mas no fundo não é bem verdadeiro. Eu acho que é quando acontece alguma coisa errada ou por perder uma competição importante que você pensa: ‘Meu Deus quero parar, não quero mais jogar’. Mas eu acho que não é nada muito verdadeiro. Se fosse para ser, na realidade mesmo, eu não pararia. É coisa do momento” (Atleta infante I).

“Quando a nossa treinadora foi embora, ano retrasado, [...] deu uma vontade de parar, mas não parei, deu aquela desanimada de perder alguém querido, a nossa treinadora que sempre estava ali do nosso lado” (Atleta juvenil B).

As influências sociais que levaram as atletas a pensarem em abandonar o basquetebol envolveram, principalmente, os relacionamentos interpessoais com as colegas de equipe, em momentos de brigas e discussões, bem como os problemas de relacionamento afetivo negativo entre elas. Apenas uma jogadora destacou que se desanimou com o basquete por ter brigado com treinador, quando ainda era atleta de outro clube.

A dificuldade de conciliar o esporte com outras esferas da vida também levou algumas delas a desejarem o abandono do basquetebol. Neste caso, os fatores extraquadra citados foram algumas atividades de casa; as demandas escolares; a percepção da falta de uma vida social mais ativa, como se observa no depoimento a seguir:

“Porque eu me desanimei. Eu queria ter uma vida normal como as minhas amigas, de poder sair à tarde com elas e não dá, porque eu treino com o sub16 e com o sub18, de tarde lá, de noite aqui. Então não tem como conciliar. Então é complicado” (Atleta infante F).

Os resultados referentes à incompatibilidade entre a prática esportiva e outras demandas da vida instigam a preocupação sobre a necessidade de se tomar cuidado, na orientação esportiva, ao exigir certa privação de atividades características de determinada idade, situação que pode acarretar prejuízo para a vida familiar, social e educacional de crianças e adolescentes. Deve-se, portanto, garantir tempo suficiente aos jovens atletas para descanso, lazer e convívio social (LOPES; NUNOMURA, 2007).

No que se refere aos possíveis motivos de abandono definitivo do basquetebol, 11 atletas informaram que não visualizam nenhum pretexto que as levaria a tomar essa decisão. As demais citaram, como os principais fatores: não conseguirem conciliar o esporte com outras esferas da vida (estudo, trabalho, vida social); influências sociais (desunião da equipe, incentivo dos pais, problemas graves na família); razões esportivas (ausência de incentivo do Clube, não recebimento de bolsa no Ensino Superior, lesão grave).

“Eu acho que não. Se eu parasse de competir como jogadora profissional, eu acho que eu continuaria indo fazer uns treinamentos, uma vez por semana ir bater uma bola. Acho que o basquete nunca vai sair totalmente da minha vida. É até meio estranho pensar nisso” (Atleta juvenil F).

“Eu acho que uma carreira, se eu estivesse entrando para a faculdade, se eu tivesse que escolher entre estudar e jogar, eu acho que eu escolheria estudar. Ou até mesmo se eu tivesse que fazer alguma coisa para ajudar meus pais a trabalharem, alguma coisa assim, eu escolheria trabalhar ou ajudar meus pais. Ai eu pararia. Se fosse uma coisa maior que me fizesse parar. Eu sairia do basquete, mas eu ia tentar fazer alguma coisa para não parar” (Atleta juvenil I).

Os resultados encontrados mostram que os recursos passivos (lesões), algumas incompatibilidades entre mesossistemas (estudo, família, vida social) e as relações interpessoais (afetivas negativas com colegas) se sobressaíram como atributos pessoais, vinculados tanto ao afastamento temporário da modalidade quanto ao abandono desejado ou definitivo da prática do basquetebol. Tais motivos de afastamento do

ambiente esportivo também foram visualizados em investigações relacionadas ao afastamento, ao sentimento de abandono ou ao abandono definitivo da prática esportiva de muitos atletas brasileiros (HALLAL et al., 2004; PERES; LOVISOLO, 2006; CARMO et al., 2009; SAMULSKI et al., 2009; ROCHA; SANTOS, 2010; SOUZA, 2010).

Marques e Samulski (2009) reforçam que o longo processo seletivo pelo qual jovens atletas passam é extremamente conflituoso, envolvendo uma série de obstáculos (separação da família e dos amigos, continuação dos estudos, cobranças nos treinamentos e nas competições), os quais geram certa incerteza quanto à continuidade de suas carreiras.

Nesta perspectiva, destaca-se que as informações apresentadas em relação aos atributos pessoais referentes à prática do basquetebol revelaram que, principalmente, as relações interpessoais afetivas (positivas e negativas) são fundamentais para o engajamento, o afastamento e o retorno das atletas às suas carreiras esportivas, enquanto transições em outras esferas da vida (estudo, vida social, família) parecem contribuir fortemente para o processo de afastamento de suas trajetórias esportivas.

Momentos marcantes da carreira esportiva

Os melhores momentos da carreira esportiva das atletas entrevistadas corresponderam às experiências vivenciadas, às competições disputadas, às conquistas individuais e coletivas. As experiências citadas como acontecimentos positivos importantes para as atletas foram a primeira cesta, as cestas decisivas, o primeiro jogo, a estadia nos alojamentos com as colegas e, principalmente, as viagens para competição.

“Nos alojamentos, brincando, rindo. [...] A gente dorme em colégio e está sempre rindo, jogando baralho nas mesas, todo mundo convivendo junto, apesar de não ser todo mundo do mesmo time, mas está sempre junto” (Atleta infantil B).

“Uma vez nós estávamos jogando, estávamos disputando a final do estadual do JESC. Todas as titulares tinham saído com cinco faltas, aí ficaram as mãis novinhas do banco, que entraram no lugar delas. Eu entrei e não sabia quanto que faltava para acabar o jogo, nem quanto estava o placar, eu não prestei atenção, eu estava torcendo e sabia que nós estávamos perdendo, mas não sabia de quanto, nem quanto tempo faltava. Eu só lembro que a treinadora falou: ‘Pega a bola no rebote e arremessa’, porque faltava pouco tempo. Eu só sei que eu peguei o rebote e

arremessei. A menina do outro time fez a falta em mim, eu cobrei o primeiro lance e errei, olhei para traz e tava todo mundo de joelhos, rezando e pedindo para eu acertar. O segundo eu acertei. Deu tempo de a menina cobrar o fundo, eu vi que ela jogou a bola para o alto e acabou o jogo. Eu falei: 'o quê que aconteceu?'. Nós tínhamos ganhado por um ponto. Eu fiquei muito feliz porque foi um ponto, que eu fiz, a mais nova. Esse foi um dos momentos" (Atleta infante D).

No que concerne à experiência esportiva é importante destacar o elevado nível das competições já disputadas pelas jogadoras participantes do estudo, haja vista que 11 delas já disputaram e conquistaram títulos internacionais (Sul-Americano, Pan-Americano), seis disputaram e conquistaram títulos ou boas colocações nacionais (escolar, seleção), sendo apenas as mais jovens a possuírem experiência somente em competições estaduais, porém muitas delas já têm títulos neste patamar. As conquistas coletivas mais citadas como marcantes foram os títulos de campeonatos estaduais e nacionais. Götze (2002) confirma que as recompensas extrínsecas, como medalhas e troféus, realmente aumentam a motivação, intensificam a aprendizagem e fortalecem o envolvimento de crianças no esporte.

Grande parte das atletas, com exceção de algumas da categoria mirim, já possui um ou mais títulos estaduais e a maioria das atletas das categorias infante e juvenil já conquistou todos os títulos estaduais das competições promovidas tanto pela FCB (mirim, infantil, infante, juvenil) quanto pela FESPORTE (OLESC, Juguinhos Abertos, JESC 12 a 14 anos e 15 a 17 anos).

"Em 2006, participamos do 1º Estadual, na época mirim e conseguimos obter o título da competição e o nosso primeiro dessa geração. Em 2007, vencemos o JESC após virar o jogo faltando 21 segundos, no qual estávamos perdendo por 1 ponto e a posse de bola era do time adversário. Foi um jogo incrível e inacreditável, no qual finalizamos com 1 ponto na frente" (Atleta juvenil A).

As conquistas individuais, enquanto resultados desenvolvimentistas, foram menos lembradas que as coletivas. Dentre elas sobressaíram as convocações para seleções estaduais e a conquista do título de 'cestinha' ou de atleta destaque de uma competição. Sete atletas já foram premiadas como 'cestinhas' de campeonatos estaduais e duas já foram 'cestinhas' em competições regionais e/ou nacionais, muitas delas em mais de uma oportunidade. Além disso, quatro atletas já foram

consideradas atletas destaques em competições importantes (regional, estadual, nacional).

“A primeira vez foi quando peguei seleção catarinense, porque eu não esperava, porque eu era dois anos mais nova. Quando eu vi meu nome na lista, fiquei muito feliz” (Atleta infantil A).

“O embarque para a seleção, quando a gente pegou o ônibus. Era um sonho, eu via as meninas mais velhas pegando seleção, eu assisti alguns treinos que foram aqui na cidade nos anos anteriores e eu ficava pensando: ‘um dia eu quero estar ali’. Então, naquele dia eu pensei que tinha chegado o dia, que eu tinha conquistado mais um objetivo” (Atleta juvenil E).

A literatura corrobora que a convocação para seleções estaduais ou nacionais realmente se destaca como um forte motivo para reforçar o engajamento de atletas, de diferentes modalidades, em sua trajetória esportiva (PERES; LOVISOLO, 2006; SAMULSKI et al., 2009).

Os melhores momentos prevaleceram na recordação das atletas, em comparação com os piores momentos de suas trajetórias esportivas. Estes últimos corresponderam, principalmente, às derrotas em competições importantes, em especial, em jogos decisivos. A experiência de jogar contra a ex-equipe, a primeira viagem e a agressão a uma adversária, após provocação, foram indicadas como acontecimentos marcantes em suas carreiras.

“Um momento negativo, a gente jogando uma final de brasileiro, eu era novinha ainda e era pura emoção, mas do que eu sou hoje. [...] faltando dois minutos para acabar o jogo, eu estava super bem, tinha feito oito pontos seguidos e 28 pontos durante o jogo, a menina veio em uma disputa de bola, contra uma equipe que tínhamos muita rivalidade. A gente caiu no chão, quando eu fui me levantar ela me puxou, tacou a unha no meu rosto e soltou beijinho. De uma forma involuntária, não sei por que eu fiz isso, não consegui me segurar, por puro reflexo, toda ação tem sua reação, por reflexo eu virei e dei um muro nela. Daí o árbitro deu antidesportiva, deu técnica e isso desequilibrou meu time, eu fiquei muito indignada. A gente perdeu a final por um ponto” (Atleta juvenil G).

As informações obtidas em relação aos momentos marcantes da carreira esportiva das atletas mostraram que os melhores momentos se sobrepuseram aos piores e reforçaram a importância dos recursos ativos (experiências) para o processo de competência das jogadoras, no que diz respeito à participação em competições de nível expressivo nas categorias

de base (estadual, nacional, internacional), com conquistas coletivas e individuais importantes nesses campeonatos.

Quanto aos recursos ativos (experiência esportiva), as atletas investigadas apresentam excelente experiência esportiva, a qual auxiliou na obtenção de resultados de competência no processo de desenvolvimento de suas carreiras esportivas, pois elas alcançaram, no decorrer de suas trajetórias, conquistas individuais e coletivas importantes. Nesta perspectiva, as experiências e os resultados apresentados pelas atletas em seu desenvolvimento esportivo revelam que os atributos pessoais e as oportunidades formativas disponibilizadas no microsistema esportivo estudado possibilitaram a predominância de resultados de competência, apesar de haver alguns relatos sobre resultados de disfunção, no processo de desenvolvimento de atletas do basquetebol feminino.

Os resultados de competência, durante o desenvolvimento humano, se caracterizam pela aquisição e pelo aperfeiçoamento de conhecimentos e competências intelectuais, físicos e socioemocionais. Por sua vez, a disfunção se refere à manifestação recorrente de dificuldades, por parte da pessoa em desenvolvimento, para manter o controle e a integração do comportamento através das situações vivenciadas (BRONFENBRENNER; MORRIS, 2006).

O PROCESSO DE FORMAÇÃO ESPORTIVA: OS ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO DE TALENTOS NO BASQUETEBOL FEMININO

As informações obtidas, no presente estudo, denotaram a existência de três estágios de desenvolvimento de talentos ‘em potencial’ do basquetebol feminino: iniciação; especialização; investimento esportivo. No entanto, destaca-se que, apesar de a maioria das atletas apresentarem similaridades etárias nesse processo, algumas com um ano a mais ou um a menos revelaram algumas características fortemente presentes na fase anterior ou na subsequente, revelando-se assim que os estágios da carreira esportiva de atletas de basquetebol feminino, em formação, não ocorrem de forma linear, mas se consolidam pelo estreitamento de suas características pessoais e do processo formativo ao qual são submetidas, nos diferentes contextos em que estão inseridas.

As informações apresentadas nesta subseção do capítulo “Resultados e Discussão” destacarão, inicialmente, as informações relativas aos três estágios de desenvolvimento das atletas de basquetebol participantes do presente estudo, para, posteriormente, realizar-se a

discussão destes com a literatura da área, apresentando-se um delineamento bioecológico do processo de formação esportiva das atletas de basquetebol.

Estágio de iniciação esportiva das atletas de basquetebol

O primeiro estágio de desenvolvimento das atletas de basquetebol identificado neste estudo foi denominado estágio de iniciação esportiva, o qual compreende atletas de até, aproximadamente, 12 anos de idade.

As características pessoais das atletas que mais se sobressaíram na análise desta etapa foram os fatores antropométricos (demandas) e a dedicação (disposições) necessária ao envolvimento no esporte. Os treinadores informaram que as propriedades das atletas que mais chamam sua atenção, nesse estágio de desenvolvimento, caracterizam-se como demandas positivas - estatura apresentada pela jovem iniciante. Por sua vez, as atletas se percebem com fortes disposições geradoras, procurando não faltar aos treinamentos e demonstrar aos treinadores que estão empenhadas na realização das atividades propostas.

Essa dedicação explanada nas narrativas das jovens praticantes de basquetebol está relacionada às suas aspirações pessoais em termos de carreira esportiva, ao fato de poderem estar com as amigas, além das aprendizagens que a prática esportiva proporciona. Especificamente no que se refere às projeções pessoais, essas atletas almejam melhorar sua performance, buscando chegar ao desempenho apresentado por suas colegas mais experientes para assim se tornarem jogadoras de destaque no cenário esportivo. Assim, fica evidente que as atletas iniciantes possuem como objetivos, tanto em curto quanto em longo prazo, maior número de conquistas individuais em detrimento de conquistas coletivas, as quais se referem apenas à conquista de títulos regionais ou o simples recebimento de medalhas.

As informações levantadas demonstram que, no primeiro estágio de desenvolvimento de talentos esportivos, as atletas de basquetebol apresentaram como principais atributos pessoais demandas positivas e disposições geradoras, não sobressaindo seus recursos, nem ativos nem passivos. Como a própria treinadora do Clube enfatiza, existe certa dificuldade em se observar, nessa fase da formação esportiva, habilidades e destrezas que, posteriormente, passam a ser fundamentais para o avanço das atletas em suas carreiras esportivas.

No que se refere à experiência esportiva, destaca-se que das 31 atletas participantes do estudo, 23 praticaram outras modalidades esportivas: três por menos de um ano; nove por um ano; seis por dois

anos; cinco entre três e oito anos. Tais evidências demonstram que algumas jogadoras mantiveram a prática esportiva diversificada no início do segundo estágio de desenvolvimento esportivo. Além disso, destaca-se que 12 atletas praticaram somente uma modalidade além do basquetebol; seis, duas modalidades; cinco, mais de três modalidades, tendo sido praticadas tanto modalidades coletivas (vôlei, handebol, futebol, futsal) quanto individuais (natação, tênis de campo, tênis de mesa, ginástica artística, ginástica rítmica, taekwondo, atletismo, surfe, muay thay, xadrez, judô). Além disso, verificou-se que a idade de início das crianças nas modalidades esportivas citadas variou entre três e 11 anos de idade (Tabela 3).

Idade - outras modalidades		Tempo de prática		Quantidade		Idade - basquete		Idade - 1ª competição	
03 anos	01	Menos de 01 ano	03	01 modalidade	12	06 anos	01	09 anos	02
06 anos	02	01 ano	09	02 modalidades	06	07 anos	01	10 anos	09
07 anos	02	02 anos	06	03 modalidades	03	08 anos	05	11 anos	06
08 anos	02	03 anos	01	06 modalidades	01	09 anos	07	12 anos	12
09 anos	06	04 anos	01	07 modalidades	01	10 anos	05	13 anos	02
10 anos	03	05 anos	01			11 anos	06		
11 anos	07	Mais de 06 anos	02			12 anos	05		
						13 anos	01		

Tabela 3 - Informações sobre a prática esportiva no estágio de iniciação esportiva.

A idade de inserção das atletas no basquetebol mostrou-se bastante diversificada, sendo que a mais jovem começou aos seis anos de idade. Todavia, enquanto a maioria iniciou o envolvimento com o basquetebol na faixa etária de oito a doze anos, apenas uma delas iniciou nesse esporte aos 13 anos, quando suas colegas de mesma idade já se encontravam no estágio de especialização esportiva. A atleta que iniciou aos seis anos informou que, na época, acompanhava a irmã mais velha nas escolinhas e, enquanto a aguardava, ficava brincando com uma bola e aos poucos, o treinador foi permitindo que ela também participasse das atividades desenvolvidas. A jogadora que se inseriu no basquetebol somente aos 13 anos declarou que demorou para procurar esse esporte porque praticava

outras modalidades (vôlei e futsal), aderindo a essa prática após convites realizados pelo treinador que se interessou por sua estatura avantajada.

A frequência de treinamento estruturado para as atletas no primeiro estágio de desenvolvimento, as quais participam das escolinhas de basquete, é de três vezes por semana, passando a cinco treinos semanais quando as atletas saem das escolinhas para ingressarem nas equipes de base competitivas. As informações obtidas nas narrativas das atletas revelaram que nessa fase as atividades mais apreciadas por elas são as organizadas em forma de competição, denominadas ‘timinhos’ (jogos 2x2, 3x3), ou as que trabalham a preparação técnica (fundamentos individuais). Estas últimas são consideradas as mais importantes para seus processos formativos.

Os treinadores confirmaram que costumam proporcionar muitos jogos e desenvolver as habilidades esportivas básicas das atletas que participam das escolinhas de basquetebol. Eles explicitam, em seus discursos, que buscam apresentar a modalidade por meio de brincadeiras e jogos (lúdico), apesar de demonstrarem também certa preocupação com a formação de talentos, buscando desde cedo ensinar os fundamentos específicos da modalidade. Evidencia-se assim que, nessa etapa da carreira esportiva, as atividades molares, ou seja, as atividades que apresentam tanto significado quanto persistência temporal são as proporcionadas em forma de competição e que trabalham os fundamentos técnicos.

Apesar de os treinadores demonstrarem, em suas falas, que buscam proporcionar, como atividades molares, elementos tanto do jogo quanto da prática deliberada, as narrativas das atletas revelam que elas se percebem vivenciando, durante a participação nas escolinhas, muito mais a primeira do que a segunda situação. Elas enfatizam que o que mais as têm marcado nesse processo é o jogo descontraído e a diversão proporcionada por essa experiência. A vivência do jogo deliberado pelas atletas ocorre também quando as atletas se encontram, em momentos de lazer, nos quintais das casas ou nos ginásios de esportes, para praticarem diversos esportes apenas entre elas ou com seus familiares.

Em termos competitivos, verificou-se que apesar de, nesse estágio, as atletas frequentarem as escolinhas de basquete, em muitos casos elas participam de algumas competições com as equipes de base, para completarem esses grupos e vivenciarem suas primeiras experiências competitivas. As atletas iniciaram a vivência do basquetebol com pouca idade, porém o mesmo não aconteceu com o início da prática competitiva, pois a maioria competiu, pela primeira vez, entre 10 e 12 anos de idade (Tabela 3). Os campeonatos de inserção destas jogadoras em competições

oficiais foram os promovidos pela LOCAB, na categoria de minibasquetebol (23 atletas). Somente aos 12 anos de idade, a maioria começa a disputar os campeonatos estaduais promovidos FCB. Como resultado dessa participação esportiva, as atletas no estágio de iniciação esportiva têm obtido, como principais conquistas coletivas, títulos regionais de competições promovidas pela liga regional. A Figura 8 ilustra o processo formativo, no estágio de iniciação esportiva, em termos de treinamento, competições e resultados.



Figura 8 - Processo de formação esportiva no estágio de iniciação das atletas de basquetebol.

Ao ampliar a análise do microsistema para as relações interpessoais, a investigação encontrou que as díades estabelecidas entre as atletas no estágio de iniciação esportiva têm sido marcadas tanto por díades de observação, em que atletas novatas observam, admiram e tentam imitar as mais experientes, como por díades afetivas positivas, pautadas na amizade, nas brincadeiras, na diversão e na união. Obtiveram-se poucos relatos de relacionamentos negativos. O único relato negativo mencionado pelas atletas iniciantes é o fato de algumas jogadoras mais experientes lhes darem pouca atenção, em alguns momentos. Isto remete à interpretação de que, nestas relações, não estão sendo estabelecidas díades de equilíbrio de poder, em favor das novatas, quando díades de atividade conjunta são estabelecidas entre elas.

As relações com os treinadores, nessa etapa da formação esportiva, parecem ainda pouco fortificadas em relação aos demais estágios de desenvolvimento, pois as atletas citam apenas a importância da afinidade e da amizade que possuem com eles. Por outro lado, é importante ressaltar que essa é a única fase em que as jogadoras não citam qualquer tipo de descontentamento com essa relação.

Em termos de apoio recebido para o envolvimento no esporte, observou-se que o apoio emocional e o apoio informativo fornecidos por colegas e treinadores são considerados muito importantes pelas jovens iniciantes. O apoio informativo é proporcionado pelas colegas mais experientes que fornecem dicas de atuação, tanto nos treinamentos quanto nas competições. O apoio emocional, advindo principalmente das companheiras do grupo etário, concretiza-se por meio do incentivo e da motivação para o comprometimento com a prática esportiva.

Os treinadores também fornecem dicas de atuação, mas as atletas consideram de suma importância os *feedbacks* por eles proporcionados, após a realização das atividades, especialmente as de preparação técnica. Nesse sentido, observa-se que, nas relações interpessoais entre treinadores e atletas, predominar as díades de atividade conjunta de equilíbrio de poder e afetividade, em que o poder parece estar mais nas mãos dos treinadores, procurando as atletas seguirem as instruções passadas por eles e receber a retroalimentação de seus desempenhos.

Ao analisar o último parâmetro do microsistema esportivo - os papéis sociais - observou-se que as atletas no estágio de iniciação esportiva se percebem no papel de jogadoras em formação, quando a diversão e o gosto pela prática esportiva predominam em relação às cobranças de bons desempenhos. No entanto, reconhecem que, para se tornarem atletas de destaque, precisam se dedicar e se empenhar para conseguirem evoluir em suas carreiras. O papel social dos treinadores, nessa fase, consiste em ser um professor que ensina e passa instruções e *feedbacks*, para que as atletas aprendam e evoluam na modalidade.

Ao se analisar o componente tempo, os depoimentos revelaram que as transições normativas vivenciadas pelas atletas, nessa etapa da carreira esportiva, correspondem ao domínio esportivo, em especial à transição do final desta etapa para o início da próxima (iniciação para especialização). Na etapa seguinte, as jogadoras passam a frequentar as sessões de treino das equipes de base e começam a sentir o desafio de se adaptarem às novas exigências de treinamento para inserção em novos níveis competitivos.

As transições não esportivas estão ligadas às transições acadêmicas, em que as exigências dos estudos acabam por afastar as atletas de alguns treinos, a fim de conseguirem atingir as expectativas de rendimento escolar formuladas por elas e por seus familiares. Nas transições psicológicas (infância para adolescência), as atletas apresentam, segundo os treinadores, queda nos níveis de coordenação, assim como diversas mudanças físicas que podem atrapalhar, em alguns momentos, seu desempenho esportivo.

Estágio de especialização esportiva das atletas de basquetebol

O segundo estágio de desenvolvimento das atletas de basquetebol, identificado no estudo, foi definido como estágio de especialização esportiva. Ele compreende atletas na faixa etária de 13 a 15 anos de idade.

As propriedades da pessoa, apresentadas pelas atletas de basquetebol que mais se destacaram nesta etapa, foram os recursos ativos e as disposições geradoras e disruptivas. Para os treinadores, com o avanço no processo de desenvolvimento de talentos do basquetebol, as atletas devem começar a apresentar alguns recursos ativos importantes para que o rendimento esportivo seja efetivado. No caso específico do grupo estudado, os treinadores buscam observar, nas jogadoras que comporão suas equipes competitivas (categorias de base), alguns fatores físicos, como coordenação e velocidade, além de disposições geradoras, como os fatores psicológicos (dedicação, empenho, vontade e determinação).

Por sua vez, as atletas enfatizam que se percebem com disposições tanto geradoras quanto disruptivas. As disposições disruptivas (falta de dedicação, desânimo, preguiça) aparecem quando as atletas percebem que a rotina de treinamento, que agora passa a ter maior intensidade (treinos mais ‘puxados’ e desgastantes) e volume (quantidade de dias e horas), começa a limitá-las em outros setores de suas vidas (contatos sociais - transições psicossociais), fazendo com que sacrifiquem outras esferas de suas vidas para se dedicarem ao basquetebol. O treinador reforça a percepção de que, nesse período de desenvolvimento, as atletas se deparam com muitos fatores atraentes que lhes tiram o foco do esporte e fazem com que elas se mostrem menos dedicadas e entusiasmadas com a prática esportiva (falta de atenção, falta de foco, dispersão).

No entanto, as próprias atletas reconhecem que, para avançarem em seus percursos esportivos, necessitam de disposições geradoras como dedicação, empenho, vontade e determinação, sendo esses os fatores psicológicos que as auxiliarão a alcançar seus objetivos de carreira.

Neste segundo estágio de desenvolvimento da carreira esportiva (especialização esportiva), apesar de as atletas permanecerem com objetivos vinculados às conquistas individuais, as conquistas coletivas se fortificam, uma vez que as atletas já possuem melhor noção das principais competições esportivas que irão disputar e das que são importantes para marcar suas trajetórias pessoais e coletivas. Em curto prazo, as conquistas individuais, enquanto resultados desenvolvimentistas, resumem-se a melhorar o desempenho físico e técnico; tornarem-se ‘cestinhas’ de competições importantes; e serem convocadas para seleções estaduais.

As conquistas coletivas correspondem à conquista de títulos estaduais das categorias correspondentes às suas idades. As atletas que se aproximam do final deste estágio almejam ser campeãs da OLESC, considerada por elas e por seus treinadores como a principal competição disputada, no estado, para atletas nesta faixa etária. Em longo prazo, as conquistas coletivas não são mais tão visualizadas nas narrativas das jogadoras, enquanto as metas individuais se intensificam em torno da convocação para seleção estadual e nacional.

A frequência de treinamento estruturado, para as atletas no segundo estágio de desenvolvimento, passa a ser de cinco vezes por semana. A maioria das atletas realiza também musculação duas vezes por semana e apenas poucas atletas permanecem praticando um ou mais esportes além do basquetebol, ou seja, a maioria já busca dedicação exclusiva à prática deste esporte.

As atividades molares, presentes no microssistema esportivo, permanecem vinculadas à competição e à preparação técnica, acrescentando-se a relevância da fundamentação tática e da preparação física. Nesse sentido, observou-se que as atletas, no segundo estágio de desenvolvimento, continuam a apreciar a participação em atividades competitivas e de preparação técnica. No entanto, começam a valorizar a preparação física e tática, além da técnica.

O treinador enfatiza que desenvolve a preparação física das atletas por meio de corridas e de musculação, ambas com frequência de duas vezes por semana, além do que já é trabalhado nos treinos técnico-táticos. As narrativas de atletas e treinadores sobre os elementos do jogo deliberado (diversão) começam a diminuir, aumentando os depoimentos sobre a vivência de prática deliberada (treinos puxados, cansativos, carga elevada de treinamento diário e semanal). Apenas as atletas na transição normativa entre a iniciação e a especialização ainda apresentam, em suas falas, depoimentos sobre a diversão nos treinamentos e a participação em atividades esportivas com as amigas e os familiares, no tempo livre.

As competições mais importantes disputadas pelas atletas, na segunda etapa do processo formativo, são os torneios estaduais e nacionais. Os torneios regionais deixaram de ser citados a partir dessa fase, provavelmente devido às menores dimensão e importância que possuem no meio esportivo. Há também a tendência de as equipes do Clube investigado alcançarem a grande maioria desses títulos, o que as leva a almejarem a participação em competições de maior expressão e rivalidade. No âmbito das competições nacionais, destaca-se o início da participação em campeonatos brasileiros de seleções, a qual traz novas

experiências para as atletas tanto em relação às equipes concorrentes quanto em relação à atuação com outros técnicos e colegas.

Os principais títulos alcançados, nesse estágio, são os títulos estaduais, conquistados em competições promovidas pela FCB e, em nível escolar (estadual), pela FESPORTE. Há também as expressivas colocações, nos campeonatos brasileiros de seleções. Somente as atletas na transição da iniciação para a especialização citaram conquistas regionais como títulos relevantes em suas trajetórias.

As conquistas individuais são citadas pelas atletas que chegam à transição para o treinamento especializado como aspectos marcantes (resultados) em suas trajetórias, destacando-se a premiação como ‘cestinha’ de campeonato estadual e nacional, a convocação para seleções estaduais e pré-convocações para as seleções nacionais. Além disso, as atletas nesse estágio, em função de seu rendimento individual e dos resultados coletivos, recebem bolsas de estudo no Ensino Fundamental. A Figura 9 apresenta um resumo do processo formativo ocorrido no estágio de especialização esportiva, referente a treinamento, competições e resultados.



Figura 9 - Processo de formação esportiva no estágio de especialização das atletas de basquetebol.

No que se refere às relações interpessoais presentes no estágio de especialização, percebeu-se que, apesar de sobressaírem os relacionamentos positivos, começaram a aparecer os primeiros sinais de descontentamento, por parte de algumas atletas, com suas relações tanto com as colegas quanto com os treinadores. Os relatos mais marcantes envolveram as díades de atividade conjunta de afetividade e reciprocidade, em que as atletas percebem a importância do crescimento da amizade e da união entre elas. No entanto, tanto as atletas que se

encontram na transição da iniciação para a especialização quanto as atletas na transição para um treinamento especializado mencionam a presença de relacionamentos instáveis ou negativos com as colegas do grupo contrário. Para as primeiras, as brigas advêm da cobrança por causa dos erros e da seriedade das mais experientes, enquanto as segundas queixam-se das brincadeiras fora de hora e indicam pouca afinidade com o primeiro grupo.

Apesar da vivência de relacionamentos com pouca afinidade entre alguns grupos, durante as transições normativas, o apoio emocional entre elas está fortemente presente nas narrativas das atletas no estágio de especialização esportiva. Aqui novamente o incentivo e, predominantemente, a colaboração e a cumplicidade entre elas se tornam fundamentais para o engajamento e o comprometimento com o esporte. A diminuição do apoio informativo, nessa etapa, pode estar atrelada às experiências adquiridas em treinamentos e competições, as quais proporcionam às atletas maior autoconfiança, não percebendo mais tanta necessidade de auxílio das colegas em relação a seus desempenhos. As informações obtidas revelaram que as díades afetivas, com estreitamento de laços de amizade se intensificam com o decorrer do processo formativo e as díades observacionais, apesar de presentes, deixam de ser tão valorizadas.

Por sua vez, devido à convivência cotidiana e prolongada, a afinidade com os treinadores parece se intensificar nesse estágio, assim como os laços de amizade e as relações mais consistentes, passando eles a serem considerados como pai/mãe por algumas atletas. No entanto, é nesse estágio que os primeiros descontentamentos com os treinadores começam a aparecer e fazem com que algumas atletas procurem manter distância deles, por discordarem de algumas de suas atitudes dentro de quadra.

Para as atletas que se encontram na transição da iniciação para a especialização, o apoio informativo fornecido pelos treinadores ainda aparece fortemente em seus relatos, principalmente as dicas e as explicações sobre seus desempenhos técnicos. Ao mesmo tempo em que as relações interpessoais são estreitadas, o apoio emocional se torna ainda mais importante. Nesse estágio, além do incentivo e da motivação, as atletas demonstram a importância do apoio emocional dos treinadores, em forma de elogios e de questões particulares fora das quadras.

Os papéis sociais em que as atletas do estágio de especialização esportiva percebem para elas próprias e consideram que seus treinadores e familiares esperam delas é o de 'atletas' esforçadas e dedicadas, que precisam demonstrar, em quadra, seu potencial. O papel social dos

treinadores passa a ser o de técnico exigente, que consegue fazer com que suas atletas deem o seu melhor, tanto individual quanto coletivamente. Devido aos laços de amizade construídos ao longo dos anos, os treinadores passam a ser vistos também como ‘pais’, que estão sempre presentes para lhes fornecer o apoio necessário nas questões esportivas e pessoais.

As transições esportivas normativas, vivenciadas pelas atletas no segundo estágio de desenvolvimento de suas carreiras esportivas, corresponderam, principalmente, à transição para o treinamento especializado, pautado na seleção da modalidade esportiva na qual irão se especializar. Como consequência dessa transição, as atletas têm que assumir maiores responsabilidades nos jogos da equipe, aumentando tanto a competitividade e a expectativa por bons resultados, como a demanda de maiores cargas físicas e psicológicas para evoluírem no esporte. As transições esportivas não normativas correspondem às lesões que afastaram muitas delas, por alguns períodos, da prática esportiva ou fizeram com que elas tivessem que atuar em jogos e competições importantes ainda contundidas, muitas vezes agravando o problema.

As transições não esportivas têm sido vivenciadas, principalmente pelas transições acadêmicas (Ensino Fundamental para Ensino Médio), passando as atletas, neste momento, a priorizarem mais os treinamentos do que os estudos quando de incompatibilidade de horário, bem como transições psicossociais em termos de limitação de contatos sociais e de lazer em função da dedicação à prática esportiva.

Estágio de investimento esportivo das atletas de basquetebol

O terceiro estágio de desenvolvimento das atletas de basquetebol foi denominado estágio de investimento esportivo. Ele compreende atletas na faixa etária de 16 a 18 anos de idade.

Nesse terceiro estágio, identificou-se que os recursos ativos e as disposições geradoras das atletas de basquetebol se intensificaram, enquanto as disposições disruptivas foram minimizadas. Essas atletas se aproximam do nível adulto e reconhecem que, se pretendem dar continuidade às suas carreiras esportivas e alcançar o alto nível, as cobranças em torno de dedicação máxima ao esporte, em detrimento de outras esferas da vida, vão se tornando mais intensas.

Os treinadores informaram que, nessa fase do processo formativo, passam a observar, principalmente, os recursos ativos e as relações interpessoais apresentados pelas jogadoras, dentre eles os fatores táticos (disciplina tática), físicos (condicionamento físico) e psicossociais (díades

de afetividade e reciprocidade). As disposições geradoras são enfatizadas pelas atletas que vivenciam esse período, pois para elas a dedicação e o empenho se tornam fundamentais para que consigam alcançar seus objetivos, manter e aprimorar o rendimento esportivo já alcançado, tanto individual quanto coletivamente.

Os principais objetivos individuais das atletas, tanto em curto quanto em longo prazo, correspondem à convocação para seleções estaduais e/ou nacionais. Algumas atletas manifestam interesse em atuar profissionalmente pelo Clube, em jogar em outros estados, como São Paulo, ou em outros países, principalmente nos Estados Unidos. As conquistas coletivas de curto prazo estão relacionadas aos títulos estaduais, principalmente aos da OLESC e dos Jogos Abertos de Santa Catarina, enquanto as conquistas de longo prazo referem-se aos Jogos Abertos e à disputa da Liga Nacional Feminina.

Apesar de quase inexistentes os relatos sobre disposições negativas, nesse estágio de desenvolvimento, duas atletas expõem que, em muitos dias, sentem pouca vontade para treinar e se dedicar. No entanto, elas próprias reconhecem que, mesmo sem a motivação intrínseca, precisam se dedicar ao máximo para conseguirem jogar bem e se destacarem nas competições.

A frequência de treinamento estruturado para as atletas no terceiro estágio de desenvolvimento é de cinco vezes semanais. Algumas delas fazem sessões de treino dobradas (tarde e noite) em muitas semanas e todas praticam musculação três vezes por semana. Nesse estágio de desenvolvimento esportivo, não foi encontrada nenhuma atleta que ainda praticasse outros esportes, além do basquetebol.

As atividades mais apreciadas, nos treinamentos, pelas atletas que se encontram nessa etapa formativa, são as competitivas, seguidas das atividades de preparação técnica. Contudo, elas informaram que gostam de participar de atividades de preparação física, o que pode estar relacionado à maior consciência destas atletas referente à importância do condicionamento físico para o rendimento esportivo. As atividades consideradas mais relevantes por essas jogadoras são as de preparação física (corridas, musculação), de fundamentação tática (jogadoras pré-estabelecidas) e de fundamentação técnica (fundamentos individuais, combinação de fundamentos). A treinadora B corrobora as informações encontradas, confirmando ter forte preocupação em valorizar o trabalho de preparação física e de preparação tática das atletas que se encontram no estágio de investimento esportivo, além do aspecto técnico, que para ela é fundamental.

A análise das atividades molares presentes no microssistema esportivo estudado revela que a prática deliberada passa a ser exclusiva no estágio de investimento esportivo, etapa em que as atletas participam de uma rotina exaustiva de treinamentos técnico-táticos e de preparação física, considerados por elas como pesados e exaustivos, havendo também intensa rotina de jogos e de participação em diversas competições durante o ano.

As competições estaduais, nacionais e internacionais são consideradas com o mesmo nível de relevância pelas atletas que estão no último nível de desenvolvimento do talento esportivo investigado. Isto mostra que o microssistema esportivo em que estas atletas estão inseridas possibilita a ampliação das experiências competitivas e das adversidades a serem experienciadas no cenário esportivo. O desempenho esportivo das atletas oportuniza a conquistas de títulos na mesma proporção. A grande maioria das atletas nessa fase já conquistou todos os títulos estaduais da FCB e da FESPORTE, assim como os das competições escolares nacionais e internacionais que disputaram. Além disso, essas atletas alcançaram importantes classificações nos campeonatos brasileiros de seleções.

As conquistas individuais se ampliaram, neste estágio de desenvolvimento, em que algumas atletas foram premiadas, uma ou mais vezes, como ‘cestinha’ de campeonato estadual e a grande maioria foi convocada para as seleções estaduais. No entanto, nenhuma atleta foi novamente pré-convocada para a seleção brasileira, após entrar no terceiro estágio da carreira esportiva. Outras conquistas alcançadas pelas atletas, nesse estágio e na transição das categorias de base para a adulta, foram o auxílio financeiro disponibilizado pelo Clube ou pelo ‘Programa Bolsa Atleta’ do governo federal e as bolsas de estudo, tanto no Ensino Médio quanto no Ensino Superior. Tais ajudas financeiras possibilitam que as atletas, na transição normativa da adolescência para a vida adulta, se dediquem exclusivamente à prática esportiva, sem necessidade de buscar outras fontes de renda para auxiliar nas despesas familiares. A Figura 10 contém um resumo do processo formativo ocorrido no estágio de investimento esportivo, referente a treinamento, competições e resultados.



Figura 10 - Processo de formação esportiva no estágio de investimento das atletas de basquetebol.

Com o avanço para o estágio de investimento esportivo, as atletas referiram a importância da manutenção dos laços de amizade e da união entre elas, com diminuição das brigas em decorrência do aprendizado de como lidar com as situações adversas. Apesar da pouca afinidade entre algumas, elas acreditam ter aprendido a como agir/reagir para que as relações interpessoais afetivas negativas não atrapalhem o desempenho da equipe.

As narrativas sobre o apoio informativo tanto de colegas quanto de treinadores desaparecem nessa fase, diminuindo também a importância atribuída ao apoio emocional para o envolvimento e o comprometimento esportivo. Tais informações revelam que, nessa fase, a motivação intrínseca supera a extrínseca, especialmente para as atletas na transição das categorias de base para a adulta.

Os papéis sociais, que as atletas do estágio de investimento esportivo vivenciam, se referem ao papel de ‘atletas profissionais’ responsáveis por seus desempenhos, as quais precisam demonstrar o rendimento necessário para avançarem para níveis mais elevados da carreira esportiva. O papel dos treinadores permanece o de serem exigentes o suficiente para auxiliá-las a alcançarem esse objetivo, sem perder os laços ‘familiares’ construídos ao longo dos anos e considerados fundamentais para o sucesso da equipe.

As transições esportivas normativas, vivenciadas pelas atletas no terceiro estágio de desenvolvimento, correspondem à transição das categorias de base para a adulta, em termos de início da busca pelo ápice da carreira esportiva. As metas esportivas passam a ser os principais

objetivos de vida destas atletas, enquanto as transições não normativas refletem as mudanças de cidade para atuação esportiva, bem como a não seleção para alguns jogos ou competições.

As transições normativas não esportivas, vivenciadas nessa etapa, foram as transições acadêmicas (Ensino Médio para Ensino Superior), quando as atletas passaram a receber bolsas de estudo para não abandonarem o esporte para estudar e as transições psicossociais, pautadas em algumas reclamações sobre a dificuldade de estabelecimento de relacionamentos estáveis-instáveis, devido à dedicação ao treinamento e à competição esportiva.

Delineamento bioecológico do processo de formação esportiva das atletas de basquetebol

O processo de formação esportiva das atletas de basquetebol feminino, pertencentes a um ambiente de sucesso no desenvolvimento de talentos esportivos, revelou a existência de três estágios de desenvolvimento da carreira esportiva: a iniciação, a especialização, o investimento esportivo. Evidenciou também que a progressão vivenciada pelas atletas e o ambiente imediato possibilitaram a predominância de resultados de competência no estabelecimento dos processos proximais, em detrimento de resultados de disfunção, ao longo de seu tempo vital.

As principais características identificadas nos três estágios de desenvolvimento da carreira esportiva das atletas de basquetebol apresentaram-se semelhantes ao exposto na literatura. Neste sentido, verificou-se que o período de iniciação esportiva se destaca por englobar a entrada de uma criança em uma escolinha de aprendizagem esportiva até o início da prática competitiva especializada (VARGAS NETO, 1999; BECKER JUNIOR, 2000). A idade apresentada pelas atletas, nas etapas de iniciação e especialização da carreira esportiva, corrobora a indicação de Ferreira, Markunas e Nascimento (2005) de que a ênfase na especialização em determinada modalidade esportiva deve ocorrer somente após os 13 anos de idade, sendo este um importante período entre a iniciação esportiva e o início de uma prática mais profissional.

Os primeiros passos de jovens atletas rumo ao esporte organizado podem obrigá-los a se adaptarem às exigências da atividade esportiva, em geral, e à disciplina ou especificidade da modalidade esportiva escolhida, em particular (WYLLEMAN; LAVALLEE; ALFERMANN, 1999). No estágio de investimento esportivo as demais atividades da vida assumem importância secundária, os objetivos da carreira esportiva se tornam mais elevados e os atletas passam a obter algumas recompensas extrínsecas e

tangíveis importantes para seu comprometimento esportivo (SALMELA, 1994; DURAND-BUSH; SALMELA, 2002).

Nesse sentido, considerando-se a importância dos componentes do paradigma Bioecológico do Desenvolvimento Humano para a definição dos estágios da carreira esportiva, a Figura 11 apresenta um resumo do processo de formação esportiva vivenciado pelas atletas de basquetebol pertencentes ao ambiente de sucesso no desenvolvimento de talentos esportivos.

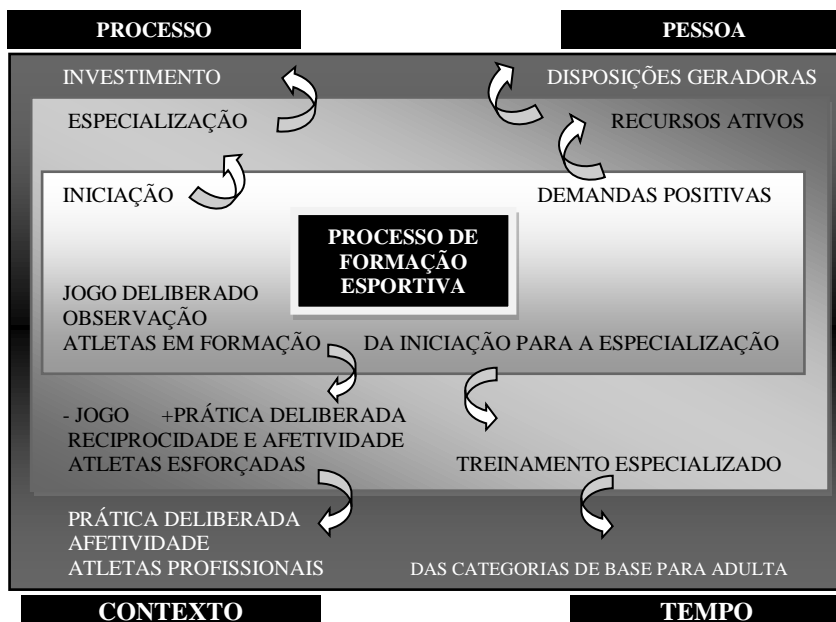


Figura 11 - Delineamento bioecológico do processo de formação esportiva das atletas de basquetebol.

As informações levantadas com relação aos atributos pessoais (pessoa) das atletas de basquetebol, nos três estágios de desenvolvimento, revelaram que as jogadoras apresentam, como características iniciais marcantes, as demandas positivas e as disposições geradoras, não sobressaindo seus recursos, quer ativos quer passivos. Ao avançar na carreira esportiva, seus recursos ativos e suas disposições geradoras passam a ser cada vez mais valorizados, apesar de ser, esse o momento em que elas mais demonstram disposições disruptivas, ligadas às características de seu tempo vital (adolescência). Mesmo valorizando o

envolvimento no esporte, as atletas almejam ter uma vida social mais ativa. Na última etapa, os recursos ativos e as disposições geradoras se tornam cruciais como propriedades relevantes para a prática do basquetebol competitivo.

Na literatura consultada acerca das propriedades da pessoa no contexto esportivo, encontraram-se informações similares às levantadas neste estudo. Nesta perspectiva, destaca-se que as características pessoais que encorajaram jovens talentos a buscarem a prática esportiva relacionada às demandas positivas (biótipo) também foram observadas em investigações realizadas com talentos do atlestimo (VIEIRA, 1999a; VIEIRA; VIEIRA, 2001). Além disso, Vieira e Vieira (2001) constataram que, com o avanço na trajetória esportiva, os atletas passaram a demonstrar outras qualidades importantes (dedicação, determinação, persistência), relacionadas às suas disposições geradoras. Vieira (1999a) detectou que até os 16 anos de idade a prática esportiva foi marcada pelo aperfeiçoamento das capacidades motoras em relação às provas do atletismo (recursos ativos). Por sua vez, Vieira, Vieira e Krebs (2003) identificaram que, aproximadamente dos 14 aos 16 anos, as qualidades físicas (velocidade, força, resistência - recursos ativos) juntamente com os atributos psicológicos (força de vontade, determinação, dedicação - disposições geradoras) foram fundamentais para a seleção de atletas participantes em diferentes tipos de provas do atletismo, na fase de especialização esportiva.

Estudo realizado por Krebs et al. (2008) verificou que a dedicação (disposições geradoras) de jovens atletas para evolução na prática do tênis estava relacionada ao propósito de se tornarem profissionais em um futuro próximo. Em contrapartida, Vieira, Vieira e Krebs (2003) evidenciaram que os atributos pessoais de atletas talentosos de atletismo, após os 16 anos, estavam fortemente voltados para o companheirismo (díades afetivas), a força de vontade, a determinação e a persistência para a continuidade da carreira esportiva (disposições geradoras).

Durand-Bush e Salmela (2002) constataram que as características pessoais de atletas de elite, durante os anos de investimento, estavam relacionadas à autoconfiança, à competitividade e à emoção. Eles confiavam em suas habilidades para alcançarem o sucesso esportivo, eram muito independentes, competitivos e motivados para treinar. De modo similar, Bloom (1985) verificou que os talentos tendem a se tornarem cada vez mais responsáveis por sua motivação, preparando-se o melhor possível para os eventos competitivos.

Ao se observar os resultados desta e de outras investigações, concorda-se com a indicação de Krebs (2009) de que os atributos pessoais

de atletas realmente se caracterizam por suas disposições (para o engajamento, para a permanência, para a reorganização das ações), seus recursos (aptidão física, coordenação, inteligência) e suas demandas (aparência pessoal).

No referente à análise dos elementos do microsistema (contexto), as atletas disseram que, na primeira fase da trajetória esportiva, vivenciaram o que Côté, Lidor e Hackfort (2009) denominam de experimentação inicial, ou seja, quando crianças se envolveram em vários esportes os quais lhes permitiram experienciar uma série de ambientes físicos, cognitivos, afetivos e psicossociais.

Tal envolvimento em diferentes modalidades esportivas, além da que as atletas de basquetebol se especializaram posteriormente, assemelha-se aos resultados divulgados em investigações nacionais e internacionais, realizadas com jogadores de diferentes níveis esportivos e praticantes de modalidades coletivas e individuais (STAMBULOVA, 1994; CÔTÉ, 1999; MONTAGNER, 1999; VIEIRA, 1999a; NASCIMENTO, 2000; DURAND-BUSH; SALMELA, 2002; VIEIRA; VIEIRA; KREBS, 2003; SANTANA; FRANÇA; REIS, 2007; GULBIN et al., 2010; SOUZA, 2010; VIANA; ANDRADE; BRANDT, 2011).

Neste sentido, Côté, Lidor e Hackfort (2009) defendem a participação esportiva diversificada, enfatizando que as múltiplas habilidades adquiridas por meio desta experiência, durante a infância, proporcionam o desenvolvimento de habilidades físicas, pessoais e mentais, fundamentais e necessárias para a especialização durante a adolescência. Tais habilidades permitem a interação social com diferentes pares e adultos, reforçando a adaptação de competências emocionais e de autorregulação que podem ser positivamente investidas na prática esportiva futura.

Por outro lado, pesquisa conduzida com atletas de futebol divulgou que a maioria deles não praticou outros esportes durante os anos de experimentação esportiva (MARQUES; SAMULSKI, 2009). Tal fato pode estar relacionado à especificidade desta modalidade, principalmente no âmbito brasileiro, em que, desde muito cedo, diversas crianças são inseridas em escolinhas de futebol. Elas perspectivam se tornarem atletas de sucesso e alcançarem recompensas financeiras que, na maioria dos casos, não são vislumbradas no contexto de outras modalidades esportivas, especialmente no caso do basquetebol brasileiro.

Com o avanço nos estágios de desenvolvimento, as atletas foram abandonando a prática diversificada e se concentraram exclusivamente na prática do basquetebol, aumentando consideravelmente o número de horas de treinamento técnico-tático e de preparação física, ao ponto de algumas

delas, no início da fase de investimento, treinarem com dois grupos competitivos, em vários dias da semana. A literatura tem revelado que os atletas, ao ingressarem na fase de investimento ou aperfeiçoamento esportivo, se mostram mais empenhados em alcançar melhor desempenho em uma única modalidade e em demonstrar compromisso extremo com o esporte (BLOOM, 1985; CÔTÉ, 1999; DURAND-BUSH; SALMELA, 2002).

A diminuição da prática diversificada encontra respaldo na indicação de Samulski et al. (2009), de que as fases posteriores à iniciação esportiva requerem que os jovens concentrem seus esforços em um único esporte, aumentando seu engajamento e construindo suas identidades atléticas. Ferreira, Markunas e Nascimento (2005) complementam que, a partir da especialização esportiva, os jovens passam gradativamente a participar de uma preparação esportiva com volume e intensidade cada vez maiores.

As atividades molares também se diversificaram no decorrer do processo de desenvolvimento esportivo das atletas de basquetebol, pois, no estágio de iniciação, predominavam, tanto em tempo como em grau de importância, as atividades competitivas e de fundamentação técnica, pautadas na vivência do jogo descontraído e da diversão. No estágio de especialização, reforçou-se a importância das atividades de fundamentação técnica, incluíram-se ligeiramente a fundamentação tática e expressivamente as atividades de preparação física. No estágio de investimento, esses três tipos de preparação aumentaram consideravelmente em intensidade e significado, provavelmente como resultado da experiência e da maturidade alcançadas pelas atletas, em suas trajetórias esportivas.

Neste cenário, os resultados encontrados em relação às atividades molares revelaram que, na primeira etapa da carreira esportiva, as atletas relataram maior presença de elementos do jogo deliberado. Na segunda etapa, a vivência desta experiência começou a diminuir, aumentando, gradativamente a experimentação de prática deliberada. Na última etapa, a prática deliberada mostrou-se predominante e exclusiva, devido à busca de uma atuação em níveis mais avançados de preparação e de competição esportiva.

A ênfase em uma experiência divertida e emocionante, elementos característicos do jogo deliberado na fase de iniciação esportiva, também foi visualizada em investigações desenvolvidas em contextos esportivos internacionais (SALMELA, 1994; CÔTÉ, 1999; DURAND-BUSH; SALMELA, 2002). Tal vivência é caracterizada como intrinsecamente motivadora e vivenciada por meio de atividades lúdicas, destinadas a

maximizar o prazer da experiência praticada (CÔTÉ; BAKER; ALBERNETHY, 2003; CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009). Além disso, evidencia-se que o jogo deliberado se faz presente, principalmente, nos momentos de tempo livre dos atletas com suas famílias. Nestas ocasiões, especialmente os irmãos procuram jogar e ensinar a modalidade aos atletas de forma menos estruturada, com menos correções e com foco na experimentação da modalidade (HENRIKSEN, 2010). Semelhante experiência também foi verificada no tempo livre das atletas do estágio de iniciação esportiva.

As informações sobre o acréscimo de experiências de prática deliberada, no segundo estágio de desenvolvimento, também foram relatadas por Salmela (1994), a qual retratou que os atletas, nessa fase, encontram um ambiente mais sério, sendo o divertimento substituído pelo compromisso e o jogo, pelo trabalho. Côté (1999) explicita que a diversão e a emoção devem sim permanecer como elementos centrais da experiência esportiva, apesar de o desenvolvimento de habilidades específicas surgir, nessa etapa da carreira esportiva, como forte demanda para o envolvimento esportivo.

Ericsson, Krampe e Tesch-Romer (1993) esclarecem que no jogo não se tem um objetivo explícito, sendo ele inerentemente agradável e prazeroso. No entanto, a prática deliberada inclui atividades especialmente projetadas para melhorar o nível de desempenho, sendo cuidadosamente monitorada.

Os dados desta investigação são similares aos resultados encontrados por Ferreira, Markunas e Korkasas (2005), os quais demonstraram que, na terceira etapa de formação esportiva, predomina a expectativa em se ‘colher os frutos’ do trabalho desenvolvido durante anos, privilegiando-se o aperfeiçoamento das capacidades e das condições de alto rendimento, com a consequente cobrança por melhores resultados. O conflito básico, nesse momento, corresponde à mudança na condição do atleta (papel social), não visto mais como um jogador em formação, mas como um profissional a ingressar na categoria principal - adulta.

A abdicação de muitas atividades pessoais e extracurriculares para que os atletas se concentrem nos treinamentos e nas competições, ou seja, quando as demais atividades diárias assumem importância secundária em suas vidas ou ficam subordinadas ao esporte, também foi constatada nos anos de investimento de atletas de elite de diferentes modalidades esportivas investigados por Stambulova (1994) e Durand-Bush e Salmela (2002).

As informações encontradas, na presente pesquisa, revelaram que o estabelecimento das relações interpessoais também se intensificou,

durante o processo de desenvolvimento das atletas de basquetebol. Na etapa de iniciação, observou-se a predominância de díades de observação e de atividade conjunta (afetividade, reciprocidade) entre as atletas. As díades negativas em termos de equilíbrio de poder entre novatas e experientes foram visualizadas, tanto no estágio de iniciação quanto no de especialização.

Na etapa de especialização, houve o reconhecimento da importância da amizade e da união para o sucesso do grupo, revelando-se que com o decorrer do processo formativo as díades afetivas se fortaleceram e as observacionais passaram a ser menos valorizadas. No último estágio, as atletas valorizaram, cada vez mais, as díades de afetividade e demonstraram que a experiência esportiva e a maturidade pessoal as ensinaram a melhor lidar com as díades negativas, que podem atrapalhar o desempenho coletivo. Além disso, deixam de valorizar a motivação extrínseca, demonstrando a motivação intrínseca necessária para o comprometimento com a prática esportiva.

Apesar de os ambientes esportivos apresentarem algum tipo de díade negativa, os aspectos positivos das relações interpessoais (companheirismo, união) são considerados fundamentais, independentemente do estágio de desenvolvimento e do nível competitivo em que os atletas se encontram (BRANDÃO, 1996; SOUZA, 2010). Os atletas novatos, independente do microssistema, necessitam superar algumas barreiras iniciais de relacionamento com os mais experientes, devido à impaciência e à cobrança por resultados a eles impostas (BRANDÃO, 1996; SILVA, 2009).

No entanto, apesar de certa ausência de estabelecimento de díades de equilíbrio de poder em favor das novatas, é visível a admiração que atletas iniciantes possuem em relação ao desempenho de atletas mais avançados, os quais são vistos, muitas vezes, como ‘espelhos’ que atraem a atenção e a admiração do primeiro grupo (SILVA, 2009; BOTTI; NASCIMENTO, 2011).

A investigação dos papéis sociais indicou que as atletas passam de ‘atletas em formação’ para ‘atletas esforçadas e dedicadas’ até se perceberem e serem vistas como ‘atletas profissionais’. Seus treinadores desempenham os papéis de ‘professores’ e de ‘técnicos exigentes’, que auxiliam as atletas a alcançarem seus objetivos esportivos, bem como de ‘pais’ que as apoiam, tanto na vida esportiva quanto pessoal. Estudos desenvolvidos em microssistemas esportivos de formação (BOTTI; NASCIMENTO, 2011) e alto nível (BRANDÃO, 1996) divulgaram muito mais o papel social dos treinadores como líderes, demonstrando mais a obediência a certa hierarquia entre os papéis dos treinadores e dos atletas

do que a presença de outros papéis, como o de professores e familiares, conforme identificado nesta investigação.

As informações coletadas em relação ao tempo vital, em termos de sucessão de transições ou eventos revelaram a presença de transições normativas e não normativas, tanto no domínio esportivo quanto no domínio não esportivo, assemelhando-se estas aos modelos de transições divulgados na literatura (PEARSON; PETITPAS, 1990; STAMBULOVA, 1994; WYLLEMAN; LAVALLEE; ALFERMANN, 1999; ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007). As transições esportivas foram acompanhadas, simultaneamente, pelas transições não esportivas e corresponderam às características do tempo vital das atletas.

Nesta perspectiva, Wylleman, Alfermann e Lavallee (2004) reforçam a natureza interativa das transições em diferentes domínios da vida esportiva e não esportiva dos atletas (ao mesmo tempo em que avançam nos níveis esportivos passam por mudanças psicológicas, psicossociais e acadêmicas), considerando que ambas afetam, significativamente, o desenvolvimento de uma carreira esportiva.

Ao vivenciarem a transição para a especialização esportiva, as atletas demonstraram experienciar, conjuntamente, transições psicológicas (infância para adolescência) e acadêmicas (dificuldade de conciliar esporte e estudo). Na transição para um treinamento especializado intensivo, as jogadoras vivenciaram transições acadêmicas (Ensino Fundamental para Ensino Médio) e, principalmente, transições psicossociais. Elas começaram a sentir que o esforço necessário para avançar na carreira esportiva dificulta algumas experiências em outras esferas de suas vidas, como o convívio social com os amigos.

Durante a transição para a categoria adulta, as atletas experimentaram transições psicológicas (adolescência para vida adulta), psicossociais (relacionamentos estáveis-instáveis) e acadêmicas (Ensino Médio para Ensino Superior). Estas características de seu tempo vital parecem não prejudicar sua trajetória esportiva, uma vez que a maioria diz colocar os objetivos esportivos à frente de outras esferas de suas vidas.

Salmela (1994) e Stambulova (1994) ponderam que os atletas que conseguem superar as barreiras vivenciadas na primeira transição passam, conseqüentemente, para uma formação mais intensificada na modalidade selecionada. De modo similar, os atletas que superam a segunda transição conseguem manter alta motivação em torno da carreira esportiva, enquanto que na terceira transição, as metas esportivas transformam-se nos principais objetivos de vida dos atletas e os estilos de vida subordinam-se ao esporte, o que exige tanto aquisição de maior

experiência esportiva e de maturidade pessoal como a ampliação da personalidade atlética.

As evidências retratadas nos depoimentos de atletas e treinadores revelaram resultados desenvolvimentais de competência no processo de formação esportiva das atletas de basquetebol, haja vista o microsistema esportivo promoveu crescentes desafios em suas experiências, em diferentes níveis competitivos, durante seus percursos esportivos. Tais experiências possibilitaram conquistas coletivas (estaduais, nacionais, internacionais) e individuais ('cestinhas', atleta destaque, convocação seleção estadual, pré-convocação seleção nacional), cada vez mais marcantes em seus processos de desenvolvimento como atletas de basquetebol.

Wylleman, Lavallee e Alfermann (1999) corroboram que o sucesso alcançado, em diferentes fases da carreira de um atleta, pode ser ilustrado tanto pelas conquistas esportivas coletivas (títulos) quanto pelas conquistas individuais (convocação para seleções). Deste modo, Montagner (1999) define que as participações e conquistas em competições estaduais, nacionais e internacionais e as convocações para seleções estaduais e nacionais constituem importantes caracterizadores do êxito esportivo.

A dinâmica ascendente de bons resultados esportivos, durante as etapas da carreira esportiva, confirma os principais objetivos da preparação esportiva em longo prazo, a qual é marcada pela elevação progressiva das exigências de treino, levando à melhora progressiva da performance (CAFRUNI; MARQUES; GAYA, 2006).

CAPÍTULO 5

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao elucidar as evidências enfatizadas no contexto empírico deste estudo, a investigação do ambiente de sucesso, no desenvolvimento de talentos do basquetebol feminino, permitiu verificar a estreita relação entre os quatro níveis do contexto ecológico e a interferência do percurso histórico e social em suas constituição, estrutura e finalidades, com consequente influência no processo de formação esportiva ali estabelecida.

Em sua constituição histórica, revelou-se que a modalidade de basquetebol iniciou suas atividades de forma voluntária. Com o auxílio do mesossistema familiar e do exossistema FME-PM foi fundada a Escolinha de Basquete para melhor organizar a modalidade. Devido ao sucesso alcançado pela Escolinha e ao interesse em profissionalizar a gestão da modalidade e melhor gerir os recursos públicos e privados, surgiu a necessidade de fundação de um Clube que pudesse se autogerir e se manter, de forma mais autônoma, desvinculando-se da instituição da qual dependia como escolinha.

A estrutura organizativa do Clube é composta por assembleia geral, diretoria, conselho fiscal e associados. A diretoria e o conselho fiscal são constituídos por familiares voluntários, enquanto entre os associados há atletas, pais de atletas e ex-atletas. Além disso, revelou-se o reduzido número de associados e a falta de iniciativa da diretoria para mudar essa realidade. A estrutura esportiva está organizada em escolinhas, vinculadas a projeto da FME-PM, e em equipes de base e adulta, as quais representam o Clube, a FME-PM, as escolas e a universidade patrocinadoras.

As finalidades administrativas contemplam a melhoria da gestão do Clube e a formação de um Centro de Excelência para o desenvolvimento de talentos esportivos da modalidade. As finalidades formativas envolvem objetivos educativos, recreativos e de rendimento, sendo este último perspectivado em curto, médio e longo prazos e fortemente influenciado pelas forças dos exossistemas (administração pública e patrocinadores) e do macrossistema (políticas públicas).

As diretrizes propostas para a identificação e o desenvolvimento de talentos mostraram que o processo de formação esportiva, no Clube de Basquete, está pautado no modelo de pirâmide esportiva. Tais diretrizes visam recrutar grande número de praticantes para a modalidade e, a partir

do processo de formação, ocorrido em suas escolinhas e categorias de base, visam promover as atletas que o representarão em níveis competitivos cada vez mais elevados. Além disso, observou-se uma mudança nas diretrizes do Clube de Basquete, durante seu percurso histórico, marcado por três gerações de atletas campeãs estaduais. Estas alterações possibilitaram às novas gerações, em especial à geração atual, em destaque no presente estudo, a perspectiva de continuidade da carreira esportiva dentro das equipes da própria instituição.

As condições financeiras do Clube de Basquete dependem de apoiadores privados e do convênio público firmado junto a FME-PM. Este último recurso é o mais significativo e possibilita à diretoria colocar em práticas suas propostas para o desenvolvimento de talentos esportivos. Verificou-se como positivo para as atletas em transição para a categoria adulta e que ingressam no Ensino Superior a concessão de bolsas de estudo através do patrocínio de instituição privada. No entanto, nos últimos anos o Clube perdeu o convênio com escolas particulares, deixando de fornecer bolsas de estudo para a maioria das praticantes da modalidade, pois as participantes da base de sua pirâmide esportiva se encontram na Educação Básica, especialmente, no Ensino Fundamental.

Quanto aos recursos materiais, o estudo revelou que o Clube não possui infraestrutura própria, dependendo de espaços cedidos pela administração pública e por apoiadores privados. Os recursos humanos são constituídos por dirigentes voluntários, treinadores e outros especialistas cedidos pelo convênio público e por atletas formadas em suas escolinhas ou contratadas.

As atividades concernentes ao processo de desenvolvimento de talentos esportivos estão ligadas a reuniões formais (pais, diretoria), a eventos sociais (confraternizações, comemorações) e a treinamentos e competições. As preparações física, técnica e tática e o nível das competições disputadas se intensificam conforme as atletas avançam nos escalões de formação (tempo vital das atletas).

As informações levantadas evidenciaram o orgulho de dirigentes e treinadores pelas conquistas individuais, coletivas e culturais das atletas. As principais conquistas individuais se reportam aos títulos de ‘cestinha’ e destaques, além das convocações para seleções estaduais. As conquistas coletivas compreendem todas as competições promovidas pelas principais federações esportivas do estado de Santa Catarina. Tais conquistas abrangem tanto a representação do Clube quanto de seus apoiadores. Além disso, foram alcançados títulos nacionais e internacionais no âmbito escolar. Por fim, os resultados relacionados à cultura organizacional destacaram o orgulho dos envolvidos em serem considerados formadores

de atletas talentosos; em investirem em atletas de rendimento; em poderem divulgar a marca de seus apoiadores; em prezarem pela constituição de uma família pautada na união e na amizade entre seus membros.

Nesta perspectiva, o estudo da organização do microssistema permite concluir sobre a importância da organização administrativa de uma instituição esportiva, pautada em diretrizes e ações sólidas de formação que, apesar de manter, em sua constituição, uma base para deliberações, busca constantemente novas perspectivas que contribuam para o avanço rumo a uma trajetória de sucesso tanto das atletas quanto do próprio Clube.

No que se refere aos elementos do microssistema, evidenciou-se que a interação entre eles possibilita o alcance de sucesso do contexto investigado no processo de formação das atletas de basquetebol. As atividades molares vivenciadas pelas atletas de basquetebol correspondem tanto ao treinamento físico quanto ao treinamento técnico-tático, possuindo ambos persistência temporal e significado para treinadores e atletas. As relações interpessoais são percebidas como fundamentais para o sucesso do contexto, no desenvolvimento de talentos esportivos. Evidenciou-se que tanto as díades observacionais quanto de atividade conjunta e primárias estão presentes e exercem influência sobre o processo de formação esportiva. Os papéis sociais revelaram que as atletas se percebem e percebem a demanda advinda de outros sujeitos, influentes em sua formação, em torno da expectativa de que desempenhem seus papéis nos treinos e jogos com seriedade e com o rendimento esperado de atletas profissionais. Por sua vez, os treinadores se percebem e são percebidos exercendo três papéis sociais: de treinador exigente de uma equipe esportiva; de professor que contribui para a formação de cidadãos; de familiar que está cotidianamente ao lado das atletas, as auxiliando em questões tanto esportivas quanto pessoais.

Os atributos pessoais das atletas de basquetebol auxiliaram a compreender que a detecção das atletas desta modalidade está pautada em demandas positivas, pois sua seleção prioriza a demonstração tanto de recursos ativos quanto de disposições geradoras. Quanto à motivação para a prática esportiva, os resultados evidenciaram que as relações interpessoais se destacam entre as disposições geradoras para o ingresso na prática do basquetebol. As competências psicológicas, as relações interpessoais e as recompensas advindas desta prática reforçaram o engajamento e a manutenção na carreira esportiva. A análise das disposições disruptivas demonstrou que os recursos passivos, as incompatibilidades entre mesossistemas dos quais as atletas participam e

as relações interpessoais afetivas negativas sobressaem em termos de resultados de disfunção no desenvolvimento de talentos esportivos. Além disso, constatou-se o elevado nível de experiências esportivas das atletas na prática do basquetebol, as quais, somadas aos demais atributos pessoais e ao processo formativo ocorrido no ambiente esportivo estudado, possibilitam resultados de competência no processo de desenvolvimento de talentos do basquetebol feminino.

Contemplando o objetivo principal desta investigação e a tentativa de inter-relacionar os elementos do Modelo Processo-Pessoa-Contexto-Tempo, o processo de formação esportiva identificou, como processo de formação, três estágios de desenvolvimento da carreira esportiva de atletas de basquetebol feminino, vinculadas ao ambiente de sucesso no desenvolvimento de talentos esportivos.

O estágio de iniciação esportiva demonstrou a predominância de demandas positivas; disposições geradoras (atributos pessoais); jogo deliberado; díades de observação; o papel social de atletas em formação (contexto). As transições (tempo) normativas, predominantes nessa etapa, estão ligadas ao domínio esportivo (iniciação para a especialização) e ao domínio psicológico (infância para a adolescência).

O estágio de especialização esportiva evidenciou o enfoque nos recursos ativos e na mesclagem de disposições geradoras e disruptivas; a diminuição do jogo deliberado; a ampliação da vivência de situações de prática deliberada; as díades de atividade conjunta (reciprocidade, afetividade); os papéis sociais relacionados a atletas esforçadas e dedicadas. Estabeleceu também a presença de transições esportivas (treinamento especializado – normativas, lesões – não normativas) e psicossociais (contatos sociais e lazer).

O estágio de investimento esportivo demonstrou necessidade de ampliação dos recursos ativos; exclusividade de prática deliberada; predominância de díades de atividade conjunta (afetividade); papéis sociais marcados pela vontade de corresponder ao desempenho de atletas profissionais. As transições esportivas (das categorias de base para a adulta -normativas) e psicossociais (relacionamentos estáveis-instáveis) revelaram que, nessa etapa, os objetivos esportivos passaram a ser os principais objetivos de vida das atletas.

Os atributos pessoais; as experiências em atividades molares; as relações interpessoais e os papéis sociais, proporcionados pelo microsistema esportivo; a superação das transições normativas e não normativas, tanto no domínio esportivo quanto não esportivo, mostraram o estabelecimento de processos proximais com a predominância de

resultados de competência no desenvolvimento das atletas de basquetebol feminino.

Nesta perspectiva, conclui-se que os componentes do paradigma Bioecológico do Desenvolvimento Humano compreendem importantes e determinantes critérios para melhor compreensão dos diferentes estágios pelos quais passam as atletas de basquetebol, durante seu processo de formação esportiva. Além disso, reforça-se que os atributos pessoais, os parâmetros do contexto e do tempo se configuram como excelentes estratégias para ampliação dos conhecimentos relativos aos processos proximais, ocorridos no desenvolvimento de talentos esportivos em formação.

RECOMENDAÇÕES

Pelas evidências encontradas no estudo do processo de formação esportiva de atletas de basquetebol feminino, pertencentes ao ambiente de sucesso de desenvolvimento de talentos esportivos, sugere-se a ampliação de estudos sobre os microssistemas de desenvolvimento de talentos esportivos. Por exemplo: a análise das diretrizes para identificação e desenvolvimento de talentos e os fatores que levam esses microssistemas a alcançarem, ou não, sucesso na formação esportiva.

Sugere-se também a realização de novos estudos, no contexto brasileiro, que busquem compreender a dinâmica bioecológica do desenvolvimento de talentos esportivos de diferentes modalidades e de diferentes regiões nacionais. Propõe-se a investigação em diferentes contextos (clubes multiesportivos, clubes que focam apenas uma modalidade, secretarias municipais de esportes) que oportunizam a iniciação e o avanço da carreira esportiva. Recomenda-se a realização de estudos com ênfase nos atributos pessoais, nos parâmetros do contexto e nas transições, não só de atletas que permanecem engajados em suas trajetórias esportivas, mas também daqueles que abandonam precocemente o contexto competitivo, para assim se analisar as diferenças no contexto bioecológico destes dois grupos, a fim de explicar o fenômeno do abandono do cenário esportivo e minimizar sua ocorrência na realidade brasileira.

REFERÊNCIAS

AGRESTA, M. C.; BRANDÃO, M. R. F.; BARROS NETO, T. L. Causas e conseqüências físicas e emocionais do término de carreira esportiva. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, v. 14, n. 6, p. 504-508, nov./dez. 2008.

ALFERMANN, D.; STAMBULOVA, N. Career transitions and career termination. In: TENENBAUM, G.; EKLUND, R. C. (Eds.). **Handbook of sport psychology**. Hoboken: John Wiley & Sons, 2007. p. 712-733.

ALMEIDA, M. B. **Basquetebol**: iniciação. 3. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2002.

ALONSO, M. C.; GODOY, S. J. I. La planificación de los contenidos de entrenamiento de baloncesto en equipos de iniciación. **Revista de Ciencias del Deporte**, Mérida, v. 6, n. 1, p. 49-65, 2010.

ANDRADE, G. Para uma teoria das competições desportivas em crianças e jovens. In: TAVARES, F. et al. (Eds.). **Tendências actuais da investigação em basquetebol**. Porto: Universidade do Porto, 2001. p. 175-191.

ARENA, S. S.; BÖHME, M. T. S. Programas de iniciação e especialização esportiva na Grande São Paulo. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 14, v. 2, p. 184-195, jul./dez. 2000.

BAGATS, S.; BÜSCH, D.; STRAUSS, B.; SCHORER, J. Training differences and selection in a talent identification system. **Talent Development and Excellence**, Regensburg, v. 4, n. 1, p. 23-32, 2012.

BALBINOTTI, M. A. A.; SALDANHA, R. P.; BALBINOTTI, C. A. A. Dimensões motivacionais de basquetebolistas infanto-juvenis: um estudo segundo o sexo. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 2, p. 318-329, abr./jun. 2009.

BALYI, I. **Long-term athlete development**: trainability in childhood and adolescence windows of opportunity, optimal trainability. Victoria: National Coaching Institute British Columbia, 2004.

BAKER, J., S. Training differences and selection in a talent identification system. **Talent Development and Excellence**, Regensburg, v. 4, n. 1, p. 23-32, 2012.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BASTOS, F. C.; BARHUM, R. A.; ALVES, M. V.; BASTOS, E. T.; MATTAR, M. F.; REZENDE, M. F.; MARDEGAN, M.; BELLANGERO, D. Perfil do administrador esportivo de clubes sócio-culturais e esportivos de São Paulo/Brasil. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 13-22, 2006.

BECKER JUNIOR, B. **Psicologia aplicada à criança no esporte**. 1. ed. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2000.

BENTO, J. O. Da pedagogia do desporto. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. (Orgs.). **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 26-40.

BENTO, J. O.; GARCÍA, R.; GRAÇA, A. **Contextos da pedagogia do esporte**. Lisboa: Livros Horizontes, 1999.

BIZZOCCHI, C. E. Planejamento em esportes coletivos. In: DE ROSE JUNIOR, D. (Org.). **Modalidades esportivas coletivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 90-112.

BLOOM, B. S. Generalizations about talent development. In: BLOOM, B. S. (Orgs.). **Developing talent in youth people**. New York: Ballantine Books, 1985. p. 507-549.

BÖHME, M. T. S. O tema talento esportivo na ciência do esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 15, n. 1, p. 119-126, 2007.

BÖHME, M. T. S. Talento esportivo. In: GAYA, A.; TANI, G. (Orgs.). **Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 235-249.

BOTTI, M. **Ginástica rítmica: estudo do processo ensino-aprendizagem-treinamento com suporte na teoria ecológica**. 2008. 133 f. Dissertação

(Mestrado em Educação Física) – Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

BOTTI, M.; NASCIMENTO, J. V. The teaching-learning-training process in rhythmic gymnastics supported by the ecological theory. **Science of Gymnastics Journal**, Ljubljana, v. 3, n. 1, p. 35-48, 2011.

BRAGA, A. C. D. S. **Fatores motivacionais de crianças praticantes de natação da cidade de Macapá**. 2010. 75 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Motricidade Humana) – Departamento de Educação Física, Universidade Castelo Branco, Rio de Janeiro, 2010.

BRANDÃO, M. R. F.; AKEL, M. C.; ANDRADE, S. A.; GUISELINI, M. A. N.; MARTINI, L. A.; NASTÁS, M. A. Causas e conseqüências da transição de carreira esportiva: uma revisão de literatura. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 8, n. 1, p. 49-58, jan. 2000.

BRANDÃO, M. R. F. **Equipe nacional de voleibol masculino: um perfil sócio-psicológico à luz da ecologia do desenvolvimento humano**. 1996. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Educação Física e Esportes, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1996.

BRONFENBRENNER, U. Toward an experimental ecology of human development. **American Psychologist**, Washington, v. 32, n. 7, p. 513-531, Jul. 1977.

BRONFENBRENNER, U. **The ecology of human development: experiments by nature and design**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

BRONFENBRENNER, U. The developing ecology of human development: paradigm lost or paradigm regained. In: SOCIETY FOR RESEARCH IN CHILD DEVELOPMENT. 1989. Kansas. **Anais...** Kansas: SRCD, 1989. p. 27-30.

BRONFENBRENNER, U. Interacting system in human development. Research paradigms: present and future. In: BOLGER, N.; CASPI, A.; DOWNEY, G.; MOOREHOUSE, M. (Eds.). **Person in context:**

developmental processes. New York: Cambridge University Press, 1988. p. 25-49.

BRONFENBRENNER, U. Ecological systems theory. In: VASTA, R. (Ed.). **Six theories of child development: revised formulations and current issues**. Londres: Jessica Kingsley, 1992. p. 187-249.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BRONFENBRENNER, U. Environments in developmental perspective: theoretical and operational models. In: FRIEDMAN, S. L.; WACKS, T. D. (Eds.). **Measuring environment across the life span: emerging methods and concepts**. Washington: American Psychological Association, 1999. p. 03-30.

BRONFENBRENNER, U. Growing chaos in the lives of children, youth, and families: how can we turn it around? In: WESTMAN, J. C. (Ed.). **Parenthood in America**. Madison: University of Wisconsin Press. 2001. p. 197-210.

BRONFENBRENNER, U. The bioecological theory of human development. In: SMELSER, N. J.; BALTES, P. B. (Eds.). **International encyclopedia of the social and behavioral sciences**. New York: Elsevier, 2001. p. 6963-6970.

BRONFENBRENNER, U.; CECI, S. J. Heredity, environment and the question "how": a first approximation. In: PLOMIN, R.; McCLEARN, G. E. (Eds.). **Nature, nurture, and psychology**. Washington: APA Books, 1993. p. 313-323.

BRONFENBRENNER, U.; MORRIS, P. A. The ecology of developmental process. In: DAMON, W.; LERNER, R. M. (Eds.). **Handbook of child psychology: theoretical models of human development**. New York: John Wiley, 1998. p. 993-1028.

BRONFENBRENNER, U.; MORRIS, P. A. The bioecological model of human development. In: DAMON, W.; LERNER, R. M. (Eds.). **Handbook of child psychology: theoretical models of human development**. New York: John Wiley, 2006. p. 793-828.

CAFRUNI, C.; MARQUES, A.; GAYA, A. Análise da carreira desportiva de atletas das regiões Sul e Sudeste do Brasil. Estudo dos resultados desportivos nas etapas de formação. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 6, n. 1, p. 55-64, 2006.

CAÑADAS, M.; IBÁÑEZ, S. J.; GARCÍA, J.; PAREJO, I.; FEU, S. Importância de la planificación em el entrenamiento deportivo: análisis del processo de entrenamiento em minibasket. **Wanceulen E.F. Digital**, Huelva, n. 7, p. 51-64, Dic. 2010.

CARMO, J. V. M.; MATOS, F. O.; RIBAS, P. R.; MIRANDA, R.; BARA FILHO, M. Motivos de início e abandono da prática esportiva em atletas brasileiros, **HU Revista**, Juiz de Fora, v. 35, n. 4, p. 257-264, out./dez. 2009.

CARVALHO, B. L. P. **Associativismo, lazer e esporte nos clubes sociais de Campinas**. 2009. 203 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

CAVICHIOLO, F. R.; CHELUCHINHAK, A. B.; CAPRARO, A. M.; MARCHI JUNIOR, W.; MEZZADRI, F. M. O processo de formação do atleta de futsal e futebol: análise etnográfica. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 631-647, out./dez. 2011.

CBC, Clube de Basquete Chapecó. **Basquete Chapecó: Brasil Rio 2016**. Chapecó: CBC, 2010.

CBC, Clube de Basquete Chapecó. **Basquete em Chapecó: um breve histórico**. Chapecó: CBC, 2006.

CBC, Clube de Basquete Chapecó. **Estatuto social do Clube de Basquete Chapecó – CBC**. Chapecó: CBC, 2003.

COLLET, C.; NASCIMENTO, J. V.; RAMOS, M. H. K. P.; DONEGÁ, A. L. Processo ensino-aprendizagem-treinamento no voleibol infantil masculino em Santa Catarina. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 18, n. 2, p. 147-159, 2. sem. 2007.

COLUNA DO BASQUETE. **Jornal Sul Brasil**, Chapecó, p. 75, 23 set. 2003.

COLUNA DO BASQUETE. O basquete em Chapecó. **Jornal Sul Brasil**, Chapecó, p. 26, 02 mar. 2004.

COPETTI, F.; KREBS, R. J. As propriedades da pessoa na perspectiva do paradigma bioecológico. In: KOLLER, S. H. (Org.). **Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 71- 93.

CORTELA, C. C.; SILVA, M. J. C.; GARCÍA, J. P. F.; ROCHA, D. N. Tenistas top 100 - um estudo sobre as idades de passagens pelos diferentes marcos da carreira desportiva. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 13, n. 3, p. 1-17, set./dez. 2010.

COSTA, H. C. M.; LIMA, C. O. V.; MATIAS, C. J. A. S.; GRECO, P. J. Efeito do processo de treinamento técnico-tático no nível de conhecimento declarativo de jovens praticantes de voleibol. **Revista Mineira de Educação Física**, Viçosa, v. 15, n. 2, p. 5-19, 2007.

COSTA, V. T.; FERREIRA, R. M.; PENNA, E. M.; COSTA, I. T.; PAIVA, T. N. S.; SAMULSKI, D. M. Fases de transição da carreira esportiva: perspectiva de ex-atletas profissionais do futebol brasileiro. **Conexões**, Campinas, v. 8, n. 3, p. 84-103, set./dez. 2010.

CÔTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in sport. **The Sport Psychologist**, Champaign, v. 13, p. 395-417, 1999.

CÔTÉ, J.; BAKER, J.; ABERNETHY, B. Practice and play in the development of sport expertise. In: TENENBAUN, G.; EKLUND, R. C. (Eds.). **Handbook of sport psychology**. 3. ed. New Jersey: John Willey, 2007. p. 184-202.

CÔTÉ, J.; BAKER, J.; ABERNETHY, B. From play to practice: a developmental framework for the acquisition of expertise in team sports. In: STARKES, J. L.; ERICSSON, K. A. (Eds.). **Expert performance in sports: advances in research on sport expertise**. Champaign: Human kinetics: 2003. p. 89-113.

CÔTÉ, J.; ERICSSON, K. A.; LAW, M. P. Tracing the development of athletes using retrospective interview methods: a proposed interview and validation procedure for reported information. **Journal of Applied Sport Psychology**, Indianápolis, v. 17, n.1, p. 1-19, 2005.

CÔTÉ, J.; LIDOR, R.; HACKFORT, D. To sample or to specialize? Seven postulates about youth sport activities that lead to continued participation and elite performance. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, New York, v. 9, p. 7-17, 2009.

DAMON, W.; LERNER, R. M. (Eds.). **Handbook of child psychology: theoretical models of human development**. New York: John Wiley, 2006. p. 793-828.

DEBOIS, N.; LEDON, A.; ARGIOLAS, C.; ROSNET, E. A lifespan perspective on transitions during a top sports career: a case of an elite female fencer. **Psychology of Sport and Exercise**, New York, v. 13, n. 5, p. 660-668, Sept. 2012.

DIAS, M. H.; TEIXEIRA, M. Estudo exploratório sobre o abandono do esporte em jovens tenistas. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-18, 2007.

DURAND-BUSH, N.; SALMELA, J. H. The development and maintenance of expert athletic performance: perceptions of world and Olympic champions. **Journal of Applied Sport Psychology**, Indianapolis, v. 14, n. 3, p. 154-171, 2002.

ERICSSON, K. A.; KRAMPE, R. T.; TESCH-ROMER, C. The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. **Psychological Review**, Washington, v. 100, n. 3, p. 363-406, 1993.

FALK, B.; LIDOR, R.; LANDER, Y.; LANG, B. Talent identification and early development of elite water-polo players: a 2-year follow-up study. **Journal of Sports Sciences**, London, v. 22, n. 4, p. 347-355, 2004.

FERREIRA, A. P. Do mini ao basquetebol: uma descontinuidade no ensino e aprendizagem do jogo? In: TAVARES, F. et al. (Eds.). **Tendências actuais da investigação em basquetebol**. Porto: Universidade do Porto, 2001. p. 125-131.

FERREIRA, H. B.; GALATTI, L. R.; PAES, R. R. Pedagogia do esporte: considerações pedagógicas e metodológicas no processo de ensino-aprendizagem do basquetebol. In: PAES, R. R.; BALBINO, H. F. (Orgs.). **Pedagogia do esporte: contextos e perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012. p. 123-136.

FERREIRA, M. C. M.; MARKUNAS, M.; NASCIMENTO, P. R. A prática na formação de atletas no basquetebol feminino. In: DE ROSE Jr., D.; TRICOLI, V. (Orgs.). **Basquetebol: uma visão integrada entre ciência e prática**. Barueri: Manole, 2005. p. 31-62.

FERREIRA, R. M.; PENNA, E. M.; COSTA, V. T.; MORAES, L. C. C. A. Nadadores medalhistas olímpicos: contexto do desenvolvimento brasileiro. **Motriz**, Rio Claro, v. 18, n. 1, p. 130-142, jan./mar. 2012.

GALATTI, L. G. Esporte e clube sócio-esportivo: percurso, contextos e perspectivas a partir de um estudo de caso em clube esportivo espanhol. 2010. 305 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

GONÇALVES, C. E.; SILVA, M. J. C.; CARVALHO, H. M.; GONÇALVES, Â. Why do they engage in such hard programs? The search for excellence in youth basketball. **Journal of Sports Science & Medicine**, Ankara, v. 10, n. 3, p. 458-464, 2011.

GÖTZE, M. M. **A comunicação entre crianças, pais e treinadores na escolinha esportiva de basquetebol, em aulas e eventos esportivos**. 2002. 163 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

GRECO, P. J.; BENDA, R. N. Iniciação aos esportes coletivos: uma escola da bola para crianças e adolescentes. In: DE ROSE JUNIOR, D.

(Org.). **Modalidades esportivas coletivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 181-193.

GRECO, P. J.; BENDA, R. N. O sistema de formação e treinamento esportivo. In: GRECO, P. J.; BENDA, R. N. (Orgs.). **Iniciação esportiva universal**: da aprendizagem motora ao treinamento técnico. Minas Gerais: Editora UFMG, 1998. p. 27-63.

GREEN, B. C. Building sport programs to optimize athlete recruitment, retention, and transition: toward a normative theory of sport development. **Journal of Sport Management**, Champaign, v. 19, p. 233-253, 2005.

GRESSLER, L. A. **Introdução à pesquisa**: projetos e relatórios. São Paulo: Loyola, 2004.

GULBIN, J. P.; OLDENZIEL, K. E.; WEISSENSTEINER, J. R.; GAGNÉ, F. A look through the rear view mirror: developmental experiences and insights of high performance athletes. **Talent Development and Excellence**, Regensburg, v. 2, n. 2, p. 149-164, 2010.

HALLAL, P. C.; NASCIMENTO, R. R.; HACKBART, L.; ROMBALDI, A. J. Fatores intervenientes associados ao abandono do futsal em adolescentes. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 12, n. 3, p. 27-32, 2004.

HAYMAN, R.; POLMAN, R.; TAYLOR, J.; HEMMINGS, B.; BORKOLES, E. Development of elite adolescent golfers. **Talent Development and Excellence**, Regensburg, v. 3, n. 2, p. 249-261, 2011.

HELSEN, W. F.; STARKES, J. L.; HODGES, N. J. Team sports and the theory of deliberate practice. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, Champaign, v. 20, n. 1, p. 12-34, 1998.

HENRIKSEN, K. **The ecology of talent development in sport**: a multiple case study of successful athletic talent development environments in Scandinavia. 2010. 192 f. Thesis (Doctor in Sports Science and Clinical Biomechanics) – Faculty of Health Sciences, University of Southern Denmark, Odense, 2010.

HENRIKSEN, K.; STAMBULOVA, N.; ROESSLER, K. K. Holistic approach to athletic talent development environments: a successful sailing

milieu. **Psychology of Sport and Exercise**, New York, v. 11, n. 3, p. 212-222, 2010.

HENRIKSEN, K.; STAMBULOVA, N.; ROESSLER, K. K. Riding the wave of an expert: a successful talent development environment in Kayaking. **Sport Psychologist**, Champaign, v. 25, n. 3, p. 341-362, 2011.

HOARE, D. G.; WARR, C. R. Talent identification and women's soccer: an Australian experience. **Journal of Sports Sciences**, London, v. 18, n. 9, p. 751-758, 2000.

HODGES, N. J.; STARKES, J. L. Wrestling with the nature of expertise: a sport specific test of Ericsson, Krampe and Tesch-Römer's (1993) theory of deliberate practice. **International Journal of Sport Psychology**, Rome v. 27, n. 4, p. 400-424, 1996.

HOLT, N. L.; DUNN, J. G. H. Toward a grounded theory of the psychosocial competencies and environmental conditions associated with soccer success. **Journal of Applied Sport Psychology**, city, v. 16, p. 199-219, 2004.

HOLT, N. L.; MORLEY, D. Gender differences in psychosocial factors associated with athletic success during childhood. **Sport Psychologist**, Champaign, v. 18, n. 2, p. 138-153, 2004.

HOYO, L. M.; CORRALES, B. S.; PÁEZ, L. C. Determinación del somatotipo en jugadores infantiles de voleibol: validez como criterio de selección de jóvenes talentos deportivos. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**, Florianópolis, v. 10, n. 3, p. 255-260, 2008.

JONKER, L.; GEMSER, M. T. E.; VISSCHER, C. Differences in self-regulatory skills among talented athletes: the significance of competitive level and type of sport. **Journal of Sports Sciences**, London, v. 28, n. 8, p. 901-908, 2010.

JONKER, L.; GEMSER, M. T. E.; VISSCHER, C. The role of self-regulatory skills in sport and academic performances of elite youth athletes. **Talent Development and Excellence**, Regensburg, v. 3, n. 2, p. 263-275, 2011.

KEEGAN, R. J.; HARWOOD, C. G.; SPRAY, C. M.; LAVALLEE, D. E. A qualitative investigation exploring the motivational climate in early career sports participants: coach, parent and peer influences on sport motivation. **Psychology of Sport and Exercise**, New York, v. 10, n. 3, p. 361-372, 2009.

KREBS, R. J. A criança e o esporte: reflexões sustentadas pela teoria dos sistemas ecológicos. In: KREBS, R. J.; BELTRAME, T. S.; COPETTI, F.; PINTO, R. F. (Orgs.). **Os processos desenvolvimentais na infância**. Belém: GTR, 2003. p. 91-104.

KREBS, R. J. A teoria da ecologia do desenvolvimento humano, de Urie Bronfenbrenner. In: KREBS, R. J. (Org.). **Desenvolvimento humano: teorias e estudos**. Santa Maria: Casa Editorial, 1995a. p. 103-115.

KREBS, R. J. **Urie Bronfenbrenner e a ecologia do desenvolvimento humano**. Santa Maria: Casa, 1995b.

KREBS, R. J. Bronfenbrenner's bioecological theory of human development and the process of development of sports talent. **International Journal of Sport Psychology**, Rome, v. 40, p. 108-135, 2009a.

KREBS, R. J. Proximal processes as the primary engines of development. **International Journal of Sport Psychology**, Rome, v. 40, p. 219-227, 2009b.

KREBS, R. J.; COPETTI, F.; SERPA, S.; ARAUJO, D. Disposições pessoais de tenistas jovens: um estudo fundamentado na teoria bioecológica de Bronfenbrenner. **Psicologia do Esporte**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 1-24, 2008.

KREBS, R. J.; SANTOS, J. O. L.; RAMALHO, M. H. S.; NAZARIO, P. F.; NOBRE, G. C.; ALMEIDA, R. T. Disposição de adolescentes para a prática de esportes: um estudo orientado pela Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner. **Motriz**, Rio Claro, v. 17, n. 1, p. 195-201, jan./mar. 2011.

LEITE, N. M. C.; SAMPAIO, J. E. Long-term athletic development across different age groups and gender from Portuguese basketball

players. **International Journal of Sports Science & Coaching**, Brentwood, v. 7, n. 2, p. 285-300, 2012.

LERNER, R. M. Urie Bronfenbrenner: contribuições da carreira de um cientista do desenvolvimento humano pleno. In: BRONFENBRENNER, U. (Ed.). **Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos**. Porto Alegre: ARTMED, 2011. p. 19-36.

LIMA, C. O. V.; COSTA, H. C. M.; GRECO, P. J. Relação entre o processo ensino-aprendizagem-treinamento e o desenvolvimento do conhecimento tático no voleibol. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 251-261, abr./jun. 2011.

LOPES, P.; NUNUMURA, M. Motivação para a prática e permanência na ginástica artística de alto nível. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 177-187, jul./set. 2007.

LORENZO, A.; BORRÁS, P. J.; SÁNCHEZ, J. M.; JIMÉNEZ, S.; SAMPEDRO, J. Career transition from junior to senior in basketball players. **Revista de Psicología del Deporte**, Palma de Mallorca, v. 18, n. supl., p. 309-312, 2009.

LOVATTO, D. L.; GALATTI, L. R. Pedagogia do esporte e jogos esportivos coletivos: das teorias gerais para a iniciação esportiva em basquetebol. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, v. 8, n. 11, p. 268-276, jul./dez. 2007.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, J. F. V.; FERNANDES FILHO, J. Caracterização dos critérios de seleção utilizados para a formação de equipes esportivas: análise preliminar no contexto de esportes coletivos e individuais. **Saúde em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 15-24, 2001.

MARQUES, M. P.; SAMULSKI, D. M. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 103-119, abr./jun. 2009.

MARQUES, S. Da importância das fases iniciais de escolares na detecção e seleção de talentos desportivos em Portugal. In: BENTO, J.; MARQUES, A. (Eds.). **As ciências do desporto e a prática desportiva**. v. 2. Porto: FADEUP, 1991. p. 15-21.

MARTINDALE, R. J. J.; COLLINS, D.; DAUBNEY, J. Talent development: a guide for practice and research within sport. **Quest**, Atlanta, n. 57, p. 353-375, 2005.

MARTINDALE, R. J. J.; COLLINS, D.; ABRAHAM, A. Effective talent development: the elite coach perspective in UK sport. **Journal of Applied Sport Psychology**, Indianapolis, v. 19, n. 2, p. 187-206, 2007.

MARTINS, E.; SZYMANSKI, H. A abordagem ecológica de Urie BRONFENBRENNER em estudos com famílias. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 63-77, 1. sem. 2004.

MASSA, M.; UEZU, R.; BÖHME, M. T. S. Judocas olímpicos brasileiros: fatores de apoio psicossocial para o desenvolvimento do talento esportivo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 4, p. 471-481, dez. 2010.

MASSUÇA, L.; FRAGOSO, I. Do talento ao alto rendimento: indicadores de acesso à excelência no handebol. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 4, p. 483-491, out./dez. 2010.

MENDES, J. C. **O processo de ensino-aprendizagem-treinamento do handebol no estado do Paraná**: um estudo da categoria infantil. 2006. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

MESQUITA, I. **A pedagogia do treino**: a formação em jogos desportivos coletivos. 2. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2000.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MONTAGNER, P. C. **A formação do jovem e a pedagogia da aprendizagem esportiva**. 1999. 190 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

MORAES, L. C.; RABELO, A. S.; SALMELA, J. H. Papel dos pais no desenvolvimento de jovens futebolistas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 211-222, 2004.

MORAIS, N. A.; KOLLER, S. H. A abordagem ecológica do desenvolvimento humano, psicologia positiva e resiliência: ênfase na saúde. In: KOLLER, S. H. (Org.). **Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil**: São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 95-111.

MORALES, J. C. P.; SILVA, E. G.; MATIAS, C. J. A. S.; REIS, R. A.; GRECO, P. J. Processo de ensino-aprendizagem-treinamento no minibasquetebol. **Fitness & Performance**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 5, p. 349-359, set./out. 2009.

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. O modelo bioecológico do desenvolvimento humano. In: KOLLER, S. H. (Org.). **Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 55- 69.

NASCIMENTO, A. C. S. L. **Pedagogia do esporte e o atletismo**: considerações acerca da iniciação e da especialização esportiva precoce. 2000. 278 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

NEIVA-SILVA, L.; BOROWSKI, F.; KOLLER, S. H. O método autobiográfico na pesquisa com a abordagem ecológica do desenvolvimento humano. In: KOLLER, S. H. (Org.). **Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 249-270.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Cadernos de Pesquisa em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5, 2. sem. 1996.

NUNOMURA, M.; CARRARA, P. D. S.; TSUKAMOTO, M. H. C. Ginástica artística e especialização precoce: cedo demais para especializar, tarde demais para ser campeão! **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 305-314, jul./set. 2010.

OLIVEIRA, J. C. **O ensino do basquetebol**: gerir o presente, ganhar o futuro. Lisboa: Editorial Caminho, 2001.

OLIVEIRA, V.; PAES, R. R. A pedagogia do esporte repensando o treinamento técnico-tático nos jogos desportivos coletivos. In: PAES, R. R.; BALBINO, H. F. (Orgs.). **Pedagogia do esporte**: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012. p. 63-77.

PEARSON, R. E.; PETITPAS, A. J. Transitions of athletes: developmental and preventive perspectives. **Journal of Counseling & Development**, Alexandria, v. 69, p. 7-10, Sept./Oct. 1990.

PENNA, E. M.; MORAES, L. C. C. A. Efeito relativo da idade em atletas brasileiros de futsal de alto nível. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 3, p. 658-663, jul./set. 2010.

PERES, L.; LOVISOLO, H. Formação esportiva: teoria e visões do atleta de elite no Brasil. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 17, n. 2, p. 211-218, 2. sem. 2006.

POLONIA, A. C.; DESSEN, M. A.; SILVA, N. L. P. O modelo bioecológico de Bronfenbrenner: contribuições para o desenvolvimento humano. In: DESSEN, M. A.; COSTA JUNIOR, Á. L. (Orgs.). **A ciência do desenvolvimento humano**: tendências atuais e perspectivas futuras. Porto Alegre: ARTMED, 2005. p. 71-89.

PRATI, L. E.; COUTO, M. C. P. P.; MOURA, A.; POLETTO, M.; KOLLER, S. H. Revisando a inserção ecológica: uma proposta de sistematização. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 160-169, 2008.

PUMMELL, B.; HARWOOD, C.; LAVALLEE, D. Jumping to the next level: a qualitative examination of within-career transition in adolescent event riders. **Psychology of Sport and Exercise**, New York, v. 9, n. 4, p. 427-447, 2008.

ROCHA, P. G. M. D.; SANTOS, E. S. D. O abandono da modalidade esportiva na transição da categoria juvenil para adulto: estudo com talentos do atletismo. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 21, n. 1, p. 69-77, 1. sem. 2010.

SAAD, M. A. **A formação técnico-tática de jogadores de futsal nas categorias sub-13 e sub-15: análise do processo de ensino-aprendizagem-treinamento.** 2012. 163 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

SAAD, M. A. **Estruturação das sessões de treinamento técnico-tático nos escalões de formação do futsal.** 2002. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

SÁENZ-LÓPEZ, P.; IBÁÑEZ, S. J.; GIMÉNEZ, J.; SIERRA, A. SÁNCHEZ, M. Multifactor characteristics in the process of development of the male expert basketball player in Spain. **International Journal of Sport Psychology**, Rome, v. 36, n. 2, p. 151-171, 2005.

SAGAR, S. S.; LAVALLEE, D. The developmental origins of fear of failure in adolescent athletes: examining parental practices. **Psychology of Sport and Exercise**, New York, v. 11, n. 3, p. 177-187, 2010.

SALMELA, J. H. Stages and transitions across sports careers. In: HACKFORTH, D. E. (Ed.). **Psycho-social issues and interventions in elite sports.** Frankfurt: Lang, 1994. p. 11-28.

SAMUEL, R. D.; TENENBAUM, G. How do athletes perceive and respond to change-events: an exploratory measurement tool. **Psychology of Sport and Exercise**, New York, v. 12, n. 4, p. 392-406, 2011.

SAMULSKI, D. M.; MORAES, L. C. C. A.; FERREIRA, R. M.; MARQUES, M. P.; SILVA, L. A.; LÔBO, I. L. B.; MATOS, F. O.; SANTIAGO, M. L. M.; FERREIRA, C. H. S. Análise das transições das carreiras de ex-atletas de alto nível. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 2, p. 310-317, abr./jun. 2009.

SANTANA, J. P.; KOLLER, S. H. Introdução à abordagem ecológica do desenvolvimento humano nos estudos com crianças e adolescentes em situação de rua. In: KOLLER, S. H. (Org.). **Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 113-123.

SANTANA, W. C.; FRANÇA, V. S.; REIS, H. H. B. Perfil do processo de iniciação ao futsal de jogadores juvenis Paranaenses. **Motriz**, Rio Claro, v. 13, n. 3, p. 181-187, jul./set. 2007.

SANTOS, A. J. F. O. **O percurso para a excelência**: estudo de caso com a atleta de basquetebol “Ticha” Penicheiro. 2011. 136 f. Dissertação (Mestre em Alto Rendimento Desportivo) – Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2011.

SAUR-AMARAL, I. **Revisão sistemática da literatura com apoio de Endnote X4 e NVivo 9**. Aveiro: GOVCOPP, 2011.

SCHIAVON, L. M. **Ginástica artística e história oral**: a formação desportiva de ginastas brasileiras participantes de jogos olímpicos. 2009. 379 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SCHIAVON, L. M.; PAES, R. R.; MOREIRA, A.; MAIA, G. B. M. Etapas e volume de treinamento das ginastas brasileiras participantes de jogos olímpicos (1980-2004). **Revista Motricidade**, Santa Maria da Feira, v. 7, n. 4, p. 15-26, 2011.

SCHORER, J.; BAKER, J.; BÜSCH, D.; WILHELM, A.; PABST, J. Relative age, talent identification and youth skill development: do relatively younger athletes have superior technical skills? **Talent Development and Excellence**, Regensburg, v. 1, n. 1, p. 45-56, 2009.

SILVA, A. J.; MARINHO, D.; MOURÃO-CARVALHAL, I.; DURÃO, M.; REIS, V.; CARNEIRO, A.; AIDAR, F. Análise da evolução da carreira desportiva de nadadores do gênero feminino utilizando a modelação matemática. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, Niterói, v. 13, n. 3, p. 175-180, maio/jun. 2007.

SILVA, A. J.; MARQUES, A. T.; COSTA, A. M. **Identificação de talentos no desporto**: um modelo operativo para a natação. Alfradige: Texto, 2009.

SILVA, P. V. C.; FLEITH, D. S. Atletas talentosos e o papel desempenhado por suas famílias. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, São Paulo, v. 3, n. 4, p. 42-63, jan./jun. 2010.

SILVA, Y. P. G. **Pedagogia do esporte**: um estudo sobre as interrelações entre a iniciação esportiva e o esporte profissional. O caso do basquetebol feminino do Estado de São Paulo na visão do técnico. 2009. 149 f.

Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SOUZA, V. H. **Iniciação esportiva no basquetebol**: uma análise à luz do modelo bioecológico do desenvolvimento humano. 2010. 136 f.

Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2010.

STAMBULOVA, N. B. Developmental sports career investigations in Russia: a post-perestroika analysis. **The Sport Psychologist**, Champaign, v. 8, n. 3, p. 221-237, Sept. 1994.

STAMBULOVA, N.; ALFERMANN, D.; STATLER, T.; CÔTÉ, A. J. Career development and transitions of athletes. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, Northumbria, v. 7, p. 395-412, 2009.

STAMBULOVA, N.; FRANCK, A.; WEIBULL, F. Assessment of the transition from junior-to-senior sports in Swedish athletes. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, Oxon, v. 10, n. 2, p. 79-95, 2012.

STEFANELLO, J. M. F. **A participação da criança no desporto competitivo**: uma operacionalização e verificação empírica da proposta teórica de Urie Bronfenbrenner. 1999. 396 f. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto) – Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra, Coimbra, 1999.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TUDGE, J. R. H. A teoria de Urie Bronfenbrenner: uma teoria contextualista? In: MOREIRA, L. V. C.; CARVALHO, A. M. A. (Eds.). **Família e Educação**: olhares da psicologia. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 209-231.

VARGAS NETO, F. X. A iniciação nos esportes e os riscos de uma especialização precoce. **Revista Perfil**, Porto Alegre, v. 3, n.3, p. 70-76, 1999.

VIANA, M. S.; ANDRADE, A.; BRANDT, R. Iniciação esportiva de velejadores brasileiros: um estudo qualitativo diagnóstico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 283-301, 2011.

VIEIRA, J. L. L. **O processo de abandono de talentos do atletismo do estado do Paraná**: um estudo orientado pela teoria dos sistemas ecológicos. 1999. 147 f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Centro de Educação Física e Esportes, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1999a.

VIEIRA, L. F. **O processo de desenvolvimento de talentos paranaenses de atletismo**: um estudo orientado pela teoria dos sistemas ecológicos. 1999. 181 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Centro de Educação Física e Esportes, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1999b.

VIEIRA, L. F.; VIEIRA, J. L. L. A relação entre timing vital e social de talentos esportivos: um estudo com atletas paranaenses de atletismo. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá v. 11, n. 1, p. 119-128, 2000.

VIEIRA, L. F.; VIEIRA, J. L. L. Talentos esportivos: estudo dos atributos pessoais dos atletas paranaenses do atletismo. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 12, n. 1, p. 7-17, 11, 2001.

VIEIRA, L. F.; VIEIRA, J. L. L.; KREBS, R. J. A trajetória de desenvolvimento de um talento esportivo: estudo de caso. **Kinesis**, Santa Maria, n. 21, p. 47-55, 1999.

VIEIRA, L. F.; VIEIRA, J. L. L.; KREBS, R. J. A trajetória de desenvolvimento de talentos esportivos. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 14, n. 1, p. 83-93, 2003.

VIEIRA, L. F.; VIERIA, J. L. L.; KREBS, R. J. O ensino dos esportes: uma abordagem desenvolvimentista. In: PAES, R. R.; BALBINO, H. F. (Orgs.). **Pedagogia do esporte**: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012. p. 41-61.

VISSOCI, J. R. N.; FIORDELIZE, S. S.; OLIVEIRA, L. P.; NASCIMENTO JUNIOR, J. R. A. A influência do suporte parental no desenvolvimento atlético de jogadoras de futsal. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 15, n. 1, 145-156, jan./abr. 2013.

WUERTH, S.; LEE, M. J.; ALFERMANN, D. Parental involvement and athletes' career in youth sport. **Psychology of Sport and Exercise**, New York, v. 5, n. 1, p. 21-33, 2004.

WYLLEMAN, P.; ALFERMANN, D.; LAVALLEE, D. Career transitions in sport: European perspectives. **Psychology of Sport and Exercise**, Copenhagen, v. 5, n. 1, p. 7-20, Jan. 2004.

WYLLEMAN, P.; LAVALLEE, D.; ALFERMANN, D. **Career transitions in competitive sports**. Biel: FEPSAC, 1999.

YOUNG, B. W.; SALMELA, J. H. Examination of practice activities related to the acquisition of elite performance in Canadian middle distance running. **International Journal of Sport Psychology**, Rome, v. 41, n. 1, p. 73-90, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A – RESUMO HISTÓRICO DO CLUBE DE BASQUETE

PARTICIPAÇÃO E DESEMPENHO NOS CAMPEONATOS ESTADUAIS PROMOVIDOS PELA FEDERAÇÃO CATARINENSE DE BASKETBALL (FCB)

Ano	Competição	Classificação	Vitórias	Derrota	Total
1994	Infanto-juvenil	8º lugar	06	08	14
	Infantil	4º lugar	02	10	12
	Mirim	Campeão	09	00	09
1995	Infanto-juvenil	8º lugar	02	12	14
	Infantil	Vice-campeão	09	02	11
	Pré-infantil	Vice-campeão	02	01	03
1996	Infanto-juvenil	3º lugar	09	10	19
	Infantil	Campeão	14	01	15
1997	Infanto-juvenil	5º lugar	02	08	10
1998	Juvenil	5º lugar	02	06	08
	Infanto-juvenil	5º lugar	02	08	10
1999	Juvenil	4º lugar	05	07	12
	Mirim	Campeão	08	01	09
2000	Infantil	Campeão	07	02	09
	Mirim	Campeão	05	00	05
	Taça FCB Mini	Campeão	03	00	03
2001	Adulto	3º lugar	02	06	08
	Taça SC Adulto	3º lugar	01	02	03
	Infanto-juvenil	3º lugar	06	03	09
	Mirim	Campeão	17	00	17
2002	Infanto-juvenil	Campeão	09	02	11
	Mirim	Campeão	15	02	17
2003	Juvenil	3º lugar	02	04	06
	Infanto-juvenil	Campeão	19	00	19
	Mirim	3º lugar	08	01	09
2004	Infanto-juvenil	4º lugar	09	02	11
	Infantil	Vice-campeão	14	01	15
2005	Infanto-juvenil	Campeão	14	01	15
	Infantil	8º lugar	02	10	12
	Mirim	5º lugar	03	09	12
2006	Adulto	3º lugar	00	06	06
	Taça FCB Adulto	3º lugar	00	02	02
	Infanto-juvenil	7º lugar	03	03	06
	Infantil	6º lugar	02	10	12
2007	Mirim	Campeão	10	05	15
	Infanto-juvenil	5º lugar	08	04	12
	Infantil	Campeão	14	01	15
2008	Mirim	Campeão	15	00	15
	Infanto-juvenil	Vice-campeão	15	02	17
	Infantil	Campeão	17	00	17
	Mirim	Campeão	17	00	17
2009	Mini	Campeão	10	02	12
	Infanto-juvenil	Vice-campeão	07	02	09

	Infantil Mirim	Campeão Vice-Campeão	07 10	02 01	09 11
2010	Sub17	Campeão	17	00	17
	Sub15	Campeão	07	02	09
	Mirim	3º lugar	08	01	09
2011	Taça FCB Adulto	Vice-campeão	01	01	02
	Taça Sub19	Campeão	03	00	03
	Juvenil	Campeão	14	00	14
	Infanto	Campeão	15	00	15
	Infantil	3º lugar	14	02	16
	Mirim	4º Lugar	01	04	05

MEDALHAS CONQUISTADAS EM NÍVEL ESTADUAL, NACIONAL E INTERNACIONAL

Ano	Instituição	Competição	Classificação
1994	FCB*	Mirim	Campeão
1995	FCB	Infantil	Vice-campeão
	FCB	Pré-infantil	Vice-campeão
	FESPORTE**	Jogos escolares	Vice-campeão
1996	FCB	Infanto-juvenil	3º lugar
	FCB	Infantil	Campeão
	FESPORTE	Jogos escolares	Campeão
1998	FESPORTE	Jogos escolares	3º lugar
1999	FCB	Mirim	Campeão
2000	FCB	Infantil	Campeão
	FCB	Mirim	Campeão
	FCB	Taça FCB Mini	Campeão
2001	FCB	Adulto	3º lugar
	FCB	Taça FCB Adulto	3º lugar
	FCB	Mirim	Campeão
	FCB	Infanto-juvenil	3º lugar
	FESPORTE	OLESC	Campeão
2002	FCB	Infanto-juvenil	Campeão
	FCB	Mirim	Campeão
	FESPORTE	OLESC	Vice-Campeão
	FESPORTE	Joguinhos abertos	3º lugar
2003	FCB	Juvenil	3º lugar
	FCB	Infanto-juvenil	Campeão
	FCB	Mirim	3º lugar
	FESPORTE	OLESC	Campeão
	FESPORTE	Joguinhos abertos	Campeão
2004	FCB	Infantil	Vice-campeão
	FESPORTE	OLESC	3º lugar
2005	FCB	Infanto-juvenil	Campeão
2006	FCB	Adulto	3º lugar
	FCB	Taça FCB Adulto	3º lugar
	FCB	Mirim	Campeão
2007	FCB	Infantil	Campeão
	FCB	Mirim	Campeão
	FESPORTE	JESC (12 a 14 anos)	Campeão

2008	FCB FCB FCB FCB FESPORTE COB*** CONSUDE****	Infanto-juvenil Infantil Mirim Mini JESC (12 a 14 anos) Olimpíadas escolares Jogos escolares Sul- Americanos	Vice-campeão Campeão Campeão Campeão Campeão Campeão
2009	FCDU***** FCB FCB FCB FESPORTE FESPORTE	JUCs Infanto-juvenil Infantil Mirim JESC (15 a 17 anos) JESC (12 a 14 anos)	Vice-campeão Vice-campeão Campeão Vice-Campeão Vice-campeão Campeão
2010	FCDU FCB FCB FCB FESPORTE FESPORTE FESPORTE COB CBDE***** ISF*****	JUCs Sub17 Sub15 Mirim OLESC JESC (12 a 14 anos) JESC (15 a 17 anos) Olimpíadas escolares Seletiva nacional escolares Jogos escolares Pan- Americanos	Vice-campeão Campeão Campeão Vice-campeão Campeão 3o lugar Campeão 3o lugar Campeão Campeão
2011	FCDU FCB FCB FCB FCB FCB FESPORTE FESPORTE FESPORTE	Jogos Universitários Taça FCB Adulto Taça Sub19 Juvenil Infanto-juvenil Infantil Joguinhos Abertos OLESC JESC (15 a 17 anos)	Vice-Campeão Vice-Campeão Campeão Campeão Campeão 3º lugar Campeã 3º lugar Vice-Campeão

*Federação Catarinense de Basketball

**Fundação Catarinense de Esporte

***Confederação Olímpica Brasileira

****Conselho Sul Americano de Esportes

*****Federação Catarinense de Desporto Universitário

*****Confederação Brasileira de Desporto Escolar

*****Federação Internacional de Esporte Escolar

TRAJETÓRIA FCB

Categoria	Participação	Nº jogos	Vitórias	Derrotas	% Vitórias
Mini	02	15	13	02	87%
Mirim	13	150	126	24	84%
Pré-infantil	01	03	02	01	67%
Infantil	12	152	109	43	72%
Infanto-juvenil	16	207	142	65	69%
Juvenil	04	40	23	17	58%
Taça FCB Sub19	01	03	03	00	100%
Total	48	567	415	152	73%
Adulto	02	14	02	12	14%
Taça FCB Adulto	03	07	02	05	29%
Total	05	21	04	17	19%

MEDALHAS FCB

	Mini	Mirim	Pré-infantil	Infantil	Infanto-juvenil	Juvenil	Sub 19	Total
Campeão	02	08	00	06	05	01	01	23
Vice-campeão	00	01	01	03	02	00	00	08
3º lugar	00	02	00	01	02	01	00	10
Total de medalhas	02	11	01	10	09	02	01	41
Participação	02	13	01	12	16	04	01	54

MEDALHAS FESPORTE E FCDU

	Jogos Escolares* OLESC	Joguinhos Abertos	JESC 12 a 14 anos	JESC 15 a 17 anos	JUCs
Campeão	04	02	03	01	00
Vice-campeão	02	00	00	02	03
3º lugar	03	01	01	00	00
Total de medalhas	09	03	04	03	03

*Os Jogos Escolares foram substituídos pela OLESC em 2001.

MEDALHAS NACIONAIS E INTERNACIONAIS

	Olimpíadas Escolares	Seletiva Nacional	Jogos escolares Sul-Americanos	Jogos escolares Pan-Americanos
Campeão	01	01	01	01
Vice-campeão	00	00	00	00
3º lugar	01	00	00	00

ATLETAS ‘CESTINHAS’ – CAMPEONATOS ESTADUAIS

	Ano	Clube	Competição	Pontuação
01	1994	AABB	Mirim	148 pontos
02	1995	AABB	Pré-infantil	70 pontos
03	1996	AABB	Infantil	261 pontos
04	1999	AABB	Juvenil	221 pontos
05	2000	AABB	Mini	
06	2002	AABB	Infanto-juvenil	198 pontos
07			Mirim	351 pontos
08	2003	AABB	Infanto-juvenil	370 pontos
09	2004	CBC	Infantil	371 pontos
10	2008	CBC	Infantil	384 pontos
11			Mirim	340 pontos
12	2009	CBC	Mirim	242 pontos
13	2010	CBC	Infanto-juvenil	379 pontos
14	2011	CBC	Taça FCB Sub19	47 pontos
15			Juvenil	256 pontos
16			Infanto-Juvenil	298 pontos
17			Infantil	405 pontos

ATLETAS CONVOCADAS – SELEÇÕES CATARINENSE

Ano	Clube	Seleção	Número de atletas
1996	AABB	Infanto-juvenil	01
		Jogos da juventude	04
		Juvenil	01
1997	AABB	Infanto-juvenil	03
		Jogos da juventude	02
1998	AABB	Jogos da juventude	02
		Juvenil	01
1999	AABB	Juvenil	01
2001	AABB	Infanto-juvenil	02
2002	AABB	Infanto-juvenil	04
		Jogos da juventude	03
2003	AABB	Infanto-juvenil	04
		Jogos da juventude	08
2004	CBC	Infanto-juvenil	02
2005	CBC	Infanto-juvenil	03
2006	CBC	Infanto-juvenil	01
2008	CBC	Sub15	04
2009	CBC	Sub17	03
		Sub15	03
		Sub15	02
2010	CBC	Sub15	02
		Sub15	06
2011	CBC	Sub17	05

ATLETAS PRÉ-CONVOCADAS – SELEÇÃO BRASILEIRA

Ano	Seleção	Número de atletas
1996	Brasileira - Projeto Olímpico	01
1999	Brasileira - Infanto-juvenil	01
2004	Brasileira - Infanto-juvenil	01
2008	Brasileira - Juvenil	01
2009	Brasileira - Sub 15	01
2010	Brasileira - Sub 15	01
2011	Brasileira - Sub 19	01

TREINADORES CONVOCADOS – SELEÇÃO CATARINENSE

Ano	Clube	Seleção	Técnico
1996	AABB	Jogos da juventude	Técnico
1999	AABB	Juvenil	Assistente técnico
2000	AABB	Juvenil	Técnico
2002	AABB	Infanto-juvenil	Assistente técnico
2003	AABB	Jogos da juventude	Técnico
2005	CBC	Infanto-juvenil	Técnico
2006	CBC	Infanto-juvenil	Técnico
2008	CBC	Infanto-juvenil	Assistente técnico
2009	CBC	Sub15	Assistente técnico
2010	CBC	Sub15	Técnico
		Sub17	Técnico
2011	CBC	Sub15	Técnico
		Sub17	Técnico

REGISTRO DE ATLETAS TRANSFERIDAS PARA OUTROS CLUBES

	Categoria	Cidade	Ano
01	Infanto-juvenil	Concórdia	1995
02	Infanto-juvenil	Florianópolis	1996
03	Juvenil	Concórdia	1996
04	Infanto-juvenil	Tubarão	1997
05	Juvenil	Joinville	1997
06	Infantil	Americana	1998
07	Juvenil	Cruz Alta	2000
08	Juvenil	Florianópolis	2000
09	Adulto	Cruz Alta	2000
10	Adulto	Cruz Alta	2000
11	Adulto	Cruz Alta	2000
12	Infanto-juvenil	Campo Mourão	2002
13	Adulto	Caxias do Sul	2002
14	Adulto	Lages	2002
15	Infanto-juvenil	Itajaí	2003
16	Infanto-juvenil	Jaraguá do Sul	2003
17	Infanto-juvenil	Joinville	2004
18	Infanto-juvenil	Jaraguá do Sul	2004
19	Juvenil	Blumenau	2004
20	Juvenil	Blumenau	2004
21	Adulto	Joinville	2004
22	Infantil	Xaxim	2006
23	Adulto	Caxias do Sul	2006
24	Infantil	Xaxim	2007
25	Juvenil	Jaraguá do Sul	2007
26	Juvenil	Jaraguá do Sul	2007
27	Juvenil	Florianópolis	2008
28	Infantil	Joinville	2009
29	Juvenil	Jundiaí	2011

REGISTRO DE ATLETAS TRANSFERIDAS QUE RETORNARAM AO CBC

	Categoria	Cidade	Ano
01	Adulto	Cruz Alta	2001
02	Adulto	Cruz Alta	2001
03	Adulto	Concórdia	2001
04	Adulto	Concórdia	2001
05	Adulto	Americana	2002
06	Adulto	Jaraguá do Sul	2005
07	Adulto	Caxias do Sul	2006
08	Adulto	Joinville	2007
09	Adulto	Jaraguá do Sul	2008
10	Infanto-juvenil	Xaxim	2009
11	Adulto	Florianópolis	2009
12	Infanto-juvenil	Joinville	2010
13	Adulto	Joinville	2010

**APÊNDICE B – TEMAS GERADORES DA ENTREVISTA
COM AS ATLETAS E EX-ATLETAS
TRANSFERÊNCIA/ABANDONO/PERMANÊNCIA**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**



Data: __/__/____ Horário: Início: __:__:__ Término: __:__:__
Local: _____
Idade: _____ Posição: () Armadora () Ala () Pivô
Categorias em que atuou/atua no Clube:
() Mirim () Infantil () Infanto-juvenil () Juvenil () Adulto
Idade que se transferiu para outro clube: _____
Idade que retornou ao clube: _____
Idade que abandonou a modalidade: _____
Característica: _____

Transferência para outros Clubes ou abandono da modalidade

Para atletas que se transferiram para outros clubes

- Motivos de transferência para competir por outro Clube
- Diretrizes e ações desenvolvidas pelo Clube na tentativa de manutenção das atletas nas equipes competitivas no momento da sua transferência

Para atletas que abandonaram o basquetebol

- Motivos de abandono do esporte [desistência do basquetebol]
- Diretrizes e ações desenvolvidas pelo Clube na tentativa de manutenção das atletas nas equipes competitivas, evitando o abandono do esporte

Permanência ou retorno ao Clube

Para atletas que se transferiram e retornaram ao Clube

- Motivos de retorno ao Clube
- Diretrizes e ações desenvolvidas para promover seu retorno às equipes competitivas do Clube

Para atletas que se mantiveram na prática da modalidade e que permaneceram no Clube

- Motivos para a não transferência para competir por outros clubes
- Motivos de manutenção da prática competitiva do basquetebol

Incentivo dos familiares, dirigentes e treinadores para permanência, transferência ou abandono da modalidade

Para atletas que se transferiram para outros clubes

- Incentivo dos familiares para sua transferência ou não para outro Clube
- Incentivo dos dirigentes e treinadores para sua transferência ou não para outro Clube

Para atletas que abandonaram o basquetebol

- Incentivo dos familiares para seu abandono ou não da modalidade
- Incentivo dos dirigentes e treinadores para seu abandono ou não da modalidade

Para atletas que se mantiveram na prática da modalidade e que permaneceram no Clube

- Incentivo dos familiares para sua permanência ou não na modalidade e no Clube
- Incentivo dos dirigentes e treinadores para sua permanência ou não na modalidade e no Clube

Contato/convite de outros Clubes

Para atletas que se transferiram para outros clubes

- Forma de contato de outros Clubes com a atleta, com pais/treinadores/dirigentes
- Processo de autorização por parte dos treinadores/dirigentes para atuação em outros clubes

Experiência esportiva

Para todas as atletas

- Sentimentos e experiências significativas [positivas e negativas] vivenciadas ao atuar pelo Clube

Para atletas que se transferiram para outros clubes

- Sentimentos e experiências significativas vivenciadas ao atuar por outros Clubes
- Sentimentos e experiências significativas vivenciadas ao retornar ao Clube

Para as atletas que abandonaram a modalidade

- Sentimentos e experiências vivenciadas no momento de abandono da modalidade

APÊNDICE C – TEMAS GERADORES DA ENTREVISTA COM DIRIGENTES E TREINADORES HISTÓRICO, ESTRUTURA E DIRETRIZES DO CLUBE



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**



Fundação do Clube

- Fatores que motivaram a fundação do Clube
- Principais motivadores/incentivadores da fundação do Clube [pais, patrocinadores, atletas, Secretaria de Esportes, ...]
- Dificuldades encontradas na fundação do Clube
- Benefícios obtidos pelo basquete na cidade com a fundação do Clube

Estrutura do Clube

- Estrutura pessoal do Clube [diretoria, treinadores, fisioterapeuta, médico, massagista, psicólogo, nutricionista, preparador físico, atletas]
- Estrutura física do Clube [secretaria, ginásios, materiais, academias, ...]
- Número aproximado de associados no geral e por categoria [fundadores, contribuintes, remidos, beneméritos e honorários]
- Características dos associados por categoria
- Atividades desenvolvidas pelo Clube
- Formas e experiências de gestão do Clube
- Envolvimento dos pais no Clube [atividades desenvolvidas, treinamentos, competições]

Diretoria e Conselho fiscal

- Forma de eleição da Diretoria e do Conselho Fiscal do Clube
- Características dos componentes da Diretoria e do Conselho fiscal [formado por pais, treinadores, patrocinadores, ...]

Escolinhas e equipes competitivas

- Idade de início de crianças e jovens nas escolinhas
- Número de escolinhas e equipes competitivas [LOCAB/FCB/FESPORTE]
- Frequência semanal e diária das escolinhas e das equipes competitivas

Objetivos do Clube (escolinhas e equipes competitivas)

- Objetivos a curto, médio e longo prazo para a formação de crianças e jovens
- Objetivos a curto, médio e longo prazo para a formação de atletas de alto nível
- Objetivos para as categorias de base e manutenção de uma equipe adulta competitiva
- Diretrizes estabelecidas para as categorias de base e adulta
- Perspectivas futuras para as equipes competitivas [planos]

Patrício e apoio

- Recebimento de subsídios públicos
 - Em caso positivo, há alteração nestes valores, dependendo dos resultados alcançados pelas equipes na temporada anterior
- Recebimento de subsídios privados [patrocínio, apoio]
 - Em caso positivo, há alteração nestes valores, dependendo dos resultados alcançados pelas equipes na temporada anterior
- Dificuldades encontradas para se conseguir colaboradores
- Estratégias utilizadas para se conseguir colaboradores
- Motivos percebidos do aumento no número de colaboradores nos últimos anos [após a fundação do Clube / antiga escolinha]
- Divisão das despesas entre as categorias e os naipes
- Auxílio dos pais nas despesas do clube e/ou de treinamento ou jogos
- Percepção se o orçamento do Clube é suficiente e adequado

Ações desenvolvidas para formar/manter/contratar atletas

- Processo seletivo de crianças e jovens para ingressarem nas escolinhas
- Processo seletivo das atletas para integrarem as equipes competitivas
- O Clube possui em sua maioria atletas formados em suas escolinhas ou contratados
 - Em caso de possuir atletas contratados, há quanto tempo foi implementada esta política no Clube e com que objetivos/para quais categorias
- As atletas [formadas no Clube/contratadas] recebem bolsas e/ou salários [ajuda financeira]
 - Processo seletivo das atletas para receberem bolsas nas escolas ou nas universidades, bem como para receberem salário (ajuda financeira) ou para serem contratadas de outros Clubes
- As atletas recebem alimentação, transporte, moradia
 - Em caso de positivo, os gastos são custeados com as receitas do Clube ou por apoiadores específicos para cada item

Transferência de atletas (feminino) para outros Clubes e/ou abandono da modalidade

- O levantamento histórico do Clube demonstrou certa demanda de atletas para outros clubes [em sua maioria ao final das categorias infanto-juvenil e juvenil - transição entre as categorias de base e adulto]
- Como eram/são vistas estas transferências [principalmente por ser para Clubes do estado]
- Acabava ocorrendo também o abandono da modalidade por outras atletas
- Motivos percebidos da saída de atletas para outros Clubes e para abandonarem a modalidade [questões financeiras, competições para jogar, bolsas de estudo, ...]
- Diretrizes implementadas, atualmente, para manutenção das atletas que se destacam e são requisitadas por outros Clubes ou que param de jogar para estudar/trabalhar [histórico demonstra diminuição no número de transferência de atletas a partir de 2008 – única atleta a sair retornou no ano seguinte]
- O levantamento histórico do Clube demonstrou também o retorno de muitas destas atletas para o Clube na categoria adulta [inclusive as que saíram na categoria adulta]
- Motivos percebidos do retorno destas atletas

**APÊNDICE D – TEMAS GERADORES DA ENTREVISTA
COM AS ATLETAS
PROCESSO DE FORMAÇÃO ESPORTIVA**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**



CARACTERIZAÇÃO DAS ATLETAS

Data: __/__/____. Horário: Início: __:__:__ Término: __:__:__

Local: _____

Número da camiseta: Mirim - ____ Infantil - ____ Infante - ____

Juvenil - ____

Idade (anos): _____ Data de nascimento: __/__/____

Posição em que atua: () Armadora () Ala () Pivô

Categoria(s) em que atua: () Mirim () Infantil () Infante () Juvenil ()

Adulto

Nível das competições já disputadas: () Estadual () Nacional () Internacional

Convocação para seleções estaduais: () Não () Sim - Quantas: _____

- Qual(is) categoria(s): () Sub 15 () Sub 17 () Sub 19

(Pré)Convocação para seleções nacionais: () Não () Sim Quantas: _____

- Qual(is) categoria(s): () Sub 15 () Sub 17 () Sub 19

Bolsa de estudo: () Não () Sim - Em caso positivo: () Parcial () Total

- Tipo: _____

Já teve: () Não () Sim - Em caso positivo: () Parcial () Total

- Tipo: _____

Salário/ajuda financeira: () Não () Sim

- Tipo: _____

Frequência semanal de treinos: () 1 vez () 2 vez () 3 vez () 4 vez () 5 vez

Academia: () Sim () Não

- Frequência semanal: () 1 vez () 2 vez () 3 vez () 4 vez () 5 vez

- Duração das sessões: () 01:00 () 01:30 () 02:00 () 02:30

PROCESSO – FORMAÇÃO ESPORTIVA

Iniciação, especialização e investimento esportiva

- Você praticou outros esportes anteriormente ou conjuntamente com o basquete?
() Sim () Não
 - Qual esporte? _____
 - Com que idade você iniciou a prática deste esporte? _____
 - Com que idade você parou a prática deste esporte? _____
- Com que idade você começou a treinar basquete? _____
- Há quanto tempo você treina basquete? _____
- Com que idade você competiu pela primeira vez? _____
 - Qual foi a competição? _____
- Há quanto tempo você disputa competições em nível estadual [anos]? _____
 - Quantos anos você tinha? _____
- Com quantos treinadores você já treinou? _____
- Você já recebeu convite para defender outros clubes/cidades? () Sim () Não
 - Quais foram os motivos que te fizeram permanecer no Clube?

Para atletas contratadas:

- Há quanto tempo você atua no Clube de Basquete? _____
- Em quantos clubes você já jogou? _____
- Quais os motivos que lhe fizeram se transferir para o Clube de Basquete?

ATRIBUTOS DA PESSOA E TRANSIÇÕES ESPORTIVAS

Disposições e demandas - prática esportiva

- Quais os motivos que te levaram a praticar basquete? [motivos de escolha]
- Quais os motivos que te fazem continuar praticando basquete? [motivos de permanência]
- Em algum momento você interrompeu a prática do basquete? () Sim () Não
 - Por quanto tempo você parou? _____
 - Quais foram os motivos que te fizeram parar?
 - Quais foram os motivos que te fizeram voltar?
- Você já sentiu desejo de abandonar o basquete em algum momento? () Sim () Não
 - O que te levou a sentir este desejo?
- Quais os motivos que te levariam a abandonar definitivamente a prática do basquete?
- Quais são as suas metas no basquete para este ano?
- Quais são as suas metas no basquete em longo prazo? [até onde você pretende chegar]

Recursos e demandas - experiência esportiva

- Quais competições importantes você já participou?
- Quais foram os títulos mais importantes que você já conquistou?
- Você já foi premiada como 'cestinha'/atleta destaque em algum jogo/competição? () Sim () Não
 - Como você descreveria esta experiência?
 - Que sentimentos estas conquistas lhe proporcionaram?
- Quais foram os momentos marcantes da sua carreira esportiva no basquete?
- Quais os obstáculos que você enfrentou na prática esportiva/competitiva do basquete?
- Quais sentimentos você vivenciou no momento da sua convocação para seleções estaduais/nacionais?

ELEMENTOS DO CONTEXTO

Atividades molares e papéis sociais

- O que você mais gosta de fazer nos treinamentos?
- O que você considera mais importante nos treinamentos [na formação esportiva]?
- O que mais lhe motiva nos treinamentos?
- O que mais lhe desmotiva nos treinamentos?
- Como você vê sua dedicação nos treinamentos?
- O que mais te motiva nos jogos?
- O que mais te desmotiva nos jogos?
- Qual o seu nível de dedicação nos treinos após período vitorioso?
- Qual o seu nível de dedicação nos treinos após período de derrota?
- Qual a sua opinião sobre a participação da equipe em diferentes competições [ligas regionais, campeonatos estaduais, nacionais, internacionais, amistosos] ao longo da temporada?
- Qual a sua opinião sobre atletas mais jovens participarem de treinamentos e competições de categorias mais elevadas?
- Qual a importância do basquete na sua vida?

Relações interpessoais

- Como é a sua relação com o(s) seu(s) treinador(es)?
- Você considera seu(s) treinador(es) exigente(s) nos treinos e nos jogos?
- Você considera que seu(s) treinador(es) lhe valoriza(m) enquanto atleta?
- Como é o incentivo do(s) seu(s) treinador(es) para que você permaneça no basquete e no Clube?
- Como é a sua relação com as demais atletas da equipe [jogadoras mais e menos experientes]?
- Você costuma assistir aos jogos das demais equipes do clube, privilegiando atletas das outras categorias? () Sim () Não () Às vezes Por quê?

- As demais atletas da sua equipe costumam assistir aos jogos das outras categorias?

() Sim () Não () Às vezes

- Como é sua relação com atletas de outros clubes?

- Você possui admiração por alguma atleta de alto nível [ídolos], por alguma adversária ou colega de equipe?

Para atletas contratadas:

- Como foi o incentivo do(s) seu(s) treinador(es) para você vir para o Clube de Basquete?

MESOSSISTEMAS E TRANSIÇÕES NÃO ESPORTIVAS

Contexto familiar e esportivo

- Algum membro da sua família pratica(va) basquete ou outros esportes? () Sim () Não

- Quem e qual esporte?

- A sua família lhe incentiva a praticar basquete? () Sim () Não () Às vezes

- Como é este incentivo?

- Quem mais te incentiva?

- Os seus familiares são presentes nos treinos ou jogos?

Treinos: () Sim () Não () Às vezes

Jogos: () Sim () Não () Às vezes

- Como você se sente com eles assistindo os treinos e/ou os jogos?

- Você considera que seus familiares lhe cobram muitos resultados nos jogos [vitórias e bom desempenho]?

- Eles te apoiam nos momentos de vitórias e das derrotas?

- Seus familiares participam da diretoria do clube? () Sim () Não () Às vezes

- Como é o envolvimento deles?

- Eles participam das reuniões? () Sim () Não () Às vezes

Contexto escolar e esportivo

- Em que série você estuda? _____

- Você já reprovou na escola? () Sim () Não

- Em que série: _____

- Você já treinava basquete? () Sim () Não

- Em que fase da faculdade você estuda? _____

- Já reprovou em alguma disciplina? () Sim () Não

- Você acredita que consegue conciliar os treinos, as competições e os estudos?

() Sim () Não () Às vezes Por quê?

Contato social

- Quem são os amigos que você costuma sair nos momentos de lazer [basquete, escola, vizinhos]?
- Quais atividades fora da escola e dos treinamentos de basquete você costuma fazer com seus familiares, amigos, colegas de equipe?
- Você acredita que o treinamento e as competições limitam o seu contato com amigos e a realização de outras atividades? () Sim () Não () Às vezes

**APÊNDICE E – TEMAS GERADORES DA ENTREVISTA
COM OS TREINADORES
PROCESSO DE FORMAÇÃO ESPORTIVA**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**



CARACTERIZAÇÃO

Data: __/__/____. Horário: Início: __:__:__ Término: __:__:__

Local: _____

Categoria () Mirim () Infantil () Infante (x) Juvenil

Idade: 31 Nível de formação: () Graduado(a) (x) Especialista

Área: Práticas pedagógicas interdisciplinares com ênfase em EF

Tempo de atuação como treinador de basquetebol: 1998

Tempo de atuação no Clube: 2006

Tempo de atuação na(s) categoria(s) atual(is): 1 ano

Locais de intervenção do profissional de Educação Física, além do treinamento esportivo (basquete), que atuou/atua: _____

Técnico(a) de seleção catarinense: () sim () não Categoria(s): _____

Assistente técnico(a) de seleção catarinense: () sim () não Categoria(s): _____

ATRIBUTOS PESSOAIS

Escolha profissional

- Motivos de escolha da Educação Física como profissão
- Contexto de intervenção profissional da área de Educação Física de preferência no momento da escolha e ao final do curso de formação inicial

Entrada na carreira de treinador(a) de basquetebol

- Motivos de entrada no treinamento esportivo [basquete]
- Primeiros contatos com o processo de formação esportiva [sentimentos/experiências]

Motivação na carreira de treinador(a) de basquetebol

- Ocorrência de abandono temporário da carreira de treinador de basquetebol [motivos]
- Desejo de abandono definitivo ou temporário da carreira de treinador(a) de basquetebol durante o percurso profissional [motivos e momentos da carreira em que ocorreram]

- Motivos de permanência na carreira de treinador(a) ao longo do percurso profissional

Momentos marcantes da carreira de treinador de basquetebol

- Melhores momentos como treinador de basquetebol
- Piores momentos como treinador de basquetebol

FONTES DE CONHECIMENTO

- Fontes de conhecimento para atuação no processo de formação esportiva no basquetebol
- Formas de atualização profissional

PROCESSO DE TREINAMENTO E DESEMPENHO NA TEMPORADA ESPORTIVA

Treinamento semanal e ao longo da temporada

- Local de treinamento das equipes: () Ivo Silveira () Santa Maria
- Frequência semanal de treinamentos: () Segunda () Terça () Quarta () Quinta () Sexta () Sábado
- Período: () Matutino () Vespertino () Noturno
- Duração diária: _____
- Frequência semanal das atletas na academia: () 1 vez () 2 vezes () 3 vezes () 4 vezes () 5 vezes
- Duração diária: _____
- Responsável pela elaboração das atividades e pelo acompanhamento na academia
- Interrupção das atividades na academia durante a temporada [períodos/motivos]
- Atividades, local e evolução da preparação física ao longo da temporada
- Duração diária: _____
- Foco na preparação física realizada juntamente/antes/após as sessões de treinamento
- Interrupção da preparação física ao longo da temporada [períodos/motivos]
- Responsável pela preparação física e pelo acompanhamento das atletas
- Todas as atletas realizam preparação física e frequentam academia
- Percepção do nível de exigência dos treinamentos nas categorias de base
Treinador das categorias sub16
- Motivos do treinamento de três categorias no mesmo horário
- Percepção de ter sido negativo/positivo para as diferentes categorias o treinamento conjunto [alguma categoria pode ter sido prejudicada – opinião do treinador]

Planejamento da temporada esportiva

- Organização do planejamento a longo prazo, da temporada, diário
- Organização dos períodos de preparação básica e específica [físico, técnico, tático, competição] para a temporada
- Houve necessidade de alteração no planejamento na temporada
() Sim () Não Motivos?
- Como são organizadas as atividades das sessões de treinamento técnico-tático [distribuição dos conteúdos]
- Atividades mais trabalhadas durante a temporada ou períodos específicos [ênfase]
- Atividades que considera mais importante de serem trabalhadas

Desempenho das atletas e da equipe ao longo da temporada

- Objetivos da(s) equipe(s) na temporada [início]
- Alcance dos objetivos da equipe na temporada [final]
- Principais fatores geradores de bons resultados [desempenho] durante a temporada
- Principais fatores geradores de maus resultados [desempenho] durante a temporada
- Mudanças nas idades dos campeonatos estaduais da FCB e da FESPORTE podem ter influenciado os treinamentos e o desempenho na temporada [desistência de algumas atletas]
- Processo de renovação das atletas [apenas duas atletas do sub14 tinham 14 anos, apenas três atletas do sub16 tinham 16 e apenas duas atletas do sub18 tinham 18 anos]
 - Como ocorre
 - Como é vista esta situação

Treinador da categoria sub16

- Possíveis motivos da diferença no rendimento do início ao final do campeonato estadual [infantil]

Treinadora da categoria sub18

- Possíveis motivos da diferença no rendimento do início ao final do campeonato estadual
- Fatores intervenientes na manutenção da equipe campeã do mirim ao juvenil e bons resultados iniciais na categoria adulta com essa geração

PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE TALENTOS ESPORTIVOS A LONGO PRAZO

- Habilidades/qualidades/características que um atleta precisa ter para ser considerado um talento [categorias menores/maiores]

Processo de detecção e seleção de talentos esportivos

- Idade de início das crianças e jovens nas escolinhas
- Estratégias utilizadas na detecção e seleção das crianças e jovens para ingresso nas escolinhas
- Processo de contratação de atletas nas categorias de base

Processo de promoção de talentos esportivos

- Funcionamento do Projeto Atleta do Futuro [promovido pela Secretaria de Esportes - escolinhas]
- Estratégias para a promoção das atletas nas escolinhas e nas equipes competitivas [durante uma temporada, preparação a longo prazo]
- Ênfase/preocupação do Clube [na detecção, na seleção e/ou na promoção dos talentos]
- Definição da posição em que as atletas irão atuar ocorre em qual categoria [especialização na posição]

OBJETIVOS NA FORMAÇÃO ESPORTIVA

Objetivos

- Objetivos a curto, médio e longo prazo para a formação de crianças e jovens [pessoa]
- Objetivos a curto, médio e longo prazo para a formação de atletas de alto nível

MESOSSISTEMAS

Clube e família

- Contato com os familiares dos atletas
- Informações repassadas aos pais [Quais? Em que momentos?]
- Informações buscadas junto aos pais [Quais? Em que momentos?]

Clube e escola

- Contato entre clube e escola/universidade
- Local de estudo das atletas [participação em jogos escolares e universitários]
- Conhecimento sobre o rendimento escolar das atletas
- Informações do Clube passadas ao ambiente escolar

ANEXOS

ANEXO A – CERTIFICADO DE APROVAÇÃO NO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Pré-Reitoria de Pesquisa e Extensão
Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

CERTIFICADO Nº 1170

O Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Santa Catarina, instituído pela PORTARIA N.º 0584/GR.99 de 04 de novembro de 1999, com base nas normas para a constituição e funcionamento do CEPSH, considerando o contido no Regimento Interno do CEPSH, CERTIFICA que os procedimentos que envolvem seres humanos no projeto de pesquisa abaixo especificado estão de acordo com os princípios éticos estabelecidos pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP

APROVADO

PROCESSO: 1170 FR: 389730

TÍTULO: Abordagem ecológica do processo de formação esportiva: estudo nas categorias de base do basquetebol feminino catarinense

AUTOR: Juarez Vieira do Nascimento, Alexandra Folle

FLORIANÓPOLIS, 13 de Dezembro de 2010.


Coordenador do CEPSH/UFSC

Prof. Washington Portela de Souza
Coordenador do CEP/PPPs/UFSC

**ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO
TREINADOR**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA
CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**



Prezado(a) Senhor(a)

Considerando a Resolução nº. 196 de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde e as determinações da Comissão de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina, gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada: “Abordagem bioecológica do processo de formação esportiva: estudo nas categorias de base do basquetebol feminino catarinense”.

A presente investigação se propõe a analisar o processo de formação esportiva nas categorias de base do basquetebol feminino em Santa Catarina.

Com relação à coleta de dados:

- Será solicitada a disponibilização de documentos para análise do histórico do clube e do planejamento dos treinadores.
- Serão realizadas entrevistas semiestruturadas (as quais serão gravadas e transcritas na íntegra) para obtenção de informações sobre sua biografia, fontes de conhecimentos que subsidiam as sessões de treinamento técnico-tático, abordagem didático-pedagógica desenvolvida e planejamento referente ao processo ensino-aprendizagem-treinamento utilizado nas sessões.
- Será entregue um questionário fechado para identificação do estilo de liderança do treinador (em diferentes momentos da temporada esportiva).
- Serão realizadas observações dos treinamentos para analisar a estruturação do processo ensino-aprendizagem-treinamento no basquetebol, bem como dos jogos que sua equipe participará para avaliar o nível de desempenho técnico-tático das atletas durante uma temporada esportiva. Ambas as observações serão realizadas com o emprego de filmadora.

A sua colaboração será imprescindível para o desenvolvimento desse estudo. Salienta-se que sua identidade, bem como das atletas e dos dirigentes envolvidos no estudo, será sigilosamente preservada e que as informações fornecidas serão utilizadas exclusivamente nesse estudo e para fins do objetivo mencionado acima.

Desde já agradecemos à atenção dispensada e o interesse em participar dessa pesquisa, colocando-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos, por meio dos endereços eletrônicos: afolle_12@hotmail.com; ale_folle@yahoo.com.br ou pelo telefone: (48) 8836-0136.

Agradecemos a vossa colaboração e participação.

Alexandra Folle
(Pesquisadora principal)

Juarez Vieira do Nascimento
(Pesquisador responsável)

Eu, _____,
declaro estar plenamente esclarecido(a) e concordo voluntariamente em participar da pesquisa intitulada: **“Abordagem bioecológica do processo de formação esportiva: estudo nas categorias de base do basquetebol feminino catarinense”**.

Assinatura: _____ **Data:** __/__/_____

**ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO
DIRIGENTE**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**



Prezado(a) Senhor(a)

Considerando a Resolução nº. 196 de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde e as determinações da Comissão de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina, gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada: “Abordagem bioecológica do processo de formação esportiva: estudo nas categorias de base do basquetebol feminino catarinense”.

A presente investigação se propõe a analisar o processo de formação esportiva nas categorias de base do basquetebol feminino em Santa Catarina.

Inicialmente, será solicitada a disponibilização de documentos da Secretaria do Clube de Basquetebol para levantamento histórico do clube (processo de fundação, títulos conquistados, atletas convocadas para seleções estaduais e nacionais, destaques em competições), bem como para caracterizar a estrutura e a organização do clube (diretrizes e ações de formação propostas para cada categoria de base). Posteriormente, serão realizadas entrevistas com o(a) senhor(a) para ampliação das informações com relação ao contexto histórico e a estrutura da instituição.

A sua colaboração será imprescindível para o desenvolvimento desse estudo. Salienta-se que sua identidade, bem como das atletas e treinadores envolvidos no estudo, será sigilosamente preservada e que as informações fornecidas serão utilizadas exclusivamente nesse estudo e para fins do objetivo mencionado acima.

Desde já agradecemos à atenção dispensada e o interesse em participar dessa pesquisa, colocando-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos, por meio dos endereços eletrônicos: afolle_12@hotmail.com; ale_folle@yahoo.com.br ou pelo telefone: (48) 8836-0136.

Agradecemos a vossa colaboração e participação.

Alexandra Folle
(Pesquisadora principal)

Juarez Vieira do Nascimento
(Pesquisador responsável)

Eu, _____,
declaro estar plenamente esclarecido(a) e concordo voluntariamente em participar da pesquisa intitulada: **“Abordagem bioecológica do processo de formação esportiva: estudo nas categorias de base do basquetebol feminino catarinense”**.

Assinatura: _____ Data: __/ __/ _____

**ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO
RESPONSÁVEL PELA ATLETA**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**



Prezado(a) Senhor(a)

Convidamos a sua filha para participar da pesquisa intitulada “Abordagem bioecológica do processo de formação esportiva: estudo nas categorias de base do basquetebol feminino catarinense”.

Esta investigação tem por objetivo analisar o processo de formação esportiva nas categorias de base do basquetebol feminino em Santa Catarina.

A pesquisa prevê a coleta de dados por meio de filmagens das sessões de treinamento e dos jogos que a equipe de basquetebol irá participar. Além disso, serão realizadas entrevistas com as atletas para verificar a percepção destas com relação à formação esportiva no basquetebol e aplicado um questionário fechado para verificar a percepção das atletas em relação ao estilo de liderança do treinador.

Informamos que será mantido sigilo das informações obtidas, bem como o anonimato das atletas, treinadores e dirigentes investigados. As informações coletadas serão utilizadas exclusivamente para o desenvolvimento desta pesquisa, as quais serão armazenadas em computadores, cujo acesso estará limitado aos investigadores. Caso houver algum desconforto ou situação constrangedora nas observações das sessões ou jogos, as atividades de investigação serão interrompidas.

Os benefícios imediatos proporcionados pela investigação será o fornecimento de informações sobre o processo de formação esportiva no basquete, principalmente a relação entre a estruturação das sessões de treinamento e o desempenho técnico-tático das atletas durante as competições.

A participação da sua filha será imprescindível para o desenvolvimento desse estudo. Salienta-se que a identidade dela será sigilosamente preservada e que as informações fornecidas serão utilizadas exclusivamente nesse estudo e para fins do objetivo mencionado acima.

Desde já agradecemos à atenção dispensada e colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos, por meio dos endereços eletrônicos: afolle_12@hotmail.com; ale_folle@yahoo.com.br ou pelo telefone: (48) 8836-0136.

Agradecemos a vossa colaboração.

Alexandra Folle
(Pesquisadora principal)

Juarez Vieira do Nascimento
(Pesquisador responsável)

De acordo com o esclarecido, eu _____ autorizo o(a) meu(minha) filho(a) _____ a participar da pesquisa **“Abordagem bioecológica do processo de formação esportiva: estudo nas categorias de base do basquetebol feminino catarinense”**, estando devidamente informado sobre a natureza da pesquisa, objetivos propostos, metodologia empregada e benefícios previstos.
_____, ____ de _____ de ____.

Responsável pelo atleta participante do estudo

**ANEXO E – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO
ATLETAS E EX-ATLETAS**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**



Prezada Atleta

Gostaríamos de convidá-la para participar da pesquisa intitulada “Abordagem bioecológica do processo de formação esportiva: estudo nas categorias de base do basquetebol feminino catarinense”.

Esta investigação tem por objetivo analisar o processo de formação esportiva nas categorias de base do basquetebol feminino em Santa Catarina.

A pesquisa prevê a coleta de dados por meio de filmagens das sessões de treinamento e dos jogos do campeonato estadual que você irá participar. Além disso, serão realizadas entrevistas para verificar a sua percepção com relação à formação esportiva no basquetebol e aplicado um questionário para verificar sua percepção em relação ao estilo de liderança do seu treinador.

Informamos que será mantido sigilo das informações obtidas, bem como o seu anonimato. As informações coletadas serão utilizadas exclusivamente para o desenvolvimento desta pesquisa, as quais serão armazenadas em computadores, cujo acesso estará limitado aos investigadores. Caso houver algum desconforto ou situação constrangedora nas observações das sessões ou jogos, as atividades de investigação serão interrompidas.

Os benefícios imediatos proporcionados pela investigação será o fornecimento de informações sobre o processo de formação esportiva no basquete, principalmente a relação entre a estruturação das sessões de treinamento e o desempenho técnico-tático das atletas durante as competições.

A sua colaboração será imprescindível para o desenvolvimento desse estudo. Salienta-se que a sua identidade será sigilosamente preservada e que as informações fornecidas serão utilizadas exclusivamente nesse estudo e para fins do objetivo mencionado acima.

Desde já agradecemos à atenção dispensada e colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos, por meio dos endereços eletrônicos: afolle_12@hotmail.com; ale_folle@yahoo.com.br ou pelo telefone: (48) 8836-0136.

Agradecemos a vossa colaboração.

Alexandra Folle
(Pesquisadora principal)

Juarez Vieira do Nascimento
(Pesquisador responsável)

Eu, _____,
declaro estar plenamente esclarecida e concordo voluntariamente em participar da
pesquisa intitulada: **“Abordagem bioecológica do processo de formação
esportiva: estudo nas categorias de base do basquetebol feminino
catarinense”**.

Assinatura: _____ Data: __/ __/ _____